RELATORIO

ÁCERCA DO

SERVIÇO DE SAUDE PUBLICA

NA

PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

RELATORIO

ÁCERCA DO

SERVIÇO DE SAUDE PUBLICA

NA

PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

NO

ANNO DE 1869

CONTENDO AS

Informações necessarias para o exacto conhecimento do estado de salubridade actual e as providencias mais urgentes e mais altamente reclamadas

COORDENADO POR ORDEM DA

JUNTA DE SAUDE PUBLICA DA PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

POR

MANUEL FERREIRA RIBEIRO

Facultativo de 1.ª classe do quadro de saude da mesma provincia

LISBOA

Imprensa Nacional

1871

No § 8.º do artigo 38.º do regulamento de saude das provincias ultramarinas, approvado por decreto de 2 de dezembro de 1869, lê-se o seguinte:

«As juntas de saude publica têem por dever—fazer annualmente um relatorio circumstanciado do serviço de saude no anno findo, e sobre tudo que possa convir para inteiro conhecimento do estado de salubridade do paiz, e propor quaesquer providencias que para tal fim julguem necessarias.»

JUNTA DE SAUDE EM 1869

Dr. José Correia Nunes, presidente.
Manuel Ferreira Ribeiro, secretario.

INDICE DAS MATERIAS

CAPITULO I

CAPITULO II

CAPITULO III

CAPITULO IV

CAPITULO V

CAPITULO VI

CAPITULO VII

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Salus populi suprema lex est.

O relatorio ácerca do serviço de saude da ilha de S. Thomé não é um livro destinado a desenvolver um ou outro assumpto pertencente á hygiene publica; é a coordenação de factos clinicos e historico-hygienicos observados na ilha de S. Thomé ou colhidos nos livros dos escriptores que se têem occupado dos climas quentes. Á obrigação de informar o governo de Sua Magestade a respeito das necessidades do serviço de saude publica, correspondia o dever de ser util aos colonos e empregados publicos, e o de esclarecer todas as auctoridades que são encarregadas de velar pela saude e pela felicidade dos habitantes da mais fertil e formosa ilha do golfo dos Mafras. Era portanto triplicadamente difficil o fim a que tinha de satisfazer.

Na execução do plano que adoptei talvez se me censure a reproducção de alguns excerptos dos livros dos medicos estrangeiros e a abundancia das notas que ajuntei; mas não ha rasão que justifique essa censura.

Á imparcialidade procurei reunir a exactidão, tanto nas informações scientificas, como n'aquellas que se referem aos usos e costumes dos habitantes da ilha de S. Thomé, ás causas de insalubridade da ilha, e aos meios de as destruir ou attenuar. Para as minhas asserções não causarem a menor duvida, ou para não ser tido em conta de *utopista,* acerquei-me da auctoridade de todos os mestres que pude ouvir ou consultar.

Extractei dos livros francezes e inglezes muitas verdades hygienicas e muitos factos clinicos; comparei-os e tirei as illações que me pareceram

rigorosas; no capitulo III, hygiene privada, deixei a prova indestructivel da necessidade de similhante comparação e estudo. A reproducção dos trechos em francez e em inglez não é tão abundante que faça interromper a leitura corrente do meu trabalho, e exija a sua traducção em linguagem vulgar, e a sua publicação em notas.

Os francezes e inglezes dão importancia ás suas colonias, e adoptam os conselhos hygienicos que os medicos apresentam, emquanto nós, sendo a segunda nação colonial do mundo e a mais antiga, não fizemos ainda a classificação das colonias, segundo o seu grau de salubridade, não distinguimos as palustres das não palustres, não temos, finalmente, uma colonisação regular, fecunda e illustrada.

A distribuição das materias obrigou-me a repetir algumas verdades e muitos conselhos medicos, que á primeira vista parecem desnecessarios, mas não o são realmente. Muito de industria insisti n'essa repetição, porque, apesar de serem muito vulgares aquelles principios, têem sido sempre esquecidos nas ilhas de S. Thomé e Principe. As notas que addicionei explicam muitos factos, modificam ou ampliam alguns assumptos, e mostram claramente que eu nunca perdi de vista a minha posição de relator.

Não fiz a descripção particular de algumas individualidades morbidas que observei, a doença do somno por exemplo, porque me cumpria apenas dar conta do estado da ilha de S. Thomé em 1869, e enumerar as doenças reinantes n'aquelle anno, segundo o diagnostico e observação dos medicos que ali exerceram clinica. Seria talvez de muita utilidade dar a copia textual das observações clinicas dos medicos do hospital militar, escolhendo as que correspondem ás doenças endemicas mais graves, e têl-o-ía feito se as papeletes estivessem completas. Não foram escriptas n'ellas as analyses das urinas, do suor, as alterações do pulso, nem se encontra ali a descripção de observações microscopicas, de auscultações, etc.

Em alguns mappas nosologicos, referidos a differentes annos, figura a colica secca, a febre intermittente quartã dobre, terçã dobre e a febre remittente, etc.; mas até 1869 não se fallou da febre perniciosa icterica, da cachexia tropical, do lichen europeu, da febre biliosa grave, etc.

Nunca pude convencer-me que apparecessem casos de febre amarella esporadica ou espontanea em Benguella e na cidade de Angola; esta idéa

induziu-me a fazer o estudo comparado da febre amarella e o das doenças biliosas, que se desenvolvem na cidade de S. Thomé. No meu tirocinio de dois annos na ilha de S. Thomé e Principe não se me deparou doença alguma que se podesse diagnosticar febre amarella, mas pude observar numerosos casos de doenças biliosas e de ictericia.

Não pude fazer a analyse das urinas e do suor e outras observações complementares para apresentar uma monographia ácerca da bilis como causa ou complicação nas doenças endemicas da ilha de S. Thomé; mas a importancia do assumpto auctorisa-me a insistir n'este ponto de pathologia tropical, que desejo tornar bem saliente e conhecido. Ganha com isso o commercio e evitam-se incommodos inuteis, como aquelles que apparecem quando n'uma carta de saude se inscreve como febre amarella uma doença que não tem com ella ponto algum de contacto.

O quadro symptomatico de M. Dominique Daullé, que transcrevemos n'este relatorio, deve chamar a attenção de todos os medicos coloniaes para se verificar a exactidão dos symptomas indicados. Com a sua leitura adquirem os habitantes das ilhas de S. Thomé e Principe a certeza de que ali não ha febre amarella, molestia quasi endemica no Rio de Janeiro.

Caracteres differentes entre a febre amarella e a febre perniciosa icterica

Febre perniciosa icterica Symptomas	Febre amarella Symptomas
Ictericia. — Desenvolve-se no primeiro accesso; é sempre pronunciada.	*Ictericia.* — Desenvolve-se sómente no terceiro dia; falta quando a cura é rapida.
Cephalalgia.—Total, cresce até ao fim do accesso; falta algumas vezes.	*Cephalalgia.* — Supra-orbitaria, intensa, gravativa; cede promptamente ao primeiro tratamento.
Dores.—Nos hypocondrios, estendendo-se para a parte posterior; cercam a cintura e são pouco intensas.	*Dores.*—Nos membros, e principalmente nos gemellos; dor particular aos rins (coup de barre).
Vomitos. —Biliosos, constantes, apparecem durante quasi toda a evo-	*Vomitos.*—Sobrevem depois do terceiro dia, se a doença é grave; cin-

lução de cada um dos accessos.

Diarrhéa.—É ordinariamente biliosa.

Lingua.—Humida, saburras esbranquiçadas; não está vermelha nem nos bordos nem na ponta.

Urinas.—Vermelhas, escuras, côr *Malaga*, caracteristicas, muito abundantes.

Pulso.—Pequeno e frequente no frio, cheio no calor.

Marcha.—Accessos intermittentes com apyrexia bem patente ou remittente, e quasi nunca continuos; a duração do accesso é de dezoito horas; á apyrexia seguem symptomas identicos aos primeiros.

Tratamento.—Cede aos preparados da quina, methodo fundamental do tratamento; nunca se devem empregar os antiphlogisticos, nem ao principio nem durante a evolução da doença.

Aclimação.—É a causa predisponente mais activa.

Recidivas.—São communs e tanto mais graves e imminentes, quanto maior for o numero de vezes que ella acommetter um individuo.

zentos ao principio, tornam-se depois escuros e por ultimo negros como ferrugem.

Constipação.—É a regra.

Lingua.—Humida e muito conspurcada; está vermelha nos bordos.

Urinas.—Vermelhas, raras, excretadas em pequenas quantidades.

Pulso.—Cheio, regular; no primeiro periodo 108, molle, abatido, sem frequencia no segundo periodo.

Marcha.—Continua, prolonga-se quasi por setenta e duas horas, se a evolução da doença tende a terminar; apparecem symptomas differentes dos primeiros se a doença segue o seu curso; a temperatura abaixa e a ictericia manifesta-se.

Tratamento.—É antiphlogistico no principio; as preparações da quina não têem acção contra a doença, salvo se ella estiver complicada pela infecção paludosa.

Aclimação.—Dá segurança.

Recidivas.—Só excepcionalmente se declaram.

Os symptomas da febre perniciosa icterica estão fielmente designados; os da febre amarella são admittidos por muitos pathologistas; são

portanto duas individualidades morbidas independentes, que têem as suas localidades proprias; são infectuosas, provenientes de miasmas phyto-hemicos, podendo ser destruidos pelo emprego dos differentes meios que a sciencia tem aconselhado.

Á falta dos preventivos nos logares reconhecidamente palustres é a causa da enorme mortalidade que ali se observa. Sob applicação dos meios prophylacticos e hygienicos e pela acção anti-miasmatica do sulphato de quinina reputa Thomás Hutchinson possivel a cultura das terras palustres de Africa, pelos europeus. Até ao presente tem sido muito contestada a aclimação entre os tropicos, e tem sido negada especialmente nos logares em que apparecem as doenças paludosas.

A proposição do naturalista inglez deve ser examinada, colligindo-se todos os factos que demonstrem a sua realidade. As ilhas de S. Thomé e Principe são boas para estas experiencias hygienico-scientificas.

Aos soldados do batalhão de caçadores 2 da costa occidental de Africa, que se acham nas ilhas de S. Thomé e Principe, dêem-se terrenos para elles cultivarem, sendo o seu rendimento para o rancho, que deve melhorar com o addicionamento de hortaliças e de outros vegetaes. Nenhum soldado ou degradado irá para o trabalho sem ter comido alguma cousa e sem tomar o sulphato de quinina, etc.

A infecção palustre tem um heroico antagonista no alcaloide extrahido da casca das chinchonas, cuja cultura promove com muito empenho o dr. Bernardino Antonio Gomes. São realmente muito uteis as plantações de taes arvores, e em poucos annos constituirão para algumas colonias um ramo de riqueza publica importante. Ninguem diria em 1800, vendo plantar algumas arvores de café, que ellas dariam no fim de cincoenta annos tão grande producção e riqueza.

Thomás Hutchinson procurou divulgar o uso do sulphato de quinina, como preventivo, e aconselhou aos negociantes que frequentam as praias de Africa, que o dessem aos marinheiros e a todas as pessoas, obrigadas a passar as noites em terra. Alguns facultativos da armada portugueza fizeram observações n'este sentido e abonam o emprego do sal de Pelletier para prevenir os effeitos do envenenamento palustre. A seguinte narração de Thomás Hutchinson tem sido verificada por muitas vezes por medicos francezes e portuguezes. Repetimol-a aqui, porque factos d'esta importancia medica deviam ser repetidos constantemente, para que ninguem os ignore,

quando for obrigado por qualquer circumstancia a permanecer em terras palustres, como a cidade da ilha do Principe e a de S. Thomé.

«Ministrei o sulphato de quinina diariamente aos europeus que íam a bordo entregues aos meus cuidados medicos, durante o periodo de cento e quarenta dias. A sua acção preventiva nunca falhou.

«Quando alguns dos officiaes, que o não tomavam regularmente, adoeciam com febres remittentes, empregava eu as seguintes substancias medicamentosas com bom resultado: calomelanos, coloquintidas, taraxaco e 10 grãos de quinina, segundo os differentes casos. A formula assim composta é um purgante muito activo.

«Debellada a febre, recorria de novo á dóse preventiva.

«Por este simples methodo explorámos o delta do Niger sem haver caso algum de morte. As febres remittentes foram leves.

«A bordo do *Pleyades* íam 66 homens, sendo 12 europeus e 54 africanos.

«A preservação da saude da tripulação e dos officiaes do *Pleyades* foi devida principalmente ás duas causas seguintes:

«1.ª Entrámos o Niger na estação menos doentia, quando as suas aguas subiam rio acima.

«2.ª Obriguei os europeus a tomar uma solução do sal de quinina, embora se não manifestassem signaes da infecção palustre.»

Thomás Hutchinson voltou a Fernão do Pó, tendo-se demorado sobre as aguas do Niger cento e dezoito dias; aquelle foco de infecção palustre, onde foram sacrificados tantos martyres da sciencia, deixou passar impunemente uma dezena de europeus, que admiraram as margens do Niger.

Contra as febres miasmaticas é portanto um bom preventivo o sulphato de quinina, convenientemente applicado.

A funcção hepatica sob a acção dos climas quentes tende a exagerar-se e é a causa de graves molestias e complicações. Obrará o calor só de per si, ou será necessaria a acção dos miasmas palustres?

O exame dos differentes climas das nossas vastissimas terras de Africa é o unico meio de se poder avaliar em separado cada uma d'aquellas causas de molestias e cujos effeitos simultaneos produzem a febre perniciosa icterica.

Faltam os agentes preventivos das doenças biliosas ou um especifico

que as debelle. Muitos medicos aconselham os banhos frios e M. H. Gentin referiu os seguintes factos:

«As pessoas que sustentam cauterios e vesicatorios são raras vezes acommettidas das febres biliosas, salvo se a suppuração não continúa.

«O nosso collega, M. Chassaniol, que residiu por muito tempo em Madagascar, falla dos habitantes de Maurice e de Bourbon, que percorrem a costa de Madagascar e têem o costume de trazer um vesicatorio em cada braço, sustentando-o emquanto se demoram n'aquellas paragens. Por este meio popular arrostam impunemente a insalubridade das praias de Madagascar e reputam-no muito efficaz.»

A ilha Reunião é muito salubre, e os seus habitantes não conhecem as febres biliosas, nem lá reinam as doenças miasmaticas. Quando deixam esta ilha salubre e vão ás doentias praias de Madagascar fiam-se n'aquelle preventivo e não receiam os effeitos das emanações paludosas.

Não deve haver sómente o empenho de empregar os meios hygienicos e preventivos para se aniquilar a acção dos miasmas dentro da economia humana, ou para se regular a acção da bilis; é preciso tambem tratar do saneamento dos terrenos palustres; é este um assumpto importante da hygiene publica.

No *Annuario scientifico* de Luiz Figuier (1868) deparou-se-me o seguinte artigo, cuja leitura interessa muito aos habitantes da cidade da ilha do Principe e de S. Thomé; reproduzi-o aqui, para mostrar a importancia que lhe dou, e para que se façam tão vantajosos ensaios n'estas cidades e com especialidade no pantano da fortaleza de S. Sebastião, na cidade de S. Thomé. O intelligente e activo governador Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes fez aterrar mais de 30:000 metros quadrados d'este pantano, havendo já entre o quartel dos soldados e as aguas encharcadas um lindo retiro ajardinado.

O artigo a que me refiro é do teor seguinte:

«N'uma memoria apresentada á sociedade de therapeutica de França, mr. Martin referiu as observações com que se tem procurado demonstrar que o girasol *(heliantus annuus)*, cultivado em larga escala, absorve os miasmas paludosos e saneia os logares em que elles produzem febres. Têem sido feitas experiencias em França, principalmente em Rochefort-sur-Mer, e, segundo a opinião de muitos medicos d'esta localidade, a pre-

sença do girasol aniquila a influencia miasmatica. Os miasmas paludosos deixariam ha muito tempo de infectar esta cidade, se os trabalhadores que desconhecem a utilidade d'esta planta não a arrancassem constantemente. Todavia, os ensaios que se fizeram em Rochefort para o saneamento por meio da cultura do girasol não têem sido inuteis, porque hoje as febres paludosas não são tão frequentes como outr'ora.

«Mr. Martin não falla dos ensaios que se fizeram em França; demonstra apenas que as propriedades do girasol são admittidas sem contestação pelos hollandezes, e que o observatorio de Washington está livre das febres intermittentes *desde que ali se renovam todos os annos as plantações do girasol.*

«De que modo obrará o girasol para sanear os logares infectados pelos miasmas paludosos?

«Terá a influencia que tem toda a planta de crescimento rapido, ou possuirá uma propriedade especial contra os miasmas?

«Segundo as idéas que tendem a entrar na sciencia, os miasmas paludosos seriam devidos aos microphytos e microsoarios, que se encontram por toda a parte, mas que só introduzem no ar propriedades prejudiciaes, quando a sua proporção passa alem de uma certa medida. Estes animalculos morrem sob a influencia de certas emanações ou n'uma atmosphera fortemente carregada de ozone.

«A cultura do girasol produz talvez, assim como as arvores coniferas, muito ozone, e esta circumstancia explicaria as suas propriedades prophylaticas dos miasmas palustres.»

Ás camaras municipaes das cidades d'aquellas ilhas cumpre tomar a iniciativa d'estes e de outros trabalhos que têem por fim immediato proteger a saude dos seus constituintes.

A largos traços expuz a importancia dos estudos medico-hygienicos, não só para se procurarem os agentes que se devem oppor á acção dos miasmas nas nossas colonias palustres, mas para o saneamento dos terrenos miasmaticos. Em dois annos de residencia colonial, fiz quanto em mim coube para conhecer e avaliar cada uma das causas que tornam insalubres as cidades das ilhas que possuimos no golfo dos Mafras. Encarregado pela junta de saude publica da provincia de S. Thomé e Principe para fazer um relatorio ácerca do serviço de saude publica da provincia, resolvi coordenar tudo o que podesse esclarecer e auctorisar os verda-

deiros principios da colonisação. Teria de ser muito mais extenso se me fosse permittido tocar em todos os assumptos que são essenciaes á boa colonisação; deixei os delineamentos para trabalho de maior alcance, e bom seria que se fizessem iguaes escriptos a respeito de cada um dos centros de população que temos nas terras de Africa ao oriente e ao occidente, ao norte e ao sul do equador.

Para terminar as minhas considerações preliminares devo consignar aqui o meu profundo agradecimento ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. José de Mello Gouveia, nobre e honrado ex-ministro da marinha e do ultramar, por ter tomado em consideração o relatorio ácerca do serviço de saude da ilha de S. Thomé, permittindo a sua publicação, e ao actual ministro das colonias, Jayme Constantino de Freitas Moniz, tributo sincero respeito. S. ex.^{a} approvou a ordem do seu antecessor, e concedeu-me licença para me demorar em Lisboa, a fim de fazer a revisão do meu trabalho. Foi para mim subida honra e mais uma occasião de me illustrar.

Ao digno chefe da repartição de saude naval e do ultramar, em quem reconheço muito saber e competencia em assumptos medicos coloniaes, agradeço sinceramente o cuidado que teve em examinar o relatorio, concorrendo com os seus conselhos e lições para elle sair o mais correcto que foi possivel. Sei avaliar a consideração que s. ex.^{a} me dispensou e o precioso tempo que lhe roubei, por ter observado o insano trabalho que se emprega na resolução de muitos assumptos de saude publica do ultramar, que s. ex.^{a} traz entre mãos.

Ao sr. João Francisco Barreiros deve-se a instituição de um melhoramento importante, cujos salutares effeitos se devem sentir em poucos annos. A publicação da estatistica medica dos hospitaes militares das nossas possessões ultramarinas serve de base para se fazer a classificação das colonias em palustres e não palustres, e para se determinar o tempo que cada empregado póde residir em cada uma d'ellas.

O digno chefe da repartição de saude naval e do ultramar tomou conhecimento das faltas que havia no hospital de S. Thomé e conseguiu que se dessem ordens á junta de fazenda publica n'aquella ilha, não só para ella fornecer os meios necessarios para se comprarem reagentes chimicos, apparelhos e instrumentos necessarios ás observações medicas, mas obteve para o hospital de S. Thomé alguns livros de sciencia e de hygiene publica, cuja falta era ali muito sentida. O sr. João Francisco Barreiros que pro-

moveu estes melhoramentos e o nobre ministro que os mandou realisar são dignos de todo o louvor.

Creio firmemente que se acha aberto um largo futuro de progresso para os nossos dominios do ultramar; do saber, da justiça e da imparcialidade do joven ministro portuguez esperam os colonos da Africa portugueza medidas protectoras e fecundas, que os tirem das trévas em que vivem no meio de vastos terrenos abandonados e incultos onde jazem enterrados valiosos thesouros.

A colonisação das possessões portuguezas em Africa sob a acção de uma vontade energica e de um talento superior como o do sr. Jayme Moniz deixará de ser um mytho; os reinos de Angola e de Moçambique, as provincias de S. Thomé e de Cabo Verde darão á mãe-patria cento por um dos beneficios e melhoramentos que d'ella receberem.

Lisboa, 29 de novembro de 1871.

M. F. Ribeiro.

RELATORIO

ÁCERCA DO

SERVIÇO DE SAUDE PUBLICA

NA

PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

CAPITULO I

Geographia

La géographie médicale de chaque région ou centre principal habité par une population de race européenne me semble se lier à l'histoire de ces maladies comme la cause à l'effet.

(A. F. Dutroulau, *Maladies des européennes dans les pays chauds*, pagina 1.)

Considerações geraes

I

Se tomarmos uma carta hydrographica da costa occidental de Africa, e tirarmos uma linha recta entre o cabo das Tres Pontas e o cabo Lopo Gonçalves, veremos entre essa linha e a costa firme uma vasta extensão de mar, que muito impropriamente se denomina golfo [1], e sem fundamento denominam os inglezes a sua parte meridional *golfo de Biafra.*

[1] A palavra *golfo* não se deve applicar, attenta a sua significação, á extensão de mar que fica entre o cabo das Tres Pontas e o cabo Lopo Gonçalves. O reconcavo cheio pelas aguas do mar de Guiné não está em relação com a abertura que elle apresenta. Impropriamente se diz tambem golfo de Leão, golfo de Gasconha, e passam sem reparo estas denominações. A constituição d'estes golfos não é complexa, como é a do mar de que nos occupâmos. No mar de Guiné existem ilhas, golfos e bahias que chamam a attenção do observador.

A posição d'estas ilhas e golfos deve ser determinada com exactidão, e para isso não devem empregar-se, sem necessidade, palavras menos rigorosas na sua significação. Em todo este trabalho escreveremos sempre *mar de Guiné,* em logar de *golfo de Guiné,* e para não sermos tidos em conta de demasiado escrupulosos, damos por copia o seguinte trecho de um livro escripto por Alexandre de Castilho: «Formam os golfos de Benim e de Biaffra o chamado golfo de Guiné, que mais arrazoadamente se devêra denominar *Mar de Guiné.» (Roteiro da costa occidental de Africa,* volume II, pag. 94.)

Deve esta parte do mar de Guiné ter o nome de *golfo dos Mafras*, e não o de *Bight of Biafra*, como vem escripto em algumas cartas e memorias inglezas, que tivemos occasião de consultar[1].

As ilhas do pequeno archipelago do golfo dos Mafras são as seguintes, Mondoleh, Fernão do Pó, Principe, Corisco, S. Thomé e Anno Bom, começando a contar por aquella que fica mais ao norte, e admittindo a ilha de Anno Bom n'este archipelago, embora esteja fóra das aguas do golfo dos Mafras, e collocada ao sul da linha equinocial.

Não estão estas ilhas mui distantes do continente africano. É muito importante conhecer com exactidão, não só a distancia a que fica cada uma d'estas ilhas da terra firme, mas examinar com todo o escrupulo as condições meteorologicas e geologicas dos principaes logares do continente. Tiram-se d'ahi muitos elementos para o estudo da salubridade relativa e absoluta da ilha de S. Thomé.

A disposição de todas estas ilhas é singular, não só em relação umas ás outras, mas em relação á constituição de cada uma d'ellas em particular.

Seguem-se as principaes ilhas umas após outras, podendo dizer-se que se acham na mesma linha recta que se tirar da ilha de S. Thomé para a ilha do Principe. Prolongando esta recta para o sul vae passar sobre a ilha de Fernão do Pó, Mondoleh, e sobre as grandes serranias dos Camarões. A constituição geologica da ilha de S. Thomé mal se póde estudar sem o conhecimento geologico d'esta cordilheira submarina, em cujas cumeadas, á flor da agua, vivem alguns povos colonisadores.

[1] *Bight of Biafra* está traduzido em vulgar por *golfo de Biaffra*. As cartas inglezas e algumas memorias ácerca da costa occidental de Africa usam de denominações arbitrarias, e que não quadram com o que se quer designar, e alem d'isso mudaram os nomes de rios, de montes, de cabos e de muitos logares notaveis, que os portuguezes descobriram e conheceram primeiro que as outras nações. Não podemos deixar de escrever estes nomes, que recordam os nossos descobrimentos e são padrões indeleveis da nossa gloria.

Bight of Biafra será em todo este trabalho substituido por *golfo dos Mafras*. Fizemos um exame bastante rigoroso a tal respeito, e tivemos occasião de ler: golfo de Biafára, golfo de Biafra ou golfo de Biaffra, golfo dos Mafras, das Mafras ou Maffras. Que discordancias!

A porção de mar que fica entre o cabo Lopo Gonçalves e o cabo Formoso deve chamar-se *golfo dos Mafras*.

A porção de mar que fica entre o cabo Formoso e o cabo de S. Paulo tem o nome de *golfo de Benim*.

O distincto escriptor Alexandre de Castilho formou uma longa lista de nomes portuguezes que os estrangeiros alteraram ou substituiram por outros. Apresentaremos n'este relatorio as denominações que aquelle sabio geographo corrigiu e tambem outras que julgâmos necessario empregar para maior exactidão.

A maior ilha d'este archipelago é Fernão do Pó; em segundo logar está S. Thomé; seguem-se na ordem descendente a ilha do Principe, Anno Bom, Corisco, e finalmente Mondoleh. Todas estas ilhas são muito productivas, e estão actualmente habitadas.

Em toda a costa fronteira nada nos pertence; alem de não termos os menores dados para poder avaliar a salubridade relativa dos pontos mais notaveis da costa vizinha, nem ao menos os possuimos a respeito das ilhas que por tantos annos foram portuguezas!

De um archipelago todo portuguez, de uma costa toda portugueza, que nos resta hoje?...

Do archipelago do golfo dos Mafras possuimos apenas as ilhas de S. Thomé e Principe, separadas do continente africano por uma extensão de mar de cerca de 105 milhas de largura entre S. Thomé e a costa do Gabão, e de 84 entre o rio de S. Bento e o Principe.

É pequena a distancia que separa a ilha de S. Thomé da do Principe, avalia-se em 73 milhas. De S. Thomé a Fernão do Pó[1] contam-se 173 milhas e á ilha de Anno Bom cerca de 110.

Importa muito conhecer estas distancias, assim como a que separa S. Thomé do delta do Niger, da foz de alguns rios caudalosos, e das terras adjacentes á costa do Gabão e do Calabar.

Desde o cabo Lopo Gonçalves até ao cabo das Tres Pontas só possuimos o estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá[2]. Fica na costa ba-

[1] Por muitos annos foram nossas as ilhas de Fernão do Pó e Anno Bom. Na ilha do Corisco houve uma feitoria portugueza. Pela ratificação do tratado de alliança celebrado entre Portugal e Hespanha a 11 de março de 1778 deixaram estas ilhas de pertencer á corôa de Portugal. O tratado foi inserido no *Boletim do conselho ultramarino*, volume II da legislação antiga, e no seu artigo 13.º se estabelece a cedencia dos nossos direitos áquellas ilhas. A natureza d'este trabalho não nos permitte dar por copia o referido artigo.

[2] Tivemos feitorias no cabo Lopo Gonçalves, no Gabão, Rio de El-Rei, Velho Calabar, Novo Calabar, Rio de Oére, Costa da Mina, etc.

Os inglezes e francezes esforçam-se por demonstrar que os portuguezes não foram os primeiros navegantes que chegaram á costa do golfo de Benim e dos Mafras; e negam-nos os nossos incontestaveis direitos ao Zaire, que é hoje porto franco. A causa d'estas e de outras injustiças provém principalmente da nossa pouca attenção em tornar bem conhecidos os logares que percorremos. O visconde de Santarem, em 1841, combatendo todos aquelles que negavam a prioridade dos nossos descobrimentos em toda a costa occidental de Africa, fez um grande serviço ao paiz. Pierre Magry no seu livro publicado em 1867, esforça-se por coordenar uma *Historia dos marinheiros normandos*, suppondo que elles visitaram primeiro que os portuguezes a Senegambia e a costa do mar de Guiné. Foram inuteis os esforços de mr. Magry. Passa hoje por fabulosa a narração de Villaut; é porém incontestavel que a *propaganda* dos escriptores francezes tem sido prejudicialissima ás colonias portuguezas. Não oppozemos a verdade ao erro;

nhada pelas aguas do golfo de Benim, fronteiro ao porto de Ardra, no grande reino de Dahomé. É a unica e *improductiva* pertença da provincia de S. Thomé e Principe, embora occupe um importantissimo ponto commercial da costa occidental de Africa!

Ao nosso estabelecimento de Ajudá correspondem os portos portuguezes de Ajudá e Jaquem.

A ilha do Corisco, que acima mencionámos, é muito pequena, e não fica longe da costa continental. Está, por assim dizer, sob a influencia directa das causas de insalubridade da costa do Gabão. Nomeâmol-a aqui por ella se achar lançada no golfo dos Mafras, formando um grupo com as restantes ilhas d'este golfo [1].

A ilha de Mondoleh fica na bahia de Ambozes; é mais pequena que a do Corisco, e ha n'ella admiravel riqueza.

Sem estatisticas bem feitas, sem factos clinicos competentemente observados, podemos nós escrever ácerca da salubridade relativa, quer das nossas colonias do mar de Guiné, quer dos pontos commerciaes e povoados que lhes ficam mais proximos?...

Nada se póde dizer em tão importante assumpto com exactidão; mas não deixaremos por isso de mencionar as opiniões a tal respeito de alguns escriptores e viajantes. Não assentam em dados seguros, mas foram espalhadas no mundo, e têem acarretado pessima fama a estas paragens.

O trabalho de que nos occupâmos abrange sómente o estudo da ilha de S. Thomé em relação ao anno de 1869, mas seria incompleto se não se tratasse de fazer passar as tradições pela fieira da verdade. A ilha de S. Thomé tem fama de muito insalubre; a costa do Gabão, as ilhas do golfo dos Mafras, a costa do Calabar, o delta do Niger, a costa de Benim, a costa da Mina, emfim as terras tropicaes que se estendem ao norte e ao sul do equador até 6 $^1/_2$ graus de latitude serão absolutamente insalubres?... Não temos nada a esperar do poder da hygiene?... Nota-se em

erigimos a incuria em systema. Não occupámos a colonia do Cabo; o Zaire, que nos pertence de direito, não o occupámos de facto, e tem o seu porto franco, com o que muito perdemos. As nossas feitorias desde o cabo Lopo Gonçalves até ao das Tres Pontas desappareceram, *e com ellas a historia e a geographia das nossas terras de Africa!!* E tendo olhado sempre com pouco interesse o estudo dos climas de entre os tropicos, somos a este respeito a nação mais atrazada da Europa.

É isto que lastimâmos sinceramente.

[1] Em geral falla-se e escreve-se a respeito das cousas de Africa com pouco escrupulo. Pretende-se mais escrever que observar; e por isso, entre outras muitas falsidades, apontaremos a de haverem collocado ilhas no golfo de Benim, e a de assegurarem que o sr. Mann explorou os montes da ilha de S. Thomé, como se lê no opusculo que trata da cultura das plantas que dão a quina, capitulo 4.º, pag. 98.

Adiante voltaremos a este importante assumpto.

todas o mesmo grau de insalubridade?... Não haverá um ou outro logar salubre, que, por se achar sob a influencia de focos miasmaticos vizinhos, tenha adquirido fama de mau clima?...

Todas estas perguntas nos assaltam ao procurar as causas de insalubridade na ilha de S. Thomé. E para não deixar uma lacuna n'este assumpto, tomâmos a resolução de examinar a origem de cada uma das tradições, quer existam dentro da ilha, quer fóra d'ella. Percorremos toda a costa do mar de Guiné; escutámos com attenção as narrações dos viajantes e exploradores da Africa central, tendo sempre por fim colher algumas informações ácerca das questões de salubridade relativa.

Que têem sido muitos os debates em tal materia, mostra-o a historia d'estas terras, onde cada escriptor se esforça por demonstrar ser mais saudavel o paiz de que se occupa! Uns dão a Fernão do Pó o pomposo nome de Madeira da costa occidental de Africa, e querem outros attribuir á inveja a má fama que se lançou com fins reservados sobre as terras adjacentes á costa do mar de Guiné! Dá-nos por melhor, em objecto de saude publica, um escriptor hespanhol a ilha de Anno Bom, e a contenda travada entre os povos da ilha do Principe e de S. Thomé merece chronica especial.

Não é porém n'este capitulo o logar proprio para fallar ácerca da salubridade d'estes e de outros logares da zona torrida, onde se têem implantado muito a custo as colonias de europeus.

É do nosso dever finalmente ao dar conta exacta do estado de salubridade da ilha de S. Thomé em 1869, examinar com toda a minuciosidade os logares insalubres que possam, por meio dos ventos, enviar elementos de insalubridade a esta ilha. Vamos por esta rasão passar ao exame da costa do mar de Guiné, e muito especialmente tomar em consideração o delta do famoso e envenenador rio Niger ou Quorra.

Assignemos em primeiro logar os limites da costa do golfo dos Mafras. Ficam nas aguas d'este golfo todas as ilhas do archipelago dos Mafras. São tambem os rios que n'elle lançam as suas aguas os que se devem nomear.

II

O golfo dos Mafras tem sido limitado de maneiras diversas. Segundo Thomás Hutchinson[1]:

[1] Thomás Hutchinson, medico e naturalista, foi a bordo do vapor inglez *Pleyades*, na viagem que este vapor fez ao Niger, reconhecendo as suas margens e chegando até Binué ou mãe de aguas. Em outubro de 1854 achava-se o *Pleyades* na foz do rio Nun, ramificação mais oriental do rio Niger ou Quorra. Thomás Hutchinson em 1858 publicou um interessante livro a respeito das cousas de Africa. Fallaremos d'elle por muitas vezes.

«O golfo dos Mafras estende-se desde o cabo Formoso, que fica a 4° e 5′ de latitude norte, e a 6° de longitude leste, até ao cabo de S. João, á 1° 15′ de latitude norte, e a 9° e 30′ de longitude, tendo de reconcavo pela costa firme 400 milhas e em linha recta perto de 94 leguas.»

Não nos conformâmos com a designação dos limites feita por Hutchinson; temos fundadas rasões para isso, tiradas do interessante livro d'este mesmo sabio.

«A ilha do Principe, diz Hutchinson, está situada a 1° e 25′ de latitude norte, e a 7° e 20′ de longitude leste, ficando por esta rasão quasi fronteira ao cabo de S. João.»

D'este modo a ilha de S. Thomé estaria fóra da linha divisoria do golfo dos Mafras, o que não póde ser. O proprio auctor declara que não só a ilha de S. Thomé se encontra nas aguas d'este golfo, mas tambem a ilha de Anno Bom[1].

Pelo mappa geographico que temos presente[2], reconhece-se que o extremo meridional d'aquelle golfo deve ser o cabo Lopo Gonçalves, que fica a 40′ proximamente ao sul do equador, e a 9° e 45′ de longitude (Greenwich). Se este é o seu limite natural, não está a ilha de Anno Bom nas aguas do golfo dos Mafras, como claramente se vê; fica-lhe, porém, proxima ao sul do equador, e em frente da costa firme, entre o rio Diogo Vaz e o cabo de Santa Catharina. Contamol-a no archipelago do golfo dos Mafras por se achar a umas 110 milhas de S. Thomé sob a mesma linha que se estende desde S. Thomé até ás cordilheiras dos Camarões.

Não são inuteis todas estas circumstancias para o fim a que nos propomos chegar.

A ilha de S. Thomé ainda não foi devidamente estudada. Ignora-se se algumas causas das suas molestias lhe podem advir das terras que correm ao longo da costa do Gabão, do Calabar, do delta do Niger, e até das terras do Congo. Vêem-se apparecer n'ella molestias graves em certas e determinadas epochas, o numero de doenças augmenta, a mortalidade em toda a ilha é maior. Estas endemo-epidemias serão devidas ao

[1] T. J. Hutchinson, a pag. 91, loc. cit., capitulo 6.°, marcou os limites do golfo dos Mafras e ahi mesmo disse:

«No golfo dos Mafras existem as ilhas de Fernão do Pó, Principe, S. Thomé e Anno Bom.» Não falla aqui da ilha do Corisco nem da ilha de Mondoleh, talvez por serem muito pequenas, mas é impossivel deixar de examinar as bahias onde se encontram estas ilhas. Em objecto de salubridade relativa é, pelo menos, essencial o conhecimento da natureza do seu clima.

[2] Carta da costa occidental de Africa, publicada em Londres por C. Wilson, na qual estão as ilhas de S. Thomé e Principe com as designações de suas praias, portos e logares mais notaveis da sua costa, em escala sufficiente para formar um largo plano com pontas, bahias e enseadas bem distinctas.

predominio das correntes dos ventos que passam sobre o delta do Niger, ou sobre as terras adjacentes á costa do Gabão, ou sobre as que ficam vizinhas do grande rio Zaire?...

Para se formularem pela primeira vez regras de hygiene publica, não só em relação ás povoações da ilha de S. Thomé, mas em favor da aclimação individual e da familia, é preciso haver tanto rigor como perfeição na enumeração de todas as causas das molestias reinantes.

Não se deve portanto olhar com indifferença a existencia de um paiz paludoso ao pé da ilha de S. Thomé, embora se metta de permeio maior ou menor extensão de mar.

É com pezar que não podemos nomear as correntes dos ventos, que, em relação á ilha de S. Thomé, predominam mais n'um sentido que em outro, já correndo da costa do Gabão sobre ella, já atravessando o delta do Niger, enorme centro productor de miasmas, e espalhando-se pelo golfo dos Mafras até chegarem a S. Thomé [1].

É pantanoso o paiz que fica defronte de S. Thomé na costa do Gabão? Que molestias endemicas ali existem?...

Têem apparecido n'aquella região algumas epidemias de febre amarella, de typho ou de peste?

Não podemos dar uma resposta segura a cada uma das perguntas que ahi ficam formuladas. Faltam-nos dados rigorosos para as podermos fundamentar.

Estamos na ilha de S. Thomé, e não podemos determinar a influencia dos ventos que correm da costa firme depois de atravessarem immensas regiões para caírem sobre ella [2].

Não será saudavel a exposição das terras em S. Thomé, que ficam do lado opposto á direcção dos ventos que passam sobre o celebre delta do famoso Niger?...

É o que parece racional, mas em assumptos d'esta ordem só tem valor a logica positiva dos factos, e esses factos não são conhecidos por emquanto.

Dos rios que desaguam nas praias fronteiras á ilha de S. Thomé

[1] Na ilha de S. Thomé não ha observatorio meteorologico. Em 1858 o dr. Lucio Augusto da Silva fez algumas observações que foram publicadas no *Boletim official* da provincia. Duraram apenas uma estação e parte de outra.

Adiante trataremos d'este assumpto.

[2] Não se deve esquecer que os ventos podem levar muito longe as substancias que importaram da terra. Já vimos, estando a mais de 90 leguas ao largo do Sahará, o vento trazer areia e muitos gafanhotos; é assim que o pollen é algumas vezes transportado ainda a maiores distancias, e que finalmente os germens infectuosos podem igualmente ser levados muito longe sem perderem a sua nocividade. (Fonssagrives, *Hygiene naval*, traducção de J. F. Barreiros, pag. 244.)

pouco se póde receiar, mas já assim não acontece a Fernão do Pó, que, parece, muito deve padecer por effeito das causas da insalubridade resultante da sua posição.

O canal que a separa da terra tem umas 20 milhas, e o rio dos Camarões tem a sua foz na mesma distancia.

Passâmos a enumerar os rios que desaguam no golfo dos Mafras. É util conhecer aquelles que têem a sua foz a 300 milhas ou mais; podem ser prejudiciaes á ilha de S. Thomé.

Ouçamos n'esta parte hydrographica da costa occidental de Africa a Lopes de Lima, e comecemos a contar os rios na costa do Gabão do sul para o norte.

Rio Gabão—tem a sua foz a umas 105 milhas da ilha de S. Thomé. É um rio notavel.

Bahia do Corisco—onde vem desaguar dois rios que Lopes de Lima não denomina. Fica entre a ilha de S. Thomé e Principe.

Rio de S. Bento—tem a sua foz a umas 84 milhas da ilha do Principe.

Rio do Campo (Pau da Nau, Rio Borno) antes do grande rio dos Camarões. Fica entre Fernão do Pó e a ilha do Principe.

Quasi fronteiro a Fernão do Pó desagua o rio dos Camarões.

Segue-se um rio sem nome, o rio de El-Rei e o velho Calabar, primeiro ramo do Niger, segundo Lopes de Lima.

Seguem-se depois o rio Done, Novo Calabar (ou rio Real), Sombreiro, S. Bartholomeu (ou dos Mafras), que deu o nome ao golfo, e contam-se em seguida o rio de Santa Barbara, o de Santo Ildefonso (ou Tilana), e finalmente o rio de S. João.

Segundo a carta hydrographica de Lopes de Lima, o Niger tem cinco bôcas, sendo o Novo Calabar, rio dos Mafras, rio de João Dias, e outro ramo visivel na carta, mas sem nome, ficando entre o rio de Santo Ildefonso e o de João Dias.

A mesma carta hydrographica, grosseiramente feita, não dá a menor idéa da posição do cabo Formoso, e muito menos das ramificações do celebre rio Niger.

Por esta carta não se póde adiantar nada em tão importante assumpto, por estar deficiente e errada[1].

[1] Não nos admira que Lopes de Lima fosse pouco exacto na sua carta hydrographica. Temos presentes cartas francezas peiores que a do nosso escriptor, como é aquella que A. Tardieu ajuntou á memoria sobre a Guiné, publicada no *Universo pittoresco,* volume III, 1847, e a que deu á estampa Dufour em 1867. O chorographo portuguez tomou para guia os roteiros portuguezes, cuja existencia os chorographos francezes parece até ignorarem. Preferimos o trabalho de Lopes de Lima.

Não merecemos censura por fazer a enumeração dos rios do golfo dos Mafras e do delta do Niger, segundo um escriptor que não nos merece, n'esta parte, confiança alguma, havendo outros escriptores modernos que escreveram com mais conhecimento da materia[1].

Sabemos que depois de 1844 têem apparecido escriptores que fallaram ácerca da costa do mar de Guiné com muita minuciosidade, não só em portuguez, mas em francez e em inglez[2]. Tomaram sobre si esta ou aquella especialidade, que muito interessa, não só á pathologia tropical, tão pouco conhecida entre nós, como á geographia, á historia e ao commercio das colonias de Africa. Os seus trabalhos comtudo não auctori-

[1] Não sabemos a rasão por que Lopes de Lima não nos quiz fallar das viagens dos irmãos Lander ao Niger, limitando-se apenas a dizer: «A ilha de Fernão do Pó é a chave de todos os rios da costa do Calabar e sobretudo do grande Niger, de cuja exploração os inglezes se promettem tamanhas vantagens». É a nosso ver gravissima a sua falta, e com ella coincidiram as lacunas que se encontram na execução do plano traçado para a estatistica da provincia de S. Thomé, Principe e suas dependencias, assumpto do segundo volume dos seus escriptos ácerca da costa occidental de Africa.

Os irmãos Lander encetaram em 1830 uma viagem ao Niger, e conseguiram alcançar este rio em Iaoury e exploral-o. Entraram no mar de Guiné, descendo o Niger pelo seu ramo Nun. A expedição dos irmãos Lander foi escripta em inglez e traduzida em francez por mr. Louise Sw Belloc (1832).

A estas viagens seguiram-se outras, e foram escriptas memorias e traçadas algumas cartas hydrographicas, em que se enumeraram as bôcas do Niger, e se pintaram com negras cores os terriveis effeitos das molestias endemicas do delta que elle forma. Divulgaram-se estas memorias, e custa por isso a conceber, não só as lacunas que Lopes de Lima deixou na sua carta hydrographica do delta do Niger, mas com especialidade o fundamento com que aconselhava os portuguezes «a ir affrontar, por uma vez sómente, *uma febre aguda*, para depois gosarem por annos dilatados de todas as vantagens do homem rico e poderoso, *sem mais receio pela sua existencia* do que se vivessem na Europa».

N'esta parte commetteu um erro imperdoavel, indo contra os factos que se apresentavam todos ós annos, não só em Bissau, Cacheu, Senegal, Rio Grande, mas em Ajudá, no Niger, em S. Thomé, Principe e Fernão do Pó. Todos os acontecimentos que se passavam eram assás notaveis para chamar a attenção de um escriptor nas circumstancias de Lopes de Lima, o qual foi encarregado de escrever a estatistica de todas as possessões portuguezas no ultramar em portaria de 15 de maio de 1844, e tratando da estatistica da provincia de S. Thomé, Principe e suas dependencias, não podia deixar de estudar a historia dos povos que habitam as terras adjacentes ao nosso estabelecimento de Ajudá, a fim de indagar a sua importancia commercial. N'esse resumo estatistico-historico não lhe seria difficil corrigir os erros e falsas narrações de alguns viajantes menos escrupulosos, ou, como elle mesmo declara «de estrangeiros improvisadores, que menos curam de ver bem e relatar a verdade, do que de excitar o interesse da gente de espirito pelo lado do ridiculo exagerado ou do maravilhoso».

[2] Enumerámos os rios do golfo dos Mafras e os do delta do Niger segundo Lopes de Lima, M. A. Tardieu, Thomás J. Hutchinson e Alexandre de Castilho, correspondendo ás epochas de 1844, 1847, 1858 e 1866.

sam a abandonar os escriptos de Lopes de Lima, embora em alguns pontos sejam menos exactos. O seu livro não tem sido esquecido.

Pelo contrario vemos que a sua estatistica official serviu de base á memoria de M. Oscar Mac-Carthy[1] ácerca das ilhas do Principe e S. Thomé. Póde até dizer-se que o escriptor francez fez uma versão livre do trabalho de Lopes de Lima, com todas as suas faltas e incoherencias e inexactidões; temos encontrado copias dos ensaios estatisticos, mais ou menos desfiguradas; citam trechos d'elles.

Pela nossa parte vemos n'este livro muitas indicações bibliographicas, que revelam certa erudição, e dão a este trabalho algum valor intrinseco, que se lhe não póde negar. Tem sido um manancial de conhecimentos coloniaes para nacionaes e estrangeiros; acham-lhe pouca originalidade, mas foi coordenado em presença de memorias portuguezas. Se tem erros, esses erros estão espalhados; é preciso corrigil-os. Os factos e as narrações exactas devem ser vulgarisadas. Consultámos a sua estatistica da provincia de S. Thomé, Principe e suas dependencias, de preferencia a todos os outros escriptores, d'onde só tirámos o que não se encontra na obra de Lopes de Lima.

Continuemos finalmente com o assumpto de que nos desviámos e que se nos afigura de summo interesse não só para a pathologia tropical, que urge divulgar entre nós, mas para a historia natural, geographica e commercial das nossas colonias do mar da Guiné. Não temos por fim estabelecer doutrina nova, coordenámos tudo o que póde interessar á saude publica, e archivámos o que se apresenta de mais importante, e passa por mais verosimil, a respeito do delta do Niger, a cujo respeito não se disse ainda em 1869 a ultima palavra.

Pela ordem chronologica citaremos M. Tardieu. A sua enumeração dos rios do golfo dos Mafras e do delta do Niger é assás curiosa e cheia de interesse, não só sob o ponto de vista da insalubridade de similhante barathro, mas emquanto á geographia e historia d'estas regiões. Começaremos a enumeração dos rios, correndo a costa do Gabão, a do Calabar e a de Benim até ao rio Formoso. Assim o pede a natureza do nosso trabalho[2].

Gabão ou M Pongo dos naturaes — É mais um grande esteiro do

[1] Foi inserta no *Univers pittoresque*, volume *Iles d'Afrique*, por mr. d'Avezac.

[2] Para quem duvidar da necessidade d'este estudo diremos que as aguas dos rios de Africa acarretam do interior maiores ou menores quantidades de detritos vegetaes. Correm para o mar tendo o seu curso por entre terras virgens. Veja-se a informação de Alexandre de Castilho: «Os muitos rios que formam o delta do Quorra levam substancias vegetaes, *que tingem até muito fóra as aguas do oceano, e cobrem estas de espuma pardacenta, suja, fetida e nauseabunda*».

que um rio propriamente dito. Alexandre de Castilho diz que este rio entre os naturaes se chama Mpoongwho. «Divide-se em duas bacias, uma exterior e outra interior, cujas margens se revestem de vegetação e são retalhadas de esteiros, dos quaes, muitos, mórmente os da direita, levam optima agua para beber». O Gabão é um braço de mar que entra pela terra dentro algumas 20 leguas perpendicularmente á costa; a sua largura media é de 3 leguas e a sua posição a meio grau ao norte do equador; escreveu-se isto no vol. 1.º, pag. 254, dos *Annaes do conselho ultramarino.*

Bahia do Corisco—Tem 10 leguas de norte a sul, e 4 de leste a este, desaguando n'ella dois rios; ao nordeste o rio de Angra ou de Mooney, e ao sueste o rio Moondah. A bahia do Corisco, diz M. A. Tardieu, seria a mais bella da costa occidental de Africa, se não fosse semeada de ilhéus, ilhotes e de bancos, que a tornam quasi innavegavel sem praticos. São uniformes todos os escriptores a este respeito.

Rio de S. Bento, rio do Campo e o rio Borea, que Alexandre de Castilho denomina Borôa.—Na costa existe a enseada de Banoko e de Pannavia, que se deve chamar Pau da Nau. O rio que Lopes de Lima denomina Pau da Nau é o rio de *Panno.*

Rio dos Camarões, ou grande golfo salgado, servindo de receptaculo a muitos rios que n'elle entregam as suas aguas.—Tem aquella denominação portugueza, diz Tardieu, dos muitos camarões que n'elle existem. Sendo um rio notavel, não se póde comtudo comparar ao celebre Niger.

Entre o rio dos Camarões e o cabo Lopo Gonçalves corre a costa do Gabão, face oriental do golfo dos Mafras.

Rio Bimbia, rio d'El-Rei, Velho Calabar, Andony, Bony e Novo Calabar.—O rio Andony é o rio Done, de Lopes de Lima. O rio Bimbia tem pouca importancia. Quer a entrada do rio d'El-Rei, quer o canal do Velho Calabar são verdadeiros golfos, recebendo as aguas de muitos rios.

Rio Sombreiro—Tem este nome para dar uma idéa do aspecto e fórma das arvores que cobriam a sua foz.

Rio de S. Bartholomeu, dos Mafras ou dos Tres Irmãos.—A este rio dão os inglezes o nome de Biafra, e d'ahi vem o nome de Bight of Biafra, denominação que substituimos por golfo dos Mafras.

Rio Santa Barbara, S. Nicolau e S. João.

O cabo Formoso separa o rio Nun, Quorra ou Niger do rio de S. João.

Assignado este limite entre o golfo dos Mafras e o de Benim, continua Tardieu a fazer a enumeração dos rios que formam o delta do Niger.

Rio Nun, ou primeiro rio Brass.

Segundo Rio Brass ou grande ramo do Quorra.

Rio Sengana, Dodo, rio dos Ramos, rio dos Forcados ou de Oére, rio dos Escravos, e finalmente *rio Formoso ou de Benim.*

Assim como ha faltas e lacunas no trabalho de Lopes de Lima, assim as commetteu M. A. Tardieu.

Não temos a resolver questões geographicas ou historicas, attendemos ao que passa por mais averiguado.

Para nós reduz-se a questão a avaliar o estado do delta do Niger, a natureza dos seus terrenos de alluvião, tomando em consideração o numero de rios que retalham aquellas terras. Limitando-nos a este ponto essencial passâmos a inscrever o que em 1858 Thomás J. Hutchinson publicou. Foi testemunha ocular; esteve em Fernão do Pó, e teve occasião de visitar a ilha do Principe. [1] Sob a sua direcção medica realisou-se em 1854 a feliz viagem do *Pleyades* pelas aguas do Niger.

«A communication may be made from Lagos to Old Kalabar by creeks leading from one to the other of the many rivers that constitute the Delta of the Niger, and this comprises a coast distance of nearly three hundred miles. According to captain Denham's survey, *between Benin and the river Nun* are the outlets of the Esclavos, Forcados, Ramosa, Dodo, Penington, Middleton, with two streams called the Winstanley Outfalls, and the Sengana branch of the Nun, all flowing from the stream which is formed by the junction of the Kworra and Tshadda, at an inland distance of nearly 300 miles from the sea.

«The first named eight *(Nun,* Brass (or Bento) Sombrero, New Calabar, Bonny, Andony and Old Calabar) with the other rivers extending to Benin are known to have communication with the Kworra interiorly.»

Thomás Hutchinson descreveu d'esta maneira o delta do Niger, sob o ponto de vista de geographia medica. Fizemos a transcripção d'este trecho para se fazer idéa dos conhecimentos que o alto medico possuia a respeito d'aquelle importante centro de explorações commerciaes e scientificas, no qual se contam já numerosas victimas.

Para terminarmos estas considerações geraes, passâmos a dar cabimento ao que um escriptor portuguez escreveu a tal respeito em 1866. Referimo-nos ao trabalho de Alexandre de Castilho, cujo merecimento é incontestavel.

«O Quorra, depois de receber as aguas de muitos affluentes e de ter communicado com o grande Caspio africano, lago Tchadd, que tem de superficie 2:200 leguas quadradas, reparte-se nos seguintes rios:

[1] Temos presentes as memorias de Thomás J. Hutchinson publicadas em 1858. No livro d'este sabio, que citâmos por muitas vezes, lêem-se elogios ao actual chefe do serviço de saude da provincia, dr. José Correia Nunes, em serviço na ilha do Principe, n'aquelle tempo, como facultativo de 1.ª classe.

«Para oeste da foz:

«Rio da Lagoa, Formoso ou de Benim, dos Escravos, dos Forcados ou de Oére, dos Ramos, Dodo, Penington, Middleton Blind, Winstanley e Sengana.

«Para éste da foz:

«Rio de S. Bento, de S. Nicolau, de Santa Barbara, de S. Bartholomeu ou dos Mafras, do Sombreiro, Real ou do Calabar, de Bonny, de Done (Andoney) e Velho Calabar.»

Tem, segundo aquelle escriptor, o rio Quorra 20 braços, cobrindo uma extensão de terra de perto de 90 milhas. Estes rios nas suas enchentes arrastam terra, vegetaes e toda a qualidade de materias putrefactas, exhalando em muitos logares cheiro nauseabundo, e tornando aquelles paizes verdadeiramente insalubres.

Quantas victimas e quantos martyres ali se têem feito até hoje! A quanto obriga o desejo ardente de saber!

Qual é a natureza de febres tão assoladoras?... Qual a sua origem?

É importantissimo este estudo. Nós procurâmos as causas das febres malignas que por centenares de annos têem dizimado os europeus, não só dentro das ilhas do golfo dos Mafras, mas na costa do mar de Guiné.

Na ilha de S. Thomé, de que especialmente nos occupâmos, foi dizimada em 1776 a tripulação de um navio inglez que ali foi tomar refrescos!

Quem ler Jacques Lind a respeito d'esta ilha espanta-se de tal mortalidade, mas não deve tirar d'ahi conclusões para demonstrar a insalubridade absoluta e invencivel da ilha de S. Thomé. As accusações feitas por Lind são gravissimas, mas só provam que houve n'aquelle anno endemo-epidemias graves. E na verdade a permanencia na cidade era impossivel, o que attesta até onde póde chegar a insalubridade de S. Thomé. Desembarcar de noite era o mesmo que suicidar-se!! Pois que significa a morte de tantas pessoas pelo simples facto de desembarcarem e ficarem de noite em terra?[1].

O acontecimento narrado por Jacques Lind, a respeito da ilha de S. Thomé, demanda seria attenção. De que natureza eram aquellas molestias?...

Os annos de 1830, 1841 e 1851 são epochas assignaladas por viagens scientifico-exploradoras ao delta do Niger. Os arrojados viajantes pagaram um grande tributo de vidas! As febres dizimavam-nos continuamente. Estes desgraçados acontecimentos não nos parecem sufficientes para se poder ajuizar com segurança da permanente insalubridade

[1] Em 1869 assistimos a alguns casos de mortes quasi instantaneas, que attribuimos á insolação, a febres perniciosas comatosas, matando em tres dias, e a casos de febres de que falleceram alguns degradados em quinze dias depois da sua chegada á ilha!

d'aquelle local, como fez o sabio allemão Griesinger. Referindo-se á epocha de 1844, apresentou a seguinte notavel estatistica:

«Homens brancos eram 145, adoeceram 130, e 40 morreram!

«Homens pretos eram 185, adoeceram 11, e não houve caso algum mortal.»

Os resultados d'esta expedição patenteiam que os negros têem muito maior força de resistencia aos miasmas que os brancos. A mortalidade entre os europeus é grave, põe em evidencia a insalubridade da delta do Niger, mas não significa insalubridade absoluta e invencivel.

Com estes acontecimentos desastrosos vamos confrontar outros, passados nos mesmos logares com feliz resultado.

Em 1854 um vapor com 66 homens entrou o delta do Niger, demorou-se sob a acção deleteria do clima 118 dias e não perdeu um só homem!

Em 1858 um navio trouxe para a ilha de S. Thomé 12 passageiros. Desembarcaram e têem vivido na ilha até 1869, sem haver um caso unico de morte. Temos conhecimento pessoal de todos elles. Vivem mais tempo em fazendas no interior da ilha que na cidade.

Deixâmos consignadas estas considerações geraes, com o fim de nos prepararmos para assistir á evolução da colonia da ilha de S. Thomé desde os tempos mais remotos até 1869. Colligimos tudo o que diz respeito á saude dos colonos e á salubridade da ilha.

Não é possivel conhecer o estado actual da ilha com exactidão, nem dar conta das causas das suas molestias e ensinar o modo de as destruir ou attenuar?

Propomo-nos a estudar a ilha de S. Thomé, que adquiriu pessima fama emquanto á salubridade. Vejamos se todas essas causas geradoras das febres estão sómente dentro d'ella, ou se algumas existem longe d'aqui, e entregam aos ventos as suas producções assoladoras.

Foi para se resolver a questão seguramente que procedemos a este pequeno esboço de geographia comparada. Não deixâmos um trabalho completo, mas damos conta do mais essencial para chegar ao nosso fim, e chamâmos a attenção dos medicos hygienistas para um assumpto tão importante.

É incontestavel que a existencia de um paiz mais ou menos proximo ao equador, ao norte e ao sul d'esta linha, recebendo os ventos de uma ou de outra região continental, ficando-lhe mais ou menos distante a foz de um rio caudaloso, não póde ser indifferente ao medico que deseja propor os meios de sanificar qualquer paiz tropical, mostrando a natureza das febres endemicas, e os logares mais salubres.

Será possivel a aclimação individual e de familia na ilha de S. Thomé?...

Vamos aplanando as difficuldades para dar uma resposta bem segura.

Posição geographica da ilha de S. Thomé

I

Procurando n'um mappa geographico da terceira parte do mundo, a latitude de 3′ ao norte do equador, e a longitude de 15° e 41′ a leste do meridiano de Lisboa, e seguindo as respectivas linhas parallelas até ao seu encontro, vemos o ponto de intercepção sobre a parte meridional de uma porção de terra, cercada de mar por todos os lados[1].

É a famosa ilha de S. Thomé, illustre para o nosso epico [2], e *bem cubiçada* em Lisboa no seculo XVI!

Esta ilha visitada frequentemente pelos portuguezes ha perto de quatrocentos annos, acha-se em uma posição excellente da costa occidental de Africa. Collocada a 105 milhas do Gabão, tem ao sul o vasto reino de Angola na distancia de 160 leguas, e ao norte o archipelago de Cabo Verde a umas 440 leguas, e a Senegambia pela mesma distancia, pouco mais ou menos.

É portanto muito vantajosa a posição geographica d'esta ilha em relação ás nossas riquissimas possessões da costa occidental de Africa.

[1] A ilha de S. Thomé acha-se passados os 6 graus de longitude, éste, de Greenwich entre 30′ a 45′. Tirando d'estes pontos dois meridianos parallelos, vão passar na costa de leste e de oeste da ilha. As intercepções das parallelas tiradas de 3′ e 30′ de latitude, norte, do equador, com estas primeiras linhas indicadas formam um quadrilongo circumscripto á circumferencia da ilha de S. Thomé, traçado no mesmo plano.

[2] Camões fechou a 12.ª estancia do canto 5.º do seu immortal poema, com dois versos que designam a ilha de S. Thomé. Damos a estancia na sua integra, em consideração a esta ilha, unica d'este golfo que figura nos *Luziadas*.

> Sempre emfim para o Austro a aguda prôa
> No grandissimo golfão nos mettemos,
> Deixando a asperrima Serra Leôa
> Co'o cabo, a quem das Palmas o nome demos:
> O grande rio, onde batendo sôa
> O mar nas praias notas que ali temos
> Ficou, *co'a ilha illustre que tomou*
> *O nome d'um que o lado a Deus tocou.*

Que rio seria aquelle a que o poeta chama *grande*, enumerando-o entre os pontos notaveis alem dos quaes a armada de Vasco da Gama ía passando? Não nos parece rasoavel ser o rio Zaire, como quer Faria e Sousa, commentador de Camões, nem o Rio Grande, como asseguram outros. O rio a que se refere Camões é o Niger, que fica nas aguas do mar de Guiné, e justifica a ordem em que se apresentam os logares, mais ou menos approximados, mas nunca com a differença enorme de 8, 10 ou 12 graus.

«A ilha de S. Thomé, como diz Lopes de Lima, está lançada no golfo de Guiné (mar de Guiné) de nordeste a su-sueste, desde o morro *Carregado*, ao norte, até á ponta da Baleia, na sua parte meridional. Estende-se desde 3′ até 30′, ficando-lhe ao sul, mesmo debaixo da linha equinocial, o ilhéu das Rolas, que tem pouca importancia.»

A maior largura da ilha é desde o ilhéu de Santa Anna, a leste, até á *Ponta Furada*, na costa do oeste. Tem na sua maior extensão 6 leguas de largura; não as conserva para a parte do norte, onde termina n'uma costa de cerca de 3 leguas, nem para a parte do sul, onde fecha quasi em ponta.

Vê-se pois que esta ilha representa approximadamente uma ellipse, cujo maior diametro é de 9 leguas e o menor de 6, formando, por assim dizer, o seu eixo maior com a linha equinocial, traçada no mesmo plano, um angulo de 62°, cuja abertura olha para o continente africano, costa do Gabão, ficando o vertice do angulo sobre o equador, e que esse diametro prolongado passa por Anno Bom, Principe, Fernão do Pó, etc.

A sua superficie quadrada facilmente se calcula, achando-se a área da figura geometrica que as cartas apresentam, tomando-se em consideração a respectiva escala.

Não sabemos se foi este processo que Lopes de Lima seguiu para nos dizer que a superficie da ilha de S. Thomé é de 270 milhas quadradas, e a sua circumferencia de 72 milhas.

São estes algarismos os mais geralmente adoptados. Damol-os aqui por copia do livro de Lopes de Lima.

II

Sob a epigraphe *geographia* deviamos reunir muitas outras secções d'este relatorio, que vão em capitulos separados. Estão n'este caso os capitulos 2.°, 6.°, 9.° e 10.° Alem da clareza teriamos brevidade, precisando apenas de dividir este trabalho em tres partes, *geographia*, *meteorologia* e *pathologia especial da ilha de S. Thomé*. Foi d'este modo que procedeu Dutroulau para o estudo das colonias francezas, que fez e apresentou com tal concisão e saber medico, que mal se póde imitar [1].

[1] O livro de Dutroulau é um trabalho especial para as colonias francezas: Senegal, Guyana, Antilhas, Cochinchina, Mayota, Reunião, Taïti, Nova-Caledonia.

Do estudo de cada um dos seus climas em particular passou o auctor á sua comparação, d'onde deduziu principios de salubridade absoluta e relativa, que sem esse trabalho preliminar não teriam importancia alguma.

O seu livro não tem sómente importancia como livro colonial; vae muito mais longe, pois se eleva a um estudo geral ácerca de muitas molestias, desenvolvendo, sob a luz da sua esclarecida pratica, a pathologia geral dos climas quentes.

As nossas colonias da costa occidental de Africa se estão estudadas, existem dispersos todos os trabalhos, e não constituem doutrina corrente e regular. É realmente uma lacuna que o progresso colonial exige que se preencha, e as colonias bem merecem qualquer trabalho n'esse sentido, como base da sua colonisação, progresso e prosperidade.

O nosso trabalho relata o estado de saude publica, procura as causas das molestias endemicas na ilha de S. Thomé, examina as condições de salubridade absoluta e relativa, mas não constitue systema pathologico scientifico. É um relatorio, não é um livro. Não tem divisões arbitrarias, recebe as que a lei apresenta, e dá conta do objecto de cada uma d'ellas segundo os dados que existem para bem o desenvolver.

Topographia da ilha de S. Thomé

I

Aspecto geral da ilha

A ilha de S. Thomé offerece ao observador estudioso panoramas tão surprehendentes quanto variados e que mal se podem descrever e pintar a quem não tem frequentado estas regiões equatoriaes. Citaremos um de entre os muitos que se podem mencionar; referimo-nos ao esplendido quadro que se desfructa da fortaleza de S. Sebastião, na bateria que olha para o sul da ilha. É realmente notavel e mui digno de se ver; causa admiração, e ao mesmo tempo infunde certa tristeza e saudade, pelo que se torna mais pittoresco e cheio de encantos.

A fortaleza de S. Sebastião, o largo que lhe fica proximo, e a corda de terra á beira do mar até ás ruinas do forte de S. Jeronymo, são o passeio predilecto dos habitantes da cidade.

Quem saír da cidade ao caír da tarde, e for passear para os lados da fortaleza, sente muita differença no ar que respira. Ali a atmosphera

É porém limitado o seu quadro nosologico, e por elle não se póde avaliar a pathologia endemica das nossas colonias de Africa portugueza. São variadissimas as suas condições de salubridade, e as regras hygienicas que se applicam em S. Thomé devem variar em Mossamedes, em Moçambique, em S. Thiago e em muitas outras colonias.

Ouçamos as palavras do proprio Dutroulau, cujo saber e competencia n'este assumpto ninguem poderá contestar.

«Contre les influences morbides, les indications hygiéniques et prophylactiques se tirent de la connaissance des localités et des maladies endémiques qui leur sont propres.»

Quando teremos exacto conhecimento de cada uma das nossas colonias em particular?

está cortada de brisas, que a refrescam e tornam agradavel. Aos pés do observador vem quebrar-se as vagas umas após outras em innumeras pedras, parecendo dar um elemento de desinfecção ao ar, tornando-o mais puro. Uma pessoa sente-se ali melhor que em qualquer parte da cidade, aindaque não saiba dar a rasão; e se, subindo ás baterias da fortaleza, attentar na amplidão dos mares, que parecem lá ao longe confundir-se com o firmamento, ou no panorama de variegadas cores que de terra se desenrola á vista, não poderá acreditar que a algumas milhas d'aquelle logar[1] vive-se uma vida enfezada, e que a muito custo póde resistir ás causas que constantemente a deprimem!

Não se explica facilmente o que se sente, quando se procura observar a massa informe que se apresenta ante o espectador, que da fortaleza de S. Sebastião em um raio de 4 leguas olha para a ilha na direcção norte, noroeste, sul.

Descobre-se uma vegetação compacta, variadissima, immensa, cobrindo planicies extensas. Por uma parte elevam-se outeiros, no cume dos quaes as arvores se tornam magestosas, por outra parte são cerros vestidos de verdura até ao seu ponto mais elevado.

Mais ao longe erguem-se montes e montes que se continuam, formando uma cordilheira, cortada aqui e alem, correndo de norte ao sul quasi em semicirculo.

Nevoas constantes de fórmas variadas e de cores diversas, desde o branco mais puro até ao negro mais carregado, e de aspecto medonho, pairam sobre as encostas e cumeadas das montanhas cobertas de matas seculares.

N'aquellas montanhas, que parecem perder-se nas nuvens, passam-se ás vezes scenas surprehendentes. Temos assistido a algumas dignas de se verem.

As nevoas d'aquelles montes continuados desprendem-se da vegetação; agrupam-se, levantam-se, encastellam-se e tornam-se negras, medonhas. O observador olha attonito para aquelle manto immenso, que pa-

[1] Conhecemos uma familia que viveu na fortaleza por muitos mezes, escapando ás febres intermittentes. E o que mais digno é de notar é que uma menina de tenra idade (de um a dois annos) ali passou muito bem, parecendo antes creada n'um clima temperado, que em um logar tão proximo ao equador!

É prova evidente de que ali não ha infecção miasmatica, apesar do extenso pantano que lhe fica proximo. Não será este pantano miasmatico? Em parte é, e em parte não.

Na estreita porção de terra, coberta de relva, que jaz entre o mar e as aguas encharcadas do pantano, não se sente mau cheiro; mas já assim não acontece na parte opposta: ha cheiro mau e nauseabundo, obrigando a andar depressa quem passa por esse lado, e a tapar o nariz com um lenço. Custa a conceber que se conservassem, por tantos annos, ao pé d'este local infecto, os soldados e addidos da bateria!!

rece mover-se e approximar-se da cidade, encobrindo uma borrasca immensa.

Clarões vivissimos e scintillantes percorrem a atmosphera ao sul e ao norte; fazem-se e desfazem-se, offuscando a vista, que de modo nenhum os póde encarar. Fortissimos trovões, tirando da terra echo estupendo seguem-se a esses frequentes relampagos, e um sussurro forte annuncia o vento intenso, que vem percorrendo montes e valles, precipitando-se impetuosamente por entre arvores seculares, abalando umas, derribando outras, e pondo tudo em constante movimento.

A borrasca está imminente!

Chuvas torrenciaes vem completar este pavoroso quadro, que se forma sobre os montes, desenvolve, cresce, desce e avança, parecendo submergir a cidade, não deixando o menor signal das obras dos homens.

Não se póde assistir ao desenlace d'este esplendido espectaculo da natureza. O curioso deixa o seu posto de observação por algum tempo, e recolhe-se ás salas da fortaleza, receiando o desapparecimento de algumas dezenas de casas que ficam nas faldas d'aquellas montanhas!

A cidade parece estar prestes a submergir-se no meio de um pavoroso cataclysmo!...

Passaram duas horas. A tormenta acalmou. O observador vem apressurado á muralha e procura n'um relancear de olhos os estragos da tempestade. Não existem.

A cidade lá se ostenta risonha, parecendo fugir da vegetação immensa que a cerca, e parando na praia, junto ao mar, cujas ondas vem estender-se em lençoes de espuma até seus pés.

É então cheia de encantos aquella vista. O grupo das casas no sopé de alguns montes sobresae por entre as arvores sempre verdes, que parecem empenhar-se em envolvêl-as, e algumas casas brancas de ricos proprietarios, disseminadas aqui e alem, mostram-se a meio das encostas d'aquelles montes, formando um contraste singular com a vegetação que as rodeia e por entre a qual a custo se descobrem.

É a fraqueza do homem ante a omnipotencia da natureza em todo o seu esplendor!

Tal é o aspecto que offerece a ilha a quem algumas vezes a observa, collocando-se, como dissemos, na bateria da fortaleza de S. Sebastião que olha para o sul da ilha[1].

[1] Em outubro de 1869 fundou-se na ilha de S. Thomé um jornal, semanario, a que nos referimos por algumas vezes n'este trabalho, e n'elle se publicou um esboço da cidade de S. Thomé, que nos parece ter cabimento aqui. É do teor seguinte:

« A cidade de S. Thomé, onde habitâmos, offerece ao observador uma perspectiva animadora para quem deseja ou é obrigado pela sorte a viver no seu recinto.

«Vimol-a pela primeira vez em um dia brilhante de luz, sem uma nuvem só a per-

Desde outubro a junho as trovoadas são frequentes, havendo dias em que se contam duas ou tres.

Raras vezes se apresentam sem serem acompanhadas de chuvas diluviaes, que arrastam por entre aquella grandiosa vegetação grande quan-

correr o espaço, sem sombra alguma que occultasse o colorido variado dos seres inanimados ou animados que a constituem e cercam. Estavamos a bordo do vapor inglez *Norfolk*, que acabava de ancorar a pequena distancia da restinga proxima á fortaleza de S. Sebastião.

«Á nossa direita os dois morros do ilhéu das Cabras pareciam os batedores da comitiva real, cuja magestade se desenrolava em galas interminaveis de verdura. Na frente viamos em fórma circular a praia ornada de casas por entre as quaes se notava, como a espreitarem, por cima dos telhados, os ramos alongados do quime, as folhas espaçosas das bananeiras, e, como se fossem bandeiras do mato, as ramas finas e agudas das palmeiras. Outras appareciam invadindo os muros, trepando as alturas, cercando, estreitando, afogando a pobre cidade de S. Thomé, estendendo-se compacta pelos campos d'alem, e subindo ás cumeadas dos montes, onde campeiam risonhas e formam um horisonte animado de fórmas caprichosas. Ama-se forçosamente uma ilha assim, como se ama o joven rico, bello e generoso. Deseja-se adoptar por terra natal a que nos deixa contemplar, como esta, a prodigalidade inexgotavel da natureza amiga, a que nos desperta segredos mysteriosos de alma ardente, esperanças indefinidas de amor, prazer e fé. Mas não confieis cegamente nos sonhos dourados da vossa imaginação viva. Ao pisardes ligeiro as areias que formam as folhas prateadas d'este vestido magnifico; ao contemplardes as casas de madeira esboracadas, pendentes, pobres de gosto; ao atravessardes as ruas formadas de *ubas*, isto é, de tábuas delgadas de madeira terminando em ponta, caiadas em geral; ao sentirdes os encommodos de um calor suffocante, que a refracção d'estas tábuas vos envia de um e outro lado — *ubas* sem graça, que fazem suppor uma cidade inteira em construcção, ou antes em ruina; ao sentirdes nas fossas nasaes certo contacto de atomos que a rosa não exhala; ao verdes, sentirdes, notardes, ouvirdes o que nós vimos, sentimos, notâmos e ouvimos, por Deus, que pedireis para ver só de longe a ilha de S. Thomé...

«Mas ainda assim a cidade de S. Thomé não deixa de ter praças guarnecidas de alguns predios bons, ruas largas, direitas, com muitas lojas e armazens de commercio. Tem algumas igrejas onde as festas se fazem ás vezes com certa pompa. Corre-lhe aos pés um rio manso e humilde, desenvolvendo meandros graciosos em todo o seu curso, assombreado pelos arbustos de mil fórmas, que se enroscam, entrelaçam, ligando-se em um e outro ponto com os ramos dos arbustos da margem opposta.

«A cidade estende-se ao longo da praia, mostrando á direita de quem entra no porto o cemiterio, conhecido pelo nome de Picão, e á esquerda a fortaleza de S. Sebastião. Entre estes dois emblemas da força e do nada, existem as obras dos homens e da natureza, unidas a capricho, variadas sem arte e sem gosto.

«A cidade apinha-se junto ao oceano, parecendo medrosa de se banhar nas aguas, e desejosa de fugir do amplexo enorme e suffocante da imponente vegetação que a persegue, ou tambem dos males a que está sujeita.»

Desejâmos ser imparciaes, e recorremos por isso a todas as fontes que nos possam corroborar na opinião que formâmos da ilha de S. Thomé.

O esboço da ilha de S. Thomé d'onde tirámos os periodos que ahi se lêem é de pessoa estranha á redacção do *Equador*, semanario a que nos referimos. Está publicado em o n.º 2, de 1 de novembro de 1869.

tidade de destroços de vegetaes e de animaes, que se amontoam por uma e outra parte, apodrecem e infestam os logares baixos com terriveis febres miasmaticas, cujo estudo nos propomos determinar.

A ilha, vista na sua totalidade, causa admiração, não inferior á que experimenta o viajante ao embrenhar-se por entre a sua espessa vegetação, percorrendo-a do norte ao sul e de leste a oeste.

Procuremos pois penetrar essas matas virgens e seculares, abrindo caminho até onde nos for possivel;—percorramos toda a costa, contando os portos e as bôcas dos muitos rios que no seculo XVI serviam de motor a dezenas de engenhos de assucar;—cheguemos até ás povoações principaes, existindo quasi asphyxiadas entre matos, que se prolongam em todas as direcções;—assistamos á fundação de algumas roças ou fazendas de café, e demos uma conta approximada das que actualmente existem.

Constitue este trabalho a parte topographica da ilha de S. Thomé; não o desenvolveremos com tanta extensão como queriamos, porque não é esse o nosso fim. Ainda assim, diremos quanto julgarmos necessario para boa intelligencia e clareza do estado actual de salubridade d'esta ilha.

Antes porém de passarmos a enumerar um por um os portos da ilha, as villas, freguezias e logares mais notaveis, pedimos licença para reproduzir o seguinte trecho do livro de Lopes de Lima. É verdadeiro em 1869, como o era em 1844. O progresso ainda não chegou á agricultura de modo a fazer-se sentir pela sua benefica e salutar influencia.

Eis-ahi o trecho[1] a que nos referimos, e que temos visto copiado algumas vezes sem referencia ao seu auctor.

«Montes altissimos, cêrros encadeiados, picos pyramidaes, penhascos salientes, de mil fórmas variadas e fantasticas, dão á ilha de S. Thomé um aspecto pittoresco, e não menos aprazivel pela vestidura de copadissimo e agigantado arvoredo (tão antigo como o mundo) de que as serras são cobertas, e o verde matiz que esmalta os prados do norte, e os ferteis valles e aberteiras das montanhas, aonde a vegetação é perennemente mantida pela lympha de innumeraveis e ricas ribeiras, cujo cabedal se engrossa durante oito mezes de cada anno com os corregos que se despenham pelas quebradas da serrania, unindo as aguas do céu ás que brotam das entranhas das serras.

«Nem a inspecção no interior d'esses solos tão pingues é menos agradavel á vista do forasteiro, ou mesmo ao calculo interesseiro do esperto colonisador, do que a perspectiva externa d'esta ilha verdejante, não poucas vezes afogada em um ambiente de neblina; assim não fôra tão difficultoso transitar em um paiz sem caminhos nem avenidas, a não serem as escabrosas trilhas das villas e das roças, abertas e calcadas pelos

[1] Lopes de Lima, loc. cit., pag. 83.

pés dos homens e das bestas, que ha tres seculos e meio perpassam sem cessar nas mesmas azinhagas dos valles, nas asperas ladeiras das encostas, ou nos alcantis dos outeiros: felizmente porém as costas que se abrem a miudo em bahias e enseadas facilitam por mar a communicação para aquelles pontos, para onde se reputa impraticavel[1] o caminhar por terra no estado primitivo em que se acha o paiz.»

II

Enumeração dos portos que ha na costa da ilha de S. Thomé

«O porto mais frequentado é o da cidade[2], constituido pela bahia de Anna de Chaves, aberto ao nordeste entre a ponta d'este nome, onde em outro tempo esteve edificado o forte de S. José e a fortaleza de S. Sebastião, erigida na ponta meridional do dito porto, ficando estas duas pontas na direcção de noroeste ao sueste.

«Outro porto aberto ao sueste é a angra de S. João, o melhor de toda a ilha, entre a ponta Agua, ao nordeste, e o pico de Macurú ao sudoeste. Tem meia legua de bôcca e quasi uma milha de reconcavo, podendo fundear n'elle até quinze navios de qualquer lote, ao abrigo dos ventos mais violentos. Desembarcando-se n'esta bahia vê-se um extenso areial, coberto de coqueiros, aonde vem precipitar-se duas grandes ribeiras de boa agua.

«Toda a costa que corre de sueste ao sudoeste é muito fertil e formosa; e é onde o café produz com mais prodigalidade. Os ventos dominantes n'esta parte e que correm sobre a cidade são quasi sempre o sudoeste e sueste.

«A costa do norte, sendo mais abrigada d'aquelles ventos e das trovoadas, é a mais cultivada. É esta parte que os navios estrangeiros demandam, especialmente os de guerra, para ali fazerem aguada e tomarem refrescos,

[1] Tendo de assistir a um corpo de delicto ao pé da villa de Sant'Anna, tivemos de ir pelo interior por caminhos tortuosos, psssando rios sem pontes, atalhos cobertos de troncos de arvores, que em occasião de tempestade haviam caído, ficando ali até apodrecerem! Caminhos d'esta ordem põem a vida em perigo!!

[2] Este porto não é o melhor que a ilha possue, e o sitio em que está assente a cidade tambem não é bom. Ha porém muito por onde alargar, ou seguindo pela estrada da Madre de Deus, ou procurando as terras adjacentes á margem esquerda da bahia. O pantano que fica ao pé da fortaleza tem impedido que a cidade se alargue n'esta direcção, que é uma das melhores que offerece a cidade.

«N'esta costa ha diversos ancoradouros. O mais frequentado é o que fica entre o ilhéu das Cabras, ao norte, e a praia Fernão Dias, aonde vem ter a deliciosa agua da ribeira denominada Rio de Ouro, de que se refazem os navios estrangeiros[1].»

Ao que se acaba de ler vamos ainda ajuntar algumas palavras, copiando tambem um trecho da obra de Lopes de Lima, que reputâmos muito digno de ser lida; por elle se póde ajuizar do estado da costa da ilha de S. Thomé, e quanto a sua constituição concorre, não só para dar valor ao seu commercio interno e á sua agricultura, mas para se melhorarem as suas condições de salubridade actual.

É verdadeiro o que ahi se lê.

«Em torno da ilha de S. Thomé ha muitas calhetas e portinhos de facil e commodo accesso para lanchas, balandras, pequenas escunas e embarcações de remos, por meio das quaes se fazem a maior parte das communicações e transportes; porém navios de alto bordo não têem senão dois portos na costa que olha para o continente africano e quatro fundeadouros na costa do norte.»

Depois da leitura d'este trecho póde fazer-se idéa da utilidade que resulta para a ilha de S. Thomé, de uma costa de tão facil e commodo accesso; e tambem se póde imaginar o modo por que os senhores de algumas roças e os habitantes de algumas villas communicam com a cidade.

O mar, em geral, é brando e facilmente navegavel na costa do norte. Não póde haver viagem mais agradavel e util, do que em um dia claro saír da cidade em uma boa canôa e ir costeando a ilha até á praia Lagarto, Diogo Nunes, Fernão Dias, Praia das Conchas[2], Ribeira Funda e outras praias da costa do norte.

O mar levanta um pouco no canal que fica entre o ilhéu das Cabras e a terra firme, mas é sómente em occasião de vento forte. Em geral póde

[1] Dr. José Correia Nunes, relatorio inedito já citado.

[2] Passando oito dias na roça do abastado proprietario Joaquim Antonio Bahia, tive occasião de fazer esta viagem de dia e de noite por muitas vezes.

Na excellente bahia da Praia das Conchas embarcava eu ás tres horas da noite n'uma canôa. Seis pretos d'aquella fazenda, empunhando fortes remos, de pé, no meio da canôa, davam-lhe tal impulso e infundiam-me tal confiança que me entregava nas mãos d'elles, sem pensar que poderia ir ter a qualquer parte da costa vizinha, no continente de Africa, ou á ilha de Anno Bom.

As canôas são seguras e commodas, feitas, a machado, do tronco de uma só arvore. O seu preço é de 20 a 30 libras, sendo das melhores, e de 15 libras as medianas. Fazem-nas os angolares em grande numero. N'ellas se entregam os naturaes da ilha á pesca e chegam a ir ao Principe, á costa firme e Anno Bom, como tivemos occasião de notar por muitas vezes. *(Nota do relator.)*

calcular-se em terra o estado do mar na restinga, e procurar o tempo favoravel para effectuar aquella excursão.

Para os lados do sul o mar está sujeito a frequentes temporaes, que infelizmente já têem feito algumas victimas[1].

Sopram os ventos de sueste e sudoeste com muita força, mas, ao poente, passados os ilhéus da costa do oeste, depois da celebre ponta Furada, o mar torna-se chão, e póde navegar-se de umas praias para as outras.

É de grande proveito para a prosperidade agricola conhecer bem o estado do mar junto ás praias. Convem estabelecer por mar todas as communicações possiveis, quer de algumas roças para a cidade, quer de umas roças para as outras. Em toda a costa do norte, n'uma grande parte da costa do oeste e a leste existe este excellente meio de communicação.

Deve porém ter-se em muita consideração a viagem da cidade, por mar, em toda a costa de leste para o sul. Têem havido muitas desgraças por falta de cuidado.

Os praticos aconselham que se façam estas viagens com toda a cautela, procurando sempre as horas em que os ventos costumam ser mais bonançosos e saíndo da villa de Sant'Anna, de madrugada.

Servem estes conselhos para os angolares, que ficam a sueste da ilha, e dão o maior contingente de victimas por falta de previdencia, e para os europeus evitarem algumas desgraças, e não tornarem odiosos estes excellentes meios de communicação.

Os angolares encanecidos na vida da pesca apparecem na cidade quando lhes convem; pouco lhes importa o tempo. Tornam-se bem curiosas as suas canôas e o modo por que elles as tripulam, e atravessam sem o menor cuidado um mar tão sujeito a encapelar-se. Vê-se passar defronte da fortaleza de S. Sebastião uma canôa com uma esteira amarrada a um pau por unica véla, são os *angolares* que passam, são os habitantes das terras de Santa Cruz, *nossos fieis alliados*, que *se dignam* de vir á cidade, conduzindo tábuas, conhecidas pelo nome de peralto, fios para rede e outros objectos da sua industria, e tambem porcos, gallinhas, etc.

Para conducção de madeiras é realmente esta via maritima muito vantajosa. Seis a oito remadores trazem á cidade em algumas horas o que não seria possivel transportar por outra qualquer via em muitos dias e com muito custo.

[1] É bem recente o triste naufragio da canôa em que um rico proprietario d'esta ilha se dirigia para o ilhéu das Rôlas, levando em sua companhia um filho, um amigo, libertos seus e soldados da bateria, ao todo umas vinte e seis pessoas, das quaes lograram salvar-se sómente onze!

Foi este um dos mais tristes acontecimentos do anno de 1868.

Alem dos portos que acima deixámos enumerados, lembrâmos o porto de Anna Ambó, onde desembarcaram os primeiros povoadores da ilha, na costa do norte, e a enseada de Santa Catharina, a oeste.

Foi concedida licença ao brigue *Diana,* que faz carreiras regulares para esta ilha, a fim de elle ir carregar café á Praia Rei, na costa de leste, em uma fazenda notavel.

Para enumerarmos os rios que vão descarregar as suas aguas no mar, temos de nomear as praias, e por isso não vamos mais adiante, para não sermos obrigados a fazer repetições ou a deixar de contar as praias em relação á foz dos rios que lhes dão importancia.

Não sabemos se houve alguem que circumnavegasse a ilha com o fim de estudar a sua costa; é porém certo que as suas praias são conhecidas e as planicies que lhes ficam contiguas estão cultivadas. O interior da ilha está inculto e na maxima parte por conhecer; é todavia provavel que com o progresso agricola essas matas immensas e seculares se tornem fazendas productivas e agradaveis, como muitas que hoje fertilisam e embellezam a ilha.

III

Povoações que existem em S. Thomé

Compõe-se esta ilha da cidade propriamente dita e de diversos logares indevidamente denominados villas.

Ha tambem não só no interior da ilha, mas junto á costa, differentes fazendas agricolas, sendo algumas d'ellas muito importantes.

Para descrever as principaes povoações, devemos começar pela cidade, como séde principal de todo o movimento commercial e agricola da ilha. Parece-nos conveniente transcrever as descripções que alguns escriptores têem feito d'ella, evitando assim qualquer suspeita de exageração.

Em primeiro logar daremos a palavra a Lopes de Lima. Escreveu em 1844, e por isso póde servir de ponto de partida, aferindo-se pela sua descripção os melhoramentos moraes e materiaes que n'ella se têem effeituado desde 1844 a 1869.

Descripção da cidade de S. Thomé

«No fundo da bahia de Anna de Chaves, em terreno arenoso, que corre do pé da fortaleza de S. Sebastião para oes-noroeste, está assentada em uma baixa, a cidade de S. Thomé, lavada pelas aguas do oceano atlantico desde o norte até les-nordeste; fica-lhe a leste um terreno alagadiço, onde restam as ruinas do forte de S. Jeronymo, e onde entra o

mar nas grandes marés, e ahi deposita o sal. Pelo lado do sul se estende, cerca da cidade, um paul espaçoso, o qual no tempo das chuvas se converte em uma lagôa de aguas encharcadas e infectas, que em pouco tempo ali apodrecem de envolta com corpos estranhos vegetaes e animaes; é porventura que de tal corrupção vem a principal insalubridade áquella povoação, e, para ainda augmentar a pestilencia, outros dois pantanos exhalam de continuo seus putridos miasmas, um ao sudoeste em um logar denominado Arrayal, e outro a oeste junto á ponte de Locume: assim de qualquer parte que soprem os ventos, a não ser do norte (o que é pouco frequente n'estas paragens) trazem sempre aos miseros moradores um ambiente de vapores nocivos.

«Apesar de taes desvantagens tem a cidade uma apparencia alegre e agradavel á vista; estendida n'aquella planura verdejante forma um parallelogramo de milha e meia de comprido, e uma milha de largo; as suas ruas são bem abertas, largas, limpas e perfeitamente alinhadas, guarnecidas de umas novecentas casas, quasi todas de madeira (mal lavrada, mas bôa e forte) da propria ilha e cobertas de telha, que se fabrica na ilha do Principe [1]; d'entre estas casarias surgem os campanarios de muitas igrejas, e d'ellas algumas de pedra, grandes e sumptuosas, taes como a sé, a igreja da Conceição, a misericordia, os hospicios de Santo Agostinho, Santo Antonio, etc.; e fóra da cidade em uma pequena eminencia a igreja da Madre de Deus. Vê-se tambem a antiga casa de residencia dos governadores, edificio de pedra, vasto e commodo, e até magestoso, a cadeia civil tambem de pedra e bem construida, uma decente casa da camara edificada ha vinte annos, e uma mui commoda e boa casa da alfandega, junto a qual se começou em tempo do governador J. M. Xavier de Brito, um caes de que tanto carece, mas não se pôde ainda concluir por falta de meios [2]. Ha ahi tambem edificios particulares assás nobres, e entre estes alguns de pedra.

«A melhor condição d'esta cidade é ser cortada pelo meio por uma ribeira chamada *Agua Grande*, sobre a qual passa uma ponte de grossas vigas que communica as duas margens. A excellente agua d'este regato bem merece os elogios que d'ella faz o piloto portuguez na passagem seguinte:

«*Pelo meio da povoação (a cidade de S. Thomé) corre um regato de*

[1] Não se fabricam ali presentemente telhas.

[2] N'esta ultima parte foi o auctor muito mal informado, e, como nunca desembarcou na cidade de S. Thomé, merece desculpa.

O principio do caes reduziu-se a pôr a esmo uma porção de pedra defronte da porta da alfandega. Um montão de pedras nem podia custar muito dinheiro nem ter nome de qualquer cousa que não fosse *montão de pedras*.

agua clarissima muito espraiado e pouco fundo, da qual dão a beber aos doentes, por ser muito ligeira e delgada, e é opinião constante dos habitantes, que se não fosse a excellencia e bondade d'este regato não se poderia viver em S. Thomé[1], e é porventura o unico elemento de salubridade que esta povoação possue[2] emquanto os seus ares não forem purificados pelo dessecamento dos balseiros vizinhos, a cultura n'estes de plantas beneficas e aromaticas, como a canella, o cacau, o gengibre, e mesmo o algodão, e a arborisação regular das ruas da cidade para mitigar os ardores do sol e derramar fresquidão.

«Ha n'esta cidade mercado diario, aonde se vendem gallinhas, inhames, legumes, hortaliças, fructas, sal, azeite de dendé em proporção do consumo. Vendem tambem os pescadores muita variedade de pescado, de que tão ricos são esses mares.

«Em lojas bem abastecidas, mas pouco aceiadas se vendem á mistura fazendas, utensilios, moveis, louçainhas, comestiveis, vinhos, aguardente que lá levam os navios da Europa e da America.»

Esta descripção topographica da cidade de S. Thomé feita em 1844, é notavel pelos pormenores que fornece, exagerando apenas as condições em que estavam alguns edificios publicos.

De 1844 a 1858 pouca alteração houve. Damos a descripção da cidade feita por um medico em 1860.

«A cidade de S. Thomé está collocada na bahia de Anna de Chaves e estende-se pelos dois terços da concavidade da sua margem, approximan-

[1] O auctor refere-se certamente á cidade de S. Thomé e não á ilha, pois em qualquer das suas muitas praias ha ribeiras de boa agua, e é até difficil encontrar um ancoradouro onde uma ou mais ribeiras não venham desaguar.

Emquanto á bondade da agua temos a fazer uma observação importante; a d'aquelle rio é má, embora accidentalmente; nunca se deve apanhar e beber directamente, pois corre-se o risco de adoecer! As gravissimas dysenterias que grassam na cidade têem em boa parte a sua origem na agua do rio, quando se bebe sem ser filtrada, pelo menos.

É assumpto muito grave de que adiante nos occuparemos.

[2] Não ha rasão alguma para dar a esta ribeira tantos louvores por causa da sua agua. Para se ver a opinião em que a tem o dr. José Correia Nunes, que vive na provincia ha mais de dezeseis annos, veja-se o seguinte trecho do seu relatorio:

«Na bahia de Anna de Chaves desagúa uma ribeira extensa, e ás vezes caudalosa, chamada Agua Grande, e que em maré cheia admitte lanchas; é d'esta agua que se abastece a cidade e de que fazem aguada as embarcações que saem d'este porto, *apesar de não ser a melhor que existe em S. Thomé, porque as copiosas chuvas tornam-na lodosa e impregnada de detritos vegetaes.*»

As chuvas duram oito mezes em S. Thomé. As particulas que se destacam continuamente dos detritos vegetaes em todo o curso d'este rio, nem todas serão prejudiciaes nem sempre arrastadas na mesma quantidade, mas a agua apresenta-se turva, seja qual for a hora em que se apanhe. Não se deve beber assim.

do-se mais da ponta do sul, onde está edificada a fortaleza de S. Sebastião, de modo que ella olha para o norte, emquanto que a bahia se abre para o nordeste.

«Com similhante disposição a cidade e o porto ficam expostos a todos os ventos, desde o norte até ao sueste, vindo-lhes este ultimo e o lessueste por sobre a terra baixa e rasa que corre da referida fortaleza para o sul. Todos estes ventos, bem como o nor-noroeste, noroeste, e oes-noroeste chegam á ilha depois de atravessarem as vastas regiões do continente africano. Os ventos de oeste a sul são todos do alto mar, e d'estes acha-se a cidade abrigada por uma cinta de montanhas, que começam a crescer não longe d'ella. Entre estas montanhas e a cidade, que fica em um local baixo e humido, ha grandes depressões de terreno, para onde, alem da chuva que cae directamente, correm as aguas dos pontos mais elevados, formando paúes, cobertos de hervas, arbustos e arvores, cujas folhas ali se putrefazem de mistura com as immundicies e animaes mortos que os habitantes da cidade lá vão depositar.

«A maior parte d'esses paúes seccam completamente no *tempo das ventanias*, excepto o que fica a leste, o qual communica com o mar, e constitue mais propriamente uma lagôa, cujo fundo fica em grande parte descoberto nas vasantes e exposto aos raios do sol. Os ventos mais frequentes caminham d'esses focos de infecção para a cidade, emquanto que poucas vezes sopram os do sentido contrario, os quaes são de mais a mais retardados na sua marcha pelo immenso arvoredo e pelas montanhas, cuja posição indicámos.

«Alem d'estas causas de insalubridade, muito importantes, outras existem no centro da propria cidade, a maior parte das quaes podia facilmente ser removida. N'este caso estão os innumeros depositos de immundicies que se encontram na margem da ribeira que atravessa a cidade; a maior parte das casas, já de per si pequenas e accumuladas; e os seus quintaes, onde densas matas de bananeiras não só obstam á ventilação, mas ali caem muitas d'estas e apodrecem.

«*N'este mesmo caso estão as sinuosidades da mesma ribeira, o seu curso lento, retardado nas enchentes do mar e a inundação n'essas conjuncturas de um grande espaço de terreno proximo e por detrás da sé*[1].»

[1] Está pois demonstrado que a ribeira que atravessa a cidade de S. Thomé é uma das causas de insalubridade que convem remover com toda a urgencia.

O piloto portuguez a que se refere Lopes de Lima, e que fez adquirir certa celebridade á agua d'esta ribeira, baseou-se talvez em informações pouco escrupulosas. É arriscado beber agua apanhada no rio, e nem sempre é possivel encontral-a com a limpeza necessaria para não repugnar á vista, e de mais a mais nas marés cheias sáe fóra do leito, mistura-se com agua salgada, e forma charcos immundos bem ao pé da cidade.

A descripção do dr. Lucio Augusto da Silva é exacta. Conta este auctor muitas outras causas de insalubridade da cidade, que nós não transcrevemos por brevidade.

As condições de salubridade da cidade de S. Thomé são más. Ahi fica o testemunho de duas auctoridades, que são de certo insuspeitas.

A opinião da junta de saude publica apresentada ha cinco annos, pouco mais ou menos, merece tambem muita attenção.

Escrevemos detidamente ácerca da cidade de S. Thomé, attenta a importancia do assumpto. Na cidade vivem as primeiras auctoridades; estão ahi as principaes repartições publicas; é tambem a cidade o principal e unico centro do movimento commercial e agricola de toda a ilha; por isso merece muita attenção, quer da parte da junta da saude publica, quer das auctoridades administrativas provinciaes, e até do governo da metropole.

Os meios que propomos para a sanificação da cidade seriam infructiferos se não assentassem em factos bem estudados.

Entendemos portanto que devemos ajuntar ás duas descripções acima apresentadas, alem da nossa opinião, em 1869, a que encontrâmos no relatorio do dr. José Correia Nunes, em 1865.

É do teor seguinte:

«A cidade de S. Thomé assenta em um terreno arenoso e baixo, lavado pelas aguas do oceano, em uma praia que corre desde o norte até les-sueste, ficando-lhe n'esta extremidade um terreno pantanoso, por onde entra o mar nas grandes marés, depositando ahi grande quantidade de sal, que os indigenas extrahem e purificam por meio da evaporação ao fogo, para os seus usos culinarios. Ao sul da cidade jaz outro pantano em um vasto campo coberto de relva e capim, proximo ao muro do antigo cemiterio na cêrca do extincto hospicio de Santo Antonio até á vizinhança da igreja de S. Miguel, constituindo uma verdadeira fonte de exhalações nocivas á saude publica.

«Para remover os males causados por este foco de infecção e outros similhantes que existem na povoação, a junta de saude publica da provincia (de que eu fazia parte) dirigiu em 1862 ao governador de S. Thomé um relatorio, no qual se apresentaram as considerações que um assumpto de tanta magnitude suggere, e se propozeram os meios de remover taes males; mas os governos até hoje (fins de 1865) têem descurado completamente de taes ramos de serviço publico, aliás de tão alta transcendencia, tendo-se unicamente conseguido a mudança do cemiterio para outro ponto mais conveniente, com exposição ao norte.

«Como querem pois que melhorem as condições de salubridade em um paiz onde se desconhecem os preceitos de hygiene publica, e onde as auctoridades administrativas, em geral, pouco curam do melhoramento material e intellectual de seus habitantes?

« Queixam-se da grande mortalidade que ha no paiz, pedem medicos, mas não applicam os meios que estes aconselham.

« Que serviço esperam, pois, que os medicos prestem? »

As descripções que deixâmos exaradas mostram claramente o estado da cidade de S. Thomé desde 1844 a 1865.

Ás causas locaes e geraes de insalubridade que se conhecem devem ajuntar-se algumas outras de não menor importancia. Estão nas proprias ruas, nas casas, na falta de regulamentos hygienicos, que se façam executar e finalmente na posição e exposição da cidade.

A posição da cidade é má e a sua exposição pessima.

A primeira providencia seria fazer a mudança, para outro sitio conveniente, das repartições publicas. Com o andar dos tempos deixariam de existir casas nos logares onde hoje se vão construindo.

Como é sabido, não foi o local em que hoje assenta a cidade o primeiro escolhido; passou da praia Anna Ambó, a umas 4 leguas da cidade actual, na costa do norte, para o logar que occupa presentemente; para o melhorar é preciso ao menos tentar alguma cousa. A cidade de Loanda tem parte alta e parte baixa: n'esta trata-se do commercio durante algumas horas do dia; n'aquella vive-se, passa-se a noite. Para S. Thomé aconselhâmos a mesma cousa.

As principaes repartições publicas devem estar em posição vantajosa. Pelo menos o palacio do governo, o hospital, o observatorio meteorologico, a cadeia civil, etc., devem ser feitos em boas condições de salubridade.

A cidade de S. Thomé é susceptivel de se melhorar muito. A descripção topographica que nos cumpre fazer deixâmol-a para o capitulo III. Ao passo que notarmos as causas de insalubridade, proporemos os meios de as attenuar ou destruir.

Terminâmos a descripção topographica da cidade com a narração do seguinte gravissimo facto. Chamâmos para elle a attenção das respectivas auctoridades e dos medicos hygienistas. Damol-o aqui para pôr bem em evidencia a importancia do estudo que nos propomos fazer ácerca da ilha de S. Thomé.

« Dans un voyage que le *Phénix,* vaisseau de guerre de 40 canons, fit à la côte de Guinée en 1766, les officiers et plusieurs autres personnes furent en parfaite santé jusqu'au moment où, retournant en Angleterre ils abordèrent a l'isle de Saint Thomas. Malheureusement le capitaine y débarqua, a fin de passer quelques jours dans une maison du gouverneur portuguais. C'était le temps de la saison pluvieuse; c'est'-à-dire, celle des maladies. Le frère et les domestiques du capitaine, le chirurgien du vaisseau et quelques contre-maîtres logèrent sous le même toît. Il y avait fort peu de jours qu'ils étaient à terre quand le capitaine, son frère, le chirurgien

et toutes les personnes, au nombre de sept, qui avaient couché dans cette maison, tombèrent malades; une seule en réchappa!!

«Le *Phénix* resta vingt-sept jours à l'ancre dans cet endroit; pendant cet intervalle, trois contre-maîtres, cinq hommes et un jeune garçon passerent douze nuits à terre pour garder les tonneaux d'eau, dont ils imaginaient que les insulaires voulaient s'emparer, tous ceux-ci furent aussi malades et l'on n'en put conserver que deux!!»

A narração singela d'este gravissimo acontecimento acarretou pessima fama á cidade de S. Thomé.

Entre os francezes e inglezes não podia deixar esta ilha de ser tida em conta de muito insalubre. O acontecimento narrado por Jacques Lind e divulgado em França por Thion de la Chaume, attesta bem a verdade da nossa asserção.

A morte que feria os governadores da ilha, empregados e colonos, não deu occasião á proceder-se á indagação das causas determinantes de tão malignas molestias até 1836. Desde esta epocha tem-se procurado promover melhoramentos materiaes e moraes, com o fim de modificar as condições de salubridade, mas parece não ter havido nexo nem harmonia em taes disposições. Da legislação promulgada parece inferir-se que se reputa a ilha absolutamente insalubre, e ha n'isso um gravissimo erro.

Nem a cidade de S. Thomé representa o verdadeiro grau de salubridade a que a ilha póde attingir, nem os logares do interior, alguns dos quaes estão em boas condições hygienicas, são tomados em conta quando se trata de um assumpto de tal magnitude.

Villas, freguezias e principaes roças ou fazendas agricolas da ilha de S. Thomé

Passâmos a fazer a descripção topographica das pequenas povoações que se encontram, quer no interior da ilha, quer nas proximidades da sua costa.

O interior da ilha está quasi todo desaproveitado; de 270 milhas quadradas que a ilha tem de superficie, estão talvez cultivadas 90. A parte do norte da ilha tem as principaes fazendas agricolas, e n'ella existem tambem as quatro villas ou freguezias interiores. A leste ha algumas terras cultivadas e muito poucas a oeste[1].

[1] Em 1869 havia em S. Thomé umas sessenta roças ou fazendas agricolas, tendo algumas d'ellas abundantes colheitas de café. O cacau, mandioca, milho, azeite de palma e madeiras são exportados em maior ou menor quantidade. Um terço dos terrenos da ilha está inculto, outro terço occupado pelos angolares, e do terço cultivado não se tira

Villa da Santissima Trindade

Distante da cidade fica a igreja da Santissima Trindade cêrca de 5 a 6 milhas. Ao pé d'esta igreja edificaram-se casas, formando algumas ruas. Pela posição agradavel em que se acha, começou a ser concorrido este logar, adquirindo o honroso nome de villa, que, apesar de ser o melhor da ilha, não passa de uma freguezia. Foi sempre o mais considerado de todos os logares de S. Thomé.

Entre este logar e a cidade deu-se principio a uma estrada, que está por concluir!

A respeito da villa da Santissima Trindade, para empregarmos a denominação que se lê nos documentos officiaes, diz o dr. José Correia Nunes (loc. cit.) o seguinte:

«No interior da ilha, sobre um monte que domina a cidade, na distancia de 2 leguas, fica a villa da Santissima Trindade. Tem igreja decente, muitas lojas de commercio, e numerosas roças circumvizinhas, que produzem a maior parte do café, que se exporta de S. Thomé.»

Parece-nos portanto mais proprio dizer o logar da Trindade, para designar o sitio em que está a igreja e as poucas casas commerciaes que lá existem, e a freguezia da Santissima Trindade, quando quizermos designar os 900 fogos que ha sob a dependencia da igreja.

N'esta freguezia ha logares salubres e roças tanto productivas quanto ricas e agradaveis; perto do logar passa o rio Agua Grande, que vae desaguar no mar depois de percorrer de mais de 3 leguas.

É urgentissimo fazer a estrada que deve ligar aquelle logar com a cidade de S. Thomé. Ganha com isso o commercio, e a saude publica muito mais. Não ha enfermaria ali, nem os medicos que estão na cidade podem fazer visitas a 2 leguas de distancia sem grande sacrificio. Uma população de 5:000 almas bem merece que se attenda ás suas necessidades.

Villa de Guadalupe

Ao noroeste da cidade estende-se, em uma planura rodeada de outeiros de altura mediana e aspecto risonho, a villa de Nossa Senhora de Guadalupe, villa no nome, dizia em 1844 Lopes de Lima ao escrever a respeito d'ella essas poucas palavras que se acabam de ler, villa em nome, repetimos nós, em 1869! Fica esta pretendida villa na região septentrional da ilha. Não está muito distante da costa, parecendo existir no regaço dos

metade do resultado que se deveria obter; e apesar de tudo isto a alfandega obtem cerca de 40:000$000 réis de receita publica!

outeiros que lhe ficam sobranceiros. Daremos, como para a freguezia da Santissima Trindade, o nome de logar ao sitio onde estão a igreja e algumas cubatas velhas e arruinadas, e designaremos por freguezia os terrenos em que se acham espalhados uns 160 fogos.

São notaveis as fazendas que ha n'esta freguezia, merecendo especial menção a roça — Rio d'Ouro.

Entra-se no logar de Guadelupe pela parte do sul, passando um charco immundo; ha ali um largo com um grande tamarindeiro no meio. Este largo é rodeado de casas de madeira, velhas, a caír, e mostrando a pobreza e o desleixo dos seus habitantes.

O morro Monquinquí, como lhe ouvimos chamar, eleva-se quasi a pique, e assombra o logar de Guadelupe da parte do nascente.

Arvores seculares formando espessas matas rodeiam o logar de Guadelupe; perto da igreja passam no tempo das chuvas as enchurradas que se despenham dos montes proximos em tal quantidade, que formam um riacho.

O Rio d'Ouro passa a meia legua de distancia pouco mais ou menos.

Villa da Magdalena

Segue-se a villa da Magdalena, mais pequena que a precedente, dizia em 1865 o dr. José Correia Nunes, ao fazer o seu relatorio. É realmente pobre e insignificante, em 1869, dizemos nós, e, embora a sua posição seja central, não lhe tem vindo por isso melhor resultado que á de Guadelupe; e apenas se conta n'ella uma casa de madeira com o seu sobrado e loja, mas ainda por acabar. Algumas cubatas arruinadas cercam a igreja!

Póde chamar-se a similhante logarejo, villa?...

Communica o logar da Magdalena com a cidade por meio de uma estrada, que, comparada com outras que ha na ilha, póde reputar-se boa; foi feita a expensas particulares; ha n'ella algumas pontes, sendo mais notavel a que se acha lançada entre dois despenhadeiros; começa na roça Santa Cruz, passa ao pé de lindas fazendas, atravessa o logar, e vem entroncar na porção de estrada que o governo provincial fez na extensão de 2 kilometros. É realmente o melhor passeio da ilha. A estrada ao saír da cidade torna-se em uma verdadeira rua cercada de lindas arvores e de muita verdura; passa junto á igreja da Madre de Deus, e vae em lanço direito até á fazenda Blublú.

Quem deseja ver a quéda da agua do rio Agua Grande, atravessa parte d'esta roça até chegar á margem do rio, que se deslisa brandamente por entre margens cheias de verdura; vae costeando a margem esquerda até chegar á quéda da agua. Recommendâmos este agradavel passeio, que se póde concluir em duas horas.

Ao pé do logar da Magdalena corre um ribeiro que vae atravessar a fazenda Allemanha, e se despenha em cascata a uma grande altura, sendo digna de ser vista; fica muito perto da casa da fazenda Allemanha, ao pé da qual passa a estrada.

Não é o nosso fim fallar de todos os logares amenos e salubres que se acham desde a cidade até á fazenda Santa Cruz. Esse trabalho seria mais proprio de uma chorographia da ilha, e por isso nos demorâmos mais, mencionando aqui e ali um ou outro sitio aprazivel.

Villa de Santo Amaro

Mais para baixo, a legua e meia da cidade, encontra-se o logar de Santo Amaro, que regula em grandeza e importancia pelo da Magdalena. Correm perto d'elle dois confluentes do rio João de Mello, que desemboca na praia Lagarto.

Ás duas ribeiras que correm a par e formam os limites entre esta freguezia e a de Guadelupe deu o povo o nome de Agua Casada[1]. Estas duas ribeiras, correndo a par uma da outra por muito tempo, ajuntam-se por fim, e vão entregar as suas aguas ao rio Diogo Nunes.

No numero 3 do *Equador* lêem-se as seguintes linhas a respeito da posição de Santo Amaro, que dá boa idéa d'este e de outros logares da ilha:

«Eu fui sempre embebido [2] n'estes pensamentos até Santo Amaro, «uma pequena aldeia internada na verdura, e que ainda de quasi ao pé «é preciso espreitar-lhe as casas por entre as arvores para apanhal-as de «subito, que parece fugiriam se presentissem um estranho mesmo de «perto.

«N'esta ilha accidentada não se vêem alvejar entre a verdura sombria «as paredes dos casaes. Depara-se ao estranho inopinadamente uma roça, «sem elle imaginar sequer que ali possa existir construcção humana.

«A natureza quer ser senhora, e até onde a mão do homem implan-«tou o signal da cultura, os olhos costumados ás vegetações modestas e «sobrias das zonas temperadas, julgam ver perfeito mato virgem.»

[1] Estas duas ribeiras serviram de assumpto ao sr. Alfredo Troni, intelligente secretario do governo de S. Thomé, para um interessante folhetim, que foi publicado no n.º 5 do *Equador* de 22 de novembro de 1869 sob o titulo — *Agua Casada*. Não o damos por copia para não sermos muito extensos em um assumpto alheio ao nosso intento.

[2] Em o n.º 3 do *Equador* foi publicado um folhetim do sr. Alfredo Troni em que elle descreve a inauguração de uma ponte lançada sobre as margens do Rio d'Ouro. O intelligente escriptor descreve ali com poeticas phrases a conducção em redes, que se usa muito em S. Thomé. «Eu amo a rede; amo-a, quando no balancear cadente me embala os sonhos que eu faço mesmo acordado; quando me leva ao passado despertando-me idéas da patria, que quem vive em outros climas e estranhas paragens tem horas ás vezes de intensissima mas suave tristeza».

De Santo Amaro para a cidade ha um caminho regular. Fica-lhe perto uma das primeiras fazendas que se abriram na ilha, e que se conhece por Bella Vista.

É este outro passeio agradavel.

Quer a villa da Magdalena, quer a de Santo Amaro, não estão nas condições da mais humilde aldeola do Minho. Não ha n'ellas animação alguma, parecem perder cada vez mais a importancia e acabarem por inanição! Nem uma só casa se tem ali construido, não se observa n'ellas um unico melhoramento hygienico.

O logar da Magdalena offerece boa posição para se estabelecer uma casa de saude para os convalescentes. É recommendação inutil, bem o sabemos, mas não o devia ser, porque bem rica é a ilha para satisfazer a todas as despezas que se fizerem em favor dos seus melhoramentos moraes e materiaes.

Ahi deixâmos um limitado esboço dos logares que se acham espalhados pelas planicies adjacentes á costa do norte da ilha. Não nos cumpre ir mais alem.

Como estes quatro logares do interior estão os logares mais proximos á costa, vamos dizer algumas palavras a respeito de cada um d'elles.

Villa de Santa Anna

A villa de Santa Anna, collocada na costa de leste, fica muito perto do mar; é a terceira povoação emquanto ao numero de fogos. As suas casas têem melhor aspecto que as de Guadelupe e da Magdalena; a da escola fica em logar alto sobre um terreno, que se torna declive até á base da collina, onde se vêem algumas casas bem arranjadas. Esta disposição de terreno é boa para as casas que ficam no alto, mas tem inconvenientes para quem vive na parte mais baixa. É porém necessario examinar as condições d'esta villa, que parece salubre em relação á cidade.

Passando a villa de Santa Anna, depara-se-nos a *celebre fazenda* do barão de Agua-Izé, fallecido a 18 de outubro de 1869.

Para se ir da cidade á villa de Santa Anna seguem-se atalhos tortuosos; vadeia-se o rio Manuel Jorge, e muitos riachos, regatos e ribeiras; passa-se por meio de um extenso e cerrado óbó (matos); deixam-se os matos e chega-se a uma praia, fazendo-se caminho entre as ondas que vem quebrar-se aos pés dos viandantes e uma vegetação compacta, que lhes seria impossivel entrar se o mar encapelado lhes chegasse aos joelhos. O fragor é medonho, quando a onda se quebra, e vae rolando sobre uma infinidade de pequenas pedras!

Póde dizer-se que se entra na villa com intima satisfação, por se ter escapado ás aguas do Manuel Jorge, ou a algumas arvores altas, velhas,

pendentes, que se despenham ao menor vento. Attestam este perigo os troncos que entupem o caminho, achando-se alguns cortados a machado, tornando difficil a passagem.

E quem escapa d'estes perigos[1] julga-se porventura são e salvo?

Villa de Santa Cruz dos Angolares

A freguezia de Santa Cruz dos Angolares é pouco ou nada conhecida; nem nos consta que se tenha procurado com exactidão formar a estatistica dos seus fogos e população, e não podemos dar credito a boatos ou a narrações feitas por pessoas pouco interessadas em fallar verdade.

Aferindo o que lemos nos escriptores que se têem occupado de S. Thomé, com mais conhecimento de causa, pelas tradições e informações a que temos procedido, chegámos a uma tristissima verdade: a maior parte da superficie d'esta ilha está occupada pelos semi-selvagens angolares, formando uma pequena republica!

Esta é a verdade.

Nem conhecemos os terrenos, nem os costumes dos habitantes de Santa Cruz; a mortalidade que ha n'esta freguezia mal se póde avaliar.

É portanto inteiramente inutil demorarmo-nos em considerações a similhante respeito.

Entraram aqui os angolares muito depois de possuirmos a ilha, de estabelecermos n'ella povoadores e auctoridades. Um navio que deu á costa deixou-lhes aquelles hospedes, que durante um seculo os incommodaram!!

Villa de Nossa Senhora das Neves

Esta villa fica no extremo norte da ilha perto do mar. Foi n'esta paragem que se lançaram os primeiros alicerces da colonisação da ilha de S. Thomé. Ha por ali algumas roças, e é muito regada. Sendo pouco conhecida, e ficando a umas 4 leguas da cidade, pouco caso se faz d'ella.

Sem dados positivos e informações exactas não é possivel escrever a verdade.

Os medicos poucas vezes podem saír da cidade. Embora desejem ir

[1] Passando no logar a que nos referimos, na companhia do ex.mo juiz de direito Antonio Ferreira Lacerda, em occasião de tempestade, podémos observar pessoalmente o perigo que offerece a praia Almoxarife, coberta pelas ondas encapeladas e a agua da ribeira Clara Dias, que é preciso atravessar para deixar esta praia e poder achar a vereda que existe por entre a vegetação!! *(Nota do relator.)*

observar um ou outro ponto da ilha, ou queiram officialmente ir fazer a visita medica ás respectivas villas ou povoações, não obtêem meios de transporte! Negam-lh'os até para irem assistir aos corpos de delicto feitos no interior da ilha a longas distancias!

A lei e o regulamento de saude em vigor ordenam que a auctoridade administrativa dê meios de conducção aos facultativos que vão em serviço publico, mas em S. Thomé são letra morta as determinações da lei!

As communicações da cidade pelo interior com qualquer das villas junto á costa são muito más. Atalhos tortuosos e difficeis de transitar são as unicas vias de communicação, que as prendem umas ás outras e á propria cidade.

Quando veremos proceder-se á viação publica?

Que desastres, mortes e prejuizos para o commercio resultam da falta de boas estradas!!

IV

Enumeração das cordilheiras, montes e picos mais notaveis de S. Thomé

Assim como infelizmente nos faltam todos os dados para estabelecer a salubridade das villas, quer absoluta quer relativa, assim tambem não temos os menores elementos para conhecer os montes ou picos que se acham espalhados em S. Thomé. Requer este estudo viagens ao interior da ilha demoradas e muito repetidas, e é exactamente o que nós não podemos fazer nas circumstancias actuaes do serviço de saude publica da ilha, nem nos consta que alguem as tenha feito.

No meio da ilha de S. Thomé, para os lados da costa de oeste, quasi em frente da enseada de Santa Catharina, jaz o celebre[1] pico de S. Thomé. Fica a 17′ ao norte do equador e a 15° e 45′ a leste do meridiano de Lisboa. D'este pico para o sul a ilha é montuosa e, a menos de uma legua, um pouco para o sul e para leste, eleva-se o cume pyramidal denominado Anna de Chaves. D'ali correm duas cordilheiras de serras altas, uma para leste, que finda em despenhadeiros na costa oriental da ilha, e outra para sueste da ilha até ao pico de Maria Fernandes e pico Mocondom.

[1] Chamâmos *celebre* ao pico de S. Thomé e temos muita rasão para isso. Altos escriptores fállam d'elle, dando-nos descripções mais ou menos minuciosas, segundo as informações que poderam alcançar, e até parece haver quem assevere ter subido á sua parte mais alta! Procurámos informações a similhante respeito, e são todos conformes em negar tal asserção.

Combinando o que nos diz Lopes de Lima com os planos da ilha de S. Thomé, publicados em Inglaterra, parece verdadeira a descripção das serras d'esta ilha; estão dispostas da maneira seguinte:

Pico de S. Thomé, de Anna de Chaves, Mocondom, e Maria Fernandes, ficam na parte central da ilha de oeste a leste. Vêem-se ali os montes mais altos.

Para o sul da ilha contam-se Pico Macurú, Cão Pequeno, Cão Grande, Praia Lança, Ponta Preta, etc.

Para o norte estão o Monte Café e os montes de Guadelupe.

Nas terras adjacentes ás praias estão as planicies, e ao passo que se caminha para o interior vão apparecendo serros, outeiros e elevações de terras mais ou menos notaveis. Esta disposição é singular, e merece muita attenção pelo que diz respeito á hygiene publica.

Os logares mais baixos, nos sopés dos montes, são os mais doentios, e a 2 milhas e 3, e com especialidade a 2 leguas da costa ha logares salubres, frescos e agradaveis.

O interior da ilha offerece logares proprios para estabelecimentos de casas de saude, onde os habitantes achem um refugio contra as febres paludosas, que nos logares baixos se mostram rebeldes ao tratamento.

Até ao presente nada se tem feito n'este sentido; mas o progresso colonial exige que se façam os estudos necessarios para se avaliar o grau relativo de salubridade de alguns pontos da ilha que passam por salubres, o que, alem de ser verdadeiramente philanthropico, seria de muita economia para a fazenda publica.

V

Rios, praias e ilhéus da ilha de S. Thomé

Costa do norte

Passâmos finalmente, para terminar a parte topographica da ilha de S. Thomé, a enumerar os rios que a fertilisam. São muitas as difficuldades que temos a vencer para tornar este trabalho o mais completo possivel, aindaque deixe muito a desejar.

«Dos seios de todas as montanhas encadeadas que encerram nas suas vastas aberturas extensos e fecundissimos valles, brotam por toda a parte fontes, as quaes engrossando o seu cabedal na sua quéda, vem despenhar-se nas planicies e restituir ao solo a humidade que de continuo lhe rouba a acção dos raios solares.»

É d'este modo que escreve Lopes de Lima ácerca das fontes das ribeiras que serpenteiam por aqui e por ali em tão productiva ilha. Se a

enumeração de taes ribeiras parece á primeira vista destituida de interesse para a hygiene e a salubridade da ilha, não o julgâmos nós assim.

É sempre de grande vantagem que o sitio escolhido para uma povoação abunde em agua potavel e de boa qualidade, escreve um hygienista portuguez, referindo-se aos climas temperados. Em paizes como o de S. Thomé, deve haver grande escrupulo em tão grave assumpto. Os primeiros povoadores da colonia não attendiam a esta e a outras necessidades. Não colonisavam; vinham por aqui de passagem!

A cidade de S. Thomé tem uma ribeira abundante de agua. É urgente tratar de a pôr em condições de satisfazer aos usos ordinarios da vida.

Segundo Lopes de Lima, contam-se em toda ilha de S. Thomé vinte e nove rios que desaguam no mar. São os principaes, pois é certo que aquelle numero póde talvez chegar ao dobro, sendo todos mais ou menos importantes no tempo das chuvas, que, como se sabe, duram oito mezes n'esta ilha.

Na bahia ou enseada de Anna de Chaves desagua um rio, conhecido pelo nome de Agua Grande. Fallámos já a respeito d'elle, e agora só dizemos que elle toma, entre os naturaes, nomes diversos segundo os logares em que passa.

Na praia Lagarto tem a sua foz uma ribeira, a que se dá o nome de João de Mello.

Contam-se depois, seguindo para o norte, a ribeira Diogo Nunes, e o Rio d'Ouro, que é muito notavel; ha no seu curso, segundo dizem, algumas quédas de agua. Não está ainda bem conhecida a sua origem, e passa em algumas roças, tendo uma d'ellas o nome d'este rio. Consta haver furnas que o Rio d'Ouro atravessa, escondendo-se á vista dos curiosos.

Tivemos occasião de observar este rio n'um logar em que elle se despenha de rocha em rocha com profundo sussurro, perdendo-se no meio de despenhadeiros alcantilados. Apresentava um quadro surprehendente.

Nas praia das Conchas desagua uma pequena ribeira, que em outro tempo serviu para um engenho de assucar. Hoje apenas ha ali os alicerces e um muro de pedra e cal, vestigio do engenho, como nós mesmos tivemos occasião de observar.

Esta ribeira corre junto a um estabelecimento agricola dos mais importantes da ilha; ha n'elle uma boa serraria de madeiras, as quaes são conduzidas para a cidade em canôas.

Antes da ponta Figo, extremo norte da ilha, e onde desembarcaram os primeiros povoadores, depara-se a foz de um extenso rio, cujo nome ignorâmos.

É este o ultimo rio que se conta na costa do norte.

Os rios que desaguam no mar, na costa do norte, fecundam planicies fertilissimas que se acham actualmente bem cultivadas.

Enumerâmos os principaes rios que têem a foz no mar; os seus confluentes e os pequenos regatos que existem em grande numero não merecem especial menção.

Costa de oeste

São seis os rios principaes que têem a sua corrente para a costa de oeste, podendo dizer-se que não ha praia onde não termine um ou mais rios, depois de terem refrescado as planicies vizinhas.

Na enseada de Santa Catharina, á qual parece ficar sobranceiro o notavel Pico de S. Thomé, vão entregar ao mar as suas aguas duas ribeiras. Ha bons prados de pastagens e extensas planicies, que ficam vizinhas a esta bella enseada, para nos servirmos do mesmo epitheto de que usou Lopes de Lima.

Ao norte da enseada de Santa Catharina desaguam duas ribeiras, entre a ponta Prainha e a ponta Cadão. Não têem denominação conhecida.

Antes da ponta Allemanha, vindo do sul para o norte, ha uma ribeira, descendo das rochas. Não lhe sabemos o nome.

O mar ali não costuma estar agitado.

Os ilhéus que jazem junto a esta costa são dignos de menção.

A partir da celebre Ponta Furada, dando passagem a canôas pela sua abertura, nota-se o ilhéu de Joanna de Sousa, que tem uma caverna onde o mar bate com sussurro forte. Contam-se mais quatro ilhéus, apresentando-se os dois primeiros, partindo do sul, em posição de formar enseada, livre dos ventos, que tão braviamente sopram de sul e sueste.

Costa do sul

Para o sul correm poucos rios; a ilha termina quasi em ponta.

Encontram-se alguns regatos ao sul da notavel angra de S. João, e as ribeiras que n'ella têem a sua foz tambem correm para o sul.

A costa do sul da ilha é singularmente constituida.

Um canal com uma milha de largo separa da terra um ilhéu, que tomou o nome de ilhéu das Rolas, ficando o seu extremo sul sob a linha equinocial. Um braço de mar, simulando um rio, atravessa a ilha de lado a lado, e parece que com o decorrer dos tempos se virá a formar um ilhéu mais pequeno que o das Rolas.

Aindaque não se refira á costa do sul, não deixa de ter cabimento aqui a narração do seguinte conto, que passou da tradição á historia, e da historia veiu até nós. É digno de attenção.

Referimo-nos ao conto narrado pelo chorographo d'esta ilha, R. J. da Cunha Matos, e repetido com as mesmas palavras por Lopes de Lima e

pelo dr. José Correia Nunes. Seguimos nós tambem o mesmo exemplo, pedindo que se apure a verdade.

Eis o celebre trecho por tantas vezes repetido.

«Uma caverna atravessa a ilha de um a outro lado, correndo de norte a sul; entra n'ella o mar pelo lado sul junto á ponta do ilhéu Grande, ao sul da angra de S. João, onde forma um sorvedouro, que attrahe tudo quanto passa ao alcance do redomoinho, e dizem que vae saír da banda do nor-noroeste, na ponta Diogo Vaz, na qual o mar arrebenta em um recife de pedras.»

A tradição dá este phenomeno como certo, a historia archivou-o, como veiu da tradição, mas a critica pede que se exhibam provas irrecusaveis a similhante respeito. É preciso prestar homenagem á verdade. E nós tão sómente para que esta se indague é que reproduzimos aqui o que acima se lê.

Ao que temos ouvido dizer e ás provas com que nos querem fazer convencer da existencia d'este singular canal subterraneo, não podemos dar credito.

Dizem que fazendo passar uma tábua, por exemplo, no redomoinho, que a agua faz á entrada do sorvedouro, que ella se some, e chegam a asseverar que sáe do outro lado!

Não é possivel acreditar sem ver, tendo, como dizem, este canal umas 6 leguas de extensão.

Parece-nos porém digno de exame o phenomeno, e não deve continuar a existir rodeado de mysterios, como está presentemente. Não é infelizmente só n'este caso que isto acontece. Ninguem dirá que esta ilha só tem 270 milhas quadradas de superficie!

Costa de leste

Na costa de leste contam-se as seguintes praias até chegar á fortaleza de S. Sebastião, de ao pé da qual começámos agora a enumeral-as.

Praia Pequena — tem um regato. O passeio desde a fortaleza de S. Sebastião até esta praia é agradavel. Vêem-se as ruinas do forte de S. Jeronymo, tristemente nomeado nas chronicas de S. Thomé!

Praia Fantufa — encontra-se n'ella um regato.

Praia Melão — A agua da ribeira, que a percorre, não passa por boa. Cunha Matos attribue a má qualidade da agua á sua passagem por entre *mangues*, singularissimos *palétuviers*, de que tanto nos fallam Dutroulau e T. Hutchinson.

Passada a ponta do sul da praia Melão ha uma boa enseada com praia accessivel e agua de uma boa ribeira. Para Cunha Matos é a melhor da ilha. É este o celebre rio Manuel Jorge?

Enseada de Santa Anna — Tem um ilhéu, cortado em duas porções desiguaes e coberto de arvores.

A praia correspondente a esta enseada fica adjacente á villa de Santa Anna, cujos habitantes tiram agua de um regato, e de uma fonte que não ficam longe.

Antes de se chegar á villa de Santa Anna encontra-se a praia Almoxarife, onde vem desaguar o rio Clara Dias. É notavel esta ribeira, porque serve de baliza ás terras da fazenda agricola do fallecido barão de Agua-Izé.

Mecia Alves — esta praia não tem rio?

Praia Rei, Agua Toldo e Engobó — são praias que jazem n'esta costa, aonde vem desaguar alguns rios formando no seu curso caxoeiras.

Angra de S. João — tem algumas ribeiras. Nas terras vizinhas vivem os angolares.

Ilhéu Grande — Notâmos este ilhéu, como baliza para se procurar a abertura do canal subterraneo que, segundo dizem, atravessa a ilha.

Seguem-se algumas praias com os seus rios até se deparar a praia de Martins Mendes, a qual tem um rio que forma uma catadupa. R. J. da Cunha Matos em 1800 propoz-se ir vel-a, e esteve em perigo á entrada da barra.

Da praia de Martins Mendes para o sul ha ainda outras praias e alguns rios, sendo o maior de todos a Ribeira Peixe.

Muito em resumo e segundo o tempo e a natureza d'este trabalho o permittiram, fallámos dos rios de S. Thomé [1], fazendo a sua enumeração a começar do rio Agua Grande, que despeja as suas aguas na bahia de Anna de Chaves, seguindo pela costa do norte, costa de oeste, do sul e de leste. O que dissemos porém é sufficiente para dar idéa da abundancia de ribeiras que existem n'uma área de 270 milhas quadradas.

No tempo das chuvas sáem todas as ribeiras fóra dos seus leitos, encharcam-se as suas margens, que depois se podem tornar em outros tantos focos de infecção, mais ou menos prejudiciaes, segundo a natureza do solo e da vegetação nos logares em que as aguas estagnarem e formarem charcos.

Depois do que deixâmos dito, é bem facil de conhecer que a ilha de S. Thomé abunda em agua potavel. Póde beber-se sem receio da agua

[1] Procurámos averiguar qual era o maior rio da ilha, e não o podémos saber com certeza. Querem uns que seja o rio Agua Abbade, que corre para a angra de Mecia Alves; dão outros preferencia ao Manuel Jorge e ao Agua Grande. Cunha Matos refere, como tradição, que o maior rio da ilha desemboca na praia Rei. Parece que as denominações Manuel Jorge e Agua Abbade são de data posterior a 1815 e até a 1844, porque nem Cunha Matos nem Lopes de Lima fallam em taes nomes.

de qualquer ribeira, sendo apanhada em hora conveniente e bem filtrada. Citâmos por exemplo a agua do rio Agua Grande, e a do Rio d'Ouro.

Os habitantes abastecem-se de agua no rio que atravessa a cidade, e vão buscal-a de noite para não apanharem agua quando as lavadeiras estão a lavar no rio!

É triste, mas é verdadeiro!

N'este rio lavam-se as roupas, fazem-se despejos de lixo e de immundicies, levam-se os animaes a beber, e tira-se agua para usos domesticos.

Não é só na cidade que isto se observa; vê-se o mesmo em muitas outras partes.

Com as primeiras chuvas o humus é arrastado pelas enxurradas para o rio, que se carrega de particulas vegetaes e animaes, e as conduz até á sua foz. As chuvas duram oito mezes, e portanto o curso do rio é quasi sempre muito perigoso á saude.

Não nos admira que appareçam as tristemente *celebres* carneiradas, as dysenterias malignas e as febres de mau caracter logo depois das chuvas.

A agua do rio Agua Grande é passada por filtros de pedra, importados de Loanda, e fica limpa.

São muito convenientes estes filtros, todavia não se encontram onde são mais necessarios, como nos quarteis, nas prisões e em outros logares sujeitos á acção do governo.

Gastar-se-ia na acquisição de um filtro, mas não se despenderia na botica e no hospital com remedios e dietas!

Ao fechar este capitulo, que desenvolvemos sob o titulo geographia, parecia natural notar os melhoramentos que as boas condições de salubridade demandam; deixâmos porém esse assumpto para outra secção, attenta a divisão das materias que adoptâmos, em conformidade com a respectiva lei.

Não fazemos a descripção especial de algumas quêdas de aguas que se notam em varias partes da ilha, e cuja existencia não admira, se attentarmos na fórma que ella apresenta na sua superficie, pois é montuosa na sua parte central, os seus terrenos formam declives, contêem planicies, aberturas e encostas, e ha n'elles cumeadas habitaveis. Imagine-se uma enorme montanha cuja base assente nas profundidades do mar, apparecendo á superficie d'elle *na circumferencia de 72 milhas*, e subindo desde ahi até uns 3:200 metros, e far-se-ha idéa da ilha de S. Thomé.

Desde o nivel do mar até á sua parte mais alta, nas encostas d'estas montanhas, existem nascentes de agua que vão descendo, formando cachoeiras, cascatas, catadupas e quêdas de agua de todos os tamanhos e feitios.

O rio Agua Grande forma perto da cidade a quéda de agua conhecida pelo nome de *Blublú;* o Rio d'Ouro dá origem a cascatas e cachoeiras; o que passa no logar da Magdalena vae formar na fazenda Allemanha uma linda quéda de agua. Em algumas praias alguns rios precipitam-se de grandes alturas.

Ha ilhéus notaveis em torno da ilha.

O ilhéu das Rolas não tem tido agua doce. Dizem que ha, no meio quasi, dois olhos de agua que communicam com o mar. Hoje não pertence ao estado.

Tem um poço de agua, vivem n'elle libertos e um feitor, e pertence a um proprietario da ilha[1].

É notavel este ilhéu por ficar a sua extremidade sul debaixo da linha equinocial; dista da ilha meia milha, e separa-o um canal de 6 a 10 braças de profundidade. A sua circumferencia tem cerca de uma milha.

O ilhéu das Cabras, *cellado* no meio, não é habitado. Fica ao norte da ilha, defronte de Fernão Dias[2].

Entre o ilhéu das Cabras e a ilha fica um canal navegavel por canôas. Faz ali o mar alguma arrebentação; e se dermos credito ao que nos contaram, parece que houve o projecto de se fazer uma communicação da costa da ilha fronteira para o ilhéu. Com este fim foram lançadas muitas pedras no canal, o que hoje lhe causa damno pelo muito mar que ali se levanta.

Este caso revela bem a vaidade dos homens opulentos da ilha no tempo passado, os quaes nem um só melhoramento nos legaram, mas tentaram por capricho muitas obras inteiramente inuteis.

Todas estas minuciosidades e outras não menos importantes merecem attenção para um estudo especial da topographia, que não podemos fazer aqui; mas não fecharemos este capitulo sem transcrevermos alguns extractos do livro de Lopes de Lima, que merecem ser repetidos mil vezes. Com elles temos por fim estimular os commerciantes de Portugal, e provar que os capitaes devem dirigir-se para aqui, poisque merece pro-

[1] Procurámos informações d'este ilhéu. Soubemos que abunda em coqueiros, tem porcos e cabras. A sua terra é fertil.

Tivemos sob o nosso tratamento medico um europeu que esteve no ilhéu algum tempo. Vinha em miseravel estado, apresentando algumas vinte ulceras atonicas, assás largas, por todo o corpo.

[2] Tentou-se uma viagem de recreio ao ilhéu das Cabras. Para isso mandaram-se algumas pessoas reconhecer o logar de desembarque, escolher o sitio para se passar o dia e levantar algumas barracas para se fugir do calor.

Os mensageiros chegaram, desembarcaram, mas não poderam demorar-se, em consequencia da multidão enorme de mosquitos que os assaltaram! Foram obrigados a retirar, e a viagem de recreio effectuou-se na formosa praia Fernão Dias.

(Notas do relator.)

tecção e preferencia esta ilha, que na sua suprema decadencia apresentava as condições seguintes, as quaes em 1869 centuplicaram!

«Tal é a fertilidade d'esta preciosa ilha, que o pouco de seu solo actualmente (1844) cultivado, alem de alimentar seus habitantes, abastece, quantos navios ali aportam, de mantimentos de matalotagem, taes como farinha de mandioca (de que vae tambem alguma para Angola), milho, feijão, inhames, batatas, etc., mesmo de fructas, hortaliças, e tambem de gado vaccum e lanigero (de que ha muito na ilha, sem comtudo ser barato) e gallinhas, porcos e cabras, que se compram a muitos bons preços, afóra outras creações e refrescos, e ainda exporta para os mercados da Europa cerca de 10:000 arrobas de café pilado e umas 800 a 1:000 arrobas de cacau [1].

«A ilha de S. Thomé possue um dos mais pingues torrões do universo, que nunca careceu nem carece de estrumes, banhada de copiosas ribeiras, assombrada de frondosos arvoredos, e na posição mais invejavel para n'ella se aclimarem todas as preciosas plantas equatoriaes, alem d'aquellas que tão bem tem produzido; faltam-lhe porém as grandes emprezas ruraes, braços e cabedaes;» e nós acrescentâmos: boa vontade para a elevar á consideração, riqueza e salubridade de que ella é capaz».

Os esforços dos poderes do estado devem convergir todos para pôr em segurança a vida dos empregados, dos colonos, dos negociantes e dos soldados. Isso bastará para o commercio se animar, a agricultura florescer, e para os capitaes procurarem uma terra tão productiva.

[1] A exportação de café e de cacau em 1869 foi muito lisonjeira, e mostra bem até onde esta fertilissima ilha póde chegar. Não são para aqui longas considerações e estatisticas d'esta ordem, aliás verdadeiramente uteis e importantes, e por isso apenas mencionaremos o seguinte:

No anno de 1869 a alfandega da ilha de S. Thomé rendeu 30:612$075 réis, correspondentes ao capital de 320:783$860 réis em generos de exportação. Cumpre notar que a ilha está sómente cultivada em um terço da sua área, pouco mais ou menos, e que se perde muito café por falta de trabalhadores.

O capital que representa o movimento commercial da alfandega foi de 453:583$407 réis, deixando o rendimento de 43:827$040 réis.

Os rendimentos publicos da ilha, reunidos todos, chegam a 80:000$000 réis por anno, não se tendo promulgado em favor do commercio, agricultura e da saude publica medida alguma fecunda que concorresse para trazer a ilha a este estado. Como são eloquentes estes dados! Em 1844 exportaram da ilha 10:000 arrobas de café. Note-se isto bem.

Dez annos depois, pouco mais ou menos, exportava-se o triplo. De 1858 a 1861 sahiram da ilha 50:000 arrobas!

Em 1869 exportaram-se muito mais de 80:000 arrobas!!

Que espantosa fertilidade!

Emquanto finalmente o estado da saude publica da ilha for o actual; emquanto a vida dos empregados e dos colonos estiver exposta ás continuas causas de doenças malignas, que ainda em 1869 fizeram tantas victimas, não será possivel mudar o estado de cousas n'esta ilha.

É bem digna de melhor sorte!

CAPITULO II

Condições physicas e moraes dos habitantes de S. Thomé

> Les rois et leurs ministres ne sont pas les seuls qui puissent tirer des connaissances d'un tableau de population. On y trouve l'indication des époques, des saisons, des mois climateriques, de la durée de la vie humaine, selon les âges, le sexe et les contrées, des causes apparentes de mortalité, de l'influence que peuvent avoir le climat, les aliments, les lois, les mœurs, les professions, les usages, sur l'accélération ou le retard du dernier terme; enfin des progrès ou des pertes de la population.
> (Moheau, citado por A. Tardieu, *Diccionario de hygiene e de salubridude publica*, artigo «População».)

I

Considerações geraes

Vamos descrever a largos traços as condições physicas e moraes dos habitantes da ilha de S. Thomé. É este um dos assumptos importantes, que serve de base ao estudo da hygiene publica e da salubridade d'esta ilha, cujo estado actual pretendemos mostrar com toda a exactidão [1].

Ha duas questões muito importantes a estudar para cabal desenvolvimento do assumpto d'este capitulo. N'uma trata-se das raças, com o fim de determinar se o genero humano tem uma unica origem, ou origens differentes; outra occupa-se dos individuos que habitam o mesmo paiz, vindo de um ou de outro ponto do universo. Estas questões auxiliam-se por tal fórma, que não se póde desenvolver uma sem conhecer profundamente a outra.

Subdivide-se cada uma d'ellas em questões secundarias e importantes, de que sabios escriptores se têem occupado. Não nos é permittido de modo algum demorar-nos em divagações, quando não podemos adiantar cousa alguma em presença das discussões dos homens da sciencia.

[1] Em tudo quanto se contém no capitulo II não nos referimos á população ambulante. As condições que a respeito d'ella temos de fazer pertencem aos capitulos III VI e VIII, e ali as desenvolveremos com a circumspecção que exige tão importante assumpto. Sob a denominação *população ambulante* queremos abranger sómente as pessoas que vem á ilha para cumprir certas commissões de serviço publico ou particular, em tempo determinado. É uma população de passagem. Ha para ella as regras de conservação pessoal e não de familia. Esta classe de individuos corre muito risco, e precisa de boa direcção hygienica.

Não entrâmos por isso na primeira questão, a que acima alludimos, sem deixar comtudo de mostrar as nossas idéas, unindo a nossa voz á d'aquelles que proclamam *o reino hominal* como tendo uma unica origem.

No que diz respeito ao estudo de uma população, ha muitos pontos a determinar. Propõem-se uns a examinar *a influencia das condições physicas e moraes de um povo sobre a sua longevidade*, estudam outros *a natureza de um clima em relação aos seus habitantes*, ou a influencia do trabalho sobre a prolongação da vida; seja porém qual for o thema a desenvolver, esforçam-se todos em investigar bem as leis que regem os movimentos da população de qualquer paiz. Essas leis, diz Tardieu, não podem ser desconhecidas do hygienista, porque estão estreitamente ligadas ás condições da vida humana, a diversas circumstancias morbificas ou a outras quaesquer que porventura possam abreviar-lhe a duração; e claro está que sem o conhecimento das condições physicas e moraes de um povo não se podem fazer regimentos hygienicos praticamente exequiveis.

Ao dizermos algumas palavras ácerca da população d'esta ilha, ou antes ao esboçarmos as condições physicas e moraes dos seus habitantes, julgámos vantajoso respigar nas folhas da sua historia alguns elementos que nos sirvam de base ao fim que procurâmos attingir. Este methodo, reunindo a imparcialidade á exactidão, tem a vantagem de nos fazer assistir á evolução da população de S. Thomé em todos os periodos da sua existencia—no seu estado primitivo, no seu augmento, prosperidade, decadencia, rehabilitação e estado actual—1869.

Na ilha de S. Thomé não havia habitantes na occasião da sua descoberta. Attesta-o a historia. É forçoso por conseguinte ir procurar os primeiros povoadores da ilha, assignar-lhes com exactidão a sua procedencia, e seguil-os depois seculo por seculo, já que o não podemos fazer anno por anno.

Fixemos finalmente bem o assumpto d'este capitulo.

As condições physicas de um povo, isto é, o seu temperamento e constituição media, a sua longevidade ou a sua maior ou menor duração da vida, problema fundamental tanto para um individuo como para uma nação, estão directamente ligadas ao estudo das profissões, da alimentação, vestuario, habitações, etc., d'esse povo, assim como tambem as suas condições moraes requerem o estudo da sua religião, costumes, linguagem, caracter social, intellectual, etc. Ahi ficam indicados alguns dados particulares para a resolução da questão principal, *a salubridade absoluta da ilha de S. Thomé.*

Não faremos um trabalho completo; traçaremos apenas os delineamentos para outros estudos de maior alcance.

Differentes escriptores se têem occupado de descrever esta ilha:—um

piloto portuguez em 1550, Raymundo José da Cunha Matos em 1815, José Joaquim Lopes de Lima em 1844. Não nos permitte a nossa especialidade escrever com a proficiencia de taes chronistas; mas em objecto de saude publica é este o primeiro trabalho que se publica ácerca da importante ilha de S. Thomé.

II

Evolução da colonia, seculo por seculo, até ao anno de 1869

A descoberta da ilha de S. Thomé data do ultimo quarto do seculo XV. Marca-se, como mais provavel, o dia da sua descoberta em 21 de dezembro de 1471, dia do apostolo S. Thomé[1].

N'este dia, João de Santarem e Pero de Escobar, tendo passado alem do golfo de Benim, entraram no golfo dos Mafras, e a 21 de dezembro avistaram uma ilha alta, grande e coberta de arvoredo. Pensando em alargar e estender os seus descobrimentos, os navegantes portuguezes do seculo XV não deram grande valor á ilha de S. Thomé, e só quinze annos mais tarde se começou a mandar para aqui povoadores. Pelo seguinte trecho se póde avaliar bem o modo e as circumstancias em que os mandavam:

«Com filhos de judeus de Hespanha, baptisados antes de saírem de Lisboa, e negros (idolatras ou mahometanos), que se baptisavam apenas chegavam á povoação, foi principalmente povoada, no principio, a ilha de S. Thomé, alem dos degradados que se mandaram lá cumprir sentença, *aos quaes se mandou dar a cada um uma escrava para a ter e se d'ella servir, havendo o principal respeito a se a dita ilha povoar*[2]».

Aos europeus ajuntaram-se portanto os negros que foram obrigados

[1] Não é nosso empenho escrever a historia da ilha de S. Thomé; mencionâmos os factos e as epochas conhecidas; coordenâmos o que nos interessa segundo o plano do nosso trabalho.

[2] Tirámos estas poucas linhas da estatistica de Lopes de Lima, a pag. 53 da primeira parte, e a pag. 4 da segunda.

Custa a acreditar o que ali se lê!

Fazia-se passar um grande numero de individuos de um clima temperado para outro não temperado, e ás vezes em pessimas condições de salubridade, como a da ilha de S. Thomé, e não se tomavam as menores precauções para proteger a vida d'elles!

Só se attendia ao numero, mas caía-se no gravissimo erro de não se cuidar da saude geral e ainda menos da individual!

Uma colonisação assente em similhantes bases, não era colonisação, era a condemnação a uma morte certa!

a saír da costa continental[1] para esta ilha. A raça ethiope pura reunindo-se á raça branca[2] devia dar pelo cruzamento uma nova geração importante; devia constituir a geração predominante da ilha de S. Thomé.

N'esta ilha porém estes elementos têem sido por tal modo heterogeneos, que no espaço de quatro seculos não chegaram a dar origem a uma variedade da familia portugueza, com linguagem clara, intelligivel e capaz de ser aperfeiçoada.

A perfeição da linguagem de um povo é, como diz um hygienista portuguez, o thermometro verdadeiramente seguro para se avaliar a sua civilisação e progresso. E que poderemos nós dizer da linguagem dos habitantes de S. Thomé?...

Sem linguagem propria não póde haver communicação de idéas; não póde haver nexo nem harmonia; não póde haver associação; falta por conseguinte a força e a capacidade, ou para se abraçarem as maravilhas do progresso, ou para se receberem com fé as promessas da civilisação.

Habitam os S. Thomenses um paiz fertilissimo e vivem pobres, vivem

---

[1] Nos foraes de S. Thomé concede-se aos seus moradores *resgatar escravos & quaesquer outras mercadorias que aver poderem nos cinco rios dos escravos* que *são além da nossa fortaleza de S. Jorge da Mina... e na terra firme tee o rio Real e ilha de Fernam do Poo.* (Lopes de Lima, introducção ao volume II, pag. VII, nota 3, referindo-se ao livro das ilhas existente na Torre do Tombo.)

[2] Não devemos envolver-nos em assumptos alheios a este trabalho, mas tambem não julgâmos dever empregar palavras sem definir o sentido em que as tomámos. Dizendo *raça,* não queremos dar a entender que o *reino hominal* tivesse origens diversas.

A este respeito temos principios definidos, e em coherencia com elles publicámos a nossa these para acto grande, precedida de uma extensa introducção, onde expozemos as nossas idéas.

Escrevemos então:

«O homem está collocado na grande e extensissima cadeia dos seres organisados. É facto admittido por todos. Não se confunda porém com nenhum dos seres creados. Pela força que os anima e vivifica tornam-se os homens inteiramente differentes de todos os outros seres; constituem um grupo com caracteres distinctos e exclusivos, devendo por isso formar um reino á parte: o *reino hominal.*

«O reino hominal, repito, *não tem especie vizinha nem consanguinea.*»

Foi a these que então procurámos demonstrar.

Para nós o europeu, o mongol e o preto são individuos de um mesmo reino, vivendo em paizes diversos. Assim como estes differem na sua constituição geognostica e meteorologica, dando caracteres exteriores aos individuos dos outros reinos da natureza: animal, vegetal e mineral; assim o homem que vive em Africa recebe diversas modificações do clima, a sua natureza accommoda-se ao meio em que vive, adquire algumas fórmas exteriores differentes das do europeu, mas sem isso querer dizer que a origem do preto e do branco sejam differentes uma da outra. O individuo que existir na Asia, America, Oceania, Africa ou Europa, occupando um clima excessivo, quente, temperado ou frio, ha de ter caracteres exteriores segundo innumeraveis circumstancias que o modificam, como adiante veremos. *(Nota do relator.)*

sem luz! Amam os naturaes a sua *cubata*, que transportam de um para outro logar [1], e ignoram completamente os beneficios que lhes resultaria de possuirem bons predios. Ha cem annos, ha dois seculos, eram assim!

E se o grande augmento de população serve para provar que um paiz é fertil e abundante, poderia dizer-se que a ilha de S. Thomé nem é fertil nem abundante, em presença do estacionamento ou da diminuição do numero dos seus habitantes. É o que se observa na apparencia?

A população d'esta ilha não corresponde ao seu grau de riqueza e de fertilidade!

Qual será a causa de tão estranho acontecimento?...

A historia nos dará a rasão, e a estatistica e os factos.

Ultimo quarto do seculo XV

Nos fins do seculo xv foi esta ilha erigida em capitania, sendo o seu primeiro povoador João de Paiva. Offereceram-se largas isenções e privilegios ás pessoas que com elle viessem povoar esta ilha. É o que se acha determinado por carta regia de 24 de setembro de 1485, sendo esta a primeira que se expediu a respeito da colonisação em S. Thomé [2].

N'esse mesmo anno, uns vinte e dois dias depois, foi dado aos colonos o seu primeiro foral, notavel pelas vantagens e liberdades que lhes concedia, podendo elles resgatar escravos e outras quaesquer mercadorias na costa banhada pelas aguas do golfo de Benim.

Tem este foral a data de 16 de dezembro de 1485. Ainda bem não tinham passado vinte e sete dias, novas vantagens e regalias eram concedidas em particular ao primeiro povoador João de Paiva e á sua familia.

Não foram porém felizes os primeiros povoadores. O proprio João de Paiva pagou com a vida o tributo que esse dragão terrivel, a infecção paludosa, vomitando as mais graves molestias que infestam esta ilha, tem feito pagar a centenares e centenares de portuguezes, cujo unico crime é o desejo de procurarem os inexhauriveis thesouros d'estes terrenos tão pingues!!

[1] Por algumas vezes assistimos á mudança de cubatas e á de casas de madeira, que podiam receber uma familia de seis a oito pessoas, tendo quartos, saleta e corredores. Tambem assistimos ao trabalho de as erguer, quando por acaso começavam a inclinar-se. Umas são de madeira totalmente, outras são cobertas de telha, e algumas ha tão pequenas, estreitas e baixas, que mais parecem habitações de animaes que de homens! Estão cobertas de folhas de bananeiras, e algumas são sómente feitas d'ellas! Não se devem permittir na cidade nem nas villas; as casas de madeira devem ser feitas segundo todas as regras da hygiene.

[2] São concordes n'esta data R. J. da Cunha Matos e Lopes de Lima, que cita o celebre livro das ilhas, folhas 109, na Torre do Tombo.

João de Paiva morreu; muitos outros caíram com elle.

Oito annos depois de João de Paiva, foi para S. Thomé João de Caminha, a quem a morte poupou por alguns annos. Foi este povoador quem lançou as bases de uma colonisação feliz, fazendo augmentar a riqueza, producção e importancia da ilha a tal ponto, que se tornou cobiçada em Lisboa.

No ultimo quarto do seculo xv foram estes os dois povoadores mais notaveis que entraram n'esta colonia.

Os primeiros colonos construiram algumas barracas de mesquinha apparencia na praia Anna Ambó, junto á ponta Figo na costa do norte. Alvaro de Caminha passou a povoação para o sitio em que hoje está, attenta a capacidade que apresenta a bahia que actualmente se denomina Anna de Chaves, nome que tomou uns cincoenta e tres annos[1] depois da fundação da nova povoação, hoje cidade.

Em tudo o que levâmos dito referimo-nos aos historiadores da ilha de S. Thomé, Raymundo José da Cunha Matos e José Joaquim Lopes de Lima, e por mais attenção que empregassemos, não podémos ler n'estes auctores uma unica palavra que desse a entender o estabelecimento da colonia em presença dos principios da hygiene, da rasão, e da conveniencia de alargar o commercio e augmentar a agricultura, sacrificando o menor numero de colonos que fosse possivel.

«Entregaram-se a Alvaro de Caminha os filhos dos judeus captivos, que se haviam separado dos paes, e baptisado, para que com elles e com muitos degradados, que para lá iam cumprir sentença, povoasse a terra de gente miuda[2].»

Eis-ahi a base da colonisação primitiva de S. Thomé.

Era incompleta e de pessimas consequencias, e só á força de muitos sacrificios se podia obter algum resultado.

Não tendo lido as cartas regias, foraes e regimentos que se fizeram e expediram da metropole no ultimo quarto do seculo xv, não podemos dar a esta parte do nosso trabalho o desenvolvimente que desejavamos.

O que conseguimos averiguar foi o seguinte:

Serem admittidos escravos a trabalhos forçados; fundarem-se roças ou granjas; dar-se principio á plantação da canna do assucar, vindo as pri-

[1] «Alvaro de Caminha morreu ao cabo de seis annos de uma administração benefica e creadora.» Foi elle quem fez transferir a povoação da praia Anna Ambó para o logar onde hoje está! A bahia da cidade devia ter o nome de Alvaro de Caminha e não de Anna de Chaves, nome conhecido só meio seculo mais tarde!

Não ha uma lapide, não existe um logar que nos faça recordar o nome de João de Paiva ou de Alvaro de Caminha!

Parece ser esta a terra do esquecimento!

[2] Lopes de Lima, parte 2.ª, pag. 4, volume da ilha de S. Thomé.

meiras da ilha da Madeira; edificarem-se muitos engenhos de assucar, em que se aproveitaram as ribeiras que existem na ilha; ser construida a igreja matriz; o commercio augmentar e alargar a sua acção pela costa vizinha; lançarem-se finalmente, vivendo ainda Alvaro de Caminha, as bases da colonia de S. Thomé, a qual foi sempre a mais notavel do golfo dos Mafras, como fundadamente escreveu o minucioso Lopes de Lima.

Em tudo o que diz respeito ao seculo xv não se falla em hospital, em casa de misericordia e em pharmacias! Não se offerece um unico melhoramento ácerca da salubridade da ilha em geral, nem ao menos da povoação!

Não agradou a localidade em que estava a povoação na costa do norte, na praia Anna Ambó, e por isso tratou-se da sua transferencia para um logar junto á bahia de Anna de Chaves, ou antes de Alvaro de Caminha. Os terrenos que lhe ficavam ao pé eram baixos, humidos e alagadiços (como ainda o são hoje) e tinham aguas encharcadas, lagôas e pantanos; todavia em nada d'isto se attentou!

Houve durante a vida de Alvaro de Caminha grandes commettimentos coloniaes, e nem uma só tentativa se fez em favor da saude publica!

Tratou-se de edificar predios, formar ruas, abrir praças; tudo era azafama na nova colonia, mas ficára totalmente olvidada a salubridade. Todos os melhoramentos que a humanidade, a prudencia, a boa fama da ilha mais altamente estavam reclamando, foram esquecidos.

Terminou d'este modo o seculo xv, e nós para concluir estas considerações, notaremos que entre os habitantes da ilha, nem os padres, nem os militares figuraram então como revolucionarios. Nos seculos posteriores representaram elles um tristissimo papel.

A ilha de S. Thomé por aquelle tempo rendia cada anno 100$000 réis! Sabe-se que os capitaes não avultavam como hoje; ainda assim estabelecida a proporcionalidade, vê-se o pouco que lucrava o estado em relação ao que devia lucrar.

Seculo XVI

Se o seculo xvi [1] foi o seculo de oiro para a ilha de S. Thomé, foi tambem n'elle que principiou a serie de fatalidades e desastres que a fizeram descer tanto, que ainda hoje se conserva abatida!

Se em 1504 se construiu o hospital da misericordia e estabeleceu a sua confraria, que el-rei D. Manuel dotou com muitos privilegios, sendo os ultimos concedidos pouco tempo antes da sua morte; se esse feliz monarcha promulgou para esta ilha muitas e beneficas providencias, dignas

[1] Grande foi o commercio d'esta possessão portugueza nos principios do seculo xvi, mantido pela avultada grangearia de seus assucares e pelo grosso trato de ouro, mar-

dos seculos mais illustrados; tambem um fatal incendio destruiu um grande numero de casas em 1512, e em 1517 appareceu a primeira commoção interna!

A cidade foi reedificada sem ter sido mui sensivel tão notavel perda. Tal era a sua riqueza e poder!!

Passou tambem esta occasião sem se effectuarem alguns melhoramentos em favor da saude publica.

Seria já n'essa epocha de grande beneficio a construcção de novos bairros nos logares mais altos e mais proximos á bahia, como são aquelles que ficam ao norte em excellentes posições. Nada se fez. Foi sempre má a sorte d'esta colonia![1]

E como se este desleixo pela salubridade publica não fosse sufficiente para retardar o progresso da colonia, começaram de apparecer manifestações de descontentamento, motins e revoltas, de que se encontra noticia no livro de R. J. da Cunha Matos:

«No dia 20 de janeiro de 1517 sentiu-se a primeira commoção intestina n'esta ilha: os mulatos e pretos escravos das fazendas *de uns fulanos Lobatos*, immensamente ricos, amotinaram-se e commetteram (ajudados de outros) grandes destruições.»

Os revoltosos foram obrigados a entrar na ordem, porém ficaram impunes, e os desastres e prejuizos que causaram não serviram de lição aos habitantes da cidade e aos capitães donatarios para se prepararem, e não se acharem despercebidos no caso de novas lutas, quer internas quer externas.

Para se fazer idéa da paternal solicitude com que os monarchas portuguezes attendiam ás necessidades dos habitantes d'esta ilha, procurando melhorar a sua posição, damos por copia o seguinte trecho:

«Succedeu que das escravas houveram alguns filhos dos colonos a quem as distribuiram, e porque os officiaes da fazenda já a esse tempo

fim, escravos, pimenta, malagueta e pau vermelho, que os portuguezes n'esse tempo faziam nos vizinhos rios do Gabão, Camarões, rio de El-Rei, Calabar, na ilha de Fernão do Pó, no cabo de Lopo Gonçalves, etc., etc., e S. Thomé era o emporio de todo este trafico. (Lopes de Lima, pag. 25, parte 1.ª)

1 Em 1777 escrevia com justissima rasão Jacques Lind na sua introducção ao *Ensaio sobre as molestias dos europeus nos climas quentes* (de que temos fallado), a pag. 5.

«On n'est pas moins convaincu de leur profonde ignorance (referindo-se aos portuguezes) sur les vraies causes des maladies dans ces climats quand on considère la mauvaise situation des lieux qu'ils avaient choisis pour y sonder leurs établissements.»

Jacques Lind fallou verdade, e para prova d'esta asserção attente-se na posição da cidade de Santo Antonio da ilha do Principe. Se a cidade de S. Thomé é má, pelo menos tem por onde alargar; ha excellentes posições bem proximas. Citaremos para exemplo a estrada da Madre de Deus.

estabelecidos queriam mostrar a exacção do fisco, procuraram tomar como escravos todos os pardos havidos das escravas. Chamaram os paes ao soberano, e este logo se mostrou segundo pae, libertando muito generosamente[1].»

A carta regia de 9 de janeiro de 1515 e outra de 24 de janeiro de 1517, declaram que as escravas fiquem livres com toda a sua descendencia, e nunca possam ser demandadas, ellas, nem seus filhos e filhas, como captivas de el-rei nem de pessoa alguma, e este mesmo beneficio se estendeu aos escravos machos, ficando declarados fôrros elles e seus descendentes[2].

Seguiu-se depois D. João III, e logo no principio do seu reinado passou esta ilha a ser governada em nome de el-rei. É esta uma das epochas notaveis na historia da ilha de S. Thomé; a sua administração começou a ter nova face.

Deram occasião a esta mudança varios excessos e violencias praticados pelo seu capitão donatario, João de Mello, o qual em castigo d'esses maleficios perdeu todos os seus bens, que foram encorporados nos proprios da corôa em 1522.

Treze annos depois foi a povoação de S. Thomé elevada á categoria de cidade[3], tendo já no anno anterior a sua igreja matriz sido erigida em cathedral. Foi no reinado de D. João III que a ilha de S. Thomé chegou ao seu maximo grau de prosperidade, importancia e riqueza.

[1] *Historia da ilha de S. Thomé*, R. J. da Cunha Matos, pag. 3. Transcrevemos este trecho na sua integra, porque elle deve ter para os portuguezes summa importancia.

[2] José Joaquim Lopes de Lima acrescentou as seguintes palavras ao que se lê no texto (volume II, 2.ª parte, pag. 7):

«Isto prova que os reis de Portugal seguiam desinteressadamente os dictames de uma util e sensata philanthropia em seus dominios, tres seculos antes que uma politica interesseira ensinasse essa virtude a nações que n'aquella epocha faziam vergar sob o jugo de um duro feudalismo os escravos brancos seus conterraneos, e que porventura ainda hoje traficam em homens e mulheres da sua propria côr.»

Temos visto accusar os portuguezes de negreiros nas Memorias que estão publicadas no *Univers Pittoresque*, volume III. Ahi deixâmos uma idéa do modo por que os reis de Portugal legislavam em tal assumpto no seculo XVI.

[3] Parece que um facto de tal importancia merecia alguma commemoração no dia 22 de abril, por haver sido com esta data que em 1815 se expediu tão honrosa carta regia, passada em Evora.

Tudo aqui fica esquecido!

Não ha um unico monumento publico, não se vê na casa da camara municipal um unico signal de recordação!! Não se festeja um só acontecimento, por mais importante e vantajoso que possa ser á prosperidade e consideração da ilha.

Em todas as cidades de Portugal trabalham com prazer para celebrar os faustos acontecimentos dos seus municipios; as camaras municipaes em S. Thomé não seguem este exemplo.

O titulo de cidade foi-lhe concedido expontaneamente pelo rei de Portugal, e a este respeito diz Cunha Matos:

«Erigido o bispado d'estas ilhas tratou o sr. rei de ennobrecer a povoação de S. Thomé com o titulo de cidade, do mesmo nome, e isto do seu motu proprio e sem que os moradores lh'o pedissem, mas só em reconhecimento dos seus muitos serviços no provimento das naus da India e armamentos contra os corsarios.»

Não se limitaram a estes os beneficios que os habitantes de S. Thomé receberam de el-rei D. João III. Contam-se muitos mais.

Foram revistos e examinados os privilegios antigos d'esta ilha, e, depois de grandes alterações a beneficio do povo, se formou o ultimo foral.

Foram determinadas as congruas do prelado, dignidades e conegos da cathedral.

Determinou-se que se lançassem os alicerces de uma nova igreja cathedral em sitio mais commodo que o da primeira [1].

Não se póde duvidar da attenção que todos os reis de Portugal sem excepção davam a esta ilha. É com prazer que se assiste á leitura das cartas regias, dos foraes e alvarás que se expediram da metropole para S. Thomé. Não se assentava a colonisação em principios verdadeiros e uteis, mas resolviam-se as questões segundo a sciencia economica d'aquelle tempo.

A historia patenteia-nos finalmente o estado de prosperidade a que tinha chegado a ilha antes do fatal anno de 1580, em que Portugal caíu sob o jugo de Hespanha. Foi o seu seculo de oiro, e o maximo grau da sua riqueza, em relação á sua decadencia futura e aos principios em que se assentava a sua colonisação.

Esta ilha póde elevar-se a muito maior grau de riqueza e prosperidade do que se elevou no seculo XVI, antes da terrivel catastrophe da metropole; póde triplicar o seu estado de riqueza actual e até chegar a uma posição muito mais prospera.

Não exagerâmos; fallâmos em presença de boas estatisticas. São considerações para outro logar. Aqui temos a deixar os topicos principaes por onde se possa avaliar bem o caracter dos habitantes de S. Thomé; só assim se poderá formar idéa do modo por que têem sido encarados os assumptos de saude publica e as cousas de interesse geral.

Parece-nos ter cabimento a breve exposição das desgraças que caíram sobre esta ilha durante o captiveiro de odiosa memoria, em que Portugal soffria e com elle as suas colonias. Inclue-se n'este periodo o ultimo quarto do seculo XVI, e quasi os dois primeiros quartos do seculo XVII; mas isso

[1] *Historia da ilha de S. Thomé*, R. J. da Cunha Matos, pag. 5 e 6.

não prejudica a nossa distribuição dos acontecimentos. Os que mencionarmos aqui não os repetiremos em outro logar.

O anno de 1580 foi verdadeiramente fatal. Prende-se n'elle o primeiro elo da cadeia das desgraças que sobrevieram a esta ilha, e que se tem prolongado até nós.

Succederam-se as calamidades publicas por tal fórma, que não se póde contemplar sem amarga dor a exposição dos acontecimentos.

O fogo destroe a cidade, e as ruinas são presa dos hollandezes. Lançam-se excommunhões a torto e a direito para tomar represalias e mostrar valentias. Apparecem revoltosos ao lado do preto Amador, e os habitantes vêem as suas fazendas em risco de serem destruidas, e as suas vidas em perigo. Escapam ás devastações de um revolucionario sanguinario, e vão caír sob as dos angolares. Não podem socegar um só dia!

É assassinado na presença das auctoridades o deão, e lançam-se pregões annunciando a pena de morte a quem ousasse contar tão horrendo crime! Os mais ricos proprietarios são obrigados a acarretar pedras pelas ruas da cidade, e um governador finge accidentes mortaes [1] para ouvir a opinião dos que o cercavam!

Depois de um incendio, as assolações do Amador; as destruições dos angolares [2] são acompanhadas dos ataques de esquadras inimigas, que em menos de quarenta annos aqui entraram duas vezes. A guerra interna, os estragos praticados pelos perversos, as crueldades e perseguições atrozes dos governadores e as devastações feitas por estrangeiros, tal é em resumo o quadro que offerece a historia á nossa contemplação durante os sessenta annos do captiveiro da mãe patria — 1580 a 1640 — duas epochas notaveis: lançaram-se n'uma as algemas que n'outra se despedaçaram!

Apartemos a vista d'este quadro que deixâmos como um parenthesis

[1] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 18, escreveu: «Os mais distinctos moradores carregavam pedras por castigo. Fingia o governador accidentes mortaes para ouvir a opinião dos que o cercavam, e quando realmente falleceu, ainda todos o duvidavam, apesar dos signaes decisivos da corrupção».

[2] Os angolares começaram os seus ataques e correrias antes do fatal anno de 1580. Eis o que se lê em Lopes de Lima, parte 2.ª, volume II, pag. 8. «Foi no anno de 1574 que os chamados angolares, negros bravos das montanhas do sul, fizeram sentir aos descuidados moradores de S. Thomé quanto perigo havia para elles na indifferença com que trinta annos antes haviam visto dar á costa nas Sete Pedras um navio de Angola carregado de escravaria, salvar-se esta a nado nas inhabitadas praias da Angra de S. João, acolher-se aos matos vizinhos, construir os seus quilombos nos alcantis das montanhas e propagar entre aquellas brenhas com toda a fecundidade africana; foram estes negros, já conhecedores de todos os passos das serranias, com seus filhos selvagens, robustos, na força da mocidade, os que no dito anno de 1574, de repente saíndo pelas terras de Mecia Alves, invadiram as roças vizinhas, talaram os cannaviaes de assucar, queimaram os engenhos, e levaram a audacia até acommetter a cidade!!»

no resumo historico que escrevemos. Voltemos aos annos de 1550. Consolemo-nos com as lisonjeiras narrativas das grandezas d'esta ilha.

«Em 1550 contava a cidade de S. Thomé de 600 a 700 fogos, afóra a muita gente que residia nos seus 60 engenhos de assucar, os quaes produziam 150:000 arrobas de assucar e mais, e esta conta se tira da dizima que se pagava a El-Rei, a qual de ordinario importava em 12:000 a 14:000 arrobas, apesar de serem infinitos aquelles que a não pagavam por inteiro, e era a terra de tanta valia, que n'ella habitavam muitos commerciantes portuguezes, castelhanos, francezes e genovezes[1].»

Tudo aqui respirava fausto, ostentação, grandeza e opulencia, e para o hospital da misericordia sómente havia uma tença de 10$000 réis annuaes!!

Era o caracter d'aquella epocha. Do que menos se tratava era da salubridade da ilha, da saude publica e do que a humanidade ensinou em todos os tempos.

Em nada se attendia á hygiene publica, e apesar de tão grave falta, prosperava a colonia. Deram-se de certo circumstancias, que nos abstemos de discutir e apresentar aqui; presentimol-as, a sua revelação está na tradição e nas chronicas d'esta ilha, mas não é nosso empenho escrever a historia dos acontecimentos publicos, e avaliar a sua influencia sobre o commercio e agricultura da ilha no seculo XVI. O nosso fim é mui diverso; e para terminar o que temos a dizer a respeito do seculo XVI, fazemos os seguintes extractos das obras publicadas pelos historiadores d'esta ilha.

«Já por este tempo (1519) os povos se queixavam das violencias dos governadores, tanto assim que se dirigiram ao throno, d'onde emanaram varias providencias a favor dos filhos dos judeus e seus descendentes[2].

«Já a intriga n'aquellas idades (1540 a 1544) vomitava a infernal peçonha com que inficionou os novos colonos e os seus successores, tanto assim que repetiam queixas sobre queixas aos pés do real throno, accusando-se reciprocamente dos mais atrozes crimes. Elles não só se constituiram soberbos e intrataveis, mas tambem queriam affectar independencia e soberania á testa dos immensos escravos de que dispunham.

«Mortes, incendios, assaltos, raptos, roubos, forças contra officiaes publicos, desprezo contra os governadores ou capitães, tudo era posto em pratica pelos poderosos habitantes de S. Thomé, verdadeiros regulos e tyrannos do seu paiz. As suas riquezas lhes fizeram commetter inauditas crueldades e actos de rebellião, que só a cobardia ou interesse deixariam ficar impunes[3].

[1] Lopes de Lima, loc. cit., pag. XIX, introducção.
[2] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 5.
[3] Ibidem, pag. 7.

«Não só os particulares commettiam excessos: os mesmos officiaes publicos foram d'isso accusados, principalmente os escrivães e tabelliães, que abusavam dos autos, livros e mais papeis, para beneficiarem os seus amigos e perderem os seus contrarios [1].

«A honestidade andava muito em desuso n'esta ilha (1558), e as mais egregias pessoas arrastavam um trem de concubinas ou conservavam o seu harem [2].»

A população de S. Thomé estava composta de escravos, de forros, de pardos, de europeus ou brancos e de pretos intrusos constituidos em republica. E no meio de tudo isto *o elemento padre*, em logar de ser um meio de paz, de concordia, de união, afastava, repellia e excommungava!

Uma população assim tornava-se realmente refractaria [3] ao progresso e á civilisação!

Ao fecharmos as nossas considerações relativamente á historia do seculo XVI da ilha de S. Thomé, diremos que o estado tirava d'ella réis 14:000$000 em cada anno. Podia receber maior quantia, se a fiscalisação fosse regular, assim o diz um chronista contemporaneo.

Seculo XVII

Pelos primeiros annos d'este seculo começaram a ter nome e adquirir importancia os estabelecimentos colonisadores do Brazil, e ao passo que

[1] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 7.

[2] Ibidem, pag. 9. No *Boletim do conselho ultramarino*, volume I da legislação antiga, que tão poucos documentos contém a respeito da ilha de S. Thomé, lê-se o seguinte:

«E porque he S. A. informado que algũs homẽs casados são amancebados, & algũas molheres solteiras estão por mancebas d'elles, & assi de clerigos & que há nisso grande dissolução na dita cidade & jlha entre os moradores della.... ha por bem e manda que daqui em diante os taes amancebados... paguẽ... dez cruzados. (Estabelecem differentes penas pecuniarias e por ultimo o degredo.) E outro si ha por bem & manda que as molheres da dita jlha, de qualquer sorte & qualidade que sejão não tragão daqui em diante as saias e pannos abertos por diante da cintura para baxo, como até agora algũas dellas os costumão vestir & trazer a modo de gentias. (Por um alvará de 9 de novembro de 1559—Vol. I, pag. 110).

[3] Procurámos destacar da historia os acontecimentos principaes e mais frisantes, que nos mostrem bem em relevo o caracter moral e intellectual dos habitantes de S. Thomé. Nem perdemos de vista as provas de protecção dadas pelos monarchas portuguezes, nem deixâmos passar um facto que mostre a indole da povoação. E por isso transcrevemos o seguinte trecho de R. J. da Cunha Matos, *Historia de S. Thomé*, pag. 7:

«Entre outros arbitrarios procedimentas conta-se o da rejeição de um governador a quem entregaram *(pro rata)* todos os soldos e interesses que podia fazer no decurso de seu governo, e o despediram com affectada urbanidade e verdadeiro desprezo, como muito moço para governar homens tão barbados como os moradores de S. Thomé.»

tudo ali prosperava, na ilha de S. Thomé pouco podiam as leis coercivas contra o abuso das auctoridades, e contra os motins dos habitantes, predominando sempre a intriga que uns moviam aos outros. Para cumulo de tantas desgraças, ás lutas fratricidas e internas, reuniam-se os saques feitos pelos estrangeiros, em cujo numero se devem contar os angolares!!

Repetiu-se então a emigração para o Brazil, já começada no seculo XVI pelos annos de 1574, em que succedeu a primeira correria dos angolares, na qual foram destruidos e queimados muitos engenhos «cujos proprietarios se passaram logo ao Brazil com as riquezas que lhes restavam, e bem depressa foram estes seguidos por muitos outros desgostosos e atterrados pelas successivas calamidades que acommetteram aquella miseranda colonia desde que começou a fatal dominação dos Filippes[1].»

A emigração tornou-se geral e quasi continua. Não havia obstaculos a oppor-lhe[2]. É incontestavel que a primeira causa da decadencia da ilha é devida á fatal cegueira de emigrar. Iremos a pouco e pouco apreciando esta influencia sobre os destinos da ilha. Assistamos com paciencia ao desenvolvimento dos acontecimentos.

No seculo XVII os padres querem ser dominadores, e apparecem as mais tristes scenas que póde archivar a historia de um povo.

«O cabido era turbulento, e ou porque o prelado estendesse a sua jurisdicção a mais do que devia, ou o cabido quizesse usurpar ao bispo a que lhe tocava, houve grandes altercações entre os subditos e o prelado, de fórma que este embarcou para Lisboa a queixar-se ao soberano[3].»

Por o que ahi se lê, avalie-se o estado do clero entre si á entrada do seculo XVII. D'este centro de paz saíu a guerra, a morte e a destruição. Não se podia degenerar mais de tão sagrada missão!!

O partido do clero não tolerava a auctoridade do governador, e «este, em logar de proceder pelos meios legaes, mandava formar autos contra os ecclesiasticos[4]». D'aqui provinham questões vergonhosas e conti-

[1] Lopes de Lima, introducção ao seu livro sobre S. Thomé, pag. 11.

Note-se bem o elevado numero de habitantes que havia na ilha em 1550. A superficie da ilha é de 270 milhas quadradas. Como se poderá conceber a existencia d'estes republicanos em tão grande numero, que chegava a assustar todos os habitantes da ilha?

[2] Com o fim de atalhar este inconveniente (desgraça immensa, diriamos nós) o soberano, entre outras graças, concedeu aos ditos moradores *os privilegios dos cidadãos de Evora*, por alvará de 16 de janeiro de 1606. Esta graça pouco effeito produziu. (Cunha Matos, loc. cit., pag. 13). O perigo era grave e precisava de certo de medidas energicas e fecundas. Quem as havia de promulgar em 1606, vinte e seis annos depois da fatal epocha de 1580?

[3] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 13.

[4] Ibidem, pag. 14. O governador perseguiu os ecclesiasticos, e os ecclesiasticos excommungaram-n'o!

nuas, e por vezes sanguinolentas; e desmoralisava-se o povo com taes exemplos.

«A 11 de julho de 1617 celebrou-se synodo diocesano. O governador assistiu ao synodo, mas, por se persuadir que a prudencia e a benignidade de que usava fazia atrevidos os seus subordinados, caíu em innumeraveis desatinos, e tornou o tempo do seu governo uma epocha de calamidades [1].»

É portanto evidente que o elemento padre e militar se repelliam constantemente, dando occasião a scenas tristissimas. Torna-se curioso pela sua minuciosa narração o livro de Cunha Matos.

Em 1626 aconteceu a fatal tragedia do assassinato do deão, cujos pormenores julgâmos do nosso dever passar em silencio, não só para sermos breves, mas por ser melhor lêl-os no original [2].

Á vista d'esta triste exposição e das revoluções dos angolares que se repetiam de vez em quando, estando bem recente o assalto dos hollandezes, era facil prever a ruina total da colonia, e a moralidade dos habitantes não podia ser boa, attentos os maus exemplos.

Saíam da ilha os fazendeiros poderosos e amigos da tranquillidade, e outros seguiam-nos por causa de maior lucro que se lhes antolhava nas terras de Santa Cruz.

Por um lado vemos a desanimação publica, e por outro as contendas constantes que os padres e militares fomentavam. E scenas d'esta ordem incutem por força no animo dos povos a falta de respeito aos superiores, acarretando sentimentos de vingança e de odio.

Não duvidâmos de asseverar que estes rancores e ardentes desejos de vingança que havia na ilha tinham influencia directa sobre a saude publica. Desenvolveremos este ponto em outro logar. Aqui deixaremos tão sómente consignado, que os bons sentimentos, a moral e a dignidade propria não existiam; havia só idéas de vingança, de rebellião e de malvadez. Taes mestres, taes discipulos!

Não descemos á exposição chronologica dos acontecimentos historicos anno por anno. Tomâmos os que se tornam mais salientes, e que servem para pôr em relevo o caracter moral dos habitantes da ilha de S. Thomé no seculo XVII.

Os hollandezes retiraram-se da ilha por capitulação quatro annos depois da expulsão dos Filippes do reino de Portugal. Foi o acontecimento de que mais se falla até 1673, em que a historia da ilha não é explicita.

Sabe-se que o governador que estava na ilha em 1673 foi excommungado!!

[1] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 15.

[2] Ibidem, pag. 15, 16 e 17.

Era esta a arma predilecta do partido clerical.

A entrada do novo governador poz termo ás contendas, e abrandou um pouco os animos.

Mas para o mal ser aqui perpetuo havia sempre dissensões a lamentar entre o ouvidor e o almoxarife, ou entre o cabido e o bispo; e para se generalisar esta vida desregrada reune-se-lhes tambem a camara que em 1783 tomou conta do governo da ilha. Desde então até ao fim do seculo foram lamentaveis os actos de represalias que os governadores, cabido, camara e bispo tomaram uns contra os outros[1]. Para o nosso fim limitâmo-nos a fazer o seguinte extracto, pois resume tudo o que diz respeito ao seculo XVII.

«O arbitrario e despotico modo de governar é o favorito d'esta ilha. Amor ou odio são as molas que de ordinario dirigem os passos de quasi todas as auctoridades; aqui não se consultam as regras de justiça nem se pesa o merecimento da causa. Quem primeiro falla ou dispende tem a rasão da sua parte. No mesmo dia, em que se apresenta um libello ainda o mais cerebrino e desarrasoado, e muitas vezes antes de se apresentar, concebe-se a sentença, que com effeito se lança nos autos sem reflexão e sem piedade. Fiados na pobreza dos homens ou na distancia do throno, commettem-se aqui as mais crueis e prepotentes semrasões por aquelles que são obrigados a sustentar a lei, defender os povos e reprimir os desacertos; os miseraveis gemem no fundo de negras masmorras sem haver juizes que se lembrem d'elles. Os homens livres são acorrentados sem processo e sem motivo: as capturas multiplicam-se á vontade dos injustos captores; a intriga reina entre todas as ordens; a innocente palavra *zêlo* cobre os mais loucos e ferozes planos, em que só interessa quem os inventa; a phrase *convem ao real serviço* é usada a torto e a direito n'aquellas operações, em que só reina odio ou capricho ou a lisonja; finalmente, n'esta ilha a despotica e arbitraria administração de alguns agentes publicos podia mettel-os na ordem dos mais insolentes bachás, e a varios governadores na classe dos mais perversos grão-vizires[2].»

Que podia aprender o povo com similhantes lições?...

—Faltava o amor á patria.

Fugiam os principaes habitantes da ilha, levando os seus cabedaes e *alambiques*, deixando as terras ao abandono e as casas dos engenhos *até sem telhados*.

— Não havia humanidade.

Um monarcha portuguez funda a irmandade da misericordia, e sob os seus auspicios edifica-se um hospital. Os habitantes olham para isto

[1] R. I. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 22 a 27.

[2] Ibidem, pag. 18.

com indifferença. Para elles a existencia de hospitaes e de casas de saude é completamente indifferente!

—Não ha respeito aos superiores, não se toma por elles o menor interesse.

Os governadores, os altos funccionarios morrem apenas chegam á ilha, ou pouco tempo duram; e factos d'esta ordem não impressionam os habitantes. Não ha uma voz que se levante, exigindo que se estudem as causas de similhante mortalidade.

Vêem-se com prazer as lutas dos poderes publicos. Receiam-se as correrias dos angolares; ninguem resiste, fogem todos, levando tudo que podem!

Vêem os seus parentes, amigos e pessoas mais gradas ser fulminados por mortes repentinas, e não procuram quem as estude e indique o modo de destruir ou attenuar as suas causas: pelo contrario n'essas desgraças acham o meio de se saciarem, e investem-se logo na posse dos cargos dos seus amigos, ou entram na posse dos seus haveres no meio de aggressões, de insultos e de represalias de toda a casta!

Não ha exemplos de vida assim!

Em todas as cidades, em todas as provincias de Portugal, ha nos seus habitantes aspirações á gloria, amor á terra natal, á patria. Os exemplos de heroismo são frequentes, quando as necessidades publicas exigem o sacrificio de seus habitantes.

Se os cercam os inimigos, reunem-se para a defeza, auxiliam-se reciprocamente. Criam-se heroes. Em S. Thomé, pelo contrario, estes cidadãos de Evora não se unem, fogem; não se auxiliam, desamparam a terra que os viu nascer! Odeiavam-se uns aos outros, e não acreditavam em dedicações, em amor á familia ou ao seu paiz. Nunca se associaram para o bem commum!

A historia da ilha de S. Thomé no seculo XVII mostra com evidencia o que se poderia esperar dos seus habitantes no seculo XVIII, que passâmos a estudar.

Estas dissensões internas, esta desanimação geral traz após si a miseria, a pobreza, a fome e as doenças. A ilha de S. Thomé chegou no seculo XVIII á extrema pobreza e á extrema insalubridade!

Apresenta-se-nos rendendo uns 100$000 réis annuaes, progride, augmenta em riquezas e offerece ao estado uns 14:000$000 réis, e d'ahi desce no principio do seculo XVII, até render sómente 9:000$000 réis!!...

Seculo XVIII

O seculo XVII tão fertil em rixas internas, em desavenças, vinganças e perseguições passou, mas deixou os animos exaltados, as idéas de sub-

versão incutidas no espirito dos poderosos e dos grandes a ponto de se armarem contendas entre os governadores e os ouvidores, tão ridiculas que mal se podem acreditar. Estes lamentaveis acontecimentos podem ler-se no curioso livro de R. J. da Cunha Matos. Este escriptor a respeito dos factos occorridos no seculo XVIII tem o cunho da verdade, como historiador coevo. Conta o que elle mesmo observou, e n'esta parte, como no resta da obra, merece todo o credito. Lopes de Lima, referindo-se ao seu opusculo, faz-lhe elogio [1], e cita-o por muitas vezes.

O principio do seculo XVIII representa as consequencias das dissensões passadas. É caracteristico o trecho seguinte [2]:

«Os successos d'estes tempos foram amontoados de intrigas entre os membros do corpo capitular. Houve o requerimento dos *conegos pardos* [3]

[1] Julgâmos necessario dizer algumas palavras ácerca de Raymundo José da Cunha Matos, por isso que tomámos o seu livro como base do nosso trabalho antes do seculo actual. Eis-ahi o que sabemos:

A historia de S. Thomé por Cunha Matos foi inserta na *Revista Litteraria,* que se publicava no Porto. Vemn o volume XIII e IX. Constitue tambem um opusculo de 133 paginas, impresso na typographia da *Revista,* em 1842. Lopes de Lima, referindo-se a este opusculo, diz o seguinte: «Esta obrinha (concisa e mal polida, mas interessante e veridica) abunda em factos e noticias colhidas em boas fontes, e por isso não duvidarei cita-la mais vezes, comquanto no que respeita ao seculo XVI as suas datas nem sempre se combinem com os registos da Torre do Tombo, que eu tenho seguido fielmente».

Para se avaliar o tempo que este escriptor se demorou na provincia faremos as seguintes observações.

A 15 de agosto de 1797 chegou a esta ilha uma divisão naval portugueza composta da nau *Vasco da Gama* e da fragata *Cisne.* N'esta fragata esteve Raymundo José da Cunha Matos, de guarnição, como furriel da companhia de artilheria. A 12 de setembro foi para terra tomar conta do commando da fortaleza de S. Sebastião. Residiu na ilha até 1804, como elle confessa a pag. 45, dizendo que a 2 de fevereiro d'este anno partíra para Lisboa. Em 1805 entrou em S. Thomé, e ahi se demorou até 1815, como declara a pag. 48 e 132 do seu livro.

Um escriptor francez, J. Sigaud, publicou em 1844 um importante livro ácerca do clima do Brazil e das suas molestias. N'este livro falla por varias vezes do marechal Raymundo da Cunha Matos, citando com elogio uma outra obra sua, *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará.* Deve ler-se a obra de Sigaud a pag. 73, especialmente.

Pela nossa parte em S. Thomé procurámos a familia d'este escriptor, pedindo-lhe esclarecimentos para nos habilitarmos a continuar o seu trabalho historico-geographico desde 1811 até 1869. Mandaram-nos escrever para o Brazil, ponderando que só ahi podiamos encontrar os esclarecimentos que pediamos. Não esmorecemos no empenho, a fim de dotar esta ilha com uma historia completa, precedendo-a com a biographia do seu primeiro historiador.

[2] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 32.

[3] «Por alvará de 10 de agosto de 1520 se declara que os mulatos podem servir quaesquer officios como os brancos, e isto foi confirmado por alvará de 27 de agosto de 1546.»

que não queriam que entre elles se admittissem pretos, e o d'estes contra aquelles, mostrando que não cumpriam os seus deveres, e que todos eram bastardos.»

Por aqui se póde avaliar da relaxação a que o clero havia chegado.

Ao ler-se a historia d'este seculo vêem-se as commoções internas succederem-se umas após outras, e concatenarem-se constantemente de um modo verdadeiramente tetrico. Não se póde acabar a leitura sem derramar lagrimas de dor sobre a sorte da ilha, que caminhava a passos agigantados para a sua ruina completa.

Em 1709 surge em frente d'ella uma esquadra franceza; toma a fortaleza; saqueia o cofre real, e exige 20:000 cruzados aos habitantes da ilha!!

Os negros Minas amotinam-se e praticam crueis hostilidades.

Levantam-se guerras e perseguições entre a camara e o desembargador por causa do governo da ilha!

A camara queria governar só, e, sabendo que o ouvidor ía para as bandas da fortaleza, acompanhado por dois officiaes da fazenda real, mandou disparar tiros de rebate; acudiram os moradores parciaes da camara, e o ouvidor vendo-se em perigo metteu-se em casa, disposto a defender-se[1].

O partido clerical excommungando a torto e a direito, a camara fomentando intrigas, os governadores ameaçando o ouvidor, e o ouvidor retribuindo-lhe iguaes ameaças, foram os entretenimentos favoritos de todas as auctoridades superiores da ilha de S. Thomé, até que no anno de 1741 um governador desesperado ameaçou os potentados de S. Thomé, jurando-lhes que deixaria o governo, mas a capital seria mudada para a ilha do Principe[2].

O alvará[3] de 15 de novembro de 1753 mostrou que o vaticinio do governador assentava em boas bases.

Foi pois a capital da provincia de S. Thomé, Principe e suas dependencias estabelecida na ilha do Principe em 1753! No alvará que manda mudar a capital da provincia allude-se á pouca salubridade da cidade de S. Thomé e *a um facto gravissimo,* que mais valia não ser lembrado do que fallar-se n'elle!

Sabe-se que a morte de alguns governadores e de outros empregados é rapida na cidade de S. Thomé, e a providencia que se tomou foi a mudança das auctoridades superiores para a cidade de Santo Antonio da ilha do Principe, então villa, a qual não era menos insalubre!

[1] Cunha Matos, loc. cit., pag. 37.
[2] Ibidem. pag. 33.
[3] *Boletim do conselho ultramarino,* legislação antiga, pag. 426, volume I.

Acceita-se o facto, tal como elle se apresenta[1]. Explical-o é impossivel.

A' mudança da capital, nem foi remedio para tantos males, nem castigo para os facciosos. Foram as auctoridades superiores para a ilha do Principe[2], mas o systema de vida que se empregava em S. Thomé persistiu do mesmo modo.

Os annos que decorreram até 1770 foram assignalados por intrigas, enredos e desordens entre o cabido e mais ecclesiasticos, camara, capitães móres, ouvidores e povo[3].

Quando os membros da camara não estavam em guerra aberta com as mais auctoridades, atacavam-se uns aos outros; os ecclesiasticos tinham igual procedimento. Não havia treguas possiveis; era continua a luta entre governadores, camara, bispo, ouvidores e cabido!!!

Estes cinco factores da ruina e da desgraça da ilha de S. Thomé, cada um d'elles mais perverso, intrigavam-se sempre para alcançar o poder! Se a camara queria governar procurava entre o povo quem a auxiliasse, e não descansava emquanto não supplantava os seus antagonistas!

Estar no governo era o fim principal dos partidos.

Um d'estes colossos foi aniquilado; o senado da camara nunca mais succedeu no governo da provincia. As muitas delapidações, concussões e peculatos que commetteu durante dois seculos foram vingados por decreto de 23 de julho de 1770[4].

[1] «A serie não interrompida de desordens, intrigas e desconcertos moveram talvez o animo de El-Rei D. José, ainda mais do que *a allegada differença de salubridade*, a transferir a capital de S. Thomé para o Principe.»

Lopes de Lima procurou dar esta explicação da mudança da capital, a qual não satisfaz; é impossivel haver um só homem de boa fé que diga ser a cidade da ilha do Principe menos insalubre que a de S. Thomé.

O alvará de que se trata resa assim:

«Eu El-Rei faço saber que, por me ser presente que a situação pouco sadia da cidade de S. Thomé faz que se não possa conservar n'ella a cathedral e o governo, sem prejuizo do serviço de Deus e meu; porque os bispos, governadores e ministros, ou vivem muito pouco tempo ou estão enfermos sempre, que não podem cuidar com a devida e necessaria applicação nas obrigações dos seus empregos... e pelo desejo que tenho de melhorar a dita conquista, e evitar aos vassallos que n'ella me vão servir os encommodos que até agora experimentavam: Fui servido e hei por bem ordenar que o governo se mudasse de S. Thomé para a ilha do Principe, etc., etc.»

[2] Esteve a capital na ilha do Principe até 1852, em que passou para S. Thomé, depois de ser revogado o alvará de 1753; foi necessario um seculo para a expiação das culpas dos seus governadores e das auctoridades geraes!

[3] Cunha Matos, loc. cit., pag. 38.

[4] Ibidem. «Esta determinação, acrescenta este historiador, lançou por terra os interesses e a reputação do senado da camara, que d'ahi por diante ficou considerado um corpo morto, um objecto inconsequente.»

O nosso dominio já enfraquecido n'estas paragens reduziu-se a estreitos limites no anno de 1788. As ilhas de Fernão do Pó e de Anno Bom passaram para a Hespanha. Se S. Thomé estava aniquilada, as outras ilhas eram para nós como se não existissem!

Os acontecimentos apresentam-se por tal modo encadeados, e dando sempre em resultado tantas desgraças para os nossos riquissimos dominios do mar da Guiné, que compunge fazer a sua exposição, e por isso não nos demoremos a descrever os insultos e scenas vergonhosas passadas entre os governadores e os capitães móres. A relaxação havia tocado o seu ultimo termo[1]. Fechemos os olhos sobre o que se passou até ao fim do seculo. O que fica dito é sufficiente para dar idéa do caracter moral da gente de S. Thomé.

E que diremos dos seus rendimentos?...

A decadencia ía tocando o limite extremo. Era de esperar isto mesmo.

Vemos esta ilha saír do nada e subir ao cumulo da riqueza, mas riqueza material, infructifera, que não serve para infundir na alma o amor á patria e á familia, e as aspirações nobres e elevadas, que levam o homem a dar a vida em defeza da terra que o viu nascer, e em pró do que lhe é mais caro no mundo.

E ainda não era passado o seculo XVI, depois de subir tão alto em riqueza e consideração, vemol-a descer, descer até ao extremo do abatimento, da pobreza, sem deixar no decurso de duzentos annos exemplos de valor e dedicação.

Todos os povos attestam aos vindouros por exemplos de valor quanto se deve amar a gloria, e deixam reliquias venerandas do seu passado. São estimulo a novos feitos; na ilha de S. Thomé, porém, não existe um unico padrão de gloria, de recordação, de saudade, só apparecem aqui os effeitos da desunião e do egoismo!

Não existe um unico engenho de assucar de tantos que houve no seculo XVI!

Quem percorrer a ilha não encontra um unico vestigio d'esses estabelecimentos tão celebres no seculo XVI, e tomaria de certo por fabula o que ouve dizer, se a historia escripta por pessoas coevas não deixasse exacta informação a tal respeito.

No decurso do seculo XVI, XVII e XVIII não appareceu um unico homem natural da ilha, que se desse ao trabalho de escrever as bellezas da sua terra, ou a historia do seu passado, ou os feitos dos seus patricios!

[1] Veja-se Cunha Matos, pag. 39 e 40. É impossivel assistir á exposição de scenas mais vergonhosas do que as que se passaram entre os governadores e os capitães móres dentro das proprias igrejas!!

Vamos terminar as nossas considerações a respeito do seculo XVIII, completando-as com as seguintes observações, pelas quaes se poderá aferir o caracter dos habitantes de S. Thomé nos seculos passados. A historia auctorisa-as sem outra demonstração.

— Na epocha de maior prosperidade d'esta ilha não se formou associação alguma entre os seus habitantes, quer com o fim de proteger a agricultura, o commercio e as artes, quer com o de sustentar os pobres, acudir aos enfermos e soccorrer os infelizes.

— Nunca houve aqui a caridade christã!

— Não se edificaram casas de saude, nem se construiu outro hospital alem do que pobremente existia por conta da santa casa!

— Nunca houve aqui estabelecimento algum humanitario.

— Não se tratou da construcção de caes junto á alfandega, nem de estradas para o interior da ilha, nem de lançar pontes sobre os rios, nem do esgotamento dos pantanos.

— Nunca se emprehendeu obra alguma de utilidade publica!

— Não se crearam aulas publicas de bellas artes, de sciencias naturaes, ou ao menos de primeiras letras e de commercio!

— Não se chamaram medicos para estudarem as causas das terriveis molestias que tantas victimas faziam, e proporem os meios de as destruir ou attenuar.

No praso de trezentos annos não se aperfeiçoou a linguagem ou dialecto luso-ethiope, como se devia aperfeiçoar [1], nem se aprendeu a lingua portugueza!

[1] Não ha modernamente nação alguma, povo, familia ou ramo de qualquer familia que não tivesse por origem a combinação de elementos de diversa procedencia. Exemplifiquemos.

A familia lusitana constituiu-se sob a influencia de alguns elementos que se podem denominar greco-phenicio, ibero-celtico, e em parte carthaginez. Achando-se constituida esta familia, não deixou de receber a impressão dos romanos que pareciam elemento negativo. Foram repellidos por muitos annos, até que finalmente subjugaram á força ou pela astucia os lusos, modificando-os em parte. O typo primitivo conservou-se inalteravel em presença de taes embates, tornando-se mais perfeito e mais illustrado.

O imperio romano desmembrou-se; novos povos vieram incutir n'aquella familia outros elementos, e d'ahi provieram differentes modificações ao povo lusitano, que seria luso-latino-godo. O seu typo primitivo ficou firme, inalteravel sob as diversas modificações que lhe vinham de fóra, e assim foi atravessando os seculos, embora estivesse em contacto com os mouros e os judeus.

A familia portugueza é o producto de cinco factores differentes (os mais sensiveis); a sua linguagem organisa-se, toma uma fórma; no principio rude e tosca, passou gradualmente do periodo da formação ao da perfeição; appareceu emfim uma linguagem nobre, digna e apropriada a todos os grandes commettimentos litterarios.

Por circumstancias inesperadas a lingua portugueza começou a decaír; um circulo

Os conselhos da metropole foram sempre recebidos com indifferença, e por muitas vezes a boa vontade do governo em melhorar a sorte da ilha foi illudida pelos proprios interessados!

Nada mais triste que attentar nas successivas mortes de tantas pessoas de elevada hyerarchia, e não se tomar uma unica medida com o fim de modificar as causas *das carneiradas*, endemo-epidemias, tão mortiferas como susceptiveis de serem attenuadas.

Deixemos porém o passado, e vamos assistir á evolução de uma nova colonia. É para ella que escrevemos, e em favor d'ella diremos sinceramente a verdade em presença de factos e á luz da sciencia e da rasão.

Seculo XIX

Considerações geraes

O seculo XIX vae declinando para o seu ultimo termo. Importantes seriam as considerações relativas ao tempo decorrido d'este seculo, se este trabalho permittisse que nos alargassemos. Ainda assim tocaremos nos pontos mais essenciaes e que reputâmos de maior interesse.

Nos tres quartos do seculo XIX, quasi passados, devemos considerar alguns periodos, que epochas assás notaveis separam, e cuja serie de acontecimentos differe muito de uns para outros. Parece que a ilha desceu á extrema miseria para d'essa meta fatal começar a desenvolver-se a pouco e pouco, adquirindo algumas forças, e chegando ao estado em que hoje a vemos. Não é este o ultimo grau de prosperidade a que póde chegar,

de ferro cingiu os portuguezes; mas esse circulo foi quebrado, e a nação portugueza sáe brilhante de gloria, dando á sua linguagem novo esplendor.

Na ilha de S. Thomé apparece em primeiro logar o elemento portuguez; este aggrega a si o elemento ethiope. A raça ethiope e europêa, em presença uma da outra, por seculos successivos deviam necessariamente formar uma variedade da familia portugueza luso-ethiope, predominando o primeiro elemento; mas é o que não aconteceu.

Os dois povos que deixâmos nomeados repellem-se por tal fórma, que mais parecem estar em luta permanente, que constituirem harmonia, união e força. A respeito do seu producto, ouçamos Macedo Pinto no seu livro de hygiene:

«Esta raça ambigua, sem estado fixo, e talvez por isso mesmo prompta sempre para a revolta, despreza a raça negra, á qual se julga superior, e odeia a branca, talvez por a considerar superior a si; naturalmente indolentes e insubordinados, os mulatos têem-se tornado o flagello onde habitam.»

Em geral o hygienista portuguez tem rasão. As contestações que os mulatos fizeram por causa dos pretos, e os males que trouxeram á ilha vêem-se na historia. Em particular devemos estabelecer muitas excepções. Pede a justiça que assim o façamos.

Conhecemos familias illustradas e tão socegadas, que igualam completamente as familias europêas.

mas brevemente terá a sua verdadeira idade de oiro, se a sua agricultura, commercio e salubridade forem protegidas e efficazmente auxiliadas.

— O primeiro periodo deve comprehender os primeiros annos, desde 1800 a 1824, em que o governador João Maria Xavier de Brito veiu tomar conta do governo da provincia, achando-a *em extrema miseria!*

— O segundo abrange evidentemente os annos comprehendidos entre 1824 a 1844, em que por decreto de 14 de setembro foi creada a repartição de saude publica [1] n'esta ilha, melhoramento muito importante, e que a fará saír da barbarie em que sempre esteve desde o principio da sua colonisação!

— O terceiro periodo, finalmente, começa em 1844 e chega até 1869, que tomou conta do governo d'esta ilha Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes.

Primeiro periodo do seculo XIX

No primeiro periodo d'este seculo reproduzem-se as scenas dos dois seculos anteriores, que tão fataes foram a esta ilha. Era de esperar isto mesmo. Os vergonhosos acontecimentos que se deram nos ultimos annos do seculo XVIII tinham lançado raizes, e, como as más sementes, iam germinando e produzindo os seus pessimos fructos. Servem para envenenar o innocente; os maus e os perversos têem sempre a ganhar no meio de similhante corrupção. As victimas foram muitas; os martyres não faltaram!

No anno de 1800 assistimos ás rixas entre o governador e o capitão mór, em que interveiu o auctor [2] da *Historia de S. Thomé*, Cunha Matos. É tão ridiculo como singularissimo o seguinte acontecimento.

«O governador mandou tocar a rebate; ajuntaram-se as tropas e o povo, que chegariam a 2:000 pessoas. Apenas o capitão mór avistou o governador, encaminhou-se para elle na frente da guarda. O governador saíu-lhe ao encontro com as tropas e o povo para representarem um bello entremez. O governador e o capitão mór vinham adiante das turbas, in-

[1] «Na ilha de S. Thomé acha-se, para seguir o costume antigo, a verba de réis 240$000 para um cirurgião mór, que não ha. O decreto de 14 de setembro de 1844 tornará real (e queira Deus que elle seja executado em toda a parte sem demora!) a existencia de uma repartição de saude, que motive, não só a despeza dos cirurgiões e boticarios, mas tambem a de hospitaes, despeza abençoada que provará ao mundo inteiro que Portugal começa a olhar para as sua colonias com carinhosa fraternidade.» (Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 67.)

Os medicos em S. Thomé não podem satisfazer á sua missão, attenta a organisação interna do serviço e a falta de pessoal. Têem apparecido muitas instrucções ácerca de trabalhos medicos, mas têem faltado todos os meios praticos de os realisar.

[2] Cunha Matos, loc. cit., pag. 43 e 44.

crepando-se reciprocamente de ladrões, falta de subordinação, crueis, avarentos, mal creados e outras delicadezas do mesmo toque.

«Cheguei ao largo do palacio para ser espectador de tão brilhantes acções.

«O governador, voltando-se para mim, disse:

«—Sr. tenente, prenda este homem á ordem de Sua Magestade.

«—Camaradas, observem as ordens do nosso governador; prendam o sr. capitão mór.

«Os soldados tanto respeitavam as minhas vozes, como as do governador.»

Cunha Matos aproveitou a occasião de dar alguns conselhos ao governador, e este conflicto resolveu-se sem virem ás mãos as duas parcialidades.

São d'esta ordem as scenas que se apresentam no principio do seculo XIX.

A capital da provincia não estava em S. Thomé, e um dos elementos de discordia havia sido abalado.

O senado da camara não tinha força; as outras parcialidades desprezavam-no. Não podia subir ao poder! Ainda assim persistiam os elementos turbulentos.

No meio de tudo isto generalisava-se cada vez mais a miseria!

«No anno de 1803 fundou em S. Thomé o negociante José Antonio Pereira um estabelecimento rural e mercantil com feitorias na costa vizinha, onde os portuguezes são sempre bem acolhidos com preferencia a qualquer outra nação[1].»

Este emprehendimento foi mal succedido em consequencia da guerra que em 1807 poz a Europa em sobresalto. A côrte portugueza passou para o Rio de Janeiro. Soffreu a metropole, como não soffreria esta e outras colonias?!

A ilha de S. Thomé contentava-se com os fornecimentos de matalotagem; recebia alguns contos de réis da Bahia de Todos os Santos, e a sua fertilidade e boas aguadas sustentavam a concorrencia aos seus portos.

Não eram riquezas para durarem muito.

Em 1811 deixou-se de pagar o imposto dos escravos, e em 1822 acabou a receita que provinha do pagamento que fazia a Bahia de Todos os Santos.

A miseria extrema não tardou a envolver com o seu manto de farrapos uma ilha tão soberba, tão rica e tão indifferente pelo seu futuro!

Os motores da discordia, que tanto lhe apressaram a ruina, vão faltando um por um.

[1] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. XVI, introducção.

O cabido extinguiu-se por si mesmo. Os bispos deixaram de vir a S. Thomé pelos fins do seculo XVIII. O baculo, a grande cruz e as quatro massas foram mandadas recolher na casa da fazenda[1].

Vinha chegando a fome, acabavam as parcialidades sedentas do poder e de dinheiro.

«A camara, o cabido, os bispos, os juizes e os governadores viam-se em permanente hostilidade, o paiz dividido em perigosas bandorías, mortes, desacatos, roubos e toda a casta de calamidades[2]».

Os auctores da ruina de S. Thomé foram acabando uns após outros. Á camara seguiu-se o cabido e os bispos.

Ficam-nos os governadores e os capitães móres, mas os animos estão gastos. Vociferações de uns contra os outros tornam notaveis[3] os seus governos em S. Thomé, que está prestes a dar o ultimo signal de vida!

Qual poderá ser o caracter intellectual e moral dos habitantes de uma terra, que tem sido theatro de taes calamidades?...

A depravação, a incuria, a preguiça e toda a qualidade de vicios. E no meio de tal cortejo existem as doenças malignas, as doenças que matam em poucas horas os viajantes, como nos contou Jacques Lind em 1776!

Passaram os primeiros vinte e quatro annos do seculo XIX, estando a ilha arruinada, as facções aniquiladas. Havia miseria e doenças, vegetação esteril, e um paiz fertilissimo.

Cumpre-nos, ao terminar as considerações a respeito d'este primeiro quarto do seculo XIX, fallar de dois acontecimentos, á primeira vista de pouca importancia, mas que foram a salvação de S. Thomé.

—Pelos annos de 1799 a 1800 foi introduzida n'esta ilha a cultura do café.

—Em 1822 foi introduzida a cultura do cacau.

Se nos propozessemos escrever a historia de S. Thomé, fariamos minuciosas indagações para dar o nome dos introductores dos elementos da nova prosperidade d'esta afamada ilha.

1 Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 55.

2 Ibidem, parte 1.ª, pag. XII, introducção.

3 Em 1811 o governador L. J. Lisboa procurou estudar o estado da ilha, e deu uma descripção circumstanciada de tudo. Foi um governador activo e diligente. Em um officio dirigido ao governo disse este governador «que um governador em S. Thomé mandára demolir um forte por estar em terras de um compadre seu!»

Tendo nós apresentado a serie de irregularidades, de questões e de desacatos em que andaram sempre envolvidos os bispos, os governadores, a camara, o cabido e auctoridades administrativas da ilha de S. Thomé, pede a justiça que distinguamos as poucas mas honrosissimas excepções que se apresentaram. Nos capitulos competentes faremos especial menção d'ellas.

A agricultura, tendo por base as plantações de cacau e do café, deve fazer-se em grande ou em pequena escala, sem esgotar as forças do agricultor; só assim taes plantações podem ser seguidas de um exito brilhante. Não exigem grandes sacrificios ao principio; obtem-se o seu producto sem grande trabalho do lavrador. Era uma agricultura assim que convinha a esta ilha.

Estava a população extenuada, poucos meios havia, ou com mais verdade, não havia meios alguns para se tentarem emprezas commerciaes de qualquer ordem ou natureza. Os pobres fizeram o ensaio; a cultura do café e do cacau faz-se com poucos gastos, póde custear-se com poucos sacrificios, e tem o condão de dar animo aos pobres. Alguns mil pés de uma e de outra arvore são o bastante para se sustentar uma familia com decencia.

E que diremos nós d'estas culturas sob o ponto de vista de salubridade?

É melhor que a da canna do assucar, para a saude publica, a cultura do café, do cacau, do milho, dos coqueiros, das palmeiras, do algodão, etc., etc.

A salubridade de que presentemente ha vestigios n'esta ilha é devida principalmente ao genero de agricultura mais seguido. Temos boas rasões para assim o dizer.

As causas de insalubridade da ilha são as mesmas em 1869 que em 1800, em 1776 ou em 1700, nem uma só tem sido removida, considerando minima a que se poderia dar, estando o cemiterio no seu antigo local [1].

A ribeira que atravessa a cidade, formando um charco mixto, immundo, dentro da cidade, e expondo ao sol nas vasantes as suas margens cheias de detritos vegetaes e animaes, acha-se no seu estado primitivo.

— As ruas planas, cheias de depressões e a maior parte sem estarem limpas, e os quintaes sem cultura alguma, tendo bananeiras e vegetação prejudicial, existem hoje como nos annos passados.

—As casas feitas sem as menores condições de salubridade são a imitação das que foram construidas ha muitos annos.

—Os terrenos alagadiços, os pantanos, os charcos e as aguas represadas existem hoje como sempre existiram.

As doenças que tantas victimas fizeram na tripulação e officiaes do navio de guerra *Phénix*, em que veiu a S. Thomé, Jacques Lind, causaram ainda em 1869 alguns estragos, aindaque em menor escala e com

[1] Este importante assumpto faz objecto de uma Memoria publicada em 1861 pelo dr. Lucio Augusto da Silva, da qual fallaremos em outro logar.

menor intensidade. Em 1862 foram terriveis as endemo-epidemias n'esta ilha! Desde 1865 ha mudança sensivel na saude publica.

Alterou-se a constituição medica do ar n'esta ilha? D'onde provém esta mudança?

Trabalhâmos para dar uma resposta segura e bem documentada, mas não temos a menor duvida em dizer desde já que ao genero de cultura mais geralmente adoptado se devem tão notaveis modificações.

Não é assumpto para este logar.

Não nos consta que n'este periodo houvesse facultativo, e o hospital, que era da misericordia, achava-se em um logar muito insalubre.

Deve reputar-se este o periodo de maior abatimento e penuria em que caiu a ilha de S. Thomé, durante o seculo actual.

Segundo periodo do seculo XIX

No segundo periodo, em que separâmos o tempo decorrido do seculo XIX, a ilha de S. Thomé deixou de ter receita publica de alguma importancia, e ficou entregue aos seus unicos e exclusivos esforços. É por este estado que nós queremos demonstrar claramente o seu valor intrinseco.

O que deixâmos dito baseia-se no seguinte trecho do livro de Lopes de Lima.

«De então para cá (1822) os que conhecem a historia moderna da « nossa monarchia não poderão maravilhar-se que esta pequena colonia « tenha jazido por vinte annos deslembrada, inutil e na miseria, como « outras mais importantes, e *conhecida apenas* nos mercados da Europa « *pelo excellente café igual ao de Moka* [1].

Quem poderia suppor que depois d'esta ilha ter exportado generos na importancia de 240:000$000 réis, havia de chegar a tão grande miseria?!...

Desde 1824 a 1844 a ilha de S. Thomé não foi theatro de vergonhosas scenas similhantes ás que se observaram no periodo anterior, e nos seculos passados, pois tinham acabado a pouco e pouco os elementos da discordia.

Os governadores, menos coactos, habilitavam-se a conhecer a ilha, e informavam o governo da metropole com mais ou menos minuciosidade. Por essas informações nos devemos regular.

Em 1824 veiu governar a provincia João Maria Xavier de Brito. A séde da capital era no Principe, mas os governadores vinham uma vez por outra a S. Thomé. Aquelle governador informou o governo de Sua

[1] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. XVII, introducção.

Magestade do abatimento em que se achava a agricultura, a industria e o commercio, aconselhou os meios de se remediarem tantos males, e propoz algumas medidas de utilidade publica.

Em 1828 pedia o mesmo funccionario « que se provesse melhor este « hospital (o da misericordia), e que se fundasse um na ilha do Principe, « e que se mandassem dois boticarios, um para cada ilha, com boticas « providas annualmente de remedios ».

O profundo estado de abatimento em que se achava a ilha de S. Thomé não era irremediavel, e por isso alguns governadores, mais solicitos, se empenharam, até 1834, em desenvolver os recursos da ilha.

Aos primeiros symptomas de vida que se começavam a notar na ilha, appareceram as desordens promovidas entre as auctoridades. O governador Joaquim Bento da Fonseca foi preso. Os discolos começaram a ser castigados, a impunidade deixou de campear infrene. Passado pouco tempo definiram-se de uma vez para sempre as attribuições das respectivas auctoridades [1].

Devemos assignalar o decreto de 7 de dezembro de 1836, o de 28 de setembro de 1838, e o de 16 de janeiro de 1837. Em virtude d'estes decretos, as ilhas de S. Thomé e Principe formam um governo particular, tendo sob a sua dependencia o forte de S. João Baptista de Ajudá [2]; o governador tem um ajudante de ordens e um secretario; organisam-se e definem-se as repartições publicas; os elementos de guerra interna acabam. Ficaram ainda as intrigas, invejas e malquerenças; os habitantes da ilha levantavam-se por qualquer cousa em altos clamores, e as auctoridades administrativas [3] davam-lhes o exemplo.

A séde do governo era na ilha do Principe, e S. Thomé tinha um governador subalterno. Esta grave injustiça tambem não póde prevalecer por muito tempo, pois está plenamente condemnada pela natureza das cousas.

[1] *Boletim do conselho ultramarino,* legislação novissima, volume I. Não tendo nós por fim escrever a historia da ilha de S. Thomé, limitâmo-nos ás poucas considerações que se lêem no texto.

[2] Segundo a carta constitucional da monarchia portugueza, § 2.º do artigo 2.º *as ilhas de S. Thomé e Principe e suas dependencias,* estão na costa occidental de Africa comprehendidas no territorio portuguez, e por isso deve ser assim denominada a provincia em todos os documentos officiaes, sendo para censurar que não seja este o titulo do Boletim Official, que se publica actualmente, e digno de reparo foi o procedimento de um governador que nas suas portarias não fallava em Ajudá, como se Ajudá não estivesse sob a sua dependencia!

[3] O decreto de 7 de dezembro de 1836, sobre a organisação administrativa da provincia, cortou todas as causas de invejas entre as respectivas auctoridades. Não queremos dizer que não existam no animo de cada um dos pretendentes; pelo menos não se manifestam por actos vergonhosos, que enodoam a historia dos seculos passados!

A salubridade da ilha de S. Thomé e de todas as colonias começa a ser tomada em consideração. É com prazer que registâmos a seguinte circular[1].

Instrucções aos facultativos que vão em serviço publico para as possessões portuguezas do ultramar

1.º Deverão indicar e descrever a posição de cada localidade, sua extensão, população, clima, estações, e o modo por que estas se succedem.

2.º Quaes são as molestias que costumam reinar nas differentes epochas do anno, quaes as causas provaveis que as produzem e alimentam, sendo estas procuradas nas differentes condições locaes, no genero da alimentação, modo de vida, habitos, etc. Por que fórma se apresentam as ditas molestias, qual é a sua terminação e os methodos de tratamento que se costumam empregar.

3.º Deve-se fazer igual exame, relativamente ás molestias que existem nas povoações dos naturaes do paiz, e examinar-se com cuidado que methodo de tratamento elles costumam empregar, indicando as substancias de que para isso se servem.

4.º Os costumes, modo de alimentação e o mais que diz respeito á historia d'estes povos, merecem tambem particular menção.

5.º Deverá indicar-se que meios poderão ser empregados para destruir as molestias endemicas das differentes localidades.

6.º Indagações zoologicas, botanicas e mineralogicas deverão ter logar na maior extensão possivel, devendo n'ellas ter-se em vista o seguinte:

As plantas, animaes ou mineraes que são conhecidos, basta serem indicados, mencionadas as suas variedades e os sitios em que existem.

Os animaes, plantas ou mineraes que não são conhecidos na Europa devem ser descriptos cuidadosamente; mencionar os sitios em que se encontram, suas variedades, seus usos no paiz, e remetter com estas descripções bons exemplares d'estes objectos para Lisboa. As plantas devem vir em flor, convenientemente estendidas em papel e seccas; sendo arvores devem mandar-se ramos em florescencia e juntamente os fructos, porções de cascas ou raizes pertencentes ás mesmas plantas ou arvores.

7.º Recommenda-se com particularidade o exame, descripção e remessa competente dos exemplares da arvore que fornece o balsamo de S. Thomé, que ainda não é bem conhecida na Europa; da que fornece certa casca com que se diz curarem os pretos as febres intermittentes, junto ao presidio de Ambaca, pertencente a Angola, e mesmo relativamente ás differentes arvores que fornecem a gomma copal e o euphorbio.

8.º Alem d'estas informações se colherão todas as mais que possam

[1] *Boletim do conselho ultramarino*, legislação novissima, volume I, pag. 8.

interessar, relativamente áquellas differentes localidades, a historia geral dos povos e sciencias.

Hospital da marinha, 11 de agosto de 1835. = *Bernardino Antonio Gomes*, presidente do conselho de saude naval e ultramar.

Transcrevemos estas instrucções na sua integra, porque sobre ellas julgâmos de absoluta necessidade fazer algumas considerações. Têem a particularidade de ser as primeiras, e todas as outras são, *mutatis mutandis*, uma reproducção das que deixâmos transcriptas.

Não sabemos se em S. Thomé se deu execução ao que n'ellas se acha determinado [1].

Estas instrucções não se têem posto em pratica, porque nem se dão meios de conducção para o medico ir ao interior da ilha, nem se lhe abonam as despezas que se fizerem em taes estudos. As circulares são expedidas sem irem acompanhadas das ordens necessarias para se tornarem exequiveis, e por isso ficam estereis. Com este nosso trabalho queremos mostrar boa vontade, e damos conta do que nos é possivel averiguar.

As difficuldades que se nos apresentam e os meios de as resolver, serão sempre indicadas com toda a verdade. Temos todo o empenho em que se tornem perfeitos os trabalhos d'esta ordem.

Demos idéa do estado do governo da provincia, que tende a melhorar, e acabámos de dizer o que havia em relação á saude publica. Vejamos agora o estado do commercio e agricultura.

Em 1832 exportavam-se 6:250 arrobas de café, e em 1842 produzia a ilha umas 12:000 arrobas [2].

A agricultura começava a dar alguns signaes de movimento; faltava-lhe porém o verdadeiro estimulo.

Os navios estrangeiros que passavam da costa do sul de Africa e os que vinham ao mar de Guiné para negociar procuravam esta ilha para tomar aguada e refrescos, e compravam o café. Era um meio precario para dar força e animação a este genero de cultura.

« Os moradores da ilha de S. Thomé estão vivendo hoje (1844) das « mealhas do estrangeiro, que ali se vae abastecer de agua e mantimentos, « e comprar pelo preço que quer o seu café e o seu cacau [3]. »

[1] Percorrendo o *Boletim* da provincia de S. Thomé e Principe, procurando com attenção na parte não official dos *Annaes do conselho ultramarino*, não encontrâmos nada a similhante respeito, relativamente ás nossas possessões de Africa. Não nos consta tambem que se tenham feito publicações medicas ácerca do clima da ilha de S. Thomé, da sua meteorologia, fauna, flora, etc.

[2] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 9.

[3] Ibidem, pag. 26. O *Ensaio estatistico* de Lopes de Lima ácerca da provincia de S. Thomé, Principe e Ajudá offerece dados e indicações curiosas a quem quizer

Terceiro periodo do seculo XIX

Marcâmos para este periodo o tempo decorrido entre o anno de 1844 e 1869. Ha n'elle grandes acontecimentos a archivar.

Organisou-se em 1844 o serviço de saude publica;—este importante assumpto tem merecido a attenção dos governos da metropole desde esta epocha até hoje. E na verdade, é uma das necessidades de primeira ordem n'estes terrenos *inhospitos*.

O decreto de 14 de setembro de 1844 contém as primeiras prescripções relativas á creação das repartições de saude n'esta e n'outras colonias, providencias apoucadas para as que o serviço reclama, mas importantes para um paiz onde nada havia feito a similhante respeito.

Estas providencias primitivas foram melhoradas pelo decreto de 11 de setembro de 1851, e pelos de 19 de novembro de 1855 e de 11 de agosto de 1860, no qual surgiu o pensamento de se subsidiarem alguns alumnos aspirantes a facultativos do ultramar. A todos estes seguiu-se o de 2 de dezembro de 1869, que reuniu em um só decreto as providencias que estavam espalhadas por todos os outros que haviam sido publicados de 1844 a 1869, completando-as com outras de incontestavel utilidade. Para se dar fiel cumprimento ao que se acha consignado n'aquelle decreto precisam os medicos de proceder a trabalhos tanto mais originaes quanto mais difficeis. N'isto gastam tempo, arriscam a vida e deixam de exercer clinica, que, segundo parece, é a causa principal de não se haver tomado ainda alguma resolução mais vantajosa aos medicos do ultramar e mais em harmonia com os serviços que elles prestam.

Em outro logar trataremos d'este assumpto com o desenvolvimento que merece.

Os negocios publicos da provincia vão-se definindo melhor de anno para anno; as duvidas resolvem-se directamente de Lisboa; as difficuldades aplanam-se, e tudo emfim tende a progredir, aindaque morosamente.

Para os governadores saírem da sua respectiva provincia, precisam de licença regia. Os ordenados dos differentes empregados são determinados. O serviço de saude publica começa a ser bem definido.

Em 1846 expediu-se uma portaria declarando que quando o governador geral estivesse na ilha de S. Thomé, o governo da ilha do Principe fosse conferido ao official militar de maior patente que se achasse na mesma ilha.

Em presença d'esta ordem de cousas não diria n'este tempo o corographo Cunha Matos:

ter bem desenvolvidas noticias d'esta provincia, e o decreto de 27 de dezembro de 1838, mandando formar de novo as juntas dos melhoramentos de agricultura, mostra a boa vontade que o governo tem em acertar.

«Quando leio as memorias de S. Thomé quasi sempre observo o fatal jogo de *gentem* contra *gentem*, ou seja entre ecclesiasticos ou entre seculares. Parece que não se conheciam n'aquelle tempo, assim como ainda agora (antes de 1811) muitos não conhecem os justos limites das jurisdicções, porque o governador queria ser prelado, o cabido queria ser governador, o ouvidor queria ser soldado, e todos elles queriam ser tudo[1].»

As jurisdicções vão estando definidas, as leis, regulamentos e portarias explicam uma por uma as difficuldades, cortam os obstaculos, e dão a cada um a responsabilidade de seus actos[2].

A par das ordens para se resolverem com acerto os negocios publicos da ilha de S. Thomé vão sendo enviadas outras concernentes a melhorar a saude publica.

Em 1849 tratou-se de levar a effeito a construcção de um cemiterio em um logar proximo á cidade de S. Thomé, e foram promulgados outros melhoramentos de muita utilidade.

Reconheceu-se a necessidade de transferir a capital da provincia da ilha do Principe para a de S. Thomé, e assim se determinou por decreto de 5 de outubro de 1852. Importa dar por copia este documento valioso.

«Attendendo ao que me representaram os habitantes da ilha de S. Thomé, e por vezes me têem representado varios governadores da provincia de S. Thomé e Principe, para que a capital d'aquella provincia se restabeleça na ilha de S. Thomé, d'onde foi mudada para a ilha do Principe por alvará de 15 de novembro de 1753;

«Tendo em consideração que a ilha de S. Thomé, sendo muito superior á do Principe em extensão de territorio e população, lhe é igualmente superior em somma de productos agricolas e na importancia das relações commerciaes;

«Attendendo a que na ilha de S. Thomé existe já uma habitação decente para o governador da provincia, circumstancia que se não dá na ilha do Principe;

«Attendendo, finalmente, a que a principal consideração em que se fundou a mencionada mudança, a de maior salubridade da ilha do Principe, se tem reconhecido, no espaço de quasi cem annos, não ter fundamento solido, poisque a ilha de S. Thomé ou é mais salubre que a do Principe, ou lhe não é inferior a este respeito, como tambem o não é em nenhum outro;

1 Cunha Matos, loc. cit., pag. 19.

2 *Boletim do conselho ultramarino*, volume I, anno de 1848, portarias de 3 e 4 de agosto, 3 de outubro de 1848, e com especialidade a de 13 de dezembro d'este anno. Podem ali encontrar-se muitas outras.

«Hei por bem determinar que a cidade de S. Thomé, na ilha d'este nome, seja a capital da provincia e a residencia habitual do governador e mais auctoridades geraes d'ella, ficando assim revogado o alvará de 15 de novembro de 1753.

«Paço, 5 de outubro de 1852.»

Fez-se finalmente justiça, tirando-se a capital da provincia de um charco, de uma leziria, como lhe chamou Lopes de Lima.

A cidade de Santo Antonio da ilha do Principe não admitte comparação alguma com a de S. Thomé. É assumpto de que tratâmos em outro capitulo.

Este notavel acontecimento nem é festejado, nem ao menos memorado n'esta ilha!

D'onde provirá esta indifferença perante todos os acontecimentos publicos verdadeiramente honrosos para a ilha?

As calamidades publicas que os governadores, bispos, cabido, camara, ouvidores e capitães móres constantemente promoviam, desappareceram de todo. Ás trevas vae succedendo a luz, e para nada haver a desejar vamos assistir á creação de melhoramentos muito importantes para a regularidade do serviço publico na provincia.

O conselho ultramarino, em consulta de 9 de novembro de 1855, leva ao rei a seguinte petição [1]:

«Senhor.—Não podendo deixar de considerar comprehensivo de todas as provincias ultramarinas o pensamento com que foi redigido o artigo 13.º do decreto de 7 de dezembro de 1836, vistoque as rasões que persuadiam da conveniencia de se imprimir em algumas d'aquellas provincias um *Boletim* de legislação e noticias, militam igualmente a respeito das outras; e sendo a provincia de S. Thomé e Principe *a unica* onde ainda se não publica o alludido *Boletim* por não haver ali imprensa propria do governo; por isso este conselho para occorrer a similhante falta tem incluido nos dois ultimos orçamentos da mencionada provincia as verbas que lhe parecem indispensaveis para as despezas e custeio da respectiva imprensa nacional.

«O mesmo conselho vem representar a Vossa Magestade que será muito conveniente que o seu governo faça, quanto antes, uso d'esta auctorisação (lei de 1 de setembro de 1854, auctorisando estas despezas) mandando, na primeira occasião, para a provincia de S. Thomé e Principe uma imprensa completa com um compositor e director e um impressor; e dando ao mesmo tempo as precisas instrucções ao respectivo governador para a publicação do *Boletim official* d'aquelle governo em con-

[1] *Annaes do conselho ultramarino,* parte official, serie 1.ª, pag. 372.

formidade com o citado artigo 13.º do decreto de 7 de dezembro de 1836.

«Vossa Magestade ordenará o que houver por bem.»

Esta consulta foi tomada em consideração, e em portaria de 20 de novembro de 1855 deram-se as convenientes ordens para o bom andamento de tão importante e salutar melhoramento publico[1].

Em 1857 saiu á luz o primeiro numero do *Boletim official* da provincia de S. Thomé e Principe; foi datado de 3 de outubro do referido anno.

A publicação do *Boletim official* produziu certa animação e estimulou os animos. O primeiro numero contém annuncios para aulas de latim e francez e até para uma academia musical!

Apontâmos estas circumstancias, porque as temos por muito significativas em relação ao estado moral e intellectual da colonia.

Aos annuncios para se abrirem aulas de latim e de francez, e para se estabelecer uma academia musical, que ainda se repetiram em alguns numeros, seguem-se os discursos da abertura d'estas aulas e algumas correspondencias, em que cada individuo descrevia a seu modo a riqueza da ilha[2].

Em o n.º 7 já se fallava de uma associação musical, theatral e choreographica!

Entre correspondencias mais ou menos uteis, íam saindo algumas altamente reprehensiveis, o que deu occasião a regularem-se as materias que deviam ser publicadas no *Boletim official* da provincia[3].

O mal foi cortado pela raiz; e hoje este importante melhoramento produz os seus salutares effeitos em toda a sua latitude.

As jurisdicções estão finalmente definidas; as leis, regulamentos e portarias são patentes, e sabe cada um o que lhe compete fazer.

Os padres, os empregados, os governadores, os juizes, todos sem excepção alguma, tratam sómente de satisfazer á lei; os governos pessoaes acabaram; as questões de força entre as auctoridades administrativas não têem rasão de ser. Ganha com isso a moralidade, e a saude publica não soffre tanto, como no fim do seculo XVIII e principio do XIX.

Houve auctoridades que padeceram e lutaram muito, e os desgostos, contrariedades e mortificações profundas arruinam tanto como o clima. As injustiças e as perseguições tinham tal cynismo e atrocidade, que feriam, como as febres, as almas nobres e bem formadas. Os martyres e as victimas não foram poucos: prelados e governadores muito dignos morreram no meio das suas attribulações moraes!!

1 *Boletim do conselho ultramarino*, legislação novissima, portaria de 1856.

2 *Boletim official de S. Thomé*, collecção de 1857 e 1858.

3 *Boletim official*, 1858, n.º 23, portaria de 21 de dezembro de 1857; n.º 39, circular de 15 de fevereiro de 1855; n.º 56, portaria de 18 de agosto de 1858.

A instituição do *Boletim official* teve por conseguinte uma grande parte na regularidade de serviços, na harmonia dos poderes do paiz, influindo bem na saude publica.

Alem d'este melhoramento de maior alcance, em relação á saude publica, realisaram-se outros de não menor importancia para o progresso da ilha e de toda a provincia.

Crearam-se cadeiras de instrucção primaria para os dois sexos; determinou-se a construcção de uma estrada que fizesse communicar a villa da Trindade com a cidade [1]; mandou-se fazer um livro com o titulo de *Annaes do municipio*, onde a camara municipal fosse archivando o que acontecesse de mais importante no municipio; regulou-se o processo eleitoral da provincia [2], e acudiu-se a todas as necessidades publicas com medidas fecundas, salutares e justas.

Só a enumeração de todos os melhoramentos de importancia, que se foram realisando a pouco e pouco em toda a administração da ilha, nos levaria muito longe; e não devemos saír fóra dos limites que traçámos.

O progresso e civilisação que espalhavam em Portugal os seus fructos, não podiam deixar de se reflectir nas suas colonias, e é por esta rasão que nós vemos crear-se o mais poderoso, util e vital melhoramento, com que a colonia podia ser dotada.

O commercio, a agricultura e a salubridade, os tres verdadeiros fautores da prosperidade, riqueza e consideração d'esta ilha, não ficarão paralysados emquanto houver communicações frequentes e regulares por meio de vapores entre Lisboa, S. Thomé e outras possessões portuguezas da costa occidental da Africa [3].

Tinham decorrido muitos annos, e o seculo XIX ia declinando sem que Portugal procurasse approximar de si as partes mais longiquas do seu territorio. Lutavam umas com a extenuação e fraqueza; outras estavam prestes a acabar por inanição, e todas soffriam necessidades inces-

[1] A boa vontade dos governos é ás vezes contrariada n'esta provincia. A estrada que deve ligar a villa da Trindade com a cidade ainda está por acabar! Foi principiada pelo governador João Baptista Brunachy, em 1865.

[2] As ilhas de S. Thomé e Principe tinham cada uma a faculdade de eleger um deputado ás côrtes. O estabelecimento de Ajudá não tem população em numero sufficiente para merecer a consideração de ser ouvido. Em 1869 ficou a provincia elegendo um só deputado. Não perdeu nem ganhou com similhante mudança.

Quando haverá communicações regulares entre S. Thomé e Ajudá?

[3] O primeiro vapor que tocou em S. Thomé na condição de paquete foi o *D. Estephania*, da companhia União Mercantil, em 29 de outubro de 1858, —data memoravel nos annaes da historia da ilha de S. Thomé e que marca a epocha da sua crescente prosperidade. Registâmol-a em commemoração ao maior e mais fecundo melhoramento do progresso e da riqueza da ilha de S. Thomé e de toda esta provincia.

santes, e só tarde e a más horas recebiam alimento e calor. Hoje não acontece assim. Circula a força vital do coração para as partes extremas do corpo; reparte-se o sangue no centro da nação portugueza, chega rapidamente aos pontos mais afastados, e a assimilação faz-se, augmentando *Portugal e as suas colonias* em vitalidade e riqueza.

Havia-se comprehendido que as colonias não podiam prosperar sem que se lhes desenvolvesse a colonisação, sem que ellas se amoldassem aos usos e costumes portuguezes.

Temos um optimo exemplo no vasto imperio do Brazil. Separou-se da mãe patria em 1822, mas falla a mesma lingua, e são taes as relações de parentesco, que se póde dizer serem duas nações representando um pae e um filho, que vivessem eternamente em terras distantes. O commercio entre Portugal e o Brazil mostra bem o fructo que se póde tirar da boa administração das nossas possessões do ultramar.

Cumpre ao governo derramar em grande escala nas colonias os usos, costumes e o commercio de Portugal; estabelecer o maior numero possivel de portuguezes n'estas vastissimas terras; sustentar o commercio entre Lisboa e as suas provincias ultramarinas; proteger-lhes a agricultura e o commercio; obrigar os medicos a tratarem todas as questões de salubridade, e a escreverem guias medico-cirurgicas para divulgarem o conhecimento das causas das molestias, a fim de melhor se destruirem.

A carreira regular de vapores-paquetes traz animo e coragem a todos, e emquanto não estiverem lançadas as profundas raizes de uma colonisação activa, fecunda e geral, não se devem deixar entregues á mercê dos climas, os empregados que desejarem trabalhar e vulgarisar os conhecimentos uteis a Portugal e ás colonias.

Tirem desde já a carreira regular de vapores para a ilha de S. Thomé e outras colonias, e verão começar a sua decadencia, e augmentar o numero de victimas. A idéa de adoecer e permanecer debaixo da acção deprimente de um clima mortifero, é só de per si uma causa fatal de muitas mortes[1].

A nostalgia, a incerteza e a falta de correspondencia regular com a familia, são verdadeiramente atrozes n'esta ilha, e perniciosissimas á saude.

No meio d'este progresso e bom andamento dos negocios provinciaes, vão sendo lançados regulamentos importantes de serviço publico, e leis muito uteis e liberaes. Os quadros das repartições publicas completam-se,

[1] Damos no fim d'este trabalho algumas estatisticas que põem em relevo os acontecimentos d'esta ordem.

aperfeiçoam-se; a força publica e militar tem existencia real e um quadro regular; os serviços dos escravos são definidos, e annuncia-se um grande principio, o da liberdade de todos os subditos portuguezes. Dá-se mais extensão e latitude ás leis de D. Manuel, e determina-se que dentro em pouco acabe a escravidão nos dominios portuguezes!

Esta lei não podia deixar de sobresaltar os animos, e houve até perturbações verdadeiramente lastimaveis. Os escravos de algumas roças amotinaram-se, e assassinaram os fazendeiros e feitores! Estes factos produziram um panico geral, e marcaram uma epocha dolorosa nos annaes da ilha.

Estamos na ultima decada d'este periodo. Devemos fixar com attenção os acontecimentos então occorridos, para se conhecer bem o estado actual da colonia.

A par de algum progresso material[1] desenvolveram-se doenças graves, não só entre os europeus aqui residentes, mas tambem entre os naturaes e os africanos procedentes de differentes pontos de Africa.

O anno de 1862 foi assignalado por uma endemo-epidemia gravissima, que só no mez de junho[2] ceifou a vida de 25 europeus dentro do hospital!!

Não haverá meios de se aniquilarem as causas das molestias que uma vez por outra tantas victimas sacrificam?!

A epidemia das bexigas em 1864 e 1865 foi importada de Loanda. Causou muitas perdas aos agricultores, roubando-lhes centenares de braços. Durou quasi um anno[3].

Em março de 1864 constou em S. Thomé que em Loanda grassava uma epidemia de bexigas, atacando só os pretos. Em 19 de abril fundeou no porto de S. Thomé o palhabote *União*, procedente de Loanda; trazia a carta suja. Fez quarentena, finda a qual os passageiros desembarcaram. Em julho de 1864 appareceram os primeiros casos de variola ao sul da

[1] A companhia União Mercantil acabou, e seguiu-se-lhe outra companhia subsidiada. O crescente commercio da ilha, passados alguns annos, dará occasião para os vapores ou navios mercantes virem aqui em qualquer hypothese que se apresente. A ilha de S. Thomé é riquissima, e póde quadruplicar a sua espontanea producção e o seu commercio; mas a sua reputação ainda não está feita, e os governos devem ter em consideração a vida dos empregados e a governação publica da provincia.

[2] *Boletim official da provincia*, n.º 68, de 13 de setembro de 1862, e tambem o n.º 3 de 24 de janeiro de 1863. Morreram em todo o anno dentro do hospital 79 pessoas!! Em toda a ilha não havia trezentos europeus, e não se contam os obitos de algumas pessoas fallecidas fóra do hospital.

[3] O dr. José Correia Nunes escreveu um opusculo a respeito d'esta terrivel epidemia. Foi publicado em Lisboa em 1866, dezembro, e tambem saiu no *Boletim official da provincia*, de 1866, n.os 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 38.

ilha, na fazenda Praia Rei, e ao norte na fazenda Bella Vista[1]. Os theatros das primeiras devastações d'esta cruel doença são diametralmente oppostos. A sua origem é evidentemente a incubação do virus, que foi importado de Loanda nos proprios passageiros. A doença declarou-se, appareceram novos focos de pus, que pelo contagio se transmittiu aos habitantes da ilha. É para nós assás importante a circumstancia da epidemia se circumscrever sómente á raça preta.

Os negros de Angola continuavam a aportar á ilha em differentes embarcações. A epidemia das bexigas estava declarada em S. Thomé. Custa a conceber a opposição da primeira auctoridade da provincia á realisação dos conselhos da sciencia[2].

Houve durante aquella epidemia muitas victimas; foi um desastre immenso, cujas perdas são ainda hoje muito sensiveis, e a sua influencia na população, sob o ponto de vista da saude publica, nunca foi calculada.

Se as estatisticas dos habitantes da ilha de S. Thomé tivessem sido feitas de tres em tres annos, pelo menos, haveria sempre elementos para se avaliar o augmento da população, durante qualquer periodo que se quizesse estudar.

Não se determinou o numero dos europeus e africanos, que entravam e saíam em cada anno; falta a noticia das pessoas que se estabeleceram na cidade ou nas fazendas ao norte e ao sul da ilha; não se sabe o movimento dos libertos de cada *roça,* havendo em algumas mais de trezentos; não se declarou na administração do concelho se havia muito ou pouco tempo que os fallecidos haviam entrado na ilha, se residiram sempre na cidade ou fóra d'ella.

São muito necessarias as estatisticas parciaes, a fim de se conhecer da mortalidade que ha entre os libertos e os naturaes do Gabão, de Cabo Verde, etc.

A salubridade absoluta da ilha não será bem determinada se não se tratar de obter informações minuciosas a respeito das doenças, mortalidade e nascimentos que ha nas principaes fazendas como Macambrará, Bella Vista, Rodia, Campo, Praia Rei, Rio d'Ouro, Monte Café, Allemanha, etc.

Na impossibilidade de encontrar estatisticas completas para se ajuizar do movimento da população da ilha quer em referencia á cidade, quer em relação a cada uma das freguezias, julgâmos de alguma utilidade transcrever os dois seguintes mappas, referidos aos annos de 1859 e 1868; são officiaes, e mostram claramente a deficiencia com que estes trabalhos têem sido elaborados.

[1] Dr. José Correia Nunes, loc. cit., pag. 6.

[2] Ibidem, pag. 7.

1859[1]

Districtos	Fogos	População
Cidade	817	3:528
Trindade	446	2:835
Santa Anna	309	1:506
Angolares	157	789 (!!)
Guadelupe	99	530
Santo Amaro	76	778
Magdalena	54	431
Neves	38	120
	1:996	10:527

Observações. — Damos pouco credito a esta estatistica da população da ilha de S. Thomé.

1868[2]

Districtos	Fogos	Differença	População	Differença
Cidade	845	+ 28	5:049	+1:511
Trindade	898	+ 452	4:393	+1:558
Santa Anna	210	— 99	2:458	+ 952
Angolares	215	+ 58	910	+ 121 !!
Guadelupe	154	+ 55	920	+ 390
Santo Amaro	169	+ 93	1:059	+ 281
Magdalena	80	+ 26	1:486	+1:055
Neves	40	+ 2!	235	+ 115
	2:611	+ 615	16:510	+5:983

Observações. — Os fogos augmentaram 61,5 por anno e os habitantes 598,3, isto é, 8 pessoas por cada fogo, o que parece inexacto.

[1] *Boletim official da provincia*, n.º 9, collecção de 1860.

[2] No movimento da população temos a tomar em conta a introducção de braços africanos e a entrada de degradados, que dão o maior contingente. É certo que os empregados publicos, que se acham na ilha por occasião de se formar a estatistica, augmentam o numero dos habitantes n'aquella epocha, retirando-se ás vezes em grande numero pouco tempo depois. São portanto muitas as causas que influem na população especifica da ilha.

As anomalias que estes dois quadros offerecem explicam-se bem pelas endemo-epidemias que têem ferido os europeus, e pela epidemia das bexigas que assolou a população africana de 1864 a 1865. N'estes dez annos, entre os colonos e empregados publicos, houve grande mortalidade; a população dos africanos, apesar de entrarem na ilha cerca de 6:000, tambem pouco augmentou.

Oppõe-se á procreação dos europeus na ilha de S. Thomé a anemia tropical e o paludismo. Estas duas causas produzem muitos abortos. Uma e outra têem acção profunda sobre o organismo; mas para nós o paludismo é cem vezes mais prejudicial que aquella doença. Entre os africanos parece-me causa essencial do atrazo da população a desregração da vida.

Que diremos dos angolares?

Essa republica que infestou a ilha por mais de um seculo e que cresceu com tal fecundidade[1], que em pouco tempo se preparou para a guerra, teria em 1859 sómente 789 pessoas?...

Não podemos dar fé a similhante estatistica, assim como duvidâmos que em 1868 só houvesse 910 angolares no sul da ilha.

A freguezia da Nossa Senhora das Neves tem o augmento de 2 fogos com 125 pessoas! O facto exposto deste modo não é verdadeiro, e a sua explicação não é facil por não se terem declarado as circumstancias em que se deu aquelle augmento da população.

O que dizemos ácerca d'estas duas freguezias póde applicar-se a todas as outras.

Chamâmos a attenção dos interessados no progresso da ilha de S. Thomé para a enumeração dos acontecimentos que passâmos a fazer, ajuntando as observações que julgarmos necessarias.

Os melhoramentos em favor da salubridade, realisados n'estes dez ultimos annos, são pouco solidos, e pouco fecundos; alguns não passaram de projectos que revelam os bons desejos de muitos governadores[2].

Notâmos n'esta decada os primeiros symptomas de associação entre os habitantes de S. Thomé. São debeis e apparecem sob a influencia de uma

[1] Lopes de Lima, loc. cit., pag. 8 e 9, parte 2.ª

[2] Os governadores, com poucas excepções, reconheceram a necessidade de certas obras, como se vê das portarias que fizeram publicar nos boletins officiaes da provincia. Poucas se fizeram com vantagem para a saude publica e salubridade da ilha. Assim vemos em 1869 que falta ainda um caes; que não estão aterrados os pantanos; o hospital, aindaque tenha melhor posição e melhor casa que a da misericordia, não é regular; não ha uma cadeia; faltam muitas estradas; a fortaleza de S. Sebastião tem as baterias por empedrar, e as suas casas são más e acanhadas; a botica do estado tem pessima casa; não se canalisaram as aguas do rio Agua Grande; carece-se de systema de limpeza publica, de lazareto, de casa de saude no interior da ilha, etc., etc.

causa externa, mas são evidente prova dos bons sentimentos, que nem sempre têem existido nos povos d'este paiz.

Os habitantes de S. Thomé não se reuniram com o fim de levantar o capital necessario para se commemorarem os acontecimentos publicos mais notaveis. Falta n'esta cidade a lapide commemorativa que nos falle de Alvaro de Caminha: João de Paiva, o primeiro colonisador de S. Thomé, foi completamente esquecido; o vencedor dos angolares, o corajoso Matheus Pires [1], não tem uma estatua que recorde aos forasteiros a sua dedicação pela ilha. Não se perpetuam os nomes dos cidadãos benemeritos, nem se tem cuidado de dotar a ilha com melhoramentos permanentes de utilidade publica, que attestem a caridade, progresso e civilisação do povo S. Thomense!

E qual será a rasão de similhante indifferença publica?...

Não é este o logar proprio para examinar as suas causas determinantes. Coordenâmos o que a historia nos apresenta, sem fazer a analyse.

A pedido do governador da provincia, reuniram-se os habitantes de S. Thomé, e cotisaram-se para proteger o asylo dos orphãos dos marinheiros [2] e acudir ás necessidades dos habitantes de Cabo Verde [3], assim como já tinham enviado soccorro para as victimas da febre amarella em Lisboa [4].

O bazar feito com o fim de se obterem meios para a construcção de uma casa de instrucção primaria foi o primeiro vestigio de amor aos melhoramentos moraes que se nota entre os habitantes de S. Thomé. Tornou-se infecundo [5], mas não deixa de ser significativo da boa vontade dos povos em auxiliar as emprezas de reconhecida vantagem publica.

Formaram-se tambem differentes sociedades recreativas; mas apesar

[1] «Matheus Pires atreveu-se a ir atacar estas feras (os angolares) nos seus proprios covis; queimou-lhes os quilombos e captivou muitos na peleja... e assim acabou a guerra do mato, que durou perto de 120 annos.» (Lopes de Lima, parte 2.ª, pag. 9.) —1693 marca a epocha notavel em que os agricultores de S. Thomé se viram livres dos angolares.

[2] *Boletim official da provincia*, n.º 5, de 4 de fevereiro de 1865. Esta subscripção subiu a 302$830 réis.

[3] A subscripção para Cabo Verde foi de 396$952 réis em dinheiro, e de 681 alqueires de milho. *Boletim official da provincia*, n.ºs 26 a 30 do mez de dezembro de 1683. O total foi de 859$632 réis fracos. *Boletim official* n.º 12, de 16 de abril de 1864.

[4] A subscripção publica para soccorrer as victimas da febre amarella em Lisboa realisou-se no anno de 1858. *Boletim official da provincia* n.º 30, de 1 de maio de 1858.

[5] O bazar rendeu uns 700$000 réis. A casa para a aula de instrucção primaria não passou de paredes, feitas sem arte, e que existem em 1869. As paredes, que estão em continuação do palacio do governo da provincia, são a applicação do dinheiro que o bazar rendeu!!

de terem por socios os mais ricos proprietarios da ilha [1], foram rachiticas sempre.

A sociedade dramatica não chegou a construir uma casa, nem a sociedade Perseverança conseguiu fazer alguma cousa notavel. Em 1869 apenas vagamente se falla na existencia d'aquellas sociedades. Tem sido bem infeliz esta ilha! É fertilissima, é rica, a sua actual riqueza póde muito facilmente quadruplicar, mas tem estado quasi sempre abandonada!

Os governadores mal têem chegado a dirigir os negocios publicos por um anno [2]. Uns procuravam estabelecer um governo de prosperidade,

[1] Para se ajuizar da sociedade Perseverança, veja-se o seguinte aviso, publicado no *Boletim official* n.º 48, de 22 de fevereiro de 1862.

«A commissão da sociedade Perseverança tem a honra de prevenir a todos os seus convidados, que na proxima reunião, que deverá ter logar pelo carnaval, serão admissiveis quaesquer senhoras ou cavalheiros, que desejem apresentar-se em costume. S. Thomé, 22 de fevereiro de 1862.=O conselheiro, *João Maria de Sousa e Almeida*=O commendador, *Luiz Antonio de Carvalho e Castro*=*Antonio Joaquim da Fonseca*=*Francisco de Assis Bellard*=*José Nunes Bouças.*»

[2] Desde o 1.º de janeiro de 1860 até ao ultimo dia de dezembro de 1869, houve na ilha de S. Thomé os seguintes governadores. A esta lista ajuntámos a enumeração de alguns acontecimentos historicos mais notaveis, para se poder avaliar o governo de cada um d'elles em separado.

—Em janeiro de 1860, governava a provincia, Luiz José Pereira e Horta. Deixou documentos incontestaveis de que desejava regularidade em todas as repartições publicas. Veja-se o *Boletim official do governo da provincia,* e com especialidade o n.º 4, de 7 de janeiro de 1860. Em portaria de 9 de abril de 1860, ordenou este governador que se publicassem no *Boletim official* todas as deliberações da junta de fazenda. *Boletim official* n.º 15, de 14 de abril de 1860. N'este anno arrematou-se a limpeza da *illuminação publica da cidade,* e foi comprada a casa de Jacinto Pereira Carneiro, na ilha do Principe, para palacio do governo d'aquella ilha. Custou 9:000$000 réis! *Boletim official* n.º 30, de 25 de agosto de 1860.

—Em 18 de julho de 1860 apparece publicada a primeira portaria do conselho do governo da provincia, funccionando na ausencia do governador.

—Em 24 de novembro d'este anno lê-se no *Boletim official* a proclamação de João Manuel de Mello, governador *interino* da provincia. Exercia o logar do governador da ilha do Principe, havia mais de dois annos e meio.

O anno de 1860 teve tres governadores. Não houve acontecimento algum notavel, nem se tratou de dotar a ilha com os melhoramentos de primeira necessidade. Nem o governo provincial, nem a camara municipal, por si ou com o auxilio dos habitantes, procurou debellar as causas permanentes das febres que reinavam e ainda reinam na cidade, ou crear estabelecimentos proprios para se tratarem os doentes na cidade e no interior da ilha.

—Em 20 de abril de 1861 tomou posse do governo da provincia José Pedro de Mello. O governo d'este illustrado governador foi assignalado por trabalhos e melhoramentos importantes. Formularam-se posturas municipaes para a cidade, que foram

mas eram acommettidos das molestias endemicas, e tinham de se retirar da ilha immediatamente, deixando apenas melhoramentos iniciados; outros

approvadas em 12 de julho de 1861 (*Boletim official* n.º 22); de 3 de agosto proceu-se á escolha do terreno para o cemiterio da freguezia de Santo Amaro; tratou-se da remessa dos productos coloniaes, que haviam de figurar na exposição de Londres (*Boletim official* n.º 24, de 17 de agosto d'este anno). Muito especialmente se deve ler o *Boletim official* n.º 33, de 26 de outubro do mesmo anno, para se fazer idéa da remessa dos productos que foram para aquella exposição; havia um palhabote do estado, que prestou alguns serviços de interesse publico; procuram-se informações a respeito do estado das igrejas, dos edificios publicos e das estradas, obrigando-se as respectivas auctoridades a cumprir o seu dever; o naturalista inglez Gustave Mann veiu de Fernão do Pó, onde se achava no desempenho de uma commissão scientifica por conta do governo inglez, á ilha de S. Thomé, com o fim de a explorar scientificamente; o mesmo governador visitou algumas villas e tratou de estimular com portarias de louvor os empregados que mostravam zêlo pelo serviço, e os particulares que auxiliavam os trabalhos de utilidade publica, como aconteceu, por exemplo, com o negociante Joaquim Ramos de Azevedo, que melhorou o caminho que vae da cidade á villa de Nossa Senhora de Guadelupe; fez-se um mercado publico; formou-se um bazar com o fim de promover uma subscripção para se construir uma casa para a aula de instrucção primaria, o qual rendeu 738$534 réis; tratou-se da edificação de um novo cemiterio no alto do Picão; houve pela primeira vez n'esta ilha uma representação dramatica por curiosos; instituiram-se sociedades recreativas; havia animação, progresso e socego em toda a ilha.

O governador interessava-se pela saude dos empregados, e ía pessoalmente visitar os doentes.

A escola principal de S. Thomé teve por professor um bacharel formado em theologia; foi publicado no *Boletim official* n.º 36, de 16 de novembro de 1861, o decreto da organisação da instrucção primaria nas provincias ultramarinas; levantou-se um conflicto entre o director da alfandega e a repartição de saude, por causa das visitas sanitarias feitas a bordo dos navios, e o pro-vigario capitular desobedeceu ás determinações da lei, havendo-se o governador com energia e rectidão em tão melindrosas circumstancias; a camara municipal tentou auxiliar o fornecimento de carne de vacca; tratou-se da mudança do hospital da misericordia para outro edificio mais apropriado; deu-se regularidade ao serviço da pharmacia do estado; vieram para esta ilha alguns trabalhadores de Loanda sob a protecção do governador geral de Angola, Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, sendo digna de ler-se a correspondencia trocada entre os dois governadores; protestaram os principaes agricultores de S. Thomé contra a intriga que se promovia com manifesto prejuizo da agricultura, asseverando os inimigos d'esta ilha que os trabalhadores africanos eram re-exportados para Cuba, como escravos!! (*Boletim official da provincia* n.º 58, de 24 de maio de 1862.)

É assás resumido este quadro, e por elle não se póde fazer idéa exacta dos melhoramentos que este illustrado governador projectou, embora a maior parte d'elles não se realisassem. Declarou-se na cidade uma grave endemo-epidemia, e o governador teve de se retirar por falta de saude.

—Em 26 de julho de 1862 appareceu publicada a primeira portaria do conselho do governo. A camara municipal da ilha archivou nos seus annaes um voto de louvor ao intelligente, activo e trabalhador José Pedro de Mello; os habitantes da ilha pediram

desprezavam as obras principiadas para darem começo a outras, que tambem não eram acabadas!

que se désse o nome d'este benemerito cidadão á praça da feira. *(Boletim official da provincia* n.º 64, de 2 de agosto de 1862.)

— Aos 17 de novembro de 1862 passou o governo da provincia para José Eduardo da Costa Moura. Attendeu este governador ao estado de insalubridade da cidade, sendo notaveis as portarias publicadas em 17 de janeiro de 1863, n.º 2 do *Boletim official*. O anno de 1862 foi muito insalubre; as endemo-epidemias de maio e junho tão más como as do anno em que desembarcaram n'esta ilha os infelizes officiaes do navio inglez *Phénix*. Morreu n'este anno de 1862 a terça parte dos brancos existentes na ilha, contando-se n'este numero o ajudante de ordens do governador, deixando esposa e seis filhos menores na orphandade, e o proprio governador teve de retirar-se entregando as redeas do governo ao distincto official João Baptista Brunachy. Os seus esforços para remover as causas de insalubridade da cidade de S. Thomé, constam das portarias publicadas no *Boletim official da provincia*, correspondente aos mezes de janeiro, fevereiro e março. Eram numerosas as obras indicadas, como se vê do *Boletim official da provincia* n.º 5, de fevereiro de 1863; não teve porém o prazer de effectuar nenhuma d'ellas, porque foi acommettido pelas molestias endemicas, e teve de entregar o governo ao distincto official acima nomeado, e participar este seu procedimento ao governo de Sua Magestade. O governo da metropole respondeu em portaria de 13 de julho de 1863, approvando sómente por esta vez a escolha do governador interino, e notando que só ao conselho do governo compete tomar conta do poder no caso da falta do governador effectivo. O novo governador interino, conscio das designações da lei, tinha feito reunir o conselho do governo a fim de o ouvir n'este assumpto. Houve divergencia entre os membros do conselho do governo, que foi sanada pela portaria que confirmou a nomeação do governador, e por isso todos os seus actos governativos ficaram legaes.

— Em abril de 1863 tomou conta do governo João Baptista Brunachy. Os habitantes de S. Thomé acudiram com differentes donativos para attenuar os horrores da fome em Cabo Verde. Acabou-se o cemiterio de Santo Amaro, concorrendo para as suas despezas algumas pessoas; foi offerecida uma medalha de honra ao bacharel formado Bernardo Francisco de Abranches.

— Em janeiro de 1864 assumiu o governo da provincia o capitão Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida. Fizeram-se alguns melhoramentos no cemiterio publico da cidade, concorrendo para este importante melhoramento muitas pessoas com differentes offertas; a população preta foi ferida por uma grave epidemia de bexigas; as auctoridades medicas propozeram os meios que a sciencia indica para debellar esta epidemia; oppoz-se o governador, e trocaram-se officios a similhante respeito entre o governo da provincia e a repartição de saude.

Em 1862 as febres paludosas e as dysenterias dizimaram a terça parte dos europeus; em 1864 as bexigas ceifaram a maior parte dos trabalhadores africanos, causando perdas enormes ao commercio e á agricultura. Entre os actos d'aquelle governador apparecem alguns dignos de se registarem na historia. Tomou-se de arrendamento a casa onde hoje se acha o hospital civil-militar; os rendimentos da santa casa da misericordia foram avaliados em 2:000$000 réis por anno *(Boletim official da provincia* n.º 6, de 27 de fevereiro de 1864); insistiu-se na limpeza publica da cidade, lamentando-se que as repetidas portarias de outros governadores não surtissem o effeito desejado; offereceram-se os agricultores da ilha para receberem, tratarem e sustentarem

Foi esta a causa principal que tem concorrido para se ter gasto grande capital em obras publicas, *sem que esteja uma só completa das poucas que existem;* abandonaram-se as paredes para a casa de instrucção primaria, o forte de S. José, o forte de S. Jeronymo, os trabalhos principiados para um caes, a estrada para a villa da Trindade, e não passaram de projecto as obras de primeira necessidade!

A maior parte das auctoridades, todos os medicos e todas as pessoas que se interessam pela prosperidade da ilha, têem proclamado a urgencia de muitos melhoramentos. Todos os esforços têem sido inuteis.

O anno de 1867 foi assignalado por alguns melhoramentos dignos de se registarem.

Creou-se na ilha de S. Thomé uma agencia do banco ultramarino, foi

os trabalhadores de Cabo Verde, que, privados de alimentos, quizessem passar para a ilha de S. Thomé; completou-se o codigo das posturas da camara municipal, havendo duas secções distinctas — policia urbana e policia rural —; fizeram-se regulamentos policiaes, e tambem se coordenou um regulamento para o hospital militar de S. Thomé, e enfermaria da ilha do Principe. O mesmo governador procurou assignar os limites das nove parochias em que se acha dividida a ilha de S. Thomé (*Boletim official* n.º 30, de 29 de outubro de 1864, e n.º 3, de 21 de janeiro de 1865); offereceu-se para pessoalmente visitar o nosso estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá, o que foi approvado em portaria de 3 de outubro de 1864, publicada no *Boletim official* n.º 8, de 5 de fevereiro de 1864, e coordenou um regulamento para as escolas de instrucção primaria. Para se poder ajuizar do governo que ultimamente fez este governador, devem ler-se no *Diario do governo,* de março de 1865, os discursos dos deputados da provincia.

— Em agosto de 1865 voltou, pela segunda vez, a dirigir os negocios publicos provinciaes o distincto official João Baptista Brunachy, governador interino. No *Boletim official da provincia,* n.º 24, de 16 de junho de 1866, foi publicada a allocução que este governador dirigiu por occasião da distribuição dos premios aos expositores da ilha que concorreram á exposição de Londres e á do Porto. Não tivemos occasião de observar a enumeração dos productos para esta exposição, por não terem sido publicados, como foram os d'aquella.

No tempo do mesmo governador concluiu-se o cemiterio do Alto do Picão, altearam-se as casas da fortaleza de S. Sebastião palmo e meio, e pozeram-se muitos telhados de novo; melhoraram-se as condições do pantano Agua Fede; foi começada a estrada publica para a Trindade.

— Em julho de 1867 tomou conta do governo, interinamente, o capitão Antonio Joaquim da Fonseca. Os habitantes da freguezia da Magdalena fizeram uma boa estrada a expensas suas, que, saindo da fazenda Santa Cruz, e atravessando a villa da Magdalena, vem entroncar na estrada que segue para a villa da Trindade.

— Em novembro de 1867 entrou para a direcção dos negocios publicos, pela segunda vez, o governador Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida. Praticou arbitrariedades incriveis, que são do dominio publico.

— Em 30 de abril de 1869 tomou conta do governo Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes.

Em dez annos consecutivos houve doze governadores da provincia!

uniformisada a moeda, desapparecendo as irregularidades que se davam com a moeda de cobre antiga, empenhando-se na realisação d'este importante melhoramento o distincto bacharel, ex-deputado pela provincia, Leandro José da Costa; foi creado o monte pio official.

Em 1869 ficou a provincia representando um unico circulo eleitoral. Foi iniciada a cultura das plantas *chinchonas*, que deve ser de grande vantagem para o futuro. Têem-se lançado os alicerces para muitas obras; deu-se principio ao aterro do pantano da fortaleza, levantando-se-lhe a respectiva planta, e tem-se tratado de realisar as obras de primeira necessidade.

Não foi só o governo provincial que deu grande impulso ao progresso da ilha de S. Thomé; o governo de Sua Magestade tornou bem distinctas as jurisdicções de todas as auctoridades.

O decreto de 1 de dezembro de 1869, publicado no *Boletim official* de 12 de fevereiro de 1870, n.º 7, deu ao governador de S. Thomé todas as instrucções necessarias para boa direcção do seu governo. O poder da primeira auctoridade administrativa ficou bem determinado.

O decreto de 2 de dezembro de 1869, creando o exercito de Africa occidental, fez com que a bateria de artilheria de S. Thomé passasse a ser batalhão de caçadores n.º 2.

O decreto de 14 de dezembro de 1869 creou uma repartição do correio, que não existia em S. Thomé.

A instrucção publica teve diversas modificações pelo decreto de 30 de novembro de 1869; as obras publicas foram tomadas em consideração por decreto de 3 de dezembro de 1869; mas o que merece particular attenção sob o ponto de vista medico é o decreto de 9 de dezembro, creando as colonias penaes no ultramar.

Registâmos a fundação das colonias penaes, sem mostrar a impossibilidade da sua realisação n'esta provincia, porque a natureza d'este trabalho não o permitte.

As lutas internas que nos tempos passados persistiam com grande perda para a educação moral já não podem reapparecer.

Se os governadores começam a exorbitar, os deputados da provincia procedem como os de 1865, que patentearam as torpezas e indignidades do governador, e conseguiram que fosse demittido.

Em 1868 houve na ilha acontecimentos analogos, de que a historia deve ser juiz severo, e de que nós aqui não temos a dar contas. Em 1869 foi rendido o governador, que era o mesmo de 1865.

A data de 30 de abril de 1869 marcará uma epocha notavel. Prende-se a ella a realisação de alguns melhoramentos que interessam á salubridade da ilha, á saude publica e ao bem estar dos povos de S. Thomé.

Foi esta provincia dotada com mais um medico, e organisado o re-

gulamento geral de saude publica. Trata-se com empenho de destruir o pantano que jaz ao pé da fortaleza, vão-se fazendo grandes desaterros, e trabalha-se activamente nas obras publicas.

Tomou conta do governo Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes, academico distincto, e official da armada real, com grande conhecimento das cousas de Africa [1].

Temos assistido á enumeração dos acontecimentos mais notaveis que podiam influir na educação do povo de S. Thomé. Temos fallado em geral. Precisâmos agora de nos restringirmos á determinação de alguns pontos particulares, como elementos do nosso problema, sobre as condições physicas e moraes dos habitantes da ilha de S. Thomé.

A historia pregressa que póde interessar ao medico-hygienista ahi fica expendida a traços largos.

A população da ilha de S. Thomé compõe-se, em 1869, de brancos, negros, e mulatos ou pardos. São variadas as procedencias, algumas das quaes já assignalámos.

Encontram-se hoje em S. Thomé, gabões, angolares, naturaes de Cabo Verde, pretos da Mina e de outros pontos da costa occidental de Africa. Uns empregam-se no commercio, outros são alfaiates e caixeiros; exercem uns algumas artes, são ferreiros, funileiros; outros entregam-se á agricultura, na qual se empregam muitos libertos, sendo o maior numero de Angola. Os pretos do Gabão tambem servem na agricultura, os de Cabo Verde dedicam-se ás artes.

Os europeus e muitos africanos e naturaes de S. Thomé, instruidos, civilisados e iguaes em tudo aos brancos, exercem cargos de primeira ordem. A civilisação e a instrucção igualou os homens, e o sentimento de raça ha de ir diminuindo a pouco e pouco.

Os europeus, como já dissemos, foram os primeiros que habitaram a ilha, aggregaram a si os pretos africanos. Os mulatos descendem do cruzamento das duas raças. Os forros provieram dos escravos que passaram a livres, quer por vontade de seus senhores, quer por se acharem nos casos previstos nas leis, que sempre os têem protegido.

Os celebres angolares, de escravos passaram a forros, em virtude de um acontecimento tão perigoso como feliz para elles. Um desastre sal-

[1] Para se poder conhecer as habilitações do actual governador da provincia de S. Thomé, Principe e suas dependencias, veja-se:

Alexandre de Castilho, *Roteiro da costa ocidental de Africa,* pag. XXXIX e XLVI, e especialmente no volume II, pag. 257 e 270;

Boletim da camara dos deputados, sessão de 7 de julho de 1869. São muito honrosas para o actual governador as informações dadas pelo ministro de marinha e do ultramar á camara dos deputados quando o mandou para esta provincia. Pertence á historia archival-as.

vou-os da escravidão; a sua coragem arrancou-os á morte, e levou-os para as serranias que ficam ao sul da ilha de S. Thomé. Nos tempos passados causaram prejuizos enormes aos outros habitantes da ilha; o que os tornou ainda mais originaes foi *o rapto das mulheres*, que lhes faltavam[1]. Este acontecimento faz-nos recordar o tão decantado rapto das sabinas pelos romanos.

Quem acreditará que estes republicanos selvagens, occupando parte de um paiz de 270 milhas quadradas, a par de uma colonia antiga regularmente constituida, lhe tenham feito tantos damnos, e ainda hoje vivam independentes?!

Em 1869 são mais uteis que incommodos, mas é incontestavel que vivem desconfiados, e que não se sabe com exactidão a gente que *aquelle reino limitrophe* contém! Dizemo-nos seus alliados; elles não dizem se o são. Vem á cidade vender os seus generos e commerciar a seu modo, mas se presentem que ha desejo de entrar com elles em contrato de serviços publicos, desapparecem[2] e não voltam á cidade!

Não se sabe qual é o numero de pessoas que constitue o reino dos angolares, e desconhecem-se os seus usos e costumes! Ignora-se completamente o que por lá se passa.

Para se conhecer as relações das auctoridades provinciaes com estes povos bravios, chamâmos a attenção para as seguintes informações dadas pelo seu pastor espiritual em 1864.

«Encontrei aquelle povo sem instrucção alguma; usavam geralmente de tangas, ainda mesmo nos dias festivos, sem excepção dos proprios officiaes, assistindo com estes habitos aos actos religiosos[3].»

N'este anno creou-se ali uma cadeira de instrução primaria, e segundo as mesmas informações (merecem-nos pouca fé) alguns alumnos mostravam ardentes desejos de adquirir instrucção.

Os angolares têem o seu rei, que acceita do governo provincial uma apostilla *(sic)* pela qual se lhe conferem as honras *de capitão commandante!* Quando está de bom humor este *senhor rei* vem á cidade com a sua

[1] Cunha Matos, loc., cit., pag. 31. «N'este mesmo anno (1693) os angolares fizeram novas irrupções *para roubarem mulheres* das fazendas mais proximas aos picos.» (!!!)

Custa a conceber como os angolares podessem commetter d'estes e de outros actos arrojados, chegando a vir á cidade!

Por estes e outros acontecimentos se patenteia a falta de união que tem havido entre os colonos da ilha.

[2] Em 1868 procurou-se obter que doze angolares, mediante um contrato justo, viessem trabalhar nas obras publicas. Foi o sufficiente para elles não voltarem á cidade por muito tempo!

[3] *Boletim official* n.º 36, de 10 de dezembro de 1864.

gente militar, e *deixa-se* ver em revista militar. Nos ultimos tres annos não houve d'estas revistas. O *rei* e *subditos* mais graduados do *conselho de guerra*, têem voto nas eleições, segundo as exigencias d'aquelle com quem mais commerceiam na ilha.

III

Questão propriamente dita

As condições physicas e moraes dos habitantes da ilha de S. Thomé assentam sobre a sua historia pregressa e sobre o conhecimento exacto dos seguintes dados: alimentação, vestuario, costumes, religião e linguagem, como passâmos a examinar com toda a attenção.

É uso geral dos relatorios medicos englobar os factos, fazer sobre o seu conjuncto algumas considerações, e tirar as illações que se julgam mais importantes e rigorosas para se melhorar a saude dos povos. Nós não procedemos d'este modo, porque não poderiamos tocar em cada ponto com a minuciosidade precisa. Para se formar idéa d'este methodo de exposição, vamos dar por copia um trecho do relatorio do dr. José Correia Nunes, em que descreve o estado da população da ilha de S. Thomé, em 1865. É do teor seguinte:

«Em relação á sua constituição e temperamento medio, longevidade, religião e costumes, observa-se o mesmo que na ilha do Principe [1], diversificando apenas na linguagem que fallam, a qual em muitos termos tem

[1] «O relatorio inedito do dr. José Correia Nunes comprehende a descripção das duas ilhas, S. Thomé e Principe, e ácerca dos habitantes do Principe disse o referido auctor o seguinte:

Os habitantes da ilha do Principe são pela maior parte da raça preta, poucos brancos e pardos; são de uma constituição physica mediana, e em geral fracos, de temperamento lymphatico-sanguineo, pouco trabalhadores e mui dados aos prazeres venereos, attingindo o maximo de idade de oitenta annos; vi comtudo alguns velhos de mais de cem annos. É notavel que, apesar de serem estes povos affeiçoados aos gosos venereos, a sua reproducção não é grande, e até em proporção desfavoravel em presença do obituario.

«A sua religião é a catholica romana, mas misturada com muitas superstições e praticas gentilicas, que em parte se podem attribuir ao pessimo clero que tem a ilha. As artes estão muito atrazadas n'esta ilha; encontram-se apenas alguns maus carpinteiros, pedreiros e ferreiros. A principal industria é a lavoura, que ainda assim está em grande atrazo, poisque, alem de não empregarem os processos agronomicos convenientes para melhorarem e augmentarem as colheitas dos vegetaes que plantam, limitam-se á cultura do cacau, de algum café, mandioca e tabaco, abandonando outras muitas culturas, taes como o algodão, o anil, o açafrão, a batata, a canella, etc., e a industria de serrar madeiras de construcção, que ali tanto abundam. A alimentação d'este povo é em geral de peixe e vegetaes temperados com azeite de palma; pouco

um dialecto particular. Os pretos de S. Thomé apresentam-se em geral bem vestidos e são aceiados. Os homens trazem calças, camisas e jaleca, mas andam descalços, e cobrem-se com chapéu de palha; as mulheres trajam saia apertada á cintura, camisa decotada, panno traçado ao hombro, deixando um dos braços de fóra, e lenço ao redor da cabeça em fórma de turbante. Em dias de festa quasi todos apparecem bem vestidos e calçados.

«A sua alimentação consiste especialmente em legumes e peixe com preferencia o tubarão, que seccam ao sol ou ao fumeiro, e preparam com azeite de palma e banana, com muita pimenta. Não gostam de carne de vacca nem de gallinha, e só comem carne de porco nos dias de festa, excepto na quaresma, em que, como catholicos, fazem abstinencia de carne. São dados a bebidas alcoolicas, e fazem muito uso do chamado vinho de palma, succo branco de sabor acido-saccharino, extrahido do tronco da palmeira por incisão, e que deixam fermentar, ficando reduzido a uma especie de licor de cidra. São pouco industriosos, e applicam-se mais á pesca e á lavoura. As suas habitações são todas de madeira, pequenas, e pouco ventiladas; comtudo contam-se hoje (1865) em S. Thomé algumas casas, que, apesar de serem de madeira, são feitas com certa elegancia e commodidades hygienicas. As casas feitas de pedra e cal são muito poucas e de mau gosto.»

Esta descripção apresenta em um só quadro os dados para o conhecimento da questão proposta: — as condições physicas e moraes dos habitantes de S. Thomé, isto é, a sua hygiene individual, longevidade e caracter; satisfaz ao fim desejado, mas suppõe o conhecimento da população d'este paiz em relação a muitas outras circumstancias, que julgâmos dever notar em separado. O estudo de todos os elementos isolados é muito util, pois conhecendo-se em todas as suas partes a natureza de qualquer cousa, faz-se d'ella mais perfeita idéa.

Nas profissões, modo de vestir, superstições, linguagem, etc., dos habitantes de um paiz, encontram-se algumas particularidades que podem classificar e distinguir os habitantes de certos logares; existem na mesma provincia, ás vezes, modificações nos usos e costumes que não devem esquecer; mudam-se com os tempos as inclinações de um povo e concorrem muitas vezes para a sua felicidade, e tambem para a sua ruina, e por isso julgâmos necessario recorrer ao methodo analytico, não esquecendo circumstancia alguma digna de se notar. Do exame de cada uma das suas partes chegaremos á resolução da questão que pre-

uso fazem de carne, e d'esta preferem a de porco, que na realidade é saborosa. O vestuario é decente, hygienico e á moda dos creoulos do Brazil. Todos são aceiados e habitam em pequenas casas fabricadas de madeira e cobertas de telha; mas estas habitações são construidas sem arte e por isso pouco sadias.»

tendemos desenvolver; trata-se de avaliar o estado da população da ilha de S. Thomé em 1869.

Alimentação dos habitantes de S. Thomé

Desejâmos escrever com toda imparcialidade e sem que nos possam reputar exagerados, e por isso recorremos aos escriptores que se têem occupado d'esta ilha, e particularmente a José Joaquim Lopes de Lima, que a tal respeito deu largas informações no seu livro publicado em 1844.

Alimentação dos naturaes.— «O seu principal alimento consiste em peixe, que têem por mais saboroso depois de bem defumado e podre, cozido em agua e temperado com azeite de palma, folha de ocá, quiabos e de outros excellentes vegetaes, de que a terra abunda; acompanham-no com farinha de pau muito cozida ou feita em angú, bananas verdes cozidas ou assadas; os mais abastados usam tambem de uma especie de pão chamado felispote, fabricado de mandioca bem amassada e cozida no forno, e nos dias de festa comem carne com avidez. As pessoas graves adoptam a cozinha europea ou antes a brazileira, porque toda a comida é sobrecarregada de pimenta malagueta com a qual os guisados ficam saborosos, mas extremamente nocivos; é facil avaliar o quanto uma tal hygiene deve contribuir para a insalubridade do paiz, e muito principalmente, sabendo-se que o tubarão, a que chamam grandú, é o pescado favorito d'aquelles insulares, os quaes, em pescando algum, compram quinhões d'elle ás rebatinhas, e os vão seccar ao sol até o peixe ficar corrupto, e depois passam-no pelo fogo, e n'esse estado tratam de cozinha-lo com os adubos acima indicados [1].»

A alimentação, como a descreveu Lopes de Lima, não representa o quadro dos alimentos que os habitantes de S. Thomé adoptam, póde até dizer-se que nem um terço da população se alimenta pelo modo que o auctor designou.

Devemos tomar em consideração a alimentação dos libertos das roças, dos soldados e dos europeus.

Não seria sem importancia um trabalho minucioso, em que se estudassem as fructas, as raizes alimenticias, os vegetaes e todos os alimentos usados pelos naturaes e pelos aclimados. Aconselhar uns, reprovar outros, e dirigir o modo de os usar, seria prestar um serviço importante aos colonos recemchegados, e a todos os empregados publicos. N'este trabalho coordenâmos o que ha conhecido, não descemos a fazer

[1] Lopes de Lima, loc. cit.. pag. 85, parte 1.ª

analyses, nem estudos minuciosos, como o assumpto requer para se escrever com segurança.

Bananas.— A banana é nutriente, sadia e agradavel.

Quer se use assada ou cozida sem outro alimento, quer se empregue na sobremesa, não a reprovâmos, pelo contrario aconselhâmol-a a todos.

A banana que se dá aos trabalhadores, e de que os indigenas usam, deve ser contada como um recurso economico, saudavel e necessario n'esta ilha. Não queremos dizer que se dê banana por unico alimento dos trabalhadores, pois seria abusar, e do abuso nunca póde resultar beneficio algum.

Ha muitas variedades de bananas na ilha, sendo umas mais agradaveis que outras.

A banana grande ou banana da terra, que abunda em toda a ilha, serve para os trabalhadores. Comem-na diversamente preparada. Se é madura, assam-na, e assim torna-se agradavel ao paladar. Se é verde, tiram-na do fogo meio assada, descascam-na, e por uma singularidade que não podemos explicar, a maior parte da gente não lhe come a sua parte central.

A banana grande substitue o pão de trigo e de milho, que se usa nos paizes civilisados, mas com grandissima desvantagem para a população do paiz.

A banana prata, a banana figo e a banana dourada são boas para a sobremesa, cabe-lhes realmente o elevado titulo de *Musa sapientum*, que os botanicos deram a este fructo tropical. A banana figo é o typo das boas bananas. Entre as bananas pequenas ha em S. Thomé uma variedade especial, que dizem ser de Ajudá; é a mais gostosa, mas todas as outras variedades são excellentes.

Em algumas casas cozem-se as bananas grandes *Musa paradisica*, e vão á mesa no prato de cozido. Nem todos gostam d'estas bananas assim preparadas.

Vendem-se cinco ou seis por um vintem na praça; mas quem tem fazendas não as compra, e manda-as vir em cachos, que se conservam por alguns dias.

É fructo abundantissimo na ilha, e só pelo fim da estação das ventanias rareia um pouco, e sobe então de preço. Não é cultivada em algumas roças.

Lemos o que a respeito d'este excellente fructo excreveu Fonssagrives[1], e com este profundo sabio não temos duvida em aconselhar a banana ás pessoas que se propõem viver em S. Thomé. Fazemos, porém, algumas observações a este respeito.

Celle, citado por Fonssagrives, (traducção referida) declara que tem as

[1] Traducção portugueza por João Francisco Barreiros.

bananas por fructo muito nocivo na estação quente e humida. Fonssagrives é de opinião inteiramente contraria, referindo-se aos climas tropicaes. Não dizemos com Celle, que a banana tenha certa influencia nas febres intermittentes, mas temos fundados receios de que predisponha para a diarrhéa e para a producção de vermes intestinaes. São molestias frequentes n'esta ilha.

Á vista do que deixâmos exposto, têem cabimento os seguintes conselhos para os europeus recemchegados.

1.º As bananas podem ser dadas aos trabalhadores, como parte da sua alimentação. Referimo-nos ás bananas grandes ou communs, como alimentação auxiliar.

2.º As bananas grandes podem usar-se á mesa assadas e cozidas.

3.º As bananas finas, de que ha em S. Thomé differentes variedades, constituem um bom prato de sobremesa.

4.º Os recemchegados devem usal-as com parcimonia. Têem de passar pelas perturbações da aclimação, e é util ser cauteloso na escolha dos alimentos.

Mandioca. — Das raizes d'esta euphorbiacea faz-se a chamada farinha de mandioca. O seu uso entre os habitantes d'esta ilha justifica a denominação botanica *Manihot utilissima.*

São variadas as especies d'esta familia, *Manihot edulis, Aìpi,* etc. Em S. Thomé fabrica-se farinha de mandioca, em proporção do consumo, e vae-se cultivando em escala progressiva. Prepara-se bem n'esta ilha e vende-se por 460 réis o alqueire do Minho. Não sabemos se a mandioca aqui cultivada tem o principio venenoso, de que nos fallam alguns auctores.

Em Loanda e em todo o reino de Angola come-se em estado crú, segundo assegura Welwitsch. Deve proceder-se a indagações e analyses a respeito da natureza d'esta euphorbiacea. Sabe-se que a preparação que se dá á sua farinha desfaz o seu elemento venenoso; felizmente elle é volatil.

A farinha de mandioca come-se geralmente em pó, convenientemente preparada.

O pão a que chamam felispote tem uma fórma oblonga e é grande. É pouco usado pelas pessoas abastadas.

A farinha de mandioca é menos vantajosa que a banana; mas, quer se coma em pó, quer preparada de qualquer modo, deve aproveitar-se com parcimonia. Usa-se tambem sob a fórma de massa, a que chamam *pirão.*

A respeito da mandioca *(Jatropha manihot)* lê-se em Fonssagrives (traducção referida), que «a farinha de mandioca representa um alimento pesado, e portanto difficil de digerir, e só temporariamente substitue o pão, que forma a base da alimentação dos povos civilisados».

Os soldados têem todos os dias uma parca ração d'esta farinha.

A mandioca vem á mesa muitas vezes. Cada um come-a a seu modo.

Uns comem-na em pó, outros deitam-na no molho dos guisados, e alguns preparam-na com condimentos fortes, e acham-na assim muito boa; seja como for aproveitada, e até duas ou tres colhéres d'ella em pó não são nocivas.

Os europeus não a devem comer nos primeiros dias da sua chegada, nem esquecerão que é mais indigesta que util.

Peixe—O peixe é alimento saudavel e muito hygienico. Corrompe-se facilmente n'este clima, e é talvez para evitar a corrupção e poder conserval-o por algum tempo, que se leva algum peixe ao fumeiro. Tivemos occasião de ver seccar por este meio grande quantidade de sardinha, apanhada á rede em praias longe da cidade. A sardinha depois de passar por aquella operação, é posta em cestos, feitos de rama da palmeira (a que chamam *motetes).* É assim vendida a differentes fazendeiros e a retalho na praça. Tem boa venda, quer seja em motetes, quer a retalho.

Não podemos avaliar a importancia d'este peixe emquanto ao seu effeito nutriente. Em geral, como diz Fonssagrives (traducção referida), devem ser condemnadas as carnes fumadas. Pelo que diz respeito á sardinha e ao peixe, que costumam aqui seccar ao fumeiro, são precisas algumas experiencias, a fim de se estudarem as suas qualidades mais ou menos nutritivas.

Ha uma especie de sardinha nos tropicos, cuja utilidade foi posta em duvida por Fonssagrives[1], julgando-a venenosa, embora accidentalmente; como esta, ha outras especies venenosas de que é preciso acautelarmo-nos.

Não temos infelizmente estudos feitos ácerca de tão importante assumpto, e bom seria que se tratasse de fazer a classificação dos peixes que mais frequentemente apparecem nas praias d'esta ilha ou nos pontos mais proximos á sua costa, a fim de se verificarem as seguintes conclusões de Fonssagrives.

1.ª Os peixes dos paizes quentes são muitas vezes venenosos;

2.ª Uns são sempre venenosos, outros só accidentalmente;

3.ª A sardinha dos tropicos é suspeita.

Os habitantes de S. Thomé entregam-se á pesca desde pequenos. Por algumas vezes os vimos pescando ao candeio. As canoas collocam-se em linha a pouca distancia da fortaleza, e ali pescavam o peixe agulha.

Aquella linha de luzes, estendendo-se em semi-circulo, apresenta um aspecto singular. Pelas sete ou oito horas da noite, quem estiver na fortaleza observa em noites sem luar a pesca do peixe agulha, offerecendo aquella serie de luzes um effeito agradavel ao observador, que, no meio da natureza silenciosa, contempla o mar.

[1] O excellente livro de Fonssagrives, traduzido por João Francisco Barreiros, serviu-nos de guia. Estudámol-o com minuciosidade; a respeito dos peixes veja-se a pag. 517 d'esta importante obra.

As enseadas e bahias que ha na costa da ilha são abundantes em peixes que se apanham á rede. Não é exagerado o que diz Lopes de Lima[1]:

«São taes os cardumes de peixes que acodem a todas as bahias e remansos, que uma lancha com seis homens dentro, em poucas horas recolhe 20 a 30 arrobas de peixe escolhido.»

A sardinha, o cherne, o peixe agulha, o vermelho e muitos outros são vendidos na praça, e mais affluencia de peixe haveria se os naturaes pescassem sómente para a venda publica.

Contentam-se com alguns peixes para si, e pouco se lhes dá de pescarem mais alguns para os vender.

Ha alguns fazendeiros que mandam canoas ao mar por sua conta, e de alguns sabemos que em certos dias apuram em peixe cerca de réis 100$000!

Os naturaes têem um pessimo costume, que é preciso tratar de destruir. Quando pescam o tubarão, cortam-no em pedaços, põem-no ao sol, e só o comem depois d'elle apodrecer! Dizem que assim está maduro!!

O peixe bom constitue uma alimentação saudavel. Ha difficuldade em se obter peixe quando se não conhece algum pescador ou algum fazendeiro que traz canoas á pesca, e é por isso necessario empregar algum meio de obter o peixe quando não se encontra na praça, como acontece muitas vezes.

Os europeus recemchegados devem procurar obter peixe fresco algumas vezes por semana. O organismo recebe bem a alimentação de carnes frescas, vegetaes e comidas brandas.

Pimenta — A pimenta é conveniente, não se empregando em excesso. O gosto é o melhor regulador emquanto á quantidade que deve entrar como condimento. Não a rejeitâmos, aconselhâmol-a como estimulante das funcções digestivas; mas não se deve abusar d'ella. O abuso constitue sempre um mal, e em S. Thomé póde pôr a vida em perigo. Sabe-se quanto são aqui graves as dysenterias, tenesmos, diarrhéas, gastralgias e outras molestias do tubo intestinal. Convem portanto que a comida para os recemchegados seja bem temperada; devem costumar-se aqui á alimentação europea, e irem a pouco e pouco adoptando os usos do paiz sem seguirem o exemplo dado pelos naturaes e aclimados no que respeita ao abuso dos condimentos, especialmente da pimenta, a que chamam malagueta.

Vinho de palmeira — «O vinho de palmeira, quando recente e bebido em pequena quantidade, é agradavel ao paladar, e pela sua acção sobre o cerebro, faz lembrar o de Champagne; estimula suavemente o esto-

[1] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 14..

mago, modera a sêde, conserva o ventre livre, e tem propriedades diureticas; porém quando se ultrapassam os limites da moderação, começa o perigo. N'esse caso, ha o abuso e apparecem os accidentes da embriaguez aguda.»

Fonssagrives disse a respeito do vinho de palmeira, que se for velho e tiver gosto sulphydrico, em vez de sabor fresco e picante, que lhe é proprio, póde ser prejudicial [1].

Encontra-se bastante vinho na praça, e até em alguns logares mais concorridos. Em bom estado e fresco constitue uma bebida refrigerante e hygienica.

Azeite de palmeira — O azeite de palmeira produzido pelo coqueiro de dendem tem côr de ocre, sabor doce e agradavel. Torna-se dentro em pouco rançoso e tem côr repugnante. Entra nas comidas dos naturaes da ilha, e sómente é usado por elles. Para se fazer idéa dos *manjares* mais afamados d'esta gente, mencionaremos alguns:

—Peixe secco, folhas de ocá, azeite de palma, quiabos, sal e pimenta entram no *Cálu* (!). É um delicioso *manjar* de que os europeus, e com especialidade os recemchegados, devem acautelar-se.

— Folhas de agriões, azeite de palma, peixe secco, sal e pimenta, constituem o *Idgiógó* (!!).

— Peixe fresco, azeite de palma, banana cozida e pimenta compõem o *Sóuou* (!!).

Os naturaes têem grande variedade de fructas, que se lhes offerecem por toda a parte, de raizes alimenticias e de muitos outros vegetaes uteis.

A rima, ou arvore de fructa-pão, offerece-lhes o seu fructo sadio, aindaque pouco nutriente. Pertence á familia das urticaceas, e tem tanta utilidade na Oceania como as gramineas na Europa. O dr. Welwitsch, na sua Flora angolense, dá muita importancia ás artocapeas (classe 23.ª, juliflores) e aconselha a sua introducção em Angola.

Um benemerito cidadão, um agricultor illustrado e amigo do povo d'esta ilha, propoz a vulgarisação da sementeira d'aquellas arvores, a cujo respeito fallaremos em o competente capitulo.

O inhame é a batata dos paizes quentes. Passa por ser mais saboroso que nutriente; come-se cozido. A batata doce apparece em casas abastadas.

[1] «Observámos em nós mesmo os perigosos effeitos d'esta bebida assim alterada, quando na ilha do Principe bebemos alguns goles de vinho de palmeira que tinha cheiro e gosto hepatico, indicios certos de um começo de alteração.» Fonssagrives, traducção de João Francisco Barreiros, pag. 490. Não julgâmos necessario dar por copia na sua integra o que Fonssagrives escreveu a respeito d'este producto da fermentação alcoolica da seiva da palmeira.

O maracujá e a anona são vulgares. Faz-se bom doce de papaya ou mamão. Apparece muito o cajú, e são abundantissimos os limões, os ananazes e os tamarindos. Ha bastantes laranjas e algumas muito boas, limas, goyabas de que se faz bom doce. Ha muitas mangas e abacates; a ginguba começa a generalisar-se.

Na terra ou no ar encontra o habitante de S. Thomé de comer e de beber!! Um côco dá de beber a duas pessoas em qualquer parte: as bananas são muitas e variadas; em qualquer logar existe uma fonte de crystallina agua; a ginguba, o inhame e a mandioca são alimentos communs.

Não póde haver paiz mais feliz!!

Não pára aqui a abundancia da alimentação dos habitantes de S. Thomé. Têem a carne de tartaruga[1], a de carneiro e de cabrito. Comem espigas de milho verdes e assadas. Amam a carne de porco. Os leitões assados entram em todos os banquetes de festa.

A sua alimentação é realmente variada e de facilima acquisição.

Merecerá porventura o nome de anti-hygienica?... Não, com certeza.

Os selvagens, que comem com prazer a carne de cão, o tubarão podre, os bichos *(occolis)* de certos paus, fazem excepção, nos seus habitos, da alimentação geral dos povos da ilha.

É digno de notar-se o prazer com que fumam tabaco e as folhas de um vegetal a que chamam liamba. Dão-se por satisfeitos com aguardente,

[1] Ha muitas tartarugas na costa da ilha. Quando as femeas vem á praia depositar os ovos, os pretos, que se occupam d'esta caça, correm para ellas, agarram-nas de lado e voltam-nas de barriga para cima. As tartarugas ficam por este meio condemnadas á immobilidade! Muitas são conduzidas depois a pau e corda para a cidade, ou em canoas que atracam á praia, para as receberem. Algumas pesam cinco arrobas, e outras ainda mais. São grandes e valentes, podem com grande peso, e se por curiosidade se levam á sua posição natural, é para admirar o instincto d'este reptil; esforçam-se por fugir, arrastando-se para longe.

As femeas trazem de duzentos a trezentos ovos, e algumas chegam a ter mais. Os ovos são vendidos na praça, assim como a carne; a casca é guardada, e exporta-se para Lisboa. Em 1868 passaram pela alfandega 84 kilogrammas de cascas de tartarugas, e todos os annos se exporta maior ou menor porção.

A respeito das tartarugas lê-se em Fonssagrives, loc. cit., pag. 500, as seguintes linhas. «As tartarugas dos paizes quentes podem dividir-se em tres especies: *hacate, terrapen* e *maritima.* Esta comprehende quatro variedades: 1.ª, as grossas tartarugas; 2.ª, as de cabeça grande; 3.ª, as de bico de falcão; 4.ª, as verdes. A carne da segunda variedade exhala mau cheiro; a da terceira é prejudicial, por occasionar frequentemente vomitos e diarrhéas; a da ultima, pelo contrario, é branca e agradavel, coberta de gordura amarella, e não é nociva.»

A carne da tartaruga de S. Thomé não é branca, e é agradavel. Nunca nos constou que fizesse mal, e parece-nos que se devem collocar entre as da primeira variedade e as da terceira.

que bebem com soffreguidão; têem pouco escrupulo em roubar qualquer cousa para venderem, a fim de satisfazer este vicio inexplicavel. Tendo aguardente não pedem vinho, nem bebidas alcoolicas superiores, julgam-se felizes!

E que diremos dos angolares?

Pouco se sabe *d'este famoso povo estrangeiro,* que temos por nosso vizinho. As chronicas de S. Thomé são bem contradictorias a respeito dos seus usos e costumes e mesmo da sua população.

Têem sido poucos *os heroes exploradores* que têem percorrido o seu paiz, e por isso tudo o que se escrever a tal respeito não passará de hypotheses!

Alimentação dos libertos — Os libertos têem alimentação regulamentar. O peixe de Mossamedes, a izaquente e as bananas grandes formam a base da sua alimentação. É realmente deficiente.

A izaquente prepara-se de um modo particular, e é temperada com azeite de palma. Em algumas fazendas dão aos libertos sardinha defumada, e em outras comem peixe uma vez por outra.

Podem colher os fructos sem os comprar, e recebem em algumas roças dinheiro para obterem generos alimenticios ou tabaco, etc.

Uma alimentação d'esta ordem é causa de graves molestias, e especialmente da anemia com todas as suas consequencias.

Grassam entre elles as ulceras, as dysenterias, a hydropesia, os edemas, as cachexias, que muito prejudicam os agricultores, não só porque os trabalhadores não podem prestar-lhes bom serviço, mas porque a mortalidade é maior, e é constante a despeza com as doenças chronicas.

Alimentação dos soldados — Os soldados do batalhão de caçadores n.º 2 são alimentados de um modo particular, que devemos examinar com cuidado. Assim o pede a gravidade e importancia do assumpto.

Em 1865 escreveu o dr. José Correia Nunes:

«O rancho que se distribue diariamente aos soldados consta de duas refeições de arroz e feijão ou grão de bico cozido em agua com algumas gotas de azeite, e uma ração de farinha de mandioca, tendo talvez o peso de 500 grammas; algumas vezes ajuntam aos legumes alguns pedaços de peixe salgado de Mossamedes. Esta comida, alem de ser insalubre, é em quantidade muito parca e não póde saciar o soldado.»

Desde 1865 até 1869 não houve mudança alguma na alimentação que ahi fica apontada.

Se um ou outro commandante tornava o rancho mais nutriente, durava esse melhoramento pouco tempo, e a base da alimentação não era modificada.

As necessidades dos soldados que se acham n'esta ilha não têem sido attendidas no que diz respeito á sua alimentação, e é necessario, urgente

e até humano tratar de substituil-a, por ser insalubre e deficientissima. Produz mais despeza indirecta para a fazenda publica, do que á primeira vista parece.

Os soldados mal alimentados andam sempre fracos. Adoecem facilmente, dão frequentes baixas ao hospital, definham-se progressivamente, e vem a morrer cacheticos, por inanição!!

Com as baixas ao hospital, com a falta do seu serviço, e com as continuas e inuteis convalescenças, não gastará a fazenda publica mais do que se lhes désse uma alimentação sadia, economica, e apropriada a este clima excessivo, miasmatico e doentio?...

Não exagerâmos. O que hoje se observa já era lamentado em 1865 pelo dr. José Correia Nunes; aqui transcrevemos as suas textuaes palavras:

«Punge realmente o coração ver em S. Thomé o soldado branco, magro e macilento, descalço, carregando paus e pedras, debaixo de um sol dardejante, ou de copiosa chuva. Tal é o estado e misera condição do soldado em S. Thomé.»

Em nome da humanidade, da economia e da caridade christã, pediremos constantemente que a sorte de tantos desgraçados seja melhorada. A base d'essa reforma está indicada no seguinte trecho, que copiámos de Macedo Pinto, sabio hygienista portuguez:

«Os trabalhos junto aos pantanos devem começar uma hora depois de nascer o sol, e devem terminar meia hora depois d'elle se pôr. Devem andar todos os operarios bem vestidos e ter alimentação substancial, em que predominem os principios azotados, bem condimentada com sal e substancias aromaticas [1]; tambem lhes é indispensavel maior porção de vinho ou de café [2] que tomarão tres ou quatro vezes no dia, sendo a primeira depois do almoço, a que procederão antes de começar o trabalho. Para bebida ordinaria convem que façam uso de boa agua, ou simples [3], ou, o que será melhor, levemente acidulada com acido sulphurico, chlorhydrico, nitrico, vinagre ou limão. Tambem lhes convem usar de tabaco de fumo, visto como alguns hygienistas o reputam preservativo contra a má influencia dos pantanos.

«Deve ser-lhes terminantemente prohibido o deitarem-se sobre a terra, ainda durante o dia, mórmente ao pé dos pantanos.

[1] Sabe-se que os naturaes da ilha têem por condição essencial nos seus mais *saborosos manjares* o emprego de condimentos.

[2] Havendo n'esta ilha tanto café, nega-se a quem d'elle mais precisa!!

[3] Para a agua ordinaria devia haver uma pedra de filtrar em cada companhia Os soldados bebem da peior agua do rio Agua Grande! É n'elles que avulta o numero das dysenterias, febres perniciosas e typhoides!!

«De noite não hão de saír para fóra da barraca onde tenham de pernoitar; usem de cama confortavel e de roupa bastante para os agasalhar.

«Logoque adoeça algum operario (em S. Thomé os soldados são todos operarios) seja conduzido para o hospital ou povoação sadia e distante do pantano. Emfim, dê-se descanso por alguns dias aos operarios, a quem entrarem a escassear as forças, a faltar a côr, etc., administrando-lhes tambem infusão de macella, ou cozimento de almeirão, ou de casca de salgueiro branco, e ainda melhor, infusão fria de quina[1].»

O quadro que ahi fica tem applicação aos operarios que se occupam da agricultura ao pé de um pantano. Os soldados em S. Thomé empregam-se em obras publicas e em muitos outros trabalhos, e a cidade, como está, é verdadeiramente insalubre e cercada de pantanos.

Temos presenceado scenas desoladoras.

Entra n'esta ilha um vapor conduzindo de Lisboa alguns degradados que ficam addidos ao batalhão de caçadores n.° 2, e então a sua desgraça é maior, ou assentam praça, e, n'este caso, têem, alem do rancho, um pequeno vencimento diario. Uns e outros são empregados em obras publicas, e os addidos especialmente são obrigados a esses trabalhos desde o segundo dia em que desembarcam. No primeiro mez perdem as forças a maior parte d'elles, alguns adoecem, e os mais fracos, ás vezes, nem quinze dias vivem!

No estado em que se acha o batalhão de caçadores n.° 2, morrem, como se vê dos respectivos mappas, 3,64 por cento ao anno em relação á população do hospital.

Para custear as despezas com as doenças gastam-se cerca de réis 300$000 mensaes.

Mudem-se as condições de tantos infelizes, e ver-se-ha a mortalidade ser muito menor, os serviços que elles prestam nas obras publicas serem regulares e uteis, e as despezas das dietas descerem muito. E quando não desçam aquellas despezas, que sejam ao menos proficuas. Deviam ser beneficas, dando força aos que se achassem abatidos, saude aos doentes, coragem a todos.

Que os soldados se empreguem nas obras publicas, ou deixem de empregar, não questionâmos. O facto é que em 1869 andavam conduzindo paus, terra, pedras, tábuas e outros materiaes das obras publicas. N'esse caso devem ser considerados como operarios que trabalham perto dos pantanos e em logares insalubres. Devem-se-lhes applicar as considera-

[1] Macedo Pinto, *Hygiene publica*, parte 1.ª, pag. 372 a 378. É bem importante o artigo 7.° d'este livro ácerca da hygiene dos pantanos.

ções que Macedo Pinto fez. Pugnaremos sempre em favor d'elles; pede-o a humanidade e a religião christã; exige-o a hygiene e a caridade; e, o que mais importa, arrancam-se muitos desgraçados a uma morte certa, haverá mais operarios para as obras publicas, e animam-se pela boa fama da ilha os trabalhadores que porventura convenha para o futuro introduzir aqui.

Alimentação dos empregados publicos, dos negociantes e dos europeus em geral.—Os europeus e até alguns naturaes ricos mandam vir de Lisboa pelos vapores, chá, assucar, bolacha, farinha, conservas em latas, vinhos de todas as qualidades, doces, etc., etc. Adoptam uma alimentação variada e preparada a seu modo.

Os empregados publicos porém lutam com muitas difficuldades e duros sacrificios para terem uma alimentação regular. Que posição dolorosa! Se a alimentação é má e deficiente, gastam na pharmacia os seus vencimentos e sustentam uma luta ingloria; se quizerem ter uma alimentação regular, não lhes chegam os seus precarios vencimentos!

A maioria dos empregados n'esta ilha, ou andam ausentes dos seus logares, ou estão doentes, ou em convalescença. Nem têem forças para fazer o serviço, nem gosto para o trabalho. Fazem parte da população ambulante da ilha.

Havendo a carreira dos vapores, chegam a esta ilha fructas de Portugal, e quem tiver alguma economia póde receber mensalmente de Lisboa o que lhe for mais preciso, e d'este modo combinando os alimentos que a ilha fornece com os que podem vir de Lisboa, torna-se a vida supportavel, as doenças são em menos quantidade, a esperança anima a todos.

Encontra-se em S. Thomé bom leite de cabra, alface, couves, repolhos, feijões, milho, aboboras, melancias, muitas gallinhas, pombos e porcos; ha finalmente todos os elementos para se apresentar um bom jantar, servido com variedade e abundancia, havendo á sobremesa doces de todas as qualidades e boas fructas.

Dão-se n'esta ilha banquetes, notando-se na maior parte dos convivas saude, alegria e robustez.

Os recemchegados não devem seguir-lhes o exemplo nas comidas ou bebidas, porque não estão nas condições d'aquelles que ali se acham, e por isso de modo algum os devem imitar.

Quando tratarmos das regras praticas que deve seguir a colonia propriamente dita, ou, como dissemos no principio d'este capitulo, a população ambulante, faremos as observações convenientes. Por agora limitar-nos-hemos a dizer que em 1869 assistimos a alguns jantares de primeira ordem. Não ficam muito distantes dos que se dão em Lisboa em muitas casas.

Vestuario dos habitantes de S. Thomé

O vestuario póde ser caracteristico de um paiz, de uma provincia, e até de uma cidade; e tambem o póde ser de uma ou de outra epocha, quando se trata de usos e costumes.

Em S. Thomé, em 1869, póde dizer-se que o vestuario dos naturaes não é desagradável á vista, sendo em geral hygienico. Antes de progredirmos, seguindo o methodo que adoptámos na coordenação d'este trabalho, transcreveremos a descripção que nos deixou Lopes de Lima [1]. É a seguinte:

«O miseravel vestuario, ou antes a quasi nudez da gente mesquinha de S. Thomé, attesta a sua indigencia e preguiçoso desleixo, e não é por que lá se desprezem (o auctor escrevia em Lisboa) as galas e louçainhas; os abastados trajam, o melhor que podem, modas da Europa, e mesmo qualquer escuro Janianes que chega a obter a posse de uns sapatos e uma jaqueta e calças de baetão, percorre as ruas nos dias de festa com o seu chapéu de palha na cabeça, tão empertigado como um magnate; aquelles porém que não podem attingir a tal louçainha, enrolam apenas na cintura algum fragmento de calções, ou de camisa, com que mal tapam alguma parte do corpo; quasi todos andam com a cabeça descoberta, sendo poucos os que usam de um chapéu de palha de folha de palmeira, e rarissimos os que calçam sapatos; aos escravos é mesmo prohibido andar calçados, por mais bem vestidos que se apresentem.

«As senhoras principaes vestem e calçam á européa sempre que apparecem em publico, cobrindo os hombros com pannos de cassa ou filó, ou mesmo com chailes, e quando vão á igreja levam a cabeça coberta com véus ou lenços bordados; em casa usam de saia, colete atacado, camisa broslada e chinellos, e por andar á fresca não calçam meias senão indo á rua ou recebendo visitas de ceremonia.

«As mulheres do povo, em vez de saias, trajam pannos de algodão, que no paiz se tecem em pequena quantidade (hoje não se fabrica nenhum) ou vem da costa vizinha, e da cinta para cima, ou andam totalmente em carnes, o que nas regiões africanas se não tem em conta de grande indecencia, ou, quando muito, adoptam o uso da camisa, aquellas que aspiram a mais alguma distincção; todas porém trazem as pernas nuas, e, ou andam descalças ou calçam chinellos e ás vezes sapatos.

«Toda a mulher, rica ou pobre, saindo á rua, cinge um lenço á roda da cabeça, e as casadas usam constantemente d'este toucado mesmo em sua propria casa; apparecer a alguem sem elle fôra indecoroso, e as mais indigentes que não chegam a possuir um lenço, ou ainda um trapo, amar-

[1] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 86.

ram na cabeça uma folha de palmeira ou qualquer outra cousa, que substitua este enfeite matrimonial, a que no paiz se dá o nome de corôa do matrimonio. Os menores de sete annos de ambos os sexos andam completamente nús.»

A descripção que acima fica exposta refere-se a uma epocha que dista vinte e cinco annos da epocha actual. Se em 1844 continha alguma exactidão, hoje está fóra de proposito. A leitura despreoccupada mostra que o auctor procurou lançar algumas cores escuras no seu quadro, talvez pela tendencia que sempre houve em dirigir as descripções dos costumes d'este e de outros paizes para a exageração ou para o ridiculo.

E de mais a mais, que se podia esperar de uma ilha que se achava isolada dos centros civilisados?...

Em 1869, em S. Thomé, vestem-se á moda de Lisboa todos os que podem. As pessoas de certa ordem e as senhoras de distincção são rigorosas n'esta parte.

Entre as mulheres do povo ha costumes dignos de especial menção.

Não trazem um lenço, compram quatro ou cinco unidos e cobrem-se com este panno. Um lenço é atado em circulo cobrindo a testa, passando na nuca. Todas as mulheres usam assim de um lenço! Prendem-lhe as pontas por tal fórma e com tal arte, que não se apresenta uma só ruga ou prega saliente, e o panno que lançam ás costas é traçado por tal maneira, que o braço direito fica livre.

Trazem os filhos ás costas. Vão para o trabalho conduzindo as creancinhas d'este modo. Têem os braços livres, lavam, engommam, carregam agua ou outra qualquer cousa, levando o filho preso com um panno e por tal modo seguro e commodo, que se podem entregar a todos os seus misteres. As creancinhas parecem achar-se bem.

Em geral andam descalças. As nossas mulheres do Minho, proximo ao Porto, quando se empregam em certos trabalhos, tambem andam descalças, assim como os trabalhadores. Nos dias de festa vestem-se, calçam-se, quando o podem fazer.

Os naturaes empregados nas differentes repartições apresentam-se bem vestidos, e attentos os vencimentos que têem, admira como se podem apresentar assim.

Quem póde manda vir fato de Lisboa pelos vapores, e quem não póde sujeita-se a compral-o em S. Thomé, onde em 1869 havia bastante fornecimento. O que é certo é que a cidade de S. Thomé e os habitantes da ilha são capazes de civilisação, que amam ardentemente. Não se oppõem ao desenvolvimento e progresso da ilha; pelo contrario imitam tudo o que os europeus adoptam.

Se a civilisação for implantada n'esta ilha a par de uma instrucção regular e solida, veremos generalisar-se o amor ao trabalho e ao estudo, e

esta ilha dentro em poucos annos apresentará um aspecto de alegria, de felicidade e de prosperidade, real e duradoura.

Temos assistido a algumas procissões. Fazem-se com muito aceio; e tivemos então opportunidade para notar que o vestuario dos naturaes da ilha vae perdendo o seu typo original com grave offensa da hygiene. Apesar d'isso apparecem alguns vestuarios, largos, fluctuantes e accommodados ao calor tropical.

Nem os europeus devem imitar os naturaes, nem os naturaes devem seguir ás cegas os usos e costumes dos brancos. Ha n'isto grave prejuizo para uns e para outros.

Os europeus vestindo como em Portugal ou nos climas temperados, não satisfazem ás condições hygienicas, que são exigidas n'um clima excessivo, humido, pantanoso e miasmatico. N'esta ilha ha oito mezes de chuvas torrenciaes, de mudanças atmosphericas rapidas, contra as quaes os europeus devem acautelar-se.

Os naturaes são dizimados por graves pneumonias por trazerem o peito descoberto, e, depois de estarem sob a acção de um sol abrazador, andarem suados, e serem molhados pela chuva, que os apanha quasi sempre de repente.

Os libertos trazem um panno riscado á cinta que lhes cáe até ao joelho. Andam descalços e descobertos.

O mau vestuario e a alimentação deficiente são a causa da grande mortalidade que se nota entre elles.

Usos e costumes dos habitantes de S. Thomé

«Os divertimentos populares d'estes indigenas, diz Lopes de Lima, consistem em danças com momices ao som do batuque, as quaes acabam sempre em uma geral embriaguez[1].»

Os divertimentos populares são como todos os divertimento populares do mundo. Este povo ama a civilisação e o progresso, e se tem vivido na barbarie é porque ahi o têem deixado permanecer!!

Os habitantes d'esta ilha são amantes da musica. De uma canna, de um côco, ou de qualquer outra cousa, fazem os rapazes um instrumento. Gostam da dança, amam as letras, mas nunca tiveram mestres, nunca poderam ver para imitar, nunca poderam trabalhar e estudar!! Não são dignos de censura, são dignos de lastima!

Têem danças originaes, e nem em todas as festas se acaba pela embriaguez. Asseverâmol-o sem receio de contestação.

[1] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 87.

Em dias de festa, comem, bebem e embebeda-se um ou outro. Têem gosto particular por festas de igreja, e não ha familia em S. Thomé que não faça a sua festa, com a competente illuminação da casa.

Nos batuques dança-se toda a noite. Não é dança, é delirio!

Um pau ôco com uma pelle serve de tambor, no qual se executa o *motu continuo;* não pára um instante de emittir um som desharmonico, incommodo, mas forte e sonoro, e ao som d'elle forma-se uma dança continuada. Se um par se sente fatigado, outro occupa logo o seu logar; se cansa o homem do tambor, outro o substitue rapidamente; não é por uma hora, é por uma noite!

Os *landuns* são mais *harmonicos*. Entra n'elles uma flauta e o respectivo *bombo*. Não têem logar fixo, arranjam-se em qualquer parte. Á frente *dos dançarinos* vae uma bandeira, que na occasião da dança se acha levantada e tremulando. É o divertimento principal dos naturaes, ao qual concorrem muitos europeus.

N'um paiz, como S. Thomé, onde faltam todos os recreios, onde não ha theatro, nem assembléa, nem bibliothecas, nem musica regimental que toque aos domingos e dias santos nas praças, que se póde fazer?

Em S. Thomé não ha nada que distraia a imaginação, estimule o espirito e dê algumas horas de descanso e distracção aos trabalhos da vida.

«Aqui não se ama o trabalho, ha muitos ociosos.» É verdade. Faltam-lhes as necessidades, não precisam de obter os meios de as satisfazer. Contentam-se com a sua alimentação, e o paiz offerece-lh'a bôa, abundante, espontanea e geral.

«São dados ás bebidas alcoolicas; andam na vadiice a maior parte dos habitantes.» Façamos a este respeito algumas distincções.

Ouçamos em primeiro logar Lopes de Lima a respeito dos pretos forros[1]:

«Tudo é mister empregar para augmentar a população util da ilha de S. Thomé e Principe, cujos actuaes indigenas de côr preta, alem de poucos, são em grande parte inuteis pelo seu invencivel aferro á ociosidade e embriaguez, que acompanham com outros vicios não menos damnosos á sociedade; têem uma constante propensão para viverem do alheio, não com roubarem á viva força, para o que porventura lhes fallece a coragem, mas furtando diariamente o pouco que demandam suas limitadas precisões.

«A pintura que da sua devassidão e vadiice acabo de traçar é ainda inferior no seu negro colorido áquella que se acha estampada nas informações authenticas e officiaes das camaras e dos principaes moradores, negociantes e lavradores de S. Thomé e Principe. Eis-ahi um trecho d'essas informações que damos na sua integra.

[1] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 84, 85 e 48.

« A ilha de S. Thomé vê-se inçada de vadios, dispersos por esses matos, que nem trabalham por si, nem convidados por outros para lhes pagarem, e se contentam mais com andarem nus, sustentando-se de vinhos que tiram das palmeiras, *bichos de paus,* e não bicho de pão[1], e fructos silvestres, ou dos mantimentos que vão furtar nas roças dos moradores, do que sujeitarem-se a trabalhar. »

Este ultimo trecho refere-se ao anno de 1828, e o primeiro ao anno de 1844. Por estes dois trechos se póde avaliar o estado da população na sua parte principal, operarios e trabalhadores d'aquellas epochas.

Em 1869 encontra-se alguma differença; não é muita; vêem-se grandes abusos, mas ao menos não ha *plena vadiação,* como em 1828.

Apparecem alguns artistas que se entregam ao trabalho, se não o fazem regularmente, sempre se occupam de alguma cousa. Entre os caboverdeanos ha alfaiates, latoeiros, carpinteiros, vendilhões de carne, fructas e legumes; alguns têem tascas de bebidas.

Na agricultura ha grande falta de trabalhadores, e são enormes as perdas que por isso soffre esta ilha.

Uma das causas principaes a que attribuimos a pouca vontade dos indigenas se dedicarem ao trabalho está nos vastissimos terrenos que se acham por cultivar; são maninhos, ha n'elles toda a qualidade de fructos, e por isso não é difficil aos nativos obter mandioca e espigas de milho, que comem assadas; não precisam de trabalhar em casa dos outros para arranjarem o seu sustento.

Encontra-se em qualquer parte e sem trabalho o que se teria de obter trabalhando, se por acaso os terrenos estivessem tão cultivados como no Minho. A abundancia dá aqui o contrario do que se observa n'outras terras: a população estaciona, e foge do trabalho; falta-lhe um inverno, uma estação rigorosa em que ella fosse obrigada a guardar alimentos, acautelando-se da intemperie do tempo e da esterilidade da terra para não morrer de fome. Os fructos são espontaneos, mas parece que a constante fertilidade produz a pobreza e o enfraquecimento!!

Religião dos habitantes de S. Thomé

« A religião é a catholica romana, em cujo culto exterior os moradores muito se esmeram, sobrecarregando-o até com praticas ridiculas e abu-

[1] No texto da obra de Lopes de Lima lê-se *bicho de pão.* Isto deu occasião a que mr. Mac-Carthy escrevesse na sua versão para o francez um erro. Diz mr. Mac-Carthy: « Les montagnes sont remplis de crabes de terre, qui se mangent en regout, et des crabes appellés *bicho do pão* (ver du pain), dont se nourrissent les vagabondes». E isto não é assim. São vermes ou bichos que se criam dentro de certos paus, que são cortados

sivas, introduzidas pela ignorancia, conservadas pela negligencia ou talvez cumplicidade de um clero corrompido *ab initio*, e tidas hoje entre gente boçal, que constitue a grande maioria d'aquelle povo, por tão essenciaes como a propria lithurgia da igreja.

«Taes exterioridades de devoção apparente têem porém infelizmente servido em todos os tempos para cobrir uma moral corrompida [1].

«Nem outros costumes poderiam rasoavelmente esperar-se de uma colonia fundada com as fezes da sociedade portugueza, e a descendencia aviltada de uma raça perseguida e olhada com horror, alliançados estes elementos pelos laços de uma sensualidade brutal ás barbaras filhas dos libambos africanos, porventura nutridas até então de carne humana, esta colonia privada de instrucção em todo o tempo, abandonada á sua propria indolencia e crapula libidinosa sob os influxos de um clima ardente e maligno, espectadora das intrigas escandalosas, dissensões, vilezas e crimes, que formam o miseravel contexto da historia de S. Thomé, que outra cousa póde ser senão um povo ignorante, fanatico e corrompido?!»

Trata-se, como declara Lopes de Lima, da plebe; mas não é isso rasão para se lhe negar justiça. Em todo o tempo o mal proveiu mais dos poderosos, dos padres e dos governadores, que do povo; é a historia da ilha com todos os seus horrores que o attesta. Para se conhecer bem a verdade temos citado auctoridades respeitaveis.

Mal se póde arguir um povo que não tem sido guiado pelo caminho da justiça, dando-se-lhe instrucção e educando-o para o trabalho.

Que se póde esperar de uma colonia, onde as primeiras auctoridades representam os miseraveis papeis que têem representado as de S. Thomé!?

Esta ilha soffrerá a desconsideração e o desprezo por causa dos excessos dos seus governadores, contra os quaes Lopes de Lima não teve uma palavra de indignação?

E que diremos nós dos padres?....

Não tinham dignidade pessoal, nem moralidade, nem instrucção. Cercados de filhos e de amazias, passavam uma vida dissoluta, sem haver

e expostos ao tempo até ficarem bem seccos. Com as chuvas e humidade nascem uns vermes que os vadios apanham e comem!

Têem estes bichos o lindo nome de *ocolís*. Os vadios tambem comem o tubarão depois d'elle estar podre e ter muitos vermes! Alguns pretos comem cães, gatos e ratos com bom appetite!!

[1] Os vicios e abusos estavam introduzidos e eram tão caseiros entre os moradores, que o seu primeiro bispo, o virtuoso e illustrado D. Fr. João Baptista, morreu de desgosto de os não poder extirpar. Lopes de Lima manda ver a respeito d'este prelado a *Historia de S. Domingos*, livro 6.º, capitulo 38.º Como este houve mais alguns prelados dignos de consideração e acatamento.

quem os trouxesse aos seus deveres. No meio d'elles appareceram alguns bons[1], mas o numero dos maus era maior e supplantava-os!!...

Os habitantes não tinham culpa do estado em que viviam. Negaram-lhes a luz, viviam nas trevas. Ensinaram-lhes a astucia, a calumnia, a vingança; eram astuciosos, calumniadores e vingativos. Viam a guerra entre as auctoridades; guerreiavam-se uns aos outros, e accusavam-se reciprocamente dos mais negros e hediondos crimes!

Causa lastima ver as scenas que se passaram n'esta ilha, não só nos annos de 1864 a 1865, como se lêem no *Diario do governo*, mas especialmente no anno de 1868.

Pertencem á historia, mas os seus effeitos desastrosos vão-se sentindo presentemente!

O povo é supersticioso. Recorre-se aqui aos *feitiços*, e consultam-se para esse fim os padres!

Encontrámos por muitas vezes os padres a ler exorcismos, tendo em sua casa algumas pessoas, a quem obrigavam a estar de joelhos por muito tempo, emquanto elles liam o breviario. Os indigenas vão de noite resar ás portas das igrejas, e, assistindo á missa, deitam-se no chão quando ergue a Deus!

Quando querem mal a alguem, accendem uma véla, e vão pôl-a á porta da igreja, pedindo que morra a pessoa quando se apagar a luz!

Temos encontrado[2] requerimentos feitos a S. Miguel, Santo Antonio, e a outros santos, pedindo-lhes que mate um inimigo do requerente!

A redacção de taes requerimentos é tão extravagante, como impropria de um paiz, onde existe clero que deve ser illustrado.

Ensinam as creanças a pedir a benção, quando comprimentam, batendo no peito ou pondo a mão na testa, mas não os educam, nem para o trabalho nem para a virtude, e creanças ha intelligentes, desejosas de aprender e dotadas de vivacidade.

Dêem-se a este povo bons mestres e bom clero; eduquem-no para o trabalho, que não serão perdidos taes esforços. Muitos e muitos indigenas conhecemos illustrados, cortezes e amigos de trabalhar, e isto acontece nas circumstancias em que tem estado sempre esta ilha.

O que aqui falta é bom e util ensino fabril, franco e intelligente ensino religioso, facil e carinhoso ensino litterario. Se instituirem estes tres elementos do progresso e da civilisação n'esta ilha, ella sairá do abatimento moral a que chegou para entrar na senda do progresso. Ver-se-ha renascer por

1 Conhecemos alguns padres em S. Thomé morigerados, assim como tambem os ha na ilha do Principe. A estes fica a tranquillidade da sua consciencia e a paz do seu espirito.

2 N'uma tarde em que saímos a passear, apanhámos cinco requerimentos dirigidos a S. Miguel em uma capellinha proximo á cidade.

toda a parte a esperança. Formar-se-hão associações de beneficencia, desapparecerão os costumes brutaes, e a religião não será um simulacro. Ao movimento moral e intellectual seguir-se-ha a prosperidade publica, para a qual ha verdadeiros elementos, e a ilha de S. Thomé será então a *Madeira* do equador. Entre o reino de Angola e a vasta provincia de Cabo Verde, teremos um oasis, um logar de descanso para uma viagem de vinte dias, teremos um verdadeiro emporio do commercio do mar de Guiné, offerecendo bons refrescos, boas aguas e bons ares.

Para este desideratum ser uma realidade não é preciso mais do que mandar para aqui governadores, padres, e empregados superiores, que sejam dotados de illustração e probidade. Insistimos n'estes desejos, porque não se deve tolher o futuro brilhante a que esta ilha tem direito incontestavel[1].

Linguagem dos habitantes de S. Thomé

Os habitantes d'esta ilha não têem nem terão talvez dialecto proprio. Os portuguezes foram os seus primeiros povoadores, e ensinaram-na aos pretos que tinham ao seu serviço. Estes corromperam-na, e assim a transmittiram a seus filhos. Faltavam completamente as escolas, novos escravos entraram, muitos outros passaram a livres, muitos colonos chegavam á ilha, mas a linguagem permaneceu barbara e corrupta. Alem d'isto vieram a esta ilha francezes, hollandezes, e muitos inglezes.

Os angolares têem muito corrompido o dialecto *ambundo*, que se falla em Angola. Ha na ilha cabo-verdeanos, gabões, cabindas, pretos minas, e todos elles fallam a seu modo.

Os habitantes da ilha propriamente ditos fallam a lingua portugueza muito alterada, como se póde ver, transcrevendo-se o Padre Nosso e a Ave Maria, segundo a sua pronuncia.

[1] Seriam muitas as considerações a fazer a respeito da religião, mas a natureza de um relatorio não as comporta, e talvez nos tomem já por bastante extensos.

Seja-nos, porém, permittido acrescentar apenas algumas palavras mais. As festas de igreja fazem-se com aceio e com certa pompa, que mostra o interesse que estes povos tomam pela religião christã. Ha n'ellas muitas praticas ridiculas, que só um clero illustrado póde fazer desapparecer. As superstições são tão inveteradas nos povos, que elles as tomam pela propria religião!

Para que se consente o sarilho das campainhas dentro da igreja na occasião mais solemne da missa?!

Os aspirantes á dignidade clerical são os que se encarregam de tocar os sinos, fazendo-o de um modo censuravel. Tocam-se os sinos em tudo e por tudo; pouco lhes importa o incommodo que podem causar!

Padre nosso, segundo a pronuncia dos habitantes de S. Thomé

Pade nossu, stá nó cé, santu ficadu seja vossu nómi, avenha nossu outo lénu, seja féta vossa vontadgi, achi na tela cuma nó cé. O pó nossu dgi cada dgi nó dá hoje ê péduamo nóça dgivida achi cuma nóçu péduamo o nosso devedou, nan deichin caim tentaçon, má livla nossa miali, amen injisa.

Ave Maria, segundo a pronuncia dos habitantes de S. Thomé

Avle maiá, cha de glaça, chinó com vossu, bentenstou entre as miele, bentu fluto di vosso ventrei, gisu. Santa maiá, men deiçu loga plo nossu pécadou agola enagola di nossu motchi, amen injisa.

Não ha evidentemente uma traducção em ethiope[1] nem se póde dar a similhante linguagem a denominação de dialecto *luso-ethiope*. Não é este o logar proprio para grandes desenvolvimentos, mas pedimos desculpa por apresentar os dois especimens do estylo e poesia S. Thomences, se estylo se póde descobrir onde nunca houve grammatica, onde não tem apparecido um unico livro escripto no *pequeno* espaço de quatro seculos.

Amostra da poesía dos habitantes de S. Thomé

1.ª

Mó pômbin kúscá vuá
Andôlin kuscá fugi,
Vida mum ten scá bédê
Alma mum ten scá sumi.

Assim cómo o pombo vôa assustado ou como a andorinha que para longe foge, assim me vae a vida e assim d'este mundo foge a minha alma.

2.ª

Feble dgi pézále mun
Milá-m'li ni bóca zá;
Fogo dê sugam cloncó
Conto dge contá cabá.

A febre, que me causaram os desgostos, mirrou-me o riso dos labios; o seu calor seccou-me a lingua. Adeus meus cantos, adeus minhas canções!

[1] Consultámos alguns naturaes illustrados, e de um d'elles obtivemos o Padre Nosso e a Ave Maria em linguagem dos indigenas, assim como muitas palavras que julgâmos desnecessario mencionar aqui.

Estas quadras mostram sentimento. Não transcrevemos algumas outras que pessoas muito competentes fizeram o favor de nos dar, bem como alguns dialogos populares. O que deixâmos escripto dá idéa da linguagem de um povo rude, vivendo em densas trevas.

Os habitantes de S. Thomé têem um modo particular de comprimentar. Fallam com rapidez e sem clareza. É curioso vêl-os seguir uns após outros, dirigindo-se a palavra e respondendo alguns por um monosyllabo, com o que se mostram muito satisfeitos os que seguem atrás de todos. Para terminar diremos que *sun* quer dizer *senhor*, e *san*, *senhora*. É quasi impossivel classificar o dialecto de S. Thomé.

Medicina entre os habitantes de S. Thomé

Ha aqui falta completa de conhecimentos de medicina e principalmente de hygiene, do que resulta o estacionamento da população, quer obtida pelo cruzamento das raças, quer em relação a cada um dos povos em separado. Nem os brancos se multiplicam, nem o numero dos pretos augmenta proporcionalmente ao tempo e á riqueza do paiz. Os mulatos são em pequeno numero.

As creancinhas europeas não resistem aos primeiros mezes da vida extra-uterina. Os abortos são frequentissimos nas brancas e pretas. Ha partos aos sete mezes. A mortalidade n'este caso é grande, mas as creancinhas que nascerem fóra d'esta epocha e antes do tempo completo morrem todas.

Os curandeiros são tão frequentes, tão vaidosos e ignorantes que formam uma verdadeira praga. São mais prejudiciaes á saude publica que as carneiradas. A maior parte d'elles não procuram os vegetaes que nascem espontaneamente na ilha, e em que se suppõem propriedades medicinaes. Mandam ás pharmacias comprar vegetaes, e com elles fazem as suas celebres tisanas. Usam alguns de folhas de certos vegetaes que pizam e cobrem com ellas as inflammações, edemas, erysipelas e outras molestias de pelle. Para as dores de cabeça applicam hervas pizadas ou folhas de certos vegetaes, que não conhecemos. Purgam-se com oleo de mamona em alta dóse; nas dysenterias dão cipó (raiz de ipecacuanha) e cozimentos adstringentes das cascas de algumas fructas. Ha curandeiros, apalpadores, feiticeiros e *medicos*. Olham para as ourinas a fim de conhecerem as molestias dos seus doentes!

Têem muita fé nos bons effeitos therapeuticos de gallinhas pretas, que applicam, como grande recurso medico, sobre as plantas dos pés e nas extremidades superiores! Cortam a gallinha em quatro partes depois de morta, e sem a depenarem, e applicam duas sobre os pés, ficando a carne fresca em contacto com a pelle do doente e as pennas para fóra. Ligam

bem *este calmante*[1] com qualquer fio, e applicam-no também na polpa dos braços!

Sangram sem dó estes entes damninhos[2]; usam de ventosas sarjadas a torto e a direito; applicam os causticos desalmadamente! Têem uma ignorancia crassa e atrevida, como se não encontra em qualquer outra parte do mundo. Não acreditam nos meios hygienicos, zombam com todo o descaramento dos conselhos mais prudentes, e quando não recorrem a meios violentos, fazem predicas ridiculas e insensatas.

Longevidade dos habitantes de S. Thomé

Emquanto á longevidade dos habitantes de S. Thomé, faltam-nos os dados estatisticos para a podermos apresentar com rigor. Dizendo que conhecemos pessoas de 90 annos de idade, mencionâmos um facto particularissimo e que constitue excepção, por ser grande a mortalidade nos meninos e nos adultos. Parece-nos pois que se deve tratar d'este assumpto com a exactidão que elle reclama. Conhecemos pessoas de 100 annos, mostraram-nos algumas de 114, 110 e 116 annos. Apontam-se dois ou tres casos de pessoas que têem 120 annos de idade!

As idades a que n'esta ilha chegam os europeus tambem se não podem calcular. As creancinhas brancas que chegam á ilha morrem todas; e, como já dissemos, ha muitos abortos, o que explica o pequeno augmento da população.

Encontram-se entre alguns adultos robustos, saudaveis e intelligentes, embora as molestias de pelle, as doenças syphiliticas e os padecimentos do peito façam grandes estragos.

Este estudo não se póde desenvolver com minuciosidade por falta-

[1] Tendo sido chamado para ver uma doente, segui immediatamente a pessoa que veiu chamar-me. Cheguei ao pé da doente, que se achava em um estado de abatimento e anciedade extrema, e vi com profunda admiração que tinha em cada um dos pés um quarto de gallinha preta bem atado; estava assentada com as pernas abertas, e segura por outra pessoa que a obrigava a permanecer em tão incommoda posição. Na testa e nas fontes tinha folhas verdes pisadas! Affirmaram todos que estes remedios alliviavam a doente, menos ella que se queixava! Tinha uma pneumonia, approximando-se os symptomas adynamicos.

Vi um europeu *em posição official* sangrar duas vezes uma doente que *tinha vermes intestinaes*, e um curandeiro abrir um tumor aneurismal!

Os curandeiros pullulam na provincia de um modo extraordinario!

[2] Affirmei a um curandeiro que não se sangrasse, sob pena de arriscar a vida. Estava anemico. Não ouviu nem acreditou nos meus conselhos, e no fim de trinta dias dava entrada no hospital militar com grande edema das pernas e em grande prostração. *(Notas do relator.)*

rem muitos elementos indispensaveis, e por não merecerem fé as estatisticas mortuarias existentes.

Caracter moral dos habitantes de S. Thomé

Os usos, costumes e caracter moral dos habitantes de S. Thomé, em 1869, não têem comparação com os usos, costumes e caracter moral do povo de S. Thomé nos seculos passados.

As lutas internas originadas por causa das auctoridades não podem existir, não só porque as communicações com a metropole são rapidas, mas porque as jurisdicções dos poderes estão definidas. Os habitantes procuram illustrar-se, adquirir consideração e trabalham para occupar differentes logares publicos.

Ha certa illustração em muitos rapazes, e um grande numero de indigenas entrega-se á agricultura e á pesca e deixa ir os filhos ás escolas.

Os governos têem sido solicitos em dar protecção aos estudiosos, e alguns têem ido estudar á metropole, onde se mostraram estudantes distinctos, chegando alguns a receber o grau de bacharel, etc.

Não se reunem, não se associam com o fim de fazer prosperar o commercio e a agricultura; vivem isolados e sempre inclinados ás exagerações. Governados e governadores têem-se accusado reciprocamente de um modo indigno. São ainda effeitos do viver passado!

Representam, sem o menor criterio, contra ou a favor dos empregados superiores; formam-se processos pelo menor capricho, e alguns tão vergonhosos, que é repugnante descrevel-os. Não ha convicções, nem se presta homenagem ao talento, á virtude e á honradez!

Os angolares, que occupam mais da terça parte da ilha, vivem fóra da tutela dos governadores. Têem igreja e escola, mas *in nomine!*

Epilogo

A terça parte dos terrenos da ilha está occupada pelos republicanos nossos vizinhos; a outra terça parte da ilha é montuosa, podendo em grande parte ser cultivada, mas está completamente inculta; temos portanto sómente 90 milhas quadradas (outro terço da superficie) occupadas pelos europeus e pelos nativos da ilha que vivem relacionados com os colonos portuguezes.

As roças abertas ao norte, duas a oeste, e algumas a leste não dão, por falta de trabalhadores, a sexta parte dos productos que se deviam colher.

Os habitantes mais abastados não procuram promover o progresso e civilisação da ilha; vivem isolados, procurando apenas satisfazer os seus caprichos, sem cuidar do futuro.

As camaras municipaes não fazem cousa util; a maior parte dos governadores não promovem o progresso; as auctoridades restantes vivem sem crenças e desanimadas, procurando só passar o tempo para regressarem á metropole.

As endemo-epidemias declaram-se em alguns annos com toda a gravidade, e em 1869 fizeram muitas victimas. As causas permanentes de similhantes molestias são devidas á incuria dos administradores do concelho e ao desleixo de todos os moradores.

A ilha está em condições de melhorar muito em salubridade, e de produzir o quadruplo dos seus actuaes rendimentos publicos.

No interior da ilha ha pontos relativamente saudaveis, que ainda estão desaproveitados.

A agricultura deve trazer a S. Thomé um futuro muito prospero.

Precisam-se n'esta ilha de boas escolas de instrucção primaria e de morigerado clero. Já o dissemos e insistimos, porque as faltas de quatrocentos annos não se remedeiam com palliativos.

O desenvolvimento agricola não se alcança sem haver uma rede de estradas que façam communicar os principaes logares da ilha com a cidade. Deve ser feita, nas devidas condições, uma estrada de Santa Cruz dos Angolares até á cidade, ou terminando ao menos em alguma bahia de facil desembarque e mais perto que a angra de S. João. A estrada de Santa Anna para a cidade é muito necessaria; a que se dirige para a Trindade deve ser acabada com urgencia.

A falta de estradas dá occasião a muitos desastres, que por todos os modos convém evitar.

Esta ilha não chegou ainda a seu maximo desenvolvimento commercial.

A salubridade da ilha tem melhorado alguma cousa, se attentarmos no estado em que esteve em 1776; ha porém muito e muito a fazer para que ella possa chegar ao seu verdadeiro grau de riqueza, salubridade e illustração.

CAPITULO III

Hygiene publica

Quanto á hygiene publica muito pouco se ha feito n'esta ilha, não porque tenha faltado a indicação de suas regras pelas auctoridades competentes, mas porque pouco interesse tomam n'isso as auctoridades administrativas.

(Dr. José Correia Nunes, relatorio cit.)

Salubridade absoluta

I

A epigraphe que tomâmos é um periodo do relatorio de um medico que está na provincia de S. Thomé e Principe ha dezeseis annos. Nada se havia feito até 1865 relativamente á hygiene publica, postoque não faltassem as indicações competentes, todavia os melhoramentos de primeira necessidade faltam ainda hoje! Por que rasão?

O medico aconselha, a auctoridade administrativa faz executar. É realmente esta a expressão da verdade em qualquer parte do mundo civilisado, é até um axioma em assumpto de hygiene publica. Têem-no apresentado notaveis e sabios hygienistas, e nomeadamente A. Tardieu [1], como principio necessario para a existencia das *repartições de saude publica.*

« Le soin de surveiller et de protéger la santé publique appartient, « ainsi que nous avons déjà eu occasion de le dire, à l'autorité adminis- « trative. Mais elle ne peut exercer cette action tutelaire qu'à la condition « de s'entourer des lumières de la science e qu'avec le *concours* des homnes « que leurs connaissances spéciales rendent seuls capables de résoudre « les problèmes si variés et parfois si difficiles dont se compose l'hygiène « publique. »

II

As causas de insalubridade, não só da cidade de S. Thomé, mas de toda a ilha, são conhecidas na sua maxima parte. Cumpre destruir essas causas ou attenual-as, segundo o tempo e as circumstancias. Vamos expor

1 *Dictionnaire d'hygiène publique et de salubrité,* artigo « Conselhos de hygiene publica ». Paris, 1862.

as que se tornam mais dignas de attenção; se as não apresentâmos pela ordem da sua importancia, não prejudicâmos por isso a sua necessidade e urgencia.

— O serviço sanitario do porto consiste em fazer a visita de inspecção a bordo dos navios que demandam a ilha. Examina-se a carta de saude, que todos os navios são obrigados a trazer, e procuram-se informações ácerca do estado da tripulação e passageiros. Entra-se no navio para inspecção immediata, no caso de necessidade, ou espera-se que a alfandega faça o registo. O facultativo encarregado da visita é levado a bordo pelo escaler da alfandega, porque não ha outros no porto de S. Thomé. Não é isto muito conveniente; mas a necessidade obriga a fazer o serviço medico conjunctamente com o da alfandega.

A visita sanitaria ás embarcações fundeadas reduz-se sempre ao que acabâmos de dizer. Algumas vezes é feita pelo guarda mór da alfandega, que então exerce as funcções de guarda mór de saude, segundo o que se acha determinado em portaria do governo d'esta ilha, publicada no boletim official[1]; é tambem o que se pratica no caso de impedimento do facultativo, não se realisando todavia esta segunda parte no anno de 1869[2].

Em caso de navio suspeito, como não ha lazareto, declara-se o navio em franquia ou em observação, o que tambem felizmente não aconteceu no anno de 1869. O movimento do porto foi pequeno. Andam por trinta a quarenta as embarcações, tomando em conta os vapores da carreira, que fundearam na bahia de Anna de Chaves, ou antes de Alvaro de Caminha.

O serviço sanitario de um porto onde não ha lazareto não póde ser regular. Chega um navio de procedencia suspeita, e na carta de saude apenas vem declarado, em observação, que nos ultimos oito dias, no porto de partida, se havia dado um caso de febre amarella, de cholera, de bexigas. A tripulação está boa, e os passageiros gosaram saude durante a viagem; as apparencias são todas em favor da salubridade do navio e do bom estado em que tudo se acha a bordo; não obstante a prudencia exige que o navio suspeito esteja alguns dias em observação, embora esta prescripção prejudique o commercio, impressione a opinião publica e abale sempre os animos em terras pequenas, como é a cidade de S. Thomé, e

[1] Regulamento especial do serviço de saude da provincia de S. Thomé e Principe publicado no *Boletim official* do governo da provincia, em 3 de dezembro de 1864, artigo 23.º, § unico, e portaria de 18 de julho de 1863, n.º 15, publicada no *Boletim official*, col. 1863.

[2] Em 1869 a visita sanitaria do porto, feita sempre pelo facultativo Manuel Ferreira Ribeiro, não teve a registar carta alguma de saude suja, nem navio suspeito.

não mereça confiança [1]. Quatro ou seis dias depois, continuando a estar a carga a bordo do mesmo navio, não apparece signal algum de molestia grave; dá-se principio á descarga, novos elementos atmosphericos actuam e produzem a evolução de miasmas, e a febre epidemica declara-se ou algum caso suspeito. Que fazer?

Este facto e muitos outros analogos mostram a necessidade de um lazareto. Não é um estabelecimento de primeira necessidade, attento o pouco movimento do porto, mas as leis sanitarias reclamam-no altamente, e, em quanto não existir, nunca se poderão fazer observações sanitarias de confiança. Se houvesse em S. Thomé um lazareto, não lastimariam os proprietarios e negociantes as perdas enormes que lhes resultou da epidemia de bexigas que assolou esta ilha em 1864 e 1865 [2]. Essa epocha fatal passou, o lazareto, que interinamente se estabeleceu na praia de Diogo Nunes, fechou-se pouco depois, e, emquanto não for importada para esta ilha outra epidemia, não se pensará em tão uteis como importantes assumptos [3]. É para lastimar que em 1864 não se desse principio ao lazareto, e que em 1869 não se pense na sua construcção!

— Deposito de substancias alteraveis não ha. O peixe que se importa

[1] Veja-se o que aconteceu por causa das bexigas. (Relatorio do dr. J. C. Nunes.)

[2] A questão do lazareto deu causa á troca de documentos officiaes, que mostram o modo por que n'esta ilha se entendem as visitas sanitarias aos navios entrados no porto, e que se tornem suspeitos. Era então occasião de se construir um estabelecimento regular. Ha aqui muita madeira de construcção; todavia foi impossivel obter este melhoramento importante.

A respeito da necessidade dos lazaretos escreveu o dr. José Correia Nunes as seguintes palavras:

«É incontestavel que nas epidemias importadas pelas vias de communicação, como o cholera-morbus, a febre amarella, as bexigas, etc., os meios mais poderosos a oppor á sua marcha e propagação são os lazaretos, e o isolamento dos individuos e objectos suspeitos de contagio em logares distantes das povoações, que podem ser invadidas por sua communicação directa ou indirecta com aquelles. Foi n'este intuito que sempre insisti em reclamar do governador da provincia a execução d'aquellas medidas. Debaixo d'estes mesmos principios foi que em 23 de agosto officiei ao secretario do governo, a proposito do vapor *Zaire*, que em 22 d'aquelle mesmo mez fundeára no porto de S. Thomé, procedente de Loanda, com passageiros affectados de bexigas, tendo fallecido um durante a viagem. Estes doentes eram quasi todos passageiros do estado (pretos) que o governador de Angola enviava a cumprir sentença em S. Thomé. O commandante do vapor queria, em conformidade com o que dispõe o regulamento das quarentenas, desembarcar os passageiros, descarregar e receber carga, mesmo debaixo de quarentena, e seguir immediatamente viagem para o seu destino. Fiz ver ao governador que a falta de lazareto tornava impraticaveis as quarentenas de rigor; que a junta de saude não podia auctorisar desembarque dos passageiros do vapor, por não ter uma casa propria onde os conservasse isolados o tempo preciso. (Dr. José Correia Nunes, relatorio ácerca das bexigas.)

[3] Os lazaretos deviam entrar na secção «Hygiene publica propriamente dita». As

de Mossamedes altera-se muito, todavia não ha depositos d'elle na cidade.

— Mercados tambem não existem; em 1869 se reuniram na melhor praça da cidade umas duzentas a trezentas pessoas diariamente, vendendo fructa, hortaliça, milho, ovos, sabão de S. Thomé, gallinhas e outros generos de consumo ordinario. O barracão onde se reuniam tantas pessoas foi completamente demolido, porque começava a desmoronar-se. Nas villas e até em varios pontos de maior concorrencia apparecem algumas pessoas vendendo bananas, azeite de palma, vinho de palmeira, etc., mas são em tão pequeno numero, que não podem causar damno á saude publica; emquanto porém ás pessoas que se reunem na praça principal da cidade não acontece o mesmo. O lixo que se ajunta, e muitas substancias vegetaes e animaes, são causa de insalubridade, que não se devem desprezar. Convem que se construam dois mercados, pelo menos.

— A venda do peixe faz-se em geral na praia, com grave prejuizo publico; é urgente que se determine um logar certo bem policiado, onde se proceda a esta venda. No mesmo caso estão as carnes frescas de carneiro, porco, cabra ou vacca. São as rezes abatidas em qualquer parte e vendidas a retalho. No estado em que se acha a cidade de S. Thomé, é esta uma grave causa de insalubridade, que cumpre attenuar do melhor modo possivel.

— Não ha matadouros publicos, o que dá occasião a muitos abusos. Em toda a parte taes estabelecimentos são tidos por insalubres, e muito vigiados.

Os alimentos e as bebidas são vendidas ao publico na cidade em lojas, algumas das quaes estão em muito boas condições. Encontram-se talvez duzia e meia de estabelecimentos d'esta ordem em estado regular; mas ha outros que precisam da vigilancia da auctoridade administrativa para se evitar qualquer abuso.

— Emquanto ás ruas da cidade, póde dizer-se que o seu estado é pessimo, e provém d'ahi grande mal para o povo. São todas planas, e têem tantas e taes depressões, que as menores chuvas as encharcam. A areia que as constitue unicamente e por toda a parte, embebe-se de agua, já empregnada de particulas animaes e vegetaes. Expostos depois esses logares á acção de um sol ardentissimo, exhalam miasmas prejudicialissimos!

— As ruas principaes são largas, e, em geral, estão limpas; mas nos logares distantes d'aquellas ruas e em todos os quintaes, ha bananeiras

poucas considerações que o assumpto exigia auctorisaram-me a tratal-o n'este logar; tem intima relação com as visitas sanitarias do porto. Reunidos um e outro assumpto esclarecem-se, e mostram a sua importancia relativa. *(Nota do relator.)*

e hervas damninhas que ali cáem e apodrecem. É esta uma causa de insalubridade bem sensivel e que convem remover quanto antes.

Desprezam-se n'esta ilha a cultura de hortas, pomares, pequenos jardins ou passeios: *ou muito ou nada!* É urgentissimo fazer derribar em toda a cidade e em todos os logares circumvizinhos algumas arvores e a vegetação inutil que os enche. Não se póde fazer isto sem muita gente empregada diariamente em tão util trabalho; mas não é impossivel alcançar um melhoramento tão vantajoso e necessario. Façam-se praças, largos e passeios, mas segundo as regras da hygiene, da economia e de utilidade publica.

Restringimo-nos ás idéas geraes, pois é impossivel designar aqui, um por um, os trabalhos que devem emprehender-se e os meios a empregar para se remover ou attenuar uma causa de insalubridade tão activa, como a que deixâmos apontada.

— A praia está sempre cheia de detritos, tanto vegetaes como animaes, e constantemente immunda, por ser uso na cidade o levar o lixo á praia, ao rio e até ao mar, estabelecendo assim mais uma gravissima causa de insalubridade. Para acabar de uma vez para sempre com ella, convem organisar-se uma companhia de limpeza publica, e determinar que se formem montureiras e se usem de diversos meios obrigatorios de desinfecção.

— Em nenhuma das obras que se acham feitas, quer publicas quer particulares, foram cumpridos os preceitos de hygiene e as regras de architectura, e assim se continúa, porque a camara municipal não tem architecto que possa consultar, nem a repartição de saude publica é ouvida em similhantes assumptos. D'esta maneira não se tem attendido ao que a salubridade publica reclama, nem se vão attenuando as causas de insalubridade!

— Os enterramentos são feitos no cemiterio publico, que se acha em posição elevada e regular. A mudança do cemiterio serviu de assumpto a uma Memoria do dr. Lucio Augusto da Silva, onde se demonstram as vantagens do actual cemiterio e os maus effeitos do antigo[1].

Se hoje nada ha a receiar da parte do cemiterio da cidade, não acontece o mesmo com os cemiterios das differentes villas. Ha alguns mal collocados e em mau estado, como, para exemplo, o de Santo Amaro. Precisam de ser reformados e melhorados os que existem; Magdalena e Guadelupe não têem cemiterio, e julgâmos que o mesmo acontece em Santa Cruz dos Angolares e em Nossa Senhora das Neves.

Seguimos, uma por uma, as causas locaes e mais proximas de insalu-

[1] Interessante opusculo de 68 paginas, que aponta diversas causas de insalubridade da cidade, algumas das quaes já mencionámos.

bridade publica. Não as analysâmos miudamente, expozemol-as franca e singelamente. Outras, porém, infinitamente mais graves, se encontram nos terrenos incultos, na ribeira que atravessa a cidade, nos pantanos que a rodeiam e em muitos outros que se formam na ilha por occasião das chuvas, e finalmente em muitos phenomenos atmosphericos, que, se não produzem por si mesmo doenças graves, concorrem para que ellas se desenvolvam.

III

A mão do homem, diz muito bem um sabio hygienista portuguez, póde transformar inteiramente a superficie da terra, arcando até com difficuldades que pareciam invenciveis[1].

Em S. Thomé não são precisos melhoramentos colossaes, como os arcos das Aguas Livres em Lisboa, os canaes do Nilo outr'ora, e mil outras obras gigantescas, que marcam os ultimos graus dos melhoramentos hygienicos. Para esta infeliz e abandonada ilha bastam pequenas obras, a boa vontade das auctoridades administrativas e bons operarios. Os resultados dos melhoramentos que aconselhâmos seriam satisfactorios, e poupar-se-iam centenares de vidas, que no estado actual da ilha são votadas a uma morte certa e rapida.

Começaremos por fallar ácerca da *ribeira* que atravessa a cidade. É n'ella que se lavam as roupas, e se fazem muitos despejos, principalmente de lixo, immundicies e materias putrefactas. Nas marés cheias sobem as aguas do mar a grande distancia, saindo a ribeira do seu leito. Na sua foz, que tem mudado por varias vezes em 1869, e nas suas margens, formam-se charcos mixtos, onde ha substancias animaes e vegetaes, que, descidas as aguas, ficam expostas ao sol ardente do equador.

A canalisação[2] d'esta ribeira está pois altamente indicada. Em sitios

[1] Como prova da asserção exarada no texto, apresenta Macedo Pinto, hygienista a que nos referimos, o seguinte facto historico. «O solo do Egypto foi sempre ameaçado por dois inimigos terriveis, as areias do deserto e as inundações do rio Nilo; inimigos porém que o braço dos pharaós venceu ambos; o rio contendo-o dentro de canaes, e as areias sustendo-as com a barreira das pyramides». Até aqui o simples facto, agora a contraprova. «Desappareceram os pharaós e com elles desappareceu a salubridade do Egypto, renascendo e perseverando a peste á medida que mais se descurava a agricultura».

A peste no Egypto não faz mais victimas que as febres palustres em S. Thomé. A hygiene venceu aquella no passado; vencerá tambem os terriveis effeitos d'estas no presente.

[2] A canalisação da ribeira que atravessa a cidade não está nas condições dos canaes de «corrente artificial de agua, que a mão do homem dirige á superficie da terra

proprios devem abrir-se lavadouros publicos e fontes, sendo prohibido deitar no rio qualquer elemento de corrupção, como os que acima nomeâmos. Não sabemos se é possivel conduzir a agua d'esta ribeira por outra parte distante da cidade, abrindo-lhe nova foz; mas embora seja possivel, a junta de saude não a prefere. A agua é um elemento de salubridade em todas as cidades, posta nas condições devidas para tanques, lavadouros, fontes, etc. Parece-nos, portanto, que se deve preferir a canalisação, acrescentando mais algumas pontes em todo o curso do rio, de modo que em parte alguma seja necessario atravessal-o a vau.

A canalisação deve chegar até ás proximidades da *Agua Bóbó*. Uma nascente de agua em rocha que ali ha deve ser conduzida para a cidade e distribuida em tanques nas praças principaes, em alguns edificios publicos, como o hospital, etc. Ganharia a cidade em belleza, sendo dotada de passeios largos e agradaveis; teria agua pura e limpida em qualquer circumstancia; acabariam assim os focos de infecção provenientes das margens do leito e da foz d'esta ribeira, e obter-se-íam finalmente muitas outras vantagens, que são a consequencia das que deixâmos expostas.

Um tal melhoramento nem tem sido estudado economicamente, nem se tem effectuado, embora a ribeira seja a causa de muitos males publicos e a origem de muitos focos[1] de infecção. Apontâmos o meio de diminuir aquelles e cortar radicalmente estes, e não julgâmos conveniente passar d'este ponto. A simplicidade da obra não difficulta o seu estudo, nem precisa ella de engenheiros de primeira ordem; requer apenas boa vontade e bons operarios.

Outra causa de insalubridade é a falta de cultura na maior parte dos terrenos da ilha.

As terras incultas e fecundas são em geral insalubres e sob os tropicos prejudicialissimas. A sua insalubridade está na rasão directa do humus e da quantidade e qualidade da vegetação que n'ellas existe.

Em S. Thomé encontra-se uma vegetação tão cerrada, tão contínua e activa, que não se destruirá sem grandes e continuados esforços. Por toda a parte se amontoam vegetaes, que apodrecem e dão detritos que se encorporam á parte humosa do solo, tornando-o assim mais insalubre. É portanto claro que será esta ilha tanto mais insalubre quanto mais desprezada for a agricultura, sendo até perigoso ao europeu tocar n'um terreno virgem como é em grande parte o de S. Thomé. Predominam aqui

para encurtar distancias, facilitar a navegação e prover á irrigação.» É muito mais simples. Reduz-se a impedir que a agua sáia fóra do seu leito por meio de paredes marginaes. Este melhoramento deve ser realisado e ao mesmo tempo a agua Bobó será conduzida á cidade. São duas obras urgentissimas.

[1] Vejam-se as pag. 25 a 29 d'este relatorio.

as febres intermittentes, que se aggravarão com os primeiros trabalhos, os quaes sómente devem ser feitos por africanos, como mais proprios para resistirem nos primeiros tempos; ninguem, em boa fé, sustentará o contrario. Depois dos terrenos estarem em circumstancias favoraveis, podem ser admittidos os trabalhadores europeus, e só elles poderão dar incremento agricola a esta ilha, applicando os processos agronomicos que tão bons resultados têem dado na Europa, em terras cuja fertilidade fica muito áquem da que se observa em S. Thomé, onde ha milho, feijão e muitos outros generos de cultura, que tornam rica, fertil e notavel a provincia do Minho em Portugal.

A agricultura modifica os defeitos dos terrenos, e é incontestavel que quanto mais aravel for um terreno mais ella é necessaria. As camadas immediatas ao humus influem mais ou menos sobre as plantas.

Este importante assumpto está por estudar na ilha de S. Thomé, e nós, conhecedores das generalidades geologicas, deixâmos estas idéas consignadas aqui, para demonstrar que é urgente o estudo da constituição do solo da ilha, a fim de se determinarem as culturas que devam empregar-se, afóra as existentes, que são boas e de primeira ordem; referimo-nos á cultura do café, do cacau e do algodão.

A agricultura exerce influencia favoravel na saude publica, não assim quando é feita sem arte, sem methodo, ou impropria dos terrenos; é sob este ponto de vista que se torna urgente o estudo da constituição do solo da ilha. Não nos consta que se procurem os terrenos incultos e se accommodem a uma cultura que seja vantajosa, economica e saudavel. Emquanto ao solo deve estudar-se não só a sua flora agricola ou scientifica, mas tambem a sua constituição.

As chuvas n'esta ilha despenham-se em torrentes; os montes formam por uma parte cordilheiras, e por outra sobresáem em picos assás notaveis, altos e escarpados; alguns rios são caudalosos e sempre de correntes fortes; a denudação dos terrenos é portanto frequente, e tem uma grande parte na insalubridade da ilha, pois é bem sabido que as terras de alluvião produzidas pela acção da agua em movimento são as terras miasmaticas por excellencia.

Se estas alluviões cobrem argilla ou cal em grande extensão, ou se nos terrenos da ilha predominam mais uns elementos do que outros, não o sabemos. Já o dissemos e repetimos de novo. Em sciencia tão positiva não ha hypotheses; se dão causa a grandes discussões em sciencias physico-mathematicas, em geologia tornam-se quasi inuteis.

Diz-se que existem rochas calcareas; cumpre verificar a realidade d'estes boatos.

Falla-se de cavidades subterraneas, furnas, grutas, notaveis anfractuosidades, rochas furadas, etc., que ainda não foram devidamente

observadas; mas o que é certo é que sómente as rochas calcareas são corroidas pela acção constante da agua, dupla acção, na verdade, mechanico-chimica.

As denudações das terras nem sempre dão origem a miasmas, assim como tambem nem todos os pantanos são miasmaticos e insalubres. e os caracteres exteriores illudem as mais das vezes os observadores; provam a verdade da nossa asserção os factos citados por Dutroulau, que fez a distincção dos pantanos depois de examinar *a flora, a fauna, a meteorologia, as terras e as aguas:* são estes os cinco factores necessarios para o conhecimento exacto da salubridade de qualquer clima insular, como o de S. Thomé. Não está um só d'elles estudado n'esta ilha!

Que importa dizer: os terrenos de S. Thomé são mixtos, predominando a parte humosa, areia calcarea, siliciosa e argilla, sem ter havido uma rigorosa analyse?

Pertence ao hygienista dar a sua opinião ácerca da natureza do solo de S. Thomé, quer para a edificação de qualquer villa, quer para a de um estabelecimento importante, quer finalmente para se proceder a uma cultura apropriada, tendo em vista a purificação do ar[1]; e nunca o poderá fazer sem estudos preliminares bem dirigidos. O solo não é salubre sómente por ser montuoso, secco e bem batido pelos ventos, nem tambem é mau por ser baixo, alagadiço, humido e pantanoso. São d'esta opinião Dutroulau e Celle, e ambos concordes em que deve haver analyses geraes e parciaes por tantas vezes repetidas quantas forem precisas para se obter conhecimentos completos e indestructiveis. Mas emquanto não vem a sciencia pronunciar a sua ultima palavra, vamos nós, pela nossa observação diaria, protestando contra o trabalho dos europeus em S. Thomé! Não se sacrifiquem mais victimas inutilmente, bastam as que se têem sacrificado no espaço de quatro seculos, e as que se irão entregando a uma morte quasi certa emquanto não forem tomadas as providencias que a sciencia aconselha.

Temos fallado das causas de insalubridade que julgâmos dignas de especial menção; deveriamos ainda notar as que resultam da falta de casas proprias para os colonos poderem arrostar com a intemperie do clima. Ha oito mezes de chuvas, mas de chuvas acompanhadas de medonhos vendavaes, e trovões, que assombram o homem.

Como não soffrerão os habitantes da ilha de S. Thomé, mettidos dentro de casas de madeira, sem vidraças, sem cozinha adequada, e incapaz de os livrar da acção de elementos tão prejudiciaes á conservação da vida?!

[1] Luiz Figuier aconselha a cultura do girasol como uma barreira ao desenvolvimento dos effluvios e miasmas.

A alimentação para os europeus em S. Thomé é tão cara como deficiente e má! É exactamente n'esta ilha que o organismo perde mais do que assimila! Por causa da má alimentação gasta-se na botica mais do que se despende por causa dos miasmas paludosos!

Faltam bons predios, falta boa alimentação, faltam todos os recursos e commodidades da vida, e ha febres, endemo-epidemias, perseguições, desgostos, nostalgia; e que mais será preciso para explicar a morte[1] de muitos desgraçados que nós tinhamos visto chegarem a esta ilha quinze dias antes!!!

Estamos muito convencidos de que a ilha de S. Thomé póde perder o caracter de mau clima, que lhe attribuiu Jacques Lind, e que nós infelizmente somos obrigados a reconhecer, em 1869, em presença dos factos que temos observado.

Não admira ver morrer em quinze dias um e outro infeliz, quando nos lembrâmos que em favor d'esta ilha não se têem creado os melhoramentos materiaes e moraes, que tanto abundam nos bons climas da Europa, America, etc.

Vêem-se, por exemplo, em Lisboa trabalhadores, varrendo ruas bem calçadas e logares immundos; todas as noites percorrem-nas muitos carros, a fim de receberem o lixo, evitando-se assim que seja lançado n'um canto ou em qualquer quintal; examinam-se todos os sitios que por qualquer circumstancia se tornam suspeitos de prejudicar a saude publica.

—Imagine-se o estado de uma cidade onde residem 5:000 a 6:000 habitantes sem haver o menor cuidado da limpeza publica!

—O arvoredo agigantado e a geral e permanente vegetação não só produzem desequilibrio no oxygenio e acido carbonico do ar que se respira, mas tambem attrahem e sustentam muita humidade que n'uma atmosphera quente é prejudicialissima.

—Não se têem devastado as arvores, ou para se fazerem estradas que liguem as planicies mais ferteis e as villas mais importantes com a cidade, ou para se fazerem por toda a parte plantações de café, de algodão, de canella, de cacau, etc.

[1] Não são poucos os casos que temos presenceado. É grave um tal estado de insalubridade, que junto ás continuas e completas privações que passam muitos empregados, a maior parte dos europeus e todos os deportados, dá uma mortalidade enorme, aindaque aquelles se podem retirar da ilha, correndo risco a sua vida. Os mappas que acompanham este trabalho dão uma idéa, postoque não exacta, do que mais importa saber e dos factos mais averiguados. Referem-se ao anno de 1869. Estatisticas rigorosas deviam ser feitas para se poder calcular o tempo que os europeus resistem em S. Thomé sem adquirir a cachexia tropical e a febre perniciosa-icterica e outras molestias endemicas. Poucos elementos ha presentemente para se effectuarem tão importantes trabalhos.

— Os convalescentes por falta de casas de saude, que não faltam em Lisboa ou no Rio de Janeiro, são obrigados a demorar-se na cidade de S. Thomé sob a acção das mesmas causas morbificas!

A vida em S. Thomé conserva-se por milagre!

Salubridade relativa entre as ilhas do archipelago de Guiné e as principaes povoações proximas ás praias banhadas pelas aguas do mar de Guiné

Or, cette distinction faite (entre les influences de l'air et celles des lieux) il est facile de reconnaître que l'air des régions torrides n'est pas par lui même cause d'insalubrité, et est même compatible avec une salubrité très-grande.

(Dutroulau, loc. cit., pag. 171.)

I

N'este relatorio descrevemos o estado de salubridade da ilha de S. Thomé em 1869. A sua singular posição a respeito de outras colonias portuguezas e estrangeiras dá grande importancia ao exame comparativo do que se tem dito e escripto ácerca da salubridade das terras banhadas pelas aguas do mar de Guiné [1]. Não podemos, é verdade, apresentar prin-

[1] A palavra Guiné tem uma significação muito vaga. A parte do litoral de Africa, a que ella se refere, ainda está por determinar; a sua etymologia tambem não se tem averiguado, e se pouco importa saber a origem da palavra Guiné, não é indifferente o conhecimento exacto da sua significação.

É corrupção de *Geny* ou *Dgeny*, estado notavel da Nigricia, quando no seculo XV os portuguezes negociavam com os mouros, dizem uns; é derivada das peças de oiro que se recebiam dos mouros de Guiné, asseveram outros. Não seremos juizes na contenda.

Com a palavra Guiné designam alguns geographos toda a costa occidental de Africa desde o cabo Vermelho até ao extremo sul do vasto reino de Angola. Esta extensissima *corda* de terras é dividida, segundo elles, em Guiné meridional e Guiné septentrional. Não são geraes estas divisões, e d'ahi resulta grande confusão, ou antes arbitrariedade, entre os differentes escriptores que se têem occupado da costa occidental de Africa. Vem aqui a proposito ouvir o nosso geographo Alexandre de Castilho. É d'elle a seguinte divisão geographica do litoral da costa de Africa.

Costa de Marrocos. — Começa no cabo Espartel, e acaba no cabo Bojador.

Costa do Saharà. — Começa no cabo Bojador, e acaba no cabo Branco.

Costa da Senegambia. — Começa no cabo Branco, e acaba em Cabo Verde.

Costa da Guiné de Cabo Verde. — Começa no Cabo Verde, e acaba no cabo de Sagres.

Costa da Serra Leóa. — Começa no cabo de Sagres, e acaba no cabo do Monte.

Costa da Malagueta ou da Siberia. — Começa no cabo do Monte, e acaba no cabo das Palmas.

Costa do Marfim ou dos Quasquas. — Começa no cabo das Palmas, e acaba no cabo das Tres Pontas, limite que tomámos para o mar de Guiné, ao norte.

Segundo o nosso profundo e sabio hydrographo, o celebre golfo de Guiné, co-

cipios certos e conclusões seguras, por isso que nos falta a base em que assente tão fecundo quanto necessario estudo. Coordenâmos o que se acha escripto e mostrâmos os erros em que se tem laborado até ao presente. Se não resolvemos os problemas que se apresentam ácerca da salubridade de cada povoação em que fallâmos, indicâmos ao menos os meios a que se deve recorrer para a sua resolução. Assim o pede a natureza d'este trabalho.

Limitâmos as nossas indagações historico-medicas aos paizes situados ao norte do equador até 6,5° de latitude. Ha uma immensa faxa geographica dentro da qual fica o archipelago do golfo dos Mafras (menos a ilha de Anno Bom), o delta do Niger e a nossa colonia de Ajudá. Esta faxa seria illimitada, se não fizessemos passar sobre ella dois meridianos, que devem ser escolhidos nos pontos mais afastados, a cujo respeito fallámos. Seja um meridiano aquelle que passa na costa da enseada do Pau da Nau (10°, éste, Greenwich) e outro ha de ser o que parte de 2° e 15′, oeste, e corta o parallelo ao equador a 6° e 30′ de distancia, ao norte. Temos assim um vasto rectangulo geographico [1]. É este rectangulo uma enorme porção da zona equatorial propriamente dita, á qual se segue a zona tropical a começar dos 15° de latitude, e depois a zona *juxta-tropical* [2], que se estende alem dos tropicos até 36°.

A faxa geographica que nos propomos examinar é muito complexa. A respeito do archipelago dos Mafras ha questões importantes de salubridade que, attentas as exigencias do progresso colonial, devem ser promptamente resolvidas. O golfo dos Mafras e o de Benim formam n'este *grandissimo golfão* duas grandes porções de mar, em uma das quaes se encontram ilhas. A foz do Gabão, a dos Camarões, a do rio de El-Rey e a do Calabar, formam vastos seios de agua salgada. A costa banhada pelas aguas de Guiné tem 366 leguas segundo Alexandre de Castilho, a começar do cabo das Tres Pontas, e divide-se em quatro partes muito notaveis: *costa da Mina, de Benim, do Calabar e do Gabão.*

meça no cabo das Palmas. «É o cabo das Palmas um dos principaes de Africa, pois n'elle começa o appellidado golfo de Guiné». (Loc. cit. tomo I, pag. 301).

No meio da confusão que se nota entre os geographos (veja-se *Guinée*—M. A. Tardieu, *Univers Pittoresque,* pag. 1) tomámos os limites naturaes, a fim de fixarmos com clareza a relação entre as diversas povoações de que nos occupâmos sob o ponto de vista medico. Deviamos servir-nos das linhas isothermicas para esta comparação, mas não são conhecidas as da zona equatorial.

[1] Dentro da vastidão enorme das aguas do mar de Guiné não fica a ilha de Anno Bom, como dissemos, e a excepção feita para esta ilha não nos auctorisa a levar as nossas considerações aos terrenos importantissimos cortados pelo Zaire e aos que lhe estão adjacentes. São logares notaveis que se devem examinar com escrupulo. Virá d'elles algum mal á ilha de S. Thomé?

[2] Michel Levy, tomo I, pag. 527.

Sob o ponto de vista de salubridade relativa, examinámos as ilhas do golfo dos Mafras e as terras do Gabão, dos Camarões, do delta do Niger, de Benim e de Ajudá. Temos climas insulares e continentaes: são todos maritimos.

II

Ilhas do golfo dos Mafras

A respeito das ilhas de S. Thomé e do Principe levantou-se a questão de salubridade relativa chegando a dizer-se que o Principe era mais salubre que S. Thomé! Esta contenda tornou-se muito seria e foram gravissimas as suas consequencias. A prova está no que se vae ler:

«O Senhor Rei D. José, attendendo ao que lhe foi presente a respeito da insalubridade da ilha de S. Thomé, e da exagerada benignidade do da ilha do Principe, transferiu para ella a séde do governo [1].»

Eis-ahi um facto, cujas consequencias desastrosas mostram a grandissima importancia, que se deve ligar a estes estudos. Bem desejavamos ler os considerandos, que se fizeram subir á presença d'aquelle monarcha, para demonstrar a insalubridade da ilha de S. Thomé e a salubridade da ilha do Principe, se porventura não proponderaram no animo do Rei rasões de outra natureza.

A ilha de S. Thomé em 1869 está verdadeiramente insalubre, mas a ilha do Principe representa o typo da insalubridade. É verdade que se condemnam as ilhas por causa das suas cidades, quando se falla em geral; e nós, para cortarmos de uma vez para sempre similhante confusão, vamos fazer a classificação d'estas ilhas como se deve entender.

A cidade de S. Thomé, embora esteja mal collocada, como se vê pela descripção medico-topographica do dr. Augusto Lucio da Silva [2], não se póde comparar com a cidade da ilha do Principe, cuja insalubridade excede tudo quanto se possa imaginar de peior em taes assumptos, pois toca o extremo dos focos de infecção!

A leziria, onde jaz a cidade da ilha do Principe, tem pela frente, a nor-nordeste, um braço de mar, cercado de montes, cuja cerrada vegetação chega até á agua. Aquelle braço de mar parece antes um rio, tão estreito e comprido se apresenta. Ao oesnoroeste da leziria corre a ribeira dos Frades; o seu volume de agua é pequeno, passa por entre terras virgens. As aguas do monte que começa a levantar-se desde a sua margem esquerda, e as d'aquelle d'onde esta ribeira tira a sua origem, tornam-na caudalosa a ponto de entrar na cidade. Uma ponte de madeira que Tho-

[1] Cunha Matos, loc., cit., pag. 38.
[2] Capitulo I d'este relatorio, pag. 23.

más Hutchinson chamou *neat litle bridge* está lançada entre as duas margens do rio [1], e põe a cidade em communicação com a alfandega e o seu bairro, onde está (1869) a casa de residencia dos governadores, que foi comprada pelo governo a um proprietario da ilha.

Quando o celebre naturalista inglez visitou a ilha do Principe os governadores não tinham casa propria.

A les-sueste d'esta pestifera leziria corre outra ribeira, que tem o nome do pico onde se alimenta, é a pittoresca ribeira do Papagaio. Não ha ponte para dar passagem da cidade para as fazendas que existem alem da sua margem direita! Tem de ser atravessada n'um ou n'outro logar em que ha levada ou em que o rio dá vau, mas nunca sem risco de caír na agua. É caudalosa, e nas suas margens levantam-se arbustos e arvores, entrelaçando-se por tal modo, que em alguns logares forma vistosos doceis. Algumas pessoas tomam banho n'estes pittorescos e amenissimos remansos do rio, apesar dos preconceitos que ha n'esta ilha contra os banhos; podem comtudo fazel-o impunemente com os cuidados que o bom senso indica.

Entre a margem direita da ribeira dos Frades e a margem esquerda da ribeira do Papagaio conta-se apenas na sua maior largura um quarto de milha. Desde o mar até á ultima igreja da cidade, ao longo das ribeiras, percorre-se outro quarto de milha, pouco mais ou menos [2]. Temos portanto um quarto quadrado de uma milha, representando a area da leziria, que póde ser inundada pelas aguas das duas ribeiras!

Seremos exagerados considerando similhante local como o typo da insalubridade?

A cidade de Santo Antonio da ilha do Principe é um pantano, mas pantano [3] como não ha outro no mundo, que tenha casas onde sejam

[1] «Over a small river which falls into the sea here is erected a neat litle bridge, across which I had to pass to get into the town, first by the custom-house». (Thomás Hutchinson, loc., cit., pag. 205.)

[2] A posição da cidade é pessima; não ha uma unica circumstancia attenuante em favor da sua existencia; e para cumulo do infortunio d'aquelles que são obrigados a viver ali, está collocado o cemiterio entre as duas ribeiras a sudoeste das habitações!

É urgentissimo fazer-se a mudança de tal cidade para outra posição conveniente.

[3] «A cidade de Santo Antonio da ilha do Principe está assentada em terreno baixo, humido, pantanoso e barrento, isto é, está edificada no peior de todos os terrenos que se poderiam escolher para habitação de homens; entre o mar, a nor-nordeste, duas caudalosas ribeiras, ao norte e ao sul, a toda a hora exposta a uma inundação (como ía succedendo em maio de 1797, tempo das chuvas), cercada de altissimas montanhas, e finalmente em um sitio em que a arte não póde melhorar a escassez do terreno.

«A cidade é muito pequena em extensão, as casas são de madeira, cobertas de telha e dispostas em ruas agradaveis e quasi todas bem alinhadas (!), muito poucas têem

obrigados a viver os empregados, colonos, negociantes e agricultores! E que genero de construcções existe na maxima parte d'aquellas casas!

Imaginem-se 20 a 30 estacas de madeira queimadas na base e enterradas 4 a 6 palmos. Sustentam estas estacas ou esteios um soalho, sobre o qual se levanta uma gaiola de tábuas, para onde se sobe por uma escada tão tosca como mal segura. Por debaixo d'estas casas passeia-se á vontade. São cobertas de telhas.

Alguns ricos negociantes e abastados agricultores habitam em casas, que fazem um contraste singular com similhantes pardieiros. Ha apenas 10 a 12 casas d'esta ordem, tendo algumas boas salas, e sendo bem construidas. É pena existirem predios em um logar onde os poderes do estado não devem tolerar que se edifiquem outros.

Em 1857 Thomás Hutchinson visitou a cidade do Principe, e fez d'ella a seguinte descripção:

«The place hasall appearance of a deserted village; houses untenanted, some roofless, some windowless, more with broken walls. Even those which are inhabited, and are roofed with draining tiles, placed in alternate rows of the convex and concave surfaces uppermost, have a chilly filthy air of poverty about them, that makes them seem only fit tenements for reptiles and crawling things. No shops, no business, no signs of life or energy amongst the population [1].»

Desde 1858 até 1869 não houve progresso, conservou-se tudo no mesmo estado, pouco mais ou menos.

A cidade da ilha do Principe não deve continuar a existir. O que porém se diz com todo o rigor a respeito d'estas cidades não se póde applicar em geral ás duas ilhas; e a falta de attenção para esta circumstancia tem dado occasião a apreciações infundadas.

O dr. Daniel, segundo Thomás Hutchinson, escreveu as seguintes palavras: «Prince's Island has acquired a better sanatary reputation than can be justly ascribed to it [2].» O celebre viajante inglez combate esta asserção, firmando-se na opinião do dr. José Correia Nunes, a respeito da salubridade da ilha do Principe [3].

quintaes, e ha grande numero que fazem frente a quatro ruas; tal é a falta de terreno para construir dentro da cidade da ilha do Principe». (Raymundo José da Cunha Matos, loc. cit., pag. 65).

[1] Thomás Hutchinson, loc. cit. pag. 206.

[2] Ibidem, pag. 207.

[3] «The experience of dr. Nunes, the colonial surgeon, during a four years'residence, is more to be relied upon than the observations of any one who has paid only a flying visit to the locality. From a few hours' conversation with this gentleman, carried on in French, as he could not speak the English language, I believe him to be conscientious and intelligent. The topographical features of the island go also cor-

Todos sem excepção dão pessimas informações da cidade, mas do interior da ilha ha opiniões desencontradas.

Da leziria da ilha do Principe disse o geographo Sousa Monteiro [1]: «As ruas parecem verdadeiros canaes, por onde corre agua incessantemente, mas pelo interior da ilha não ha logares assim».

Na excellente geographia de Malte-Brun lêem-se as seguintes palavras a respeito da salubridade da ilha do Principe:

«L'air y est sain et agréable, l'eau excellente. Plusieurs ruisseaux frais et limpides descendent à la côte; *un petit lac occupe* le sommet d'une haute montagne au milieu de l'ile et fournit aussi plusieurs ruisseaux [2]».

Existirá realmente um lago, dando origem a algumas ribeiras?

A falta de explorações é a causa d'estas e de outras incertezas, tanto a respeito do Principe, como das outras ilhas.

Tanto uma como outra ilha têem no seu interior logares muito salubres. Citaremos, por exemplo, o agradavel e salubre logar *Ok-Gaspar* [3], que fica muito perto da cidade, a fazenda Azeitona, a fazenda Sundim, etc., etc.

Muito proximo á foz da ribeira dos Frades está o palacio dos governadores, *encravado n'um morro!* A sua sala grande e a agradavel varanda que se acha lançada na sua frente é o refugio dos governadores n'aquella casa humida e doentia!

A casa de *Cima-Ló* (?) fica na margem esquerda do braço do mar que vem tocar na cidade, ameaçando submergil-a. A sua posição é agradavel. Toda a encosta, a contar da casa de *Cima-Ló,* á direita e á esquerda, é salubre e offerece logar proprio para se edificar um hospital, e um quartel para os soldados.

A fortaleza da ponta da Mina fica sobranceira á margem direita do braço de mar de que temos fallado, e domina o mar. É um local excellente e agradavel.

Na ilha de S. Thomé contam-se optimos logares interiores. A fazenda Monte-Café, Macambrará, o logar da Madgalena, Santa Cruz, Santa Margarida, etc., etc., são salubres e muito agradaveis.

roborate his opinion of its salubrity as reported to me; for there is not a square inch of swampy land upon its whole surface».

[1] *Diccionario geographico das possessões portuguezas,* pag. 127.

[2] Malte-Brun, *Géographie,* tomo IV, pag. 629.

[3] Tivemos occasião de passar algum tempo na fazenda do sr. Antonio Rodrigues Pedronho, denominada Ok-Gaspar, bem como visitámos a fazenda Azeitona e a do Sundim, as quaes ficam em terrenos salubres; Ok-Gaspar é para a ilha do Principe o que é o Monte-Café para a ilha de S. Thomé, emquanto a salubridade.

O logar em que o sr. Pedronho possue a vivenda é uma planura dominando a cidade, o mar e a ilha; é surprehendente a vista que d'ali se disfructa. Desde a casa até á cidade ha uma grande encosta, onde devia edificar-se uma casa de saude,

O interior das duas ilhas é relativamente salubre, segundo a natureza dos climas equatoriaes; é porém incontestavel que a ilha de S. Thomé tem muito maior extensão de terrenos e é muito mais plana, as encostas mais suaves e as suas planicies mais vastas; a riqueza e commodidades avantajam-se ás da ilha do Principe.

Archivemos agora algumas palavras ácerca da ilha Anno Bom. Ouçamos uma auctoridade estrangeira, citada por Lopes de Lima.

«Ya las autoridades portuguesas del siglo anterior (seculo XVIII) habian reconocido con sorpresa, que *los europeos resestian* mejor el clima de S. Thomás que el del Principe y Fernando Póo; y que S. Thomás mismo cede el primer lugar *a la deliciosa* isla de Anno Bon, cuando se trata de la salubridad [1].»

O sr. D. José de Moros colloca em primeiro logar a ilha de S. Thomé, em segundo a do Principe, e no terceiro a de Fernão do Pó; mas a de Anno Bom julga-a superior *á propria ilha de S. Thomé*, e no seu enthusiasmo por aquella ilha não poz duvida em lhe dar o epitheto de *deliciosa!* É uma classificação insustentavel; faltam-lhe as bases para a comparação.

A ilha de S. Thomé e a do Principe disputavam entre si a superioridade em bondade do clima, sendo as auctoridades portuguezas do seculo XVIII em favor da salubridade da ilha do Principe, e não da ilha de S. Thomé. N'esta parte enganou-se o sr. D. José de Moros y Morellon. Não querendo ser juiz na contenda, veiu não obstante annunciar que a ilha mais salubre era Anno Bom; mas a sua demonstração, nem é scientifica, nem tem rigor mathematico.

O illustrado escriptor hespanhol, não podendo tratar do assumpto nas suas verdadeiras condições, recorreu aos phenomenos atmosphericos, citando *correntes de ar* que prejudicavam sómente algumas ilhas. Muitos escriptores procuraram sómente nos phenomenos atmosphericos a explicação da salubridade ou da insalubridade dos climas equatoriaes de que nos occupâmos, e por isso não acertaram com a verdade.

Ouçamos uma auctoridade franceza, e ajuize-se pelas suas palavras do erro em que laboram alguns escriptores a respeito dos climas proximos ao equador.

«Les vents réguliers qui soufflent à Anno Bon sont ceux du su-est, dont la constance est seulement troublée par les tournades qui se font sentir de mars à septembre. La saison pluvieuse est en avril et mai, puis d'octobre à novembre.

«L'opinion favorable qui l'on a communément de la salubrité du climat d'Anno Bon ne doit être reçue, dit le capitaine Boteler, qu'avec ré-

[1] Lopes de Lima, loc. cit., pag. 7.

serve, sa propre expérience ne la lui ayant pas démontrée; cependant il remarque plus loin *que ce climat est decidément le plus sec et le plus sain des quatre îles*[1].»

O capitão Boteler póde asseverar o que quizer; em assumptos d'esta importancia só os factos e as demonstrações rigorosas têem valor.

É hoje reconhecido entre os homens que se dedicam ao estudo das molestias dos climas quentes, que os elementos meteorologicos não têem acção directa sobre o desenvolvimento da maior parte das doenças tropicaes: *as febres paludosas e a dysenteria nas ilhas do golfo dos Mafras*.

Os miasmas geram-se no solo, e a sua maior ou menor actividade depende da natureza dos terrenos. A disposição individual augmenta a gravidade do envenenamento miasmatico, assim como a meteorologia augmenta a evolução miasmatica e as complicações organicas do doente. Mas uma e outra não produziriam as febres miasmaticas, não seriam prejudiciaes sem a existencia dos focos infectuosos. Tirem-se as causas, e os effeitos cessarão para sempre, porque o ar dos climas equatoriaes é similhante ao dos climas mais perfeitos e mais salubres.

Os argumentos a que se soccorreu D. José de Moros y Morellon têem tão pouca validade como os de Lopes de Lima, para sustentar a superioridade da ilha do Principe em relação a S. Thomé.

As estatisticas da propagação e longevidade dos habitantes europeus, sendo irregulares, não têem utilidade; é rarissimo fazerem-se exactas e nas condições de resolver o problema que se examina.

Os europeus, quer em S. Thomé quer no Principe, no seu estado actual, podem resistir por mais ou menos tempo, mas não podem aclimar-se, porque em terrenos palustres não ha aclimação possivel. Basta esta consideração para tirar toda a importancia aos argumentos de Lopes de Lima.

A ilha de Fernão do Pó devia tambem ter o seu apologista, e teve-o bem arrojado. Ouçamos por informação de Thomás Hutchinson o defensor de Fernão do Pó.

«Fernando Pó was discovered in 1471 by a Portuguese navigator, who entitled it the *Ilha Formosa* (or beautiful island), but it has since been called after the explorer who found it out, and whose name was Fernando Poo. Dr. Hensman has styled it *the Madeira* of the Gulf of Guinea[2].»

Não sabemos, porque Thomás Hutchinson o não declara, se Hensman demonstrou o que se atreveu a asseverar.

A constituição geologica de Fernão do Pó é assim descripta pelo celebre viajante inglez Hutchinson:

[1] *Iles africaines de l'océan atlantique*, par M. d'Avezac, pag. 241.

[2] Thomás Hutchinson, loc. cit., pag. 173.

« The volcanic nature of the island is evident on the road from the beach to the town; for basaltic scoriae are imbedded in the soft clay through which it is cut[1].»

A respeito da Fernão do Pó escreveu mr. d'Avezac:

« Le voisinage du continent africain soumet Fernão do Pó au souffle embrasé du harmattan, chargé des émanations brûlantes, sêches et poudreuses des sables du désert, intolérable si la brise n'en venait modérer l'ardeur; salubre cependant après la saison des pluis, en ce qu'il purge l'atmosphère des vapeurs miasmatiques qu'engendre l'humidité: on a observé qu'à son retour les malades commencent à entrer en convalescence. Il produit un singulier effet sur la peau des naturels; l'épiderme s'écaille et tout le corps semble couvert d'une poussière blanche. La brise la plus agréable est celle du nord-ouest, qui souffle vers le milieu du jour[2].»

Agrupam-se rasões sobre rasões, mas não ha decisão possivel, sem que se proceda ao estudo das localidades. O miasma gera-se na terra em certas e determinadas condições; é o solo que convem estudar. Ha pantanos sem haver febres palustres, e ha febres palustres sem haver pantanos. Os logares baixos são em todas as latitudes insalubres em relação aos logares ventilados e de boa exposição.

Não é sómente na ilha do Principe e na de S. Thomé que se reputam salubres os logares altos e interiores. Veja-se o que disse Thomás Hutchinson a respeito do pico de Fernão do Pó:

« The peak of Fernando Po is more than ten thousand feet above the level of the sea; and I believe the mountain to possess all the varieties of temperature, as well as of vegetation, to be met with from the equator to the poles. The palm-tree, the banana, the plantain, orange, and all kinds of intertropical fruits, flourish on the low ground. Higher up, satin-wood, lignum, vitae, and mohogany grow, with cinnamon and tamarinds, whilst ascending farther, cloves are found, and, near the summit, myrtles and lichens. The upper part of the mountain is said to abound in wild peacocks. The late governor Beecroft made ascent of it in 1840, and so intense was the cold at the peak, that two of his negro servants died on their return te Clarence. The thermometer was down to 40° Farhr. From this it may be presumed that an hospital could be erected here, in a position to be above all the endemic influences of the country, as the fever miasma is never known to rise higher than 2:000 feet above the level of its germination.»

[1] Thomás Hutchinson, loc. cit., pag. 181.

[2] *Ils africaines de l'océan atlantique,* par M. Avezac, pag. 237.

Alem das ilhas que deixámos nomeadas, deve contar-se Mondoleh e o Corisco. Se a sua pequena superficie as torna pouco notaveis emquanto á riqueza publica, as bahias que occupam têem muita importancia no estudo da salubridade relativa, que se trata de examinar.

A bahia de Ambozes, onde jaz Mondoleh, mereceu a seguinte classificação de um escriptor francez:

« *La baie d'Amboises est peut-être la position la plus saine de la côte d'Afrique.*

« Pendant la saison pluvieuse on y a rarement plus d'un orage ou d'un tornado en vingt-quatre heures. Le reste du jour, le temps est très beau et la pluie même s'interrompe quelques jours de suite [1]. »

Na bahia de Ambozes existe um pequeno archipelago, sendo Mondoleh a ilha principal. As ilhas que formam este pequeno grupo estão actualmente habitadas, sendo a sua extensão e fertilidade na rasão inversa da população [2].

A bahia do Corisco é assás notavel; é porém para lastimar que esteja entorpecida por grande numero de ilhéus, ilhotas, bancos e pedras, que a tornam difficilmente navegavel.

A vegetação da ilha do Corisco é, como nas outras, immensa. Ha ali magnificas madeiras de construcção [3]. Está actualmente habitada.

O que deixâmos dito a respeito das ilhas existentes no golfo dos Mafras mostra evidentemente que faltam os verdadeiros dados para se chegar a uma conclusão racional.

O excellente livro de Dutroulau é o melhor modelo a seguir, e com tão abalisado medico diremos, que sem o conhecimento exacto da constituição geologica do solo, e de tudo o que nos possa ser revelado pelo estudo geographico e topographico de cada ilha em separado, sem o conhecimento da meteorologia, tomando em consideração os seus principaes problemas, não se póde avaliar a natureza dos climas, e muito menos a das molestias reinantes. A falta d'estes dados inhibe-nos de apresentar a nossa opinião fundamentada; e apesar d'isso fazemos a seguinte classificação das ilhas do golfo dos Mafras, que pertencem aos portuguezes,

Logares mais salubres de S. Thomé—Monte-Café, Magdalena, Macambrará, e muitos logares cuja altitude é superior a 300 metros.

Logares mais salubres da ilha do Principe—Ok-Gaspar, Sundim, Azeitona, Cima-Ló e Ponta da Mina.

[1] A. Tardieu, *Guinée, Univers pittoresque*, pag. 371.

[2] Amadée Tardieu, loc. cit., pag. 370, e Alexandre de Castilho, loc. cit., pag. 116.

[3] Amadée Tardieu, loc. cit. pag. 374, Alexandre Magno de Castilho, loc. cit. tomo II, pag. 138.

A ilha de S. Thomé é actualmente mais rica, mais povoada e mais fertil que a ilha do Principe.

III

Povoações maritimas nas praias banhadas pelas aguas do mar de Guiné ou pelos principaes rios que n'elle têem a sua foz

Em frente de Fernão do Pó, na costa firme, levanta-se a formidavel serra de Motão ou dos Camarões. O seu maior pico vae a 4:200 metros de altura, e avista-se a grande distancia do mar. Está coberto de frondosas arvores, e, segundo Alexandre de Castilho, é justificada a supposição de ser esta serra um vulcão extincto.

O monte Mongo-Ma-Labah é mais alto que o celebre pico de Teneriffe, é talvez o mais elevado de toda a Africa; fica no mesmo rumo das ilhas de Fernão do Pó, Principe, S. Thomé e Anno Bom, como já dissemos. Cousa singular! O pico dos Camarões é mais alto que o de Fernão do Pó, o d'esta ilha igual ao de S. Thomé, o de S. Thomé mais alto que o pico do Papagaio no Principe, e o d'esta ilha igual, pouco mais ou menos, ao pico de Anno Bom. Os terrenos das quatro ilhas parecem identicos e são de origem vulcanica.

Em toda a zona de que nos occupâmos é preciso fugir dos logares baixos e humidos. A altitude de 18 metros acima do nivel do mar, que parece indifferente á primeira vista, tem grande importancia.

Os logares interiores e elevados são os melhores para o estabelecimento de casas agricolas, povoações, vivendas, casas de saude, etc., etc. Estas indicações devem servir de base para se realisar o projecto das colonias penaes em S. Thomé e Principe.

O Gabão, o delta do Niger e as terras de Dahomey têem sido o theatro de largas investigações scientificas muito importantes; e d'ellas tirâmos as seguintes noticias assás significativas.

«La ville de Dahomey est bâtie en argile; les habitations sont couvertes en paille comme celles de Whidah... sur un plateau élevé: *le climat est très sain:* il ne règue ancune des fièvres que ravagent le littoral, et dont les habitants de Dahomey sont souvent victimes quand ils descendent au bord de la mer [1].»

Esta informação corrobora o que temos dito, e sobre o que, embora faltem os verdadeiros dados, se póde desde já tomar uma resolução definida: as febres paludosas, as doenças graves, as endemo-epidemias existem nas povoações maritimas baixas e proximas ás praias.

[1] Amadée Tardieu, loc. cit., pag. 284.

Uma das povoações dos Camarões foi assim classificada, attenta a sua posição:

«Cette position élevée (altitude 18 metros) et la nature sablonneuse du terrain en font un séjour *très sain*[1].»

Não ha muitos terrenos baixos e pantanosos pela costa do Gabão. As nevoas que se levantam sobre a costa da enseada do Pau da Nau cobrem, segundo Alexandre de Castilho, logares pantanosos, mas d'elles não póde advir mal algum á ilha de S. Thomé. O notavel rio Gabão tem sido estudado sob o posto de vista commercial e politico; procuram os francezes estabelecer perto d'elle uma colonia, o que só poderão realisar á custa de grandes sacrificios. Ha já estudos regulares e feitos com este intuito, segundo as regras da arte, sendo muito para notar que todos os escriptores francezes hajam designado com os nomes de alguns sabios francezes e de outras pessoas notaveis os logares que examinaram.

Sendo a composição geologica dos terrenos um estudo muito essencial para se conhecer o grau de salubridade de qualquer localidade, julgâmos necessario archivar as seguintes informações:

«L'examen des localités qui avoisinent les deux bassins de Gabon, montre tout d'abord une série de terrains d'alluvion formés successivement par les sédiments du courant sur un sol calcaire ou ferrugineux que constitue la base générale du pays, de petits tertres argileux aux premiers plans et quelques montagnes de hauteur moyenne aux derniers. Dans les intervalles de ces accidents de terrains on rencontre, à chaque pas, de larges flaques d'eau saumâtre sans courant déterminé, que la mer laisse en se retirant après avoir inondé les environs... Il n'est pas inutile de dire que l'eau douce quelque haut qu'on se soit avancé dans les affluents, est toujours mêlée de detritus végétaux et de vase qui ne tardent pas à l'altérer une fois qu'elle est stagnante[2].»

Este trecho lança pouca luz na questão de que nos occupâmos, porque faltam as observações complementares.

Do Gabão aos Camarões não ha terrenos essencialmente pantanosos que possam carregar de miasmas os ventos a ponto de serem levados para a ilha de S. Thomé. Quer os terrenos que ficam proximos ao Gabão, quer os que jazem na costa dos Camarões e do rio de El-Rei, são reconhecidamente de origem vulcanica[3].

A costa do Calabar é muito insalubre e miasmatica, e tem rios em que é perigoso demorar-se o europeu por espaço de quinze dias sómente!

[1] Amadée Tardieu, loc. cit., pag. 373.
[2] Ibidem, pag. 382.
[3] Ibidem, pag. 369.

As febres são ali de natureza miasmatica. O Calabar, ultimo braço do Niger, é causa de grande insalubridade.

A costa que se segue ao Calabar e todas as terras adjacentes, que se acham rasgadas pelos numerosos braços do Quorra, são o centro enorme de miasmas paludosos.

«L'odeur des substances végétales putréfiées était excessivement désagréable et leur causait des nausées [1].»

São estas as informações dadas pelos viajantes que se têem animado a approximar-se de similhante foco de infecção, que fica a umas 300 milhas ao norte do equador.

Desde a foz do Calabar até á foz do rio da Lagôa, ou antes até á foz do rio Formoso; o terreno é de alluvião.

É urgente proceder ás observações meteorologicas na ilha de S. Thomé, a fim de se observar a relação de insalubridade que ha entre as povoações da ilha e os ventos que sopram do lado em que fica o delta do Niger.

Deixando o delta do Niger, passâmos ás terras banhadas pelas aguas do golfo de Benim, onde temos a colonia de Ajudá. Antes de coordenarmos algumas informações a respeito de um ponto tão importante da costa occidental de Africa, prestemos attenção aos escriptores francezes, que têem reproduzido os trabalhos do tristemente celebre Villaut de Bellefond. Attribue este escriptor a má fama que corre a respeito da salubridade das terras que ficam adjacentes ao golfo de Benim, á inveja das outras nações para afastarem d'ali os negociantes francezes! Notem-se bem as palavras do escriptor francez.

«L'air de ces côtes n'est dangereux que pendant trois mois de l'année et c'est encore si peu de chose, qu'avec le moindre soin que l'on prend à s'y conserver, l'on se porte aussi bien qu'en France, et plusieurs maux y sont inconnus que nous accablent en Europe. Mais disons que ç'a été la ruse des étrangers pour nous en dégoûter, qui, voyant que nous avions interrompu ce commerce, ont taché jusques à présent de nous faire perdre tout-à-fait non pas seulement le dessein, mais l'envie même de le reprendre [2].»

Se ha ali localidades salubres, ha muitas outras reconhecidamente insalubres, e o escriptor francez mostrou ignorar a historia dos viajantes francezes e inglezes que têem explorado as terras de Dahomey, de Benim, do Niger, do Calabar e dos Camarões, e, o que é ainda peior, fechou os olhos diante de centenares de victimas que têem sido immoladas ao interesse de alguns aventureiros.

1 Amadée Tardieu, loc. cit., pag. 362.
1 Ibidem, pag. 194.

Ha localidades tão insalubres como a leziria da ilha do Principe, e ha outras ainda mais damnosas, onde os europeus succumbem rapidamente, seja qual for a sua idade e temperamento. O sr. Villaut de Bellefond foi completamente illudido a respeito dos logares e dos factos que mencionou.

Não temos conhecimento da natureza das febres que grassam em Ajudá; nada podemos dizer a este respeito, deixando aqui uma lacuna gravissima, a qual, infelizmente, não é a unica que temos a lamentar.

Na carencia de conhecimento e estudos medicos de taes doenças, damos por copia a descripção de Ajudá feita por um distincto official da armada[1].

«A cidade de Ajudá é situada a 3 ou 4 milhas de distancia da praia do desembarque e d'ella separada por uma grande lagôa. O terreno é quasi sempre arenoso, mas tambem em sitios barrento e pantanoso, sem a mais pequena eminencia, começando a perder a vista desoladora que se apresenta ao observador esta costa do mar.

«A meia milha da praia fica a primeira aldeia que se chama Sumbugi. Entra-se depois na lagôa que é vadiavel. Tem de largura talvez 500 metros. É navegavel por canôas, cresce no tempo das chuvas, mas dá sempre vau no logar em que se atravessa do Sumbugi para o forte portuguez. Os carregadores mettem-se na agua até á cintura para o vadear.

«Antes de chegarmos ao forte atravessâmos o sarame portuguez que o circumda n'um raio de 500 metros.

«O forte portuguez está collocado mais a leste do que os outros (francez e inglez) e n'uma pequena elevação de terreno. Na actualidade (1865) compõe-se de uma velha casa de primeiro andar e coberta de palha, a que pelos lados se ligam as muralhas de barro amassado, que constituem propriamente o forte com seus baluartes derrocados, encerrando uma ermida e alguns pardieiros, e tudo cercado de uma valla ou fosso geral em que crescem em abundancia os arbustos parasitas sobre as escarpas resvaladas e já quasi sem declive. Ao lado esquerdo do edificio, que forma a maior parte da frontaria do forte, acha-se o portão da entrada principal, dando para um corredor, que communica com a praça ou parada geral.

«Possuia o forte bastantes escravos, que eram olhados como propriedade da corôa de Portugal, e d'esses com suas familias ainda actualmente (1865) existem perto de 600, que, reunidos em cabanas agrupadas em torno do forte, constituem o que se chama o sarame portuguez. Respeitam e não negam a auctoridade que tem sobre elles qualquer governador, e orgulham-se de ser reconhecidos como portuguezes. Não ha recenseamento d'esta gente que tem estado entregue a si propria, dependendo

[1] Carlos Eugenio Correia da Silva, *Uma viagem ao nosso estabelecimento de Ajudá.*

unicamente de dois anciãos a quem obedecem, e que são tratados por grandes do sarame.»

A nossa colonia de Ajudá occupa uma posição assás importante na costa occidental de Africa, e por isso merece toda a protecção dos poderes do estado. As noticias historicas do forte portuguez são abundantes. Occupâmos ali, é verdade, uma área limitadissima, mas as relações commerciaes dos europeus com os naturaes são valiosas, e o presidio que lá temos não deve continuar quasi desamparado. Se a natureza do clima é desconhecida, as molestias ignoradas e o commercio nullo, não quer isso dizer que Ajudá seja insignificante.

A faxa geographica que estudámos não admitte a menor comparação com as terras do reino de Angola e de Moçambique, nem mesmo com outra zona equatorial da mesma extensão, a seis graus e meio, chegando ao rio Zaire. A importancia da ilha de S. Thomé no archipelago dos Mafras e da colonia de Ajudá no reino de Dahomey justifica as narrações scientifico-historicas dos viajantes que se têem occupado d'estas terras equatoriaes.

Quando o progresso e a civilisação chegarem ás terras de Africa, muitos logares que passam hoje por insalubres tornar-se-hão brevemente salubres, e Angola especialmente patenteará toda a sua riqueza e salubridade, e com o seu progresso ganhará tambem a provincia de S. Thomé e Principe e suas dependencias.

Hygiene publica propriamente dita

> L'hygiène est l'arsenal où l'organisme humain puise les armes les plus éfficaces pour soutenir la lutte qu'il engage avec les forces cosmiques d'un climat qui lui est étranger, lutte qui doit aboutir à l'acclimatement.
>
> (Dutroulau, pag. 179.)

I

A historia medica de um povo fornece os principaes elementos para o estudo da hygiene publica, que tem por objecto a vida social d'esse povo. Á hygiene pertence examinar as causas destruidoras da população e os meios mais adequados para attenuar ou destruir essas causas; e por isso estão sob o seu dominio todos os edificios publicos, as cidades e as villas, a alimentação, as profissões e finalmente tudo o que possa pôr obstaculos ao desenvolvimento da população. Os materiaes que constituem a hygiene publica, um dos ramos mais importantes das sciencias medicas, são realmente tão abundantes quanto variados, quer se examinem singularmente, quer se examinem em globo.

Michel Levy[1] denominou a hygiene clinica do homem são, e, apesar de sustentar com toda a proficiencia as duas secções da hygiene, publica e privada, demonstrou que uma não era mais de que a generalisação da outra. Abundando n'estas idéas, agrupâmos n'uma parte as considerações geraes ácerca da saude publica na ilha de S. Thomé, e n'outra parte aquellas que dizem respeito sómente ao individuo. Julgâmos de absoluta necessidade o estudo da medicina preventiva, em seguida ao exame da flora pathologica d'esta ilha. Entre a medicina preventiva e a hygiene privada ha pontos de contacto, mas tambem se notam differenças caracteriscas; é mais natural estudar tão importante assumpto no capitulo das doenças, do que no da hygiene, como teremos occasião de observar.

Sob a denominação de hygiene publica propriamente dita collocâmos as considerações que o estado da ilha em 1869 nos auctorisa a fazer. A esta epocha nos referimos, e citâmos alguns factos anteriores que possam lançar a luz, fim de se achar a verdade e estabelecer com exactidão algumas regras praticas attinentes á conservação da saude.

II

População

«Une des premières recherches de l'écrivain qui veut se rendre une compte exacte de l'état d'une société dans un moment donné, consiste à connaître le nombre d'individus dont elle se compose[2].»

A estatistica da ilha de S. Thomé não se acha feita para o anno de 1869. Tomâmos por base das nossas considerações a população existente em 1868. Havia n'aquelle anno 16:500 habitantes, distribuindo-se por 272 milhas quadradas, devendo ter cada milha quadrada 61 habitantes. É um calculo infiel, porque a maior parte da ilha sempre tem estado e ainda está inculta.

A população média de cada uma das freguezias, admittindo a estatistica de 1868, é de 1:833,33 habitantes, e a sua superficie média 31 milhas quadradas. São calculos em que não nos devemos demorar, porque não representam o estado actual da população, mas o estado que devia ser, em presença da população e da superficie da ilha.

Os habitantes estão accumulados ao norte da ilha, e não se póde dizer por isso que esta parte da ilha é mais fertil que qualquer outra. Se no terço norte da superficie da ilha se têem concentrado todos os habitantes, é porque são obrigados a proceder assim.

[1] *Traité d'hygiène publique et privée*, prolegomenos, pag. 48, 49 e 50.

[2] Lord Macaulay, citado por Ambroise Tardieu, *Dictionnaire de hygiène publique et de salubrité*, art. *population*, tomo III, pag. 415.

O capim e outras hervas tendem constantemente a destruir o trabalho dos homens. O fazendeiro que abrir uma roça, e só cuidar de cultivar terrenos, marchando para o interior da ilha, quando voltar ao ponto d'onde partiu, vê os seus trabalhos agricolas inteiramente perdidos por causa de vegetaes inuteis, que inutilisam a sua obra! São factos communs. A concentração dos agricultores é uma necessidade, e a ilha nunca chegará a ser cultivada sem haver braços em tal proporção que possam attender a nova cultura e sustentar a que estiver prompta. N'estes trabalhos só podem ser empregados os africanos. Os terrenos virgens quando são arroteados desenvolvem molestias fataes aos europeus.

É curioso, é digno de se observar, o aspecto de uma pequena choupana entre uma vegetação suffocante, infinita que a circumda; não lhe escapa o canteiro do pobre, a horta do solitario, o campo do trabalhador, a fazenda do proprietario. Se houver quinze dias sem trabalho, a relva, o capim e differentes variedades de vegetaes occuparão tudo como se ali não tivesse passado a mão do homem!

Por entre tantas arvores e infinitos arbustos circula pouco ar, a humidade [1] é constante, o humus está muito carregado de detritos vegetaes e animaes, o sol dardeja os seus raios perpendicularmente, as chuvas são torrenciaes durante a maior parte do anno, e no meio de tudo isto que póde fazer um só homem, uma só familia, uma dezena de homens?!

É preciso ter-se percorrido a ilha de S. Thomé, para se poder avaliar o que são as suas povoações, a natureza das suas planicies e o estado da sua agricultura.

Para a cultura ser proficua, salutar e dar beneficios geraes á salubridade da ilha, é indispensavel grande numero de braços empregados no trabalho. As vivendas devem ser feitas nas encostas dos montes ou dos outeiros como a do Monte Café, a Casa do Campo e muitas outras, que têem espaçosos largos ao derredor.

Os pobres e as familias pouco abastadas mal podem lutar contra a vegetação e sujeitam-se a resistir. Sobre este solo humoso, cheio de detritos vegetaes, no meio de um arvoredo cerrado, respirando-se um ar humido e impuro, as forças physicas diminuem, e adquirem-se muitas doenças, que inhabilitam o homem, quer moral, quer physicamente.

A população branca soffre muito, a concepção não se effectua, e se por acaso se verifica, o seu producto é duplamente fraco, porque nem as

[1] O calçado de que se faz uso diario, e que se guarda á noite no quarto de dormir, apparece muitas vezes cheio de bolor branco! Este facto demonstra á evidencia o cuidado que deve haver em se ter a casa limpa, bem secca e arejada em occasião opportuna. O quarto de dormir estará, de noite, muito bem vedado.

mães, nem os paes estão nas condições de procrearem individuos sadios e robustos.

O europeu e a africana podem ter filhos, e formar assim algumas familias, embora com muitas difficuldades.

A falta de cultura e outras causas que ha pouco mencionámos explicam a mortalidade, o enfraquecimento organico e o impedimento aos nascimentos.

Observámos um grande numero de abortos entre as africanas. É esta uma causa importante do estacionamento da população nativa. Um aborto realisado predispõe para outro aborto [1].

A hygiene publica tem de combater similhantes predisposições por todos os modos possiveis, e não se deve desesperar de obter bom resultado, logoque n'esta ilha se adoptem as regras de uma boa colonisação.

As creanças africanas morrem em grande numero. São variadas as suas molestias, avultando entre as mais graves as doenças das vias respiratorias; os vermes complicam quasi todas as doenças, e muitas creanças morrem cacheticas!

Os costumes dos habitantes de S. Thomé têem influencia directa sobre a mortalidade e sobre a procreação. É um facto incontestavel.

A coincidencia da abundancia com uma excessiva mortalidade é quasi sempre o signal da pobreza de um povo ou da sua desmoralisação.

Michel Levy não admitte meio termo n'esta parte, e tem rasão. A ilha de S. Thomé, fertil como poucas regiões do mundo, é em muitos logares salubre, e todavia a população não augmenta sensivelmente!

O clima da ilha de S. Thomé, no estado em que se acha, predispõe para o aborto, mas a desmoralisação toma ainda maior parte n'esta predisposição.

Á hygiene publica pertence dar bons conselhos; mas a religião e a moral têem armas mais poderosas, sem as quaes nada se póde alcançar.

O paludismo, a anemia tropical, a anemia paludosa, as doenças biliosas influem sobre o feto. Estas causas geraes são favorecidas nos seus perniciosos effeitos por abundantes e ás vezes duplas menstruações, a que estão sujeitas as mulheres europeas, sob a acção deprimente do calor e do miasma palustre.

Todas estas causas são altamente prejudiciaes, e na cidade de S. Thomé operam simultaneamente, e por isso o aborto da mulher européa é a

[1] Tratei de uma africana que, tendo abortado cinco vezes, receiava abortar pela sexta vez. Todos os meus cuidados lograram apenas retardar o aborto, que se realisou durante o sexto mez. Como este têem havido alguns outros casos, que fazem objecto de trabalho especial. *(Nota do relator.)*

regra, e o parto a excepção. Uma creança recemnascida não póde resistir por muito tempo; o unico meio de a salvar é retiral-a da ilha.

As creanças que chegam aqui vindas da Europa morrem em pouco tempo.

A aclimação de familia, n'estas circumstancias, é impossivel na cidade de S. Thomé; as familias oriundas de europeus e africanos são poucas, e a população africana não augmenta como devia.

Para attenuar esta gravissima causa do atrazo em que se acha a população, cumpre que as auctoridades ecclesiasticas, civil e sanitaria tomem quanto antes medidas efficazes.

O padre moralisa, a auctoridade administrativa dá força e faz executar o que o medico aconselha.

Uma população com quatro seculos de existencia, que não cultiva uma superficie de 272 milhas quadradas, nem a povôa, apesar de receber constantemente homens e mulheres, mostra a existencia de causas permanentes, activas e poderosas, que geram doenças, causam a morte e destroem a procreação! Essas causas, a que os brancos não podem resistir, tornando-se-lhes impossivel formar familia, não actuam com a mesma energia sobre as familias descendentes dos pretos e brancos, ou só dos pretos; essas causas não são desconhecidas e a riqueza e fertilidade da ilha exigem que se appliquem os meios de as destruir, ou pelo menos attenuar.

III

Alimentação

A alimentação de um povo tem influencia directa sobre a sua saude. Podem predominar mais uns alimentos do que outros, e muitas molestias resultam da qualidade d'elles. Depois das considerações que fizemos no capitulo II pouco temos a acrescentar agora a tal respeito.

Em S. Thomé depende evidentemente das substancias alimentares a existencia de vermes intestinaes. A constipação de ventre, tão cruel, frequente e fatal entre os africanos, tem por causa determinante o genero de alimentação; no mesmo caso estão muitas molestias de pelle, e algumas vezes os edemas, a anemia, etc.

A subsistencia estudada sob o ponto de vista de hygiene publica é um ponto importante. A civilisação em todos os paizes do mundo colonial tem introduzido innovações, mas em S. Thomé não se ouvem os conselhos da sciencia.

No equador abundam os vegetaes tão ricos quanto gigantescos e variados, o que parece estar indicando que o sustento deve ser composto

de vegetaes no paiz, onde o calor dominar todas as outras condições meteorologicas.

Nas regiões polares os musgos e os lichens representam o reino vegetal; a natureza não produz ali vegetaes como nos tropicos, porque o frio domina n'estas regiões, por isso os mantimentos devem ter por base as gorduras.

O homem distincto de todos os animaes, formando um reino indepente, o reino hominal [1], procura estabelecer-se em toda a parte, em todos os climas que se contam á superficie do globo, dos polos ao equador e do oriente ao nascente.

Nos climas frios predomina a côr branca, e esta vae-se modificando desde o branco ao preto, fazendo tantas modificações quantos os climas; o mesmo se verifica a respeito dos cabellos; os pretos trazem-nos de modo a resguardar a cabeça da acção do sol.

O clima de S. Thomé, já de sua natureza deprimente, torna-se peior com as doenças paludosas, ás quaes o homem não se aclima. A anemia é uma doença geral.

Devem comer-se n'esta ilha vegetaes, peixe bem fresco e carnes; o vinho é muito util aos europeus, para lhes dar força no meio de tantas causas que as diminuem.

Para mais vantagem e facilidade damos em outro logar as regras necessarias para os europeus se dirigirem n'esta ilha.

IV

Endemias

As endemias que grassam na ilha de S. Thomé têem por origem a infecção. Á hygiene publica cumpre examinar a natureza intima d'estas endemias, comparal-as com as epidemias, endemo-epidemias e com tudo o que possa patentear as causas destruidoras d'esta população, e estabelecer os meios de as combater, quer na sua origem quer dentro da economia humana.

As endemias são, no dizer de Michel Levy, a expressão pathologica das localidades. A evolução das molestias endemicas da Africa portugueza é pouco conhecida. Pelo que diz respeito á ilha de S. Thomé, apenas se tem feito o exame e a classificação das molestias observadas no hospital [2]; é sómente a estas que nos podemos referir.

[1] Veja-se o capitulo x.

[2] Vejam-se os respectivos mappas.

As doenças paludosas [1], as doenças biliosas, as cachexias e as dysenterias constituem a endemia na ilha de S. Thomé entre a população européa.

O rheumatismo, as ulceras, a syphilis, o macúlo, a doença do somno, a elephantiasis, grassam de preferencia entre os africanos.

As povoações em S. Thomé devem estar sujeitas a regulamentos hygienicos, assim como as roças devem ser obrigadas a satisfazer a algumas condições da saude publica e do bem estar geral.

Estes regulamentos hygienicos não existem, apesar de existir policia rural e urbana, e haver já indicações espontaneas da parte de quem fez os regulamentos actuaes. Em assumptos de tal magnitude a auctoridade administrativa deve ouvir sempre a auctoridade sanitaria; mas nem a camara de S. Thomé tem medico do municipio, nem o governo da ilha tem dado importancia aos conselhos dos homens competentes. Fez e ordenou por sua conta e risco, o que não era da sua alçada, e ainda menos da sua competencia.

Não ha regulamentos hygienicos que sejam observados pelas povoações campestres, nem pelos habitantes das villas, nem pelos da cidade!

A junta de saude de S. Thomé, sem ter o auxilio das respectivas auctoridades, que póde fazer? Divulgar os conselhos da hygiene para socego da sua consciencia; é o que sempre tem praticado.

Na impossibilidade de fazer um regulamento para cada villa e para cada roça, escrevemos algumas considerações a respeito da cidade.

A cidade de S. Thomé está em posição muito má, e os seus habitantes devem pôr em pratica todos os meios que a sciencia recommenda, a fim de se precaverem contra as molestias endemicas e graves.

Os meios de que se deve lançar mão para attenuar os effeitos das endemo-epidemias, que se declaram na cidade nos primeiros mezes em seguida ás chuvas, são variadissimos, e dizem respeito a nós mesmos, á casa em que habitâmos, á nossa alimentação e a outras circumstancias a que é facil attender.

V

Desinfectantes

Em S. Thomé, como temos dito, as molestias mais graves a que estamos expostos, são as dysenterias e as febres paludosas em todos os seus graus; aquellas são causadas por miasmas animaes e estas por miasmas

[1] Procurámos sempre escrever doenças paludosas em vez de febres paludosas ou febres intermittentes. Adiante fallâmos ácerca d'este assumpto.

vegetaes. É preciso, por conseguinte, fazer desapparecer todas as materias animaes e vegetaes em putrefacção.

Propomos o seguinte desinfectante:

Acido phenico — uma onça.............. 0g,30
Agua commum — 83 libras de 12 onças ... 29g,880
Ajunte.

Conserva-se esta agua em garrafas ou botijas, e todos os dias de manhã manda-se varrer a casa e espargem-se no chão algumas gotas d'esta agua. É condição necessaria não haver um unico vaso para o serviço de despejos em que não seja lançada uma pequena quantidade d'esta agua.

Preferimos este desinfectante a muitos outros.

Não ha montureiras; convem creal-as.

A transferencia de immundicies, seja qual for a sua natureza, não deve ser feita sem a conveniente desinfecção.

Não se deve usar de agua para as comidas, para beber, e para lavar o rosto sem que seja filtrada.

É preciso ter bem em vista que os focos de miasmas não são sómente os pantanos, as lagôas, a foz dos rios, os charcos e as roteaduras. São verdadeiros centros de infecção todos os logares em que se desenvolvem ou podem desenvolver effluvios miasmaticos.

Um logar qualquer póde não se apresentar insalubre, ou mais claro, não se prestar ao desenvolvimento dos principios deleterios, por lhe faltar alguma das condições exigidas para elles se crearem.

E deixará de ser foco de infecção?

Não, com certeza.

É pois bem claro, que na praia, nas margens da ribeira, que em parte circumda e em parte atravessa a cidade, nos quintaes e nas proprias casas em que habitâmos póde haver pequenos fócos de infecção, que se n'um dia não causam damno, podem causal-o em outro. Basta que um ponto qualquer seja suspeito para merecer a nossa attenção, e ninguem contestará que para a desinfecção completa, é preciso a desinfecção dos mais pequenos logares insalubres até aos maiores: se não se podem destruir todos os focos ao mesmo tempo, comece-se pelos que mais facilmente se podem destruir.

O primeiro encargo que cada proprietario ou chefe de familia se deve impor a si mesmo, é não deixar saír dos quintaes das suas casas ou de outro qualquer logar as immundicies sem serem convenientemente desinfectadas. O acido phenico em agua, segundo a formula acima exposta, póde ser n'isso applicado, serve para os quartos, para as salas ou para a desinfecção do interior dos aposentos.

Em qualquer deposito geral que se faça, é conveniente empregar algum dos desinfectantes abaixo designados. O mais facil de obter é o carvão vegetal ou a cal.

Não é sómente no interior dos aposentos de noite e de dia, que devemos recorrer á desinfecção. Deve ser obrigação geral para cada habitante mandar caiar de tres em tres mezes as ubas ou cercados que lhe pertencem, e as casas todas ou a parte que o deva ser. É forçoso que seja de tres em tres mezes, e sempre antes da mudança das estações. Parecerá muito, mas não é, pois estamos n'uma cidade que carece de todas as condições de salubridade.

Muitos têem sido os methodos propostos para desinfecção geral e parcial. A combustão viva, a distillação secca, a decomposição pela cal, o emprego dos antisepticos, dos corpos porosos, são os diversos meios de que podemos lançar mão, empregando-se de preferencia os que forem mais exequiveis, menos dispendiosos e mais rapidos.

Creadas as montureiras e postas em vigor as medidas mais necessarias para a desinfecção, segue-se a constante, rigorosa e necessaria limpeza da praia, dos quintaes, das casas, das margens dos rios mais proximos á cidade e de todos os logares suspeitos.

Sem estes trabalhos nunca mudarão as condições materiaes da cidade, e será ella sempre pouco saudavel. Não são os pantanos que a rodeiam o seu unico mal; os pequenos pantanos são tambem prejudicialissimos. Muitas parcellas fazem maior a somma, e a impureza do ar está sempre na rasão directa d'esta somma.

Antes dos pantanos grandes destruamos nós os pequenos. Para aquelles requerem-se grandes obras, muitos trabalhos e muito tempo, para estes basta o cuidado de cada um e a sua boa vontade.

Passa uma epocha das endemo-epidemias, vulgò *carneiradas*. É destruidora a sua passagem; foram muitas as victimas. Tiremos lição de tantas desgraças para cuidarmos em fazer desapparecer todas as causas de insalubridade.

Os desinfectantes que desenvolvem o chloro são de certo de muita utilidade, mas ha outros mais commodos, mais maneaveis e de toda a confiança. São os seguintes:

Gesso calcinado......................	24 libras
Carvão em pó.........................	4 »
Misture int.	
Carvão em pó.........................	10 onças
Gesso em pó... } Caparrosa..... } āa..................	1 onça
Misture int.	

Cal viva....... }
Carvão vegetal.. } .... 10 libras
Misture int.

Sulphato de ferro (caparrosa verde)...... 1 kilog.
Dissolva em agua e ajunte:
Cal viva em pó. }
Carvão em pó.. } .... 2 decilitros

Estas dóses podem variar em relação ao gasto que se fizer do desinfectante empregado.

Alem do que deixâmos exposto póde usar-se do carvão vegetal sómente ou da cal. A combustão viva póde tambem convir.

O que temos a dizer ácerca dos desinfectantes que se devem empregar nas casas, é que as materias balsamicas aquecidas, como o incenso e outras, as substancias aromaticas, como o vinagre, a camphora, etc., não são desinfectantes. No mesmo caso está a polvora e as fogueiras em pleno ar, como por vezes e em circumstancias desesperadas se tem feito [1].

[1] As regras que se acabam de ler no texto, foram muito divulgadas em S. Thomé; as considerações, que damos n'esta nota, mostram o interesse que a junta de saude de S. Thomé tomou sempre pela saude publica.

O emprego dos desinfectantes é um dos recursos de que deve lançar mão, para nos collocarmos em melhores condições de resistir ás febres.

A salubridade de qualquer logar não depende sómente do ar e da agua; póde dizer-se que tudo o que houvermos de fazer não tem por fim senão purificar estes dois elementos da vida. A atmosphera que envolve a cidade de S. Thomé, assim como a agua que se emprega no uso ordinario da vida, exigem, para serem inoffensivas, muitos cuidados.

A cidade de S. Thomé é o ponto mais insalubre da ilha, e a causa da sua insalubridade está na praia, nos quintaes e nas margens da ribeira que atravessa a cidade; asseverámol-o nós, sem receio de engano.

As materias vegetaes em putrefacção dão origem á evolução de gazes que arrastam comsigo particulas tenuissimas de materia vegetal putrefacta, que se denominam miasmas, e que postas em contacto com as differentes superficies do corpo, geram as febres perniciosas, a febre amarella, a cachexia palustre, e as nevralgias paludosas.

Não é só isto, infelizmente!!

As materias animaes em putrefacção dão nascimento aos miasmas que produzem as dysenterias!!...

Os habitantes de S. Thomé e os poderes publicos provinciaes devem empenhar-se em fazer desapparecer as immundicies da praia, dos quintaes e das margens da ribeira que atravessa a cidade.

Se os focos de infecção se conservam, ás vezes, por alguns mezes sem causarem damno, como acontece durante as ventanias, tornam-se terriveis, quando se reune o calor e humidade, que são precisos ao desenvolvimento miasmatico. Destruam-se, fi-

A desinfecção geral e particular feita segundo as regras da sciencia, a creação das montureiras, a limpeza dos quintaes, das margens do rio Agua Grande e das praias, são, como já dissemos, providencias importantes, que as auctoridades administrativas de commum accordo com as

nalmente, as causas primarias de tão graves doenças, que ellas acabarão de uma vez para sempre. É esta a nossa convicção profunda, que a historia, os factos, a tradição e a nossa observação propria justificam. E como se não bastassem ao europeu que reside n'este clima, muitas molestias, que, em paiz mais saudavel, tambem soffreria, parece que de bom grado se expõe a muitas outras, que poderia evitar, destruindo os focos que lhes dão origem.

Ninguem poderá evitar as molestias que a permanencia n'um clima quente traz sempre comsigo; é um mal que se tem de soffrer; quem vem para estes paizes, deve esperal-o. Ha, para o europeu se indigenar, molestias mais ou menos graves, mais ou menos incommodas; são muitas, mas dão quasi sempre tempo para que se possam debellar, ou para a retirada do doente para um ponto mais salubre do que aquelle em que reside.

A natureza humana é fraca, contingente. O homem, quer nos climas temperados, quer nos tropicaes, tem de lutar para resistir ás causas destruidoras do organismo, e luta constantemente!! E que fará então quando tiver a certeza de se achar cercado por toda a parte *de inimigos?*

Que o europeu soffra as molestias climatericas ou aquellas que o levam á aclimação, é natural, mas que se deixe envenenar, e que veja uma e outra victima ser fulminada em cinco ou oito dias é muito doloroso.

Temos a convicção de que o homem póde aclimar-se; o que elle não poderá nunca é resistir por muito tempo em um logar infectuoso, rodeado de miasmas. Se alguem escapa constitue a excepção e não a regra!! A natureza póde acommodar-se a pouco e pouco á tolerancia de venenos; mas á tolerancia absoluta é impossivel.

Da aclimação e das suas molestias respectivas á insalubridade local e ás molestias consecutivas ha grande e immensa distancia. Não temos remedio senão soffrer aquellas, pois é condição de quem muda de clima. Mas as molestias que provém da insalubridade, devem ser combatidas na sua origem. A origem está fóra de nós, e é por todos conhecida.

. . . .

O tempo corre humido, o calor é intenso, as descargas electricas frequentes; que podemos esperar?

Estes tres elementos, em presença de focos de infecção, desenvolvem os germens que produzem as febres graves; se não podemos livrar-nos d'aquelles, podemos tudo contra estes.

E não se fará ainda o que a sciencia ensina, para nos collocarmos em melhores condições de resistir a tão destruidoras quadras?... Terminemos, mas não sem chamar a attenção dos habitantes de S. Thomé para um facto da observação de todos.

As molestias que acommettem os individuos que residem na cidade são muito mais graves, do que aquellas que acommettem os que vivem fóra d'ella.

As doenças paludosas, principalmente, fazem cem vezes mais victimas entre os habitantes da cidade, do que entre as pessoas que residem em outra parte da ilha.

Qual é a rasão d'estes factos incontestaveis?

(Nota do relator.)

sanitarias, devem tornar permanentes e obrigatorias. Alem d'estes meios ha outros, que fazem objecto do capitulo VIII.

VI

Profissões

A população da ilha de S. Thomé é essencialmente negligente. Não ha n'este paiz emprezas industriaes nem industrias particulares, não se trata da agricultura com a ordem e economia devida, o commercio faz-se ao acaso! Entre os habitantes de S. Thomé não ha uma unica associação; trabalha e vive cada um completamente isolado, arrostando com difficuldades e lutando com obstaculos, que julga invenciveis! É esta uma das causas da insalubridade da ilha, do atrazo do commercio e do pouco desenvolvimento agricola.

Não existem n'esta ilha officinas. Os serralheiros, tanoeiros, marceneiros e carpinteiros poderiam ser contratados na Europa, porque estes trabalhos são compativeis com a sua aclimação. Os poucos pedreiros que residem hoje n'esta ilha vieram da Europa; os carpinteiros são pretos, assim como os serradores que ha em algumas fazendas.

As fabricas com engenhos proprios para a extracção do azeite de palma, de oleos, etc., seriam muito lucrativas.

Profissões intellectuaes não se podem contar, porque se reduzem ás que exercem alguns empregados que desempenham n'esta ilha alguma commissão de que são encarregados pelo governo da metropole; mas os seus trabalhos não são muito aturados, e os seus escriptos não abundam. Os medicos, advogados, juizes, auctoridades ecclesiasticas, e, em geral, os funccionarios publicos soffrem por excesso da sua vida sedentaria.

As differentes profissões que se exercem actualmente n'esta ilha, não originam por si mesmas doenças especiaes que exijam menção particular. As doenças infectuosas são as que predominam, atacando mais os individuos de uma profissão que os de outra; mas não traz esta circumstancia a necessidade de regras hygienicas differentes d'aquellas que temos aconselhado.

Por estas rasões apenas escrevemos algumas considerações a respeito de algumas plantas muito uteis.

Trabalhos agricolas. Os europeus, em geral, dirigem todos os trabalhos agricolas n'esta ilha. A cultura mais importante é a do café.

—A canna do assucar *(Sacharum officinarum, glumaceas)* foi n'outros tempos a cultura predilecta. Nas circumstancias que deixámos enumeradas no capitulo II d'este relatorio, a canna do assucar foi substi-

tuida pela arvore do café *(Coffea arabica, caprifolias)* e pela do cacau *(Theobroma cacau, columniferas)*. A riqueza da ilha não perdeu cousa alguma e a salubridade publica ganhou muito.

—A canella de Ceylão *(Cinannum aromaticum)* dá-se bem e quasi sem o menor cuidado, assim como muitas outras drogas preciosas; mas não se tem cultivado especialmente a arvore de que se tira canella.

—O azeite da palmeira dendem *(Elaeis guineensis, palmeiras)*, que serve para muitos usos, é abundante n'esta ilha; com elle se faz um notavel producto, de que usam os naturaes—o celebre sabão de S. Thomé.

O azeite de palma emprega-se em medicina.

—N'este anno [1] foram enviadas para aqui algumas plantas que dão a quina, d'onde se extrahem productos de muita utilidade para os agricultores, e para todos os que desejam viver nos climas tropicaes.

A chinchona succirrubra deve dar-se bem em S. Thomé, porque a natureza do seu clima lhe será favoravel, seguindo-se as instrucções que o governo publicou a tal respeito [2].

—A cultura do café sobresáe entre todas as que já se iniciaram, ou que se devem experimentar [3]. A attenção de todos os fazendeiros concentra-se constantemente n'este ramo agricola e commercial.

As fazendas agricolas n'esta ilha serão tanto mais ricas quanto maior for a colheita do café. A par da cultura do café faz-se a do cacau, a do algodão e a das bananeiras; semeia-se milho, feijão, etc., são abundantes os generos de exportação, e não faltam os que servem de sustento aos animaes e aos trabalhadores.

O capim, que cresce por entre o café, de um modo espantoso, e as

[1] A cultura das plantas que dão a quina tem merecido a particular attenção do benemerito medico e notavel publicista, dr. Bernardino Antonio Gomes.

No *Boletim official da provincia* n.º 48, de 27 de novembro de 1868, foi publicada uma circular assignada pelo ministro da marinha e do ultramar, L. A. Rebello da Silva, recommendando a cultura da chinchona succirrubra. Acompanhou a remessa do estufim uma notavel Memoria ácerca de tão importante ramo agricola.

Nos *Annaes do conselho ultramarino*, parte não official, serie 5.ª, maio de 1864, está impressa uma carta do mesmo medico, ácerca dos ensaios da cultura da chinchona.

[2] Para tratar da aclimação das arvores da quina expediram-se instrucções minuciosas da secretaria da marinha (veja-se o *Boletim official*, de 27 de novembro de 1869); para a aclimação dos homens não se publicam instrucções algumas!!...

[3] No *Boletim official da provincia* n.º 45, collecção de 1858, 14 de agosto, lê-se uma circular, fazendo notar que a cultura do arroz poderá ser de muita utilidade aos lavradores e proprietarios da provincia de S. Thomé e Principe. Felizmente não se apresentou especulador, que, á sombra de similhante indicação, tentasse a cultura do arroz no paiz onde ha tantas e tão uteis culturas e industrias abandonadas, como a cultura da canella e do anil, etc., e a preparação e extracção de oleos.

chuvas formando enxurradas, são a causa de enormes perdas n'esta ilha. Os agricultores não podem colher um terço do café. N'uma roça de 100:000 braças quadradas dever-se-íam apanhar 12:500 arrobas, a rasão de 4 libras por cada arvore; mas por falta de trabalhadores inutilisam-se mais de 8:000 arrobas de café, que cáe e apodrece entre o capim ou é arrastado pelas enxurradas.

Os trabalhos exigidos pela cultura do café são a sementeira, a capina, a colheita e a preparação, de que não fallâmos detidamente por não serem proprias d'este logar.

As doenças principaes entre os trabalhadores das roças são a hydropisia, bronchites, pneumonias, ulceras, vermes intestinaes, etc.

A capina não póde ser feita pelos europeus, nem a colheita do café, aindaque esta operação seja a menos arriscada para elles.

A arvore do café dá-se melhor nas varzeas, faldas das montanhas; cresce a 15 e 20 pés, e póde durar uns vinte annos sendo bem tratada; começa a produzir depois do terceiro anno, e aos cinco annos está completa.

—A cultura do cacau *(Theobroma cacau, columniferas)* é mais facil e menos exigente do que a do café. Tanto uma como outra arvore são de agradavel aspecto.

O cacau deve semear-se nos mezes de setembro a dezembro. Exige o trabalho da capina feito com todo o cuidado, de modo a não inutilisar a pequena arvore que o capim encobre desde o nascimento.

Esta arvore cresce e dá fructo mais depressa que a do café.

Um notavel e benemerito agricultor de S. Thomé chamou-lhe arvore dos pobres. É fiel esta denominação; mas nós chamâmos-lhe arvore dos preguiçosos, porque á facilidade com que ella e algumas outras arvores produzem, se deve attribuir a indolencia dos habitantes d'esta ilha, para quem a natureza é prodiga na grande variedade dos fructos que espontaneamente lhe offerece!

—A cultura da arvore fructa pão *(Artocarpus incisa, arvore de pão, julifloras)* é importante e deve ser aqui generalisada.

O *artocarpus incisa* produz tres annos depois de plantada; prefere os logares humidos, produzindo duas vezes por anno, e não se propaga pelo fructo. Cortam-se algumas das suas raizes, e enterram-se no logar em que se deseja ter esta bella arvore, cujo fructo é reputado saboroso pelos habitantes da ilha.

—A cultura do algodão *(Gossypium vitifolium)* não tem sido aqui vulgarisada; a pequena area da ilha parece excluir muitas e variadas culturas, a que os seus fertilissimos terrenos se adaptam tão bem, e é talvez por esta consideração que todos preferem a cultura do café, praticando assim gravissimo erro.

O algodoeiro para durar muitos annos precisa de ser bem tratado; os terrenos d'esta ilha são-lhe favoraveis, e actualmente produzem bom algodão até sem com elle se terem os cuidados, que em outras localidades se julgam indispensaveis.

O descaroçamento do algodão, na fazenda do abastado proprietario Joaquim A. Bahia, faz-se ao serão, á noite. Esta fazenda, uma das primeiras da ilha, produz algodão, café e grande quantidade de madeiras de construcção, que se exportam ou se consomem na ilha.

Os serradores são pretos, tanto n'esta fazenda como em outras.

Enumerâmos alguns generos de culturas que existem, podem ou devem existir n'esta ilha, onde se não deve tornar a plantar a canna do assucar, e onde nunca se deverá tentar a cultura do arroz; não mencionâmos muitas outras, por d'ellas não provirem doenças especiaes, que se devam estudar na actualidade.

Aproveitados todos os terrenos da ilha, collocadas as vivendas em logares altos, formada uma rede de estradas que communiquem com a cidade ou com algumas praias, entre as quaes naveguem canoas; construidos hospitaes e casas de saude, que o bem estar dos povos reclama, tornar-se-ha esta formosa ilha um oasis para os que navegam proximo á riquissima costa occidental de Africa ao sul e ao norte do equador.

Hygiene privada

Os europeus recemchegados a esta ilha precisam de tomar diversas precauções, não só contra a acção dos miasmas, mas tambem contra a acção do calor.

A reunião d'estes dois elementos desorganisadores produz molestias ***hybridas*** mais graves do que as molestias paludosas ou biliosas, apresentando a sua evolução morbida independente umas das outras. O primeiro dever dos recemchegados é seguir do melhor modo possivel as indicações da sciencia.

Não seremos extensos nas considerações que a importancia do assumpto reclama, porque preferimos dar, sob uma fórma mais rapida e de um modo bem auctorisado, os conselhos que alguns sabios têem publicado a similhante respeito.

Em S. Thomé traja-se como em Lisboa.

As senhoras seguem as modas da capital do reino, d'onde importam vestidos e enfeites.

Os homens vestem-se sem differença alguma como os de Lisboa. Ha muitos inconvenientes n'este systema de vestuario, quer pelo que diz respeito ás senhoras, quer aos homens.

Quem vive na ilha de S. Thomé, alguns minutos ao norte do equador, tem rigorosa obrigação de attender ás regras da hygiene e ás indicações da natureza, grande livro que a experiencia tem ensinado a interpretar.

A respeito do vestuario entre os tropicos, escreveu o profundo e sabio professor Fonssagrives as seguintes palavras:

«Nos paizes quentes, o vestuario do europeu será amplo, fluctuante e sem obstaculos que empeçam a circulação do ar, e formem em diversas partes do corpo atmospheras limitadas.

«Um lenço enrolado em volta do pescoço e atado adiante deve substituir a gravata.

«O chapéu de palha tem vantagem sobre todos os outros.

«As mangas dos casacos serão largas, e as calças tambem o devem ser.

«Os sapatos substituirão os butes.

«A lã sobre o ventre e sobre o peito e o algodão no resto do vestuario é muito necessario para se conservar a saude na ilha de S. Thomé. As camisas de linho têem muitos inconvenientes, que se podem prevenir com a interposição de flanella.

«De noite é indispensavel a roupa de panno.

«No Senegal o habito de trazer de noite fato de panno, não só é regra de boa hygiene, mas tambem necessidade de bem estar.

«De dia os riscados e ás fazendas de algodão não devem ser rejeitadas[1]».

Os europeus que residem em S. Thomé são obrigados a attender a tão grave assumpto.

As calças, os coletes e os casacos á moda de Lisboa são intoleraveis; o clima de S. Thomé não auctorisa os caprichos dos vestuarios, que se usam nos climas temperados.

Fonssagrives disse com a sua auctorisada palavra: «O habito de trazer constantemente roupa de lã larga e fluctuante auxilia muito a saude nos climas intertropicaes[2]».

Empregue-se todo o cuidado em evitar a acção directa dos raios solares sobre a cabeça e a humidade nos pés. O chapéu, bonet e guarda-sol merecem attenção particular, assim como o calçado.

Chapéu, bonet, guarda-sol.—Na ilha de S. Thomé não se faz escolha de chapéus; usam-se de copa alta, ou baixos, de differentes feitios e cores, mas poucos são brancos.

Os chapéus de palha são raros. Os europeus residentes n'esta ilha não devem continuar a ser indifferentes á escolha dos chapéus.

[1] Fonssagrives, loc. cit., pag. 314, 315 e 316.

[2] Ibidem.

O sol, dardejando os seus raios perpendicularmente sobre a cabeça, póde produzir resultados lamentaveis; é por isso necessario attender ás seguintes regras dàdas por Fonssagrives:

«O chapéu nos paizes quentes será leve, poroso e fresco. Os melhores são os que têem as abas largas e o fundo um pouco elevado.

«Póde sem inconveniente metter-se um lenço molhado em agua fria entre a cabeça e o fundo do chapéu e até folhas frescas [1]».

Os chapéus de abas largas e fundo um pouco elevado, cobertos por uma faxa branca enrolada e caíndo aos lados da cabeça e da nuca, são os melhores.

Convem que os bonets sejam cobertos de panno branco de linho, e tenham suspensos por botões um panno branco da mesma fazenda ou de algodão, a que com rasão se chama «tapa pescoço». A palla deve ser de côr azul na sua parte inferior.

O chapéu de sol mais accommodado ao clima da ilha é o branco forrado convenientemente de azul.

As chuvas torrenciaes e quasi instantaneas obrigam a tomarem-se precauções, quando se deixa a cidade, quer pàra passeio, quer para viagem ao interior da ilha.

Calçado.—O calçado manda-se vir de Lisboa sem distincção alguma. Calçam-se aqui botas de pellica com biqueira de polimento, e tambem se admitte o calçado de polimento!

Quando o tempo está secco, póde saír-se á rua com calçado leve e de uma unica sola, mas quando está humido é necessario usar de calçado com duas solas. Evite-se com todo o cuidado que os pés humedeçam.

Os sapatos que deixam a parte supérior do pé a descoberto são hygienicos.

Referimo-nos a quem reside na cidade. Aquelles que vivem nas fazendas e nos campos precisam de se precaverem por todos os modos contra a humidade ou intemperie do tempo.

Quarto de cama.—Uma das necessidades mais instantes para se resistir ás doenças endemicas da ilha de S. Thomé é certamente um bom quarto de cama.

Convem que o leito seja largo e alto, e que esteja no meio do quarto; os lençoes de algodão que se pozerem na cama estarão bem seccos e passados a ferro quente; aos pés da cama haverá um cobertor.

Um mosquiteiro é essencial para se evitar os mosquitos e dormir com descanso, o que é muito necessario á saude.

As janellas do quarto ficarão hermeticamente fechadas. Onde não houver vidraças, e as portas das janellas forem velhas, ou pouco unidas,

[1] Fonssagrives, loc. cit., pag. 316.

tomem-se as necessarias providencias para impedir a penetração do ar por fendas largas e em grande numero.

O quarto da cama deve ter poucos moveis; o lavatorio ficará n'outro quarto, se for possivel. O quarto ou sala que communicar com o quarto de dormir terá, em logar de porta, um reposteiro, a fim de não se alterar ali o ar.

Os vasos para limpeza devem conter uma pequena porção de qualquer desinfectante.

As casas estarão bem limpas, seccas e arejadas, e quanto mais altas forem mais garantias darão á saude.

Ao que deixâmos dito ajuntaremos os seguintes conselhos de homens notaveis, cujo saber e competencia devem merecer muita fé.

Conselhos hygienicos de Griésinger

«Ha medidas prophylacticas que não podem sem graves inconvenientes ser esquecidas nos logares paludosos, principalmente por aquelles que não estão aclimados.

«Nos logares paludosos não se exponham durante a noite ao ar livre; evitem-se os nevoeiros, o arrefecimento e a humidade; não durmam ao relento; fuja-se das emanações directas dos pantanos; beba-se agua filtrada, e ainda melhor fervida; use-se de lã unida ao corpo; tenha-se actividade physica e intellectual moderada, e uma alimentação substancial; não se abuse das bebidas espirituosas; escolha-se para habitação um logar alto e secco, e evite-se com cuidado a acção directa dos raios solares. As indigestões e todos os excessos são totalmente condemnados; os incommodos ainda os mais leves serão tomados sempre em consideração [1].»

Conselhos de Dutroulau

1.° «Os preceitos e as regras hygienicas devem basear-se no conhecimento das localidades e das doenças endemicas, que lhes são proprias.

2.° «Deve calcular-se a chegada ás colonias nas epochas menos insalubres do anno.

3.° «A escolha da habitação seja o primeiro cuidado do europeu que chega ás colonias, e se não lhe for possivel viver fóra da cidade, procure dentro d'ella o bairro reputado menos insalubre.

4.° «Duas ordens de roupas leves são preferiveis a uma só roupa pe-

[1] Griésinger, *Tratado das doenças infectuosas*, traducção de Lemattre, 1868, pag. 74.

sada. O algodão unido ao corpo parece superior á lã, que se torna um supplicio para muitas pessoas.

«Um colete de algodão, de malha, com meias mangas e descendo até ao baixo ventre é muito util; as ceroulas devem ser d'aquella fazenda: O europeu terá todo o cuidado com a roupa que assenta sobre a pelle; a que fica sobre esta será leve e ampla. O chapéu de palha com abas largas e fundo baixo é o melhor.

5.º «A alimentação será tonica, excitante e proporcional ás forças digestivas.

«Ao recemchegado é muito prejudicial o abuso da mesa.

«É necessario conservar o genero de alimentação que se tinha no paiz d'onde se saíu.

«O vinho cortado de uma pequena quantidade de agua é excellente; o abuso do vinho puro póde ser prejudicial.

«O café tomado de manhã é muito util.

«Os fructos mucoso-saccharinos são uteis, quando ha saude.

«Não se generalise o uso do cognac, genebra e das bebidas alcoolicas.

«Não se deve beber entre o almoço e o jantar.

«A agua do rio bem filtrada não tem inconveniente.

«A cerveja e o vinho da Madeira com agua são bebidas hygienicas.

6.º «Merece muito cuidado a limpeza do corpo; os banhos de limpeza de 12 a 15 minutos são altamente indicados.

«Nos primeiros mezes tomem-se dois banhos de agua tepida por semana.

«No fim de alguns mezes de residencia colonial estão indicados os banhos de agua fria; são muito uteis. Um banho frio de 5 a 6 minutos, tomado n'um rio ou n'uma bacia de agua corrente, é hygienico; não sendo possivel tomar estes banhos no rio, faça-se a immersão do corpo n'uma banheira em casa.

«Os banhos de pequena duração, tomados no mar, são convenientes.

«A occasião mais propria para o banho é de manhã, antes das dez horas.

«O banho frio muito prolongado tem graves inconvenientes.

7.º «O arrefecimento proveniente da suppressão da transpiração é a causa accidental mais grave de todas as molestias dos paizes quentes. As chuvas diluviaes que sobreveem no meio de uma viagem e que atravessam os vestidos, causam o arrefecimento e a suppressão de transpiração, e por isso devem mudar-se immediatamente as roupas.

8.º «Para attenuar o perigo da demora das guarnições francezas nas colonias, propoz Dutroulau que se reduzissem a tres os quatro annos regulamentares, e que as substituições annuaes das praças se fizessem por um terço e não por um quarto do numero total.»

Se em algumas colonias francezas é preciso pôr em pratica esta indicação da sciencia, em S. Thomé e Principe torna-se ainda mais necessaria.

9.° «A aclimação dos europeus oppõe-se á cultura da terra em certas localidades.» A ilha de S. Thomé está n'este caso.

Conselhos de Thomás Hutchinson

1.° «Tenha-se a roupa bem secca, e se por acaso se molhar mude-se immediatamente.

2.° «Traga-se flanella junto ao corpo.

3.° «Tome-se sempre algum alimento antes de se saír de casa.

4.° «Use-se sulphato de quinina como preventivo, durante os primeiros dois mezes depois da chegada aos logares pantanosos, e durante um mez depois de passarem as chuvas.

5.° «Tomem-se banhos de chuva, porque são uteis.

6.° «Consideram-se de grande utilidade as loções de agua fria feitas de manhã no pescoço, peito, braços e rosto.

7.° «Evite-se a tristeza, a paixão e todas as excitações moraes; a alegria, a satisfação intima e a distracção são necessarias á saude.

8.° «Evitem-se as bebidas alcoolicas, porque a embriaguez predispõe para as febres.

9.° «Filtre-se sempre a agua ou ferva-se, e espere-se que arrefeça antes de se beber.»

Os nomes de Fonssagrives, Griésinger, Dutroulau e Thomás Hutchinson dispensam mais considerações em relação á hygiene privada ou individual. Enunciámos por ordem numerica e sob a fórma axiomatica as regras que aquelles sabios demonstram cabalmente. Attendemos sómente ao fim pratico com o desejo de sermos uteis aos empregados e aos colonos, que vierem dos climas temperados residir n'esta rica e formosissima ilha de S. Thomé.

Reunimos os conselhos dos quatro sabios hygienistas, a fim de dar plena auctoridade ás regras ensinadas, entendendo que se devem pôr em pratica n'esta ilha. Podendo-se confrontar os conselhos de uns e de outros, o espirito fica tranquillo e a convicção é profunda, no que ha sempre muita vantagem para quem precisa de recorrer á hygiene ou á medicina.

CAPITULO IV

Hospitaes

L'utilité des hôpitaux ne saurait être contestée au point de vue de la hygiène publique, mais à la condition expresse qu'ils offrent rigoureusement toutes les garanties efficaces apportées de nos jours par les progrès de l'hygiène.

(Ambroise Tardieu, loc. cit., artigo «Hospitaes», pag. 432, tom. 2.º)

I

Não ha espectaculo mais triste do que aquelle que apresenta uma povoação, onde se não praticam as regras da hygiene e onde faltam os recursos para se acudir aos enfermos, aos pobres e aos valetudinarios. Está n'este caso a ilha de S. Thomé! Nem hospicios[1], nem casas de saude ha n'este paiz onde são altamente reclamadas, attento o seu mau clima!

Aqui onde as molestias agudas são frequentissimas, chegando a matar em poucas horas, houve apenas um unico hospital, tão mau como pobre, desde 1504 até 1864. N'este anno foi creado o actual hospital militar[2].

Passaram-se tres seculos e meio sem que os doentes pobres tivessem, juntamente com os soccorros da pathologia e da hygiene, as commodidades que todos os paizes do mundo offerecem aos desprotegidos da fortuna, e aos que adoecem sem ter meios de se tratarem! E se não houve um hospital em boas condições hygienicas, embora fosse pobre ou existisse sem grandezas, como se poderia esperar que se tratasse de hospicios para receber os velhos e os doentes incuraveis? Que apreço se poderia dar ás casas de saude para convalescentes?

[1] Os hospitaes entram no estudo da hygiene publica; estudámol-a em separado para sermos fieis ao programma marcado na lei.

[2] A este respeito escreveu o dr. José Correia Nunes no seu relatorio o seguinte: «Sendo eu presidente da commissão administrativa d'esta casa (santa casa da misericordia) em 1863, informei ao governador da provincia ácerca do mau estado em que ella se achava, e da necessidade que havia de se abandonar tal edificio, por não ter, alem de arruinado, as condições indispensaveis a um bom hospital, terminando por mostrar a grande vantagem e urgente necessidade de se organisar um hospital militar, que, em virtude d'esta minha informação, foi creado e inaugurado em 1 de maio de 1864.»

A cidade de S. Thomé foi sempre doentia, e sabe-se que em certos logares elevados, em algùmas collinas e até nos montes mais proximos d'ellas é notavel a salubridade e por todos reconhecida; todavia nunca se tratou de edificar n'aquelles sitios casas de recreio; as villas estão quasi todas em má posição, e conservam-se despovoados os logares mais propicios á saude!

Percorrem-se as memorias d'esta ilha, pagina a pagina; folheia-se a sua historia, indagando os acontecimentos de cada anno, o progresso e a civilisação de cada seculo, e apenas se encontra a noticia das desordens que as auctoridades e os habitantes mais poderosos promoviam uns aos outros, esquecendo-se de si e da terra que habitavam. Havia hospicios religiosos, mas d'elles saía o mal, a intriga e o exemplo de desobediencia; inquietavam os habitantes [1], causando-lhes tantos prejuizos como as febres endemicas; e eram de tal gravidade as lições de desobediencia espalhadas entre o povo, que foi tomado em conta de milagre [2] o socego, embora momentaneo, que um honrado prelado pôde conseguir.

No meio de tão completa anarchia que poderia apparecer [3] que fosse bom e util?

A população da ilha definhava-se. Os padres tinham trazido a S. Thomé a guerra assoladora e não a religião christã. Debatiam-se em lutas continuas nascidas de odios e de invejas, e não eram caritativos.

Se lermos a historia da igreja ahi veremos que os bispos, nos primeiros tempos do christianismo, tinham sob a sua protecção os pobres e os doen-

[1] «O partido da camara armou os seus escravos, e fez corpo de guarda no real hospicio de Santo Antonio, com consentimento do padre-prefeito, Fr. Cypriano de Napoles, que soprava a desordem contra o ouvidor, por haver este ministro amparado um religioso que lhe fugíra do carcere.

«Parece que o demonio se divertia em andar de casa em casa, esquentando o espirito dos homens publicos e particulares, porque não achando sufficientes as calamitosas desavenças do ouvidor com o senado da camara governadora, ainda suscitou o coração do dito padre Fr. Cypriano de Napoles contra todo o corpo do cabido a quem excommungou e a todos os seus adherentes.» R. José da Cunha Matos, loc. cit., pag. 33.

[2] R. J. da Cunha Matos, idem, pag. 34.

[3] No meio das calamidades que assolaram a infeliz povoação de S. Thomé appareceram alguns martyres, sendo um d'elles o veneravel bispo D. Fr. João de Sahagum. A seu respeito disse Lopes de Lima (mappa dos bispos de S. Thomé): «Trabalhou por applacar a anarchia, que reinava no cabido, no clero e nos claustros de S. Thomé; soffreu grandes affrontas e dissabores — «O primeiro bispo D. Fr. João Baptista morreu de desgosto por não poder extirpar os vicios, abusos e liberdades, que os habitantes praticavam com todo o descaramento». Lopes de Lima, *Ensaios estatisticos*, parte 1.ª, pag. 56.

D. Bernardo Zuzarte de Andrade era digno de melhores tempos, trabalhou com toda a resignação para apascentar o seu bravio rebanho. (Veja-se R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 23.)

tes das suas dioceses. Quando não tinham meios pediam, mas pediam para os seus doentes. Os seus estabelecimentos humanitarios appareciam como por encanto. Não eram as suas provincias tão ricas como a de S. Thomé, nem tão doentias.

Quasi todos os bispos que estiveram n'esta ilha, saíram d'ella sem deixar vestigios da sua caridade christã, da sua resignação evangelica, dos seus actos de dedicação pelos pobres e pelos que soffriam; ricos e poderosos não offereciam a quem não lhes pedia! Eram orgulhosos, e consumiram a vida em guerras pessoaes.

Temos mostrado o reprehensivel procedimento do cabido e das auctoridades ecclesiasticas que formavam um cahos tão completo, como não é facil de encontrar em historia alguma de povos christãos; d'este cahos nos deixou uma idéa approximada um historiador do seculo XVIII. D'entre muitos quadros que elle traçou copiámos o seguinte[1]:

«O bispo via o ouvidor fugido, o cabido sitiado, a camara endurecida, o thesoureiro mór obstinado, o prefeito capuchinho desobediente ao ordinario, o padre Fr. Manuel de S. João Baptista, presidente dos agostinhos descalços, desprezado e fugido dos seus subditos, e o padre capuchinho Fr. José de Terento homisiado por medo da crueldade do seu superior.»

Em presença de uma vida tão desregrada não era possivel formar-se um unico estabelecimento de caridade! Sem associação entre os povos, sem harmonia e união entre os poderes civis e ecclesiasticos, as sociedades não saíriam das trevas, e teriam de soffrer a miseria, a fome e todos os terriveis effeitos da anarchia e da sua posição social sempre mesquinha.

Os governos ou os poderes do estado têem muito a fazer em pró do progresso e da civilisação de um povo; mas se os seus labores se dão em terreno esteril, não conseguem dar fructos, e gasta-se tempo inutilmente.

Os reis de Portugal nunca se esqueceram da ilha de S. Thomé; attesta-o a historia d'esta colonia.

Nos primeiros annos do seculo XVI creou-se aqui um hospital da misericordia. Foi El-Rei D. Manuel que o protegeu, segundo as circumstancias d'aquelles tempos; mas os habitantes de S. Thomé deixaram-no despercebido de tudo o que lhe era mais preciso!!

Tomavam os monarchas e os grandes da terra a iniciativa; o povo devia auxilial-os; foi o que sempre succedeu em paizes que se começaram a colonisar muito depois da ilha de S. Thomé. Não eram sómente os bispos, os obreiros da seara christã, que se empenhavam em levantar monumen-

[1] R. J. da Cunha Matos, loc. cit., pag. 34 e 35, referindo-se ao virtuoso prelado D. Fr. João de Sahagum.

tos de caridade, estabelecendo hospicios, hospitaes, casas de recolhimentos pios, entrando n'estes os desamparados e n'aquelles os doentes, os pobres e os valetudinarios; foi grandissima a parte que em cruzada tão santa tiveram os principes e os monarchas. Inspirava-os a caridade christã.

Pelo que diz respeito á ilha de S. Thomé verifica-se uma tristissima verdade que continuamente repetiremos: Desde 1504 até 1869 existiu um unico hospital para toda a ilha, sem haver outro estabelecimento pio!

Não podemos dar uma noticia circumstanciada dos acontecimentos mais notaveis, emquanto á direcção do hospital e ao desenvolvimento dos bens da santa casa. Não consta nada da sua organisação medica[1].

Havemos sido prolixos n'este assumpto; entendemos porém que, tendo de fallar do estado do hospital em 1869 convinha estudar a sua origem e investigar se houve um só hospital ou mais. Não podemos saber da existencia de hospicios nem de hospitaes na ilha de S. Thomé; procurámos a rasão de tão grave falta na historia da colonia. Não inventâmos; citâmos factos historicos, chegando a um triste e pezaroso desengano:

Quatro seculos são passados, e ainda não ha na ilha de S. Thomé um hospital bom!!

II

Passâmos agora a descrever o hospital que em 1869 existe na ilha de S. Thomé. Explicaremos em primeiro logar a mudança que se effectuou do hospital da santa casa da misericordia para a casa onde está actualmente.

Eis-ahi as palavras do dr. José Correia Nunes a este respeito:

«Existia em S. Thomé no anno de 1863 um unico hospital, pertencente á irmandade da misericordia, e administrado por uma commissão nomeada pelo governador da provincia. Este edificio está situado proximo á praia, no logar do desembarque e contiguo á alfandega de S. Thomé, tendo no pavimento terreo e com frente para a praia, a botica, que é do estado, e no fundo os armazens que servem de deposito aos generos e mercadorias que dão entrada na alfandega. A casa é muito antiga, mal construida, e em parte arruinada; mas poderá ainda tornar-se boa, reparando-a convenientemente. Era n'este hospital que se tratavam os doentes militares e civis, os indigentes e os escravos.»

[1] Suppomos que pouco póde haver escripto com relação a este importante assumpto. Não nos é possivel, porém, por falta de tempo, fazer as indagações necessarias para se escrever com exactidão e clareza a historia da ilha de S. Thomé, sob o ponto de vista de saude publica. A santa casa da misericordia possue 2:000$000 réis de rendimento, e apesar d'isso não tem um hospital especial; os seus doentes são tratados á custa d'ella no hospital militar e civil.

Até maio de 1864 existiu pois um mau hospital. N'esse mesmo anno alugou-se um predio dos mais espaçosos da cidade e n'elle se estabeleceu o hospital militar. A sua descripção é a seguinte. Extractâmol-a do relatorio do dr. José Correia Nunes.

«Consta esta casa de dois corpos, um interior, o mais vasto, e outro lateral menos espaçoso; em dois pavimentos soalhados de madeira e vastos armazens terreos se divide a casa: as suas paredes de pedra e cal são altas e grossas, mostrando terem ainda bastante solidez. O corpo da frente no primeiro pavimento superior apresenta sete janellas rasgadas e em sacadas, penetrando por ellas o ar exterior para todas as salas. Tem dezeseis repartições, como se vê da respectiva planta, com as suas competentes designações [1].

«O segundo pavimento é formado por aguas furtadas, deixando no centro uma boa sala de pé direito com frente para o mar e sufficientemente ventilada; esta sala é a enfermaria das ulceras chronicas das pernas. Esta sala interior do edificio recebe luz e vento do sudoeste. A parte lateral que corre de leste a oeste recebe o vento do mar que lhe fica fronteiro, e communica com a outra parte por meio de um corredor. Esta posição, comquanto não seja a mais favoravel para a sua salubridade, é comtudo melhor que a do antigo hospital da misericordia.

«O estado do hospital em relação ao edificio é soffrivel, e póde melhorar-se logoque o governo compre a casa, e lhe faça as simplificações e concertos de que carece [2]».

Do que deixâmos exposto vê-se que na ilha de S. Thomé não tem havido hospital como as suas necessidades reclamam.

O que é mais digno de lastima é ser esta ilha doentia, precisando mais do que qualquer outra provincia dos medicos, que escassamente lhe têem sido dispensados [3], e dos soccorros da hygiene, cujos conselhos nunca foram attendidos. Não exagerâmos; apresentâmos uma verdade, que as estatisticas corroboram e o futuro patenteará com toda a evidencia.

[1] Pela descripção que fez em 1865 o dr. José Correia Nunes do actual hospital militar se póde avaliar o estado actual do edificio. Não tem havido obras algumas. Acompanhou aquella descripção uma planta do edificio com as respectivas designações das enfermarias, quartos, corredores e divisões internas. Hoje nada temos a acrescentar, devendo existir esta planta junta ao relatorio citado.

[2] Até hoje nem a casa foi comprada, nem as simplificações foram feitas, nem as enfermarias melhoradas!!!

[3] Os medicos do quadro de saude publica em S. Thomé têem sido tão poucos que mal podem satisfazer ao serviço official, e até por muitos annos esteve um só encarregado de todo o serviço! D'este modo como é possivel proceder-se aos estudos que o estado da ilha está reclamando?

Não se construiu hospital, havendo em S. Thomé largos terrenos do estado, em que se podia ter edificado um estabelecimento d'esta ordem, regular, tendo terra para jardins, para pomares, para cercados de creação e para passeios! Abundam n'esta terra madeiras de construcção de primeira qualidade; a cal é facil de obter, e, se a pedra falta, um hospital de madeira, feito em boas condições de salubridade, de commodidade e de economia, vale muito e póde durar por muitos annos.

A agua é boa e de facil conducção; a ilha tão fertil, tão rica em productos de immediato consumo, offerece todas as vantagens para se ter bem abastecida uma casa, que n'outros paizes occupa o primeiro logar sob o ponto de vista do progresso, da civilisação e da caridade evangelica.

Que os poderes do estado devem tomar a iniciativa, a parte principal, em taes construcções, é incontestavel. São d'esta opinião abalisados hygienistas, e para não irmos procurar estrangeiros, citaremos o que a similhante respeito escreveu Macedo Pinto, aindaque este sabio prefere a construcção dos hospitaes fóra das povoações, havendo dentro d'ellas tão sómente hospicios ou estações de saude, para receberem os doentes, sendo d'ali conduzidos ao hospital permanente. Eis-ahi o trecho a que nos referimos:

«Da sua parte o governo deve dirigir a construcção de todos os referidos edificios, de modo que verdadeiros modelos de bom gosto dispertem no povo as idéas de ordem e belleza, e ao mesmo tempo sirvam de escola e norma de boa edificação.»

Os habitantes d'esta ilha em melhoramentos de seu interesse immediato não deviam esperar a iniciativa dos governos, mas pedirem o seu auxilio a fim de não serem perdidos os seus esforços, como sempre tem succedido n'esta ilha, e bom seria que não continuasse a succeder.

A construcção de um hospital regular é muito urgente, mas não o são menos os melhoramentos de que carece o actual edificio hospitalar para a regularidade do serviço medico e bom tratamento dos doentes, por ser muito de receiar que não se trate por emquanto d'aquella importante construcção. O hospital militar considerado em si mesmo, e tambem em relação á localidade em que se acha, póde dizer-se que deve ser condemnado.

Não têem os habitantes de S. Thomé dado provas de interesse e solicitude em pró de tão uteis estabelecimentos, mas não é porque sejam deshumanos [1], ou porque desprezem as necessidades publicas [2]. Ha muitos

[1] Em todas as roças ha enfermaria e uma botica: algumas conhecemos nós que estão em boas condições, e muito honram os seus proprietarios. É certo que os enfermeiros não satisfazem; mas ao menos os primeiros soccorros são immediatamente prestados, e muitos doentes não precisam de maior tratamento.

[2] Temos citado alguns melhoramentos feitos a expensas particulares, o que é prova

factos em abono d'aquellas asserções, e não duvidâmos affirmar que de bom grado concorrerão todos para se realisar em S.Thomé um melhoramento tão importante, como vital e util a todos.

No hospital militar d'esta ilha existe uma organisação interna, similhante á dos hospitaes militares do exercito em Portugal. Não póde, porém, tirar-se d'ella bom resultado, porque falta a companhia de enfermeiros, por tantas vezes reclamada e em todos os regulamentos promettida, e até esses regulamentos têem sido feitos e desenvolvidos na hypothese de que o quadro medico está completo e a companhia de enfermeiros em serviço activo. Nem esta nem aquelle tem existido em S. Thomé, e d'ahi resultam faltas gravissimas para o serviço de saude, como as que temos notado.

Os empregados menores não podem servir por gosto. São tirados de entre os soldados da bateria de artilheria, e poucos ha que se conservem por muito tempo no exercicio de suas funcções. Quando se acham iniciados no serviço e nos seus importantes deveres, deixam o hospital, e são substituidos por outros, que mal podem satisfazer ao serviço.

A companhia de enfermeiros é portanto de absoluta necessidade, e sem ella o serviço medico não póde ser bem feito.

Já em 1865 se queixava d'esta falta o dr. José Correia Nunes, no seu minucioso e completo relatorio. Eis-ahi as suas palavras textuaes:

«O pessoal do hospital compõe-se de 11 empregados: 1 enfermeiro mór, 1 amanuense, 2 enfermeiros, 4 serventes, 1 comprador, 1 cozinheiro e 1 porteiro. São todos da classe das praças de pret da bateria, exceptuando e enfermeiro mór, que é paizano.

«Este ultimo e o amanuense são de conducta regular e desempenham bem o serviço; emquanto aos mais não posso dizer o mesmo, porque são todos soldados, cuja moralidade é geralmente duvidosa, sem haverem habilitações algumas, e por isso prestam sempre mau serviço. Conviria, portanto, que do corpo de saude do exercito ou da armada fossem tirados os individuos que devem desempenhar aquelle serviço no hospital militar de S. Thomé.»

As cousas estão no mesmo estado, só com a differença de o enfermeiro mór accumular o logar de amanuense, por não se encontrarem individuos habilitados para aquelles dois cargos; mas tal juncção não convem ao bom desempenho do serviço, porque o amanuense tem de fazer uma escripturação importante, e falta-lhe tempo para dirigir o serviço interno do hospital.

evidentissima de que os habitantes não recusam o seu auxilio para se realisarem melhoramentos de utilidade publica. O que tem faltado não é a boa vontade dos habitantes, é a iniciativa das auctoridades locaes.

Em 1869 houve no hospital de S. Thomé 1:849 doentes e 48 mortos. A mortalidade foi de 2,6 por cento [1], sendo a média diaria do numero de doentes 50 a 60.

Nos hospitaes do exercito para cada 25 doentes ha um facultativo, que dispõe de todos os recursos; em S. Thomé ha um só facultativo para 170 doentes mensaes, chegando em muitos dias a estarem nas enfermarias 60 doentes!

As papeletas do hospital militar são como as dos hospitaes do exercito, mas não se tem dado áquellas a consideração que estas merecem.

Nas papeletas tem o facultativo do exercito um documento official real e claro, pelo qual a repartição de saude póde avaliar, não só a sciencia e a instrucção medica do facultativo clinico, mas tambem o zêlo com que os doentes são tratados nos hospitaes. E é tal a importancia que se dá ás papeletas e ao que n'ellas se escreve, que póde influir na promoção dos facultativos, e por conseguinte no seu futuro. São estas as palavras textuaes dos regulamentos e leis para os facultativos do exercito.

Em S. Thomé não acontece assim, e não sabemos se nas outras provincias se têem dado os mesmos casos.

As papeletas podem revelar o tratamento mais zeloso, a intelligencia de quem o prescreveu e um saber medico regular; todavia a promoção depende de uma auctoridade incompetente n'estes assumptos [2].

Tocámos por incidente n'esta questão tão vital como urgente, e não seguimos com outras considerações a este respeito, porque as reservâmos para o ultimo capitulo.

O hospital militar em S. Thomé tem hoje a receita que tinha em 1865, e tambem a mesma despeza; por isso aqui transcrevemos a informação do dr. José Correia Nunes, correspondente ao anno de 1865.

«A despeza d'este hospital anda em 200$000 e 300$000 réis mensalmente, e a sua fonte de receita é a verba que pagam os doentes da santa casa da misericordia, os particulares e o pret das praças da bateria que ali são tratadas, havendo quasi sempre um *deficit*, apesar da mais rigorosa economia observada pela commissão administrativa.»

Em 1869 como em 1865 acontece a mesma cousa. Os particulares

[1] As estatisticas da mortalidade que Dutroulau apresenta em relação ás colonias francezas, são, em geral, mais graves. No hospital de Port-de-France, Nova-Caledenia, a mortalidade foi de 1,03 por cento ao anno; é considerada como muito salubre esta colonia.

[2] Não queremos dizer que a primeira auctoridade da provincia não informe ácerca do procedimento dos facultativos; o que instantemente rogâmos é que se dê toda a independencia aos medicos, e que a sua reputação não fique á mercê de pessoas completamente estranhas á sciencia, á arte e ás circumstancias do serviço.

que desejam tratar ali os seus libertos pagam 240 réis por dia e por doente.

Os regulamentos internos, os modelos das altas, a escripturação, e tudo o mais que diz respeito ao serviço interno tem sido publicado no *Boletim official*, e feito á imitação do que se faz nos hospitaes militares em Portugal.

A reforma do hospital militar está altamente reclamada, não só pelo que diz respeito ao serviço interno, como aos trabalhos medicos e aos enfermeiros. Ha regulamentos, falta porém o pessoal habilitado, sendo muito para notar que se conserve um hospital no meio da localidade onde grassam as endemo-epidemias com toda a intensidade. D'este modo as convalescenças são morosas ou impossiveis, a mortalidade no hospital é muito maior, e por imprevidencia sacrificam-se centenares de victimas.

No interior da ilha ha logares salubres, e até se encontram nas proximidades da cidade em boas condições. É em alguns d'esses logares que deve ser construido um bom hospital permanente.

A necessidade de um hospital civil onde se tratem os libertos, é manifesta; convem que elle esteja em um logar central, e receba sómente os trabalhadores. Não deve esperar-se a iniciativa do governo n'esta parte, poisque o interesse commum a todos os roceiros reclama o indicado melhoramento, que é essencial á boa colonisação.

A camara municipal deve ter um facultativo de partido, porque os medicos militares mal têem tempo para desempenhar as pesadas funcções do seu cargo. Em S. Thomé são precisos cinco ou seis medicos, para cuja sustentação não podem concorrer os habitantes de uma colonia que principia, e por isso mesmo precisa de bons conselhos, util tratamento e boa direcção medica.

A ilha de S. Thomé está em peiores condições que Angola, emquanto a clima, e são n'esta ilha e na do Principe maiores e mais sensiveis as faltas que se notam em assumptos de saude publica!

CAPITULO V

Pharmacias

L'exercice de la pharmacie ne rentre pas, à vrai dire, dans les matières de l'hygiène; mais la vente des médicaments, la bonne tenue des officines interessent à un si haut degré et si directement la santé publique... que nous n'avons pas cru devoir passer complétement sous silence ce grave sujet.

(Ambroise Tardieu, pharmacie, loc. cit, artigo «Pharmacias», tom. 3.º pag. 298.)

Se o exercicio da pharmacia não entra no dominio da hygiene publica, a venda dos medicamentos precisa de muita vigilancia das auctoridades sanitarias e administrativas. Não ha arte mais nobre, nem sciencia mais util; mas tambem não ha arte em que mais abusos se commettam em S. Thomé.

Vendem-se nas pharmacias os mais energicos purgantes a quem os deseja; dão-se sem receita do facultativo vomitorios, que são tomados frequentemente, e emeto-catharticos que são applicados em todos os casos, sem se attender a dóses, á dieta e á occasião! Não é só nas pharmacias, é em muitas lojas e até em muitas fazendas que se encontram os mais energicos agentes therapeuticos, e se empregam sem o menor escrupulo.

Os curandeiros mandam comprar aos vintens drogas medicinaes, que misturam com cozimentos de hervas, em que suppõem a existencia de alguma virtude medica, e fazem as *celebres tisanas* do seu receituario! Os causticos a que os indigenas chamam *castigos,* as ventosas sarjadas e as sangrias pedem-se pelo amor de Deus. D'estes abusos provém, em geral, uma grave causa de insalubridade. Como removel-a?

A pharmacia do governo não póde actualmente satisfazer ás necessidades publicas e ao serviço official, que lhe está determinado por lei. Uma unica pharmacia para satisfazer ás exigencias de uma população de 16:000 almas, e em terra tão doentia, não póde collocar-se facilmente em condições regulares, estando quasi abandonada!

Um só pharmaceutico e um ajudante, por mais habilitados que estejam, podem apenas aviar o receituario do hospital e algumas receitas, e fazer alguns preparados mais urgentes. O pharmaceutico gasta n'isto todo o dia, ficando-lhe sempre em atrazo uma laboriosa escripturação, que elle nunca poderá apresentar.

Não satisfaz á sciencia, não satisfaz á arte, nunca satisfará assim ás necessidades publicas de uma colonia nascente, onde as doenças são frequentes, onde os casos fataes tanto impressionam, e onde finalmente a flora é desconhecida, a fauna abandonada, a meteorologia deslembrada, e as drogas medicinaes estão revestidas de certos mysterios, que repugnam á humanidade e á sciencia [1].

Informando ácerca do estado em que se acha a pharmacia em S. Thomé, faltariamos ao nosso dever se não chamassemos a attenção dos poderes do estado para este ramo do serviço publico tão importante como util e necessario.

Emquanto ao estado actual da pharmacia, vê-se das poucas palavras seguintes: má casa, pessimos armazens, grande e prejudicial distancia da pharmacia ao hospital, diminuto pessoal, falta de laboratorio e mau systema de fornecimento para acquisição das drogas medicinaes e de todos os medicamentos.

O pharmaceutico encarregado da direcção da pharmacia gasta o seu tempo em aviar receitas e vender drogas medicinaes a retalho. Não póde occupar-se de outra cousa, que a mais não o obriga a lei, encarregando-o da escripturação por quantidades, da venda e do consumo que se fazem na pharmacia. Deve ser este o serviço de dois ajudantes e um amanuense, que não ha, com prejuizo da fazenda e da saude publica. O trabalho do pharmaceutico deve ser mais fecundo e importante.

A classificação e disposição interna das drogas, medicamentos e de tudo o que diz respeito aos armazens; as preparações dos compostos, dos medicamentos officinaes e de todos os trabalhos do laboratorio tão necessarios n'esta ilha, onde tudo o que diz respeito á botanica e mineralogia jaz completamente abandonado, devem occupar constantemente a attenção do pharmaceutico, tendo toda a responsabilidade pelo serviço, escripturação e bom estado da pharmacia de que é director.

Não dizemos que sejam precisos na pharmacia de S. Thomé mais de dois pharmaceuticos [2]; o que desejâmos é que o serviço se faça sem prejuizo da saude publica, da fazenda e da sciencia. São precisos dois pharmaceuticos, dois ajudantes e um amanuense, e deve ser este o estado or-

[1] Está n'este caso a chamada, entre os indigenas, herva de *Vira Coração*, que preparam e dão áquelles de quem desejam o amor, e desconfiam da sua lealdade.

[2] A pharmacia tem em serviço effectivo um pharmaceutico, um ajudante e dois serventes; satisfazem ao aviamento do hospital e do publico e da escripturação, e não têem tempo para mais nada. Note-se que n'esta ilha as doenças são frequentissimas, e obrigam um ou outro empregado a não cumprir o seu dever.

O director da botica deve ser obrigado a escrever um relatorio ácerca do serviço e do modo de o melhorar, incluindo noções sobre a classificação da flora de S. Thomé, etc., etc.

dinario do pessoal da pharmacia, pois é raro existirem em S. Thomé os dois pharmaceuticos. Um d'elles este anno foi para Lisboa convalescer de uma grave molestia.

Estas considerações não constituem plano de reforma; mostram apenas que a pharmacia do estado não póde continuar como se acha. Perde a fazenda, não ganha o publico, e os trabalhos de alguma importancia que se podiam executar, ficam por fazer.

A pharmacia é um estabelecimento de primeira ordem que não póde ser dispensado. Ouçamos Dorvault:

«La pharmacie est-elle d'une utilité, et plus, d'une necessité sociale? Non, répondons-nous, dans une société en état d'enfance, d'anarchie, de décadence; oui, dans une société bien ordonnée, prospère.»

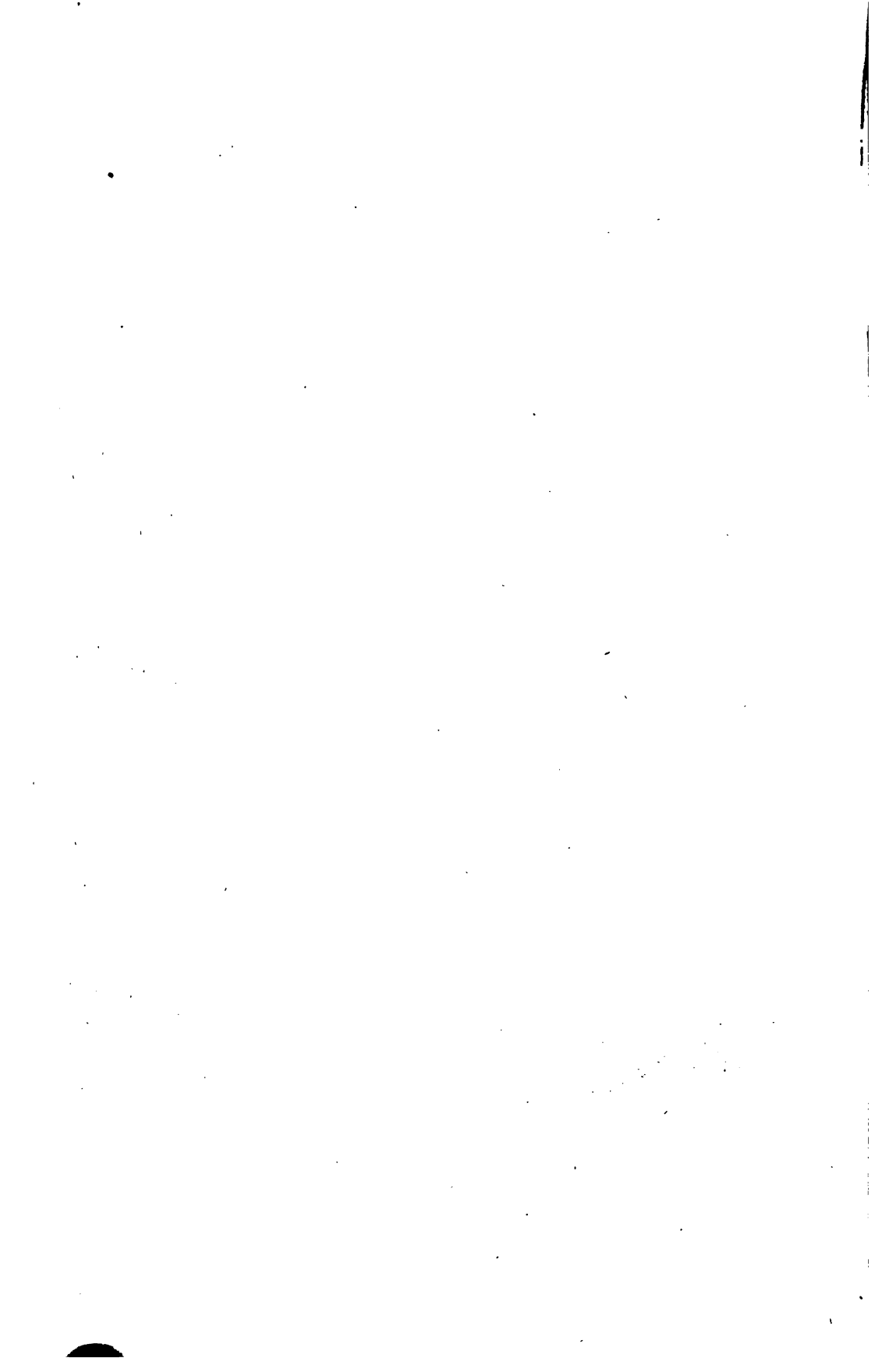
A respeito da pharmacia de S. Thomé disse em 1865 o dr. José Correia Nunes no seu minucioso relatorio:

«A botica do estado está collocada em uma das divisões do pavimento terreo do antigo hospital da misericordia, e conseguintemente em mau estado, quanto ao edificio. O material que a guarnece e os medicamentos não são maus; o fornecimento d'estes é feito pelo cofre da junta de fazenda, que os manda vir de Lisboa por meio de requisição feita pelo respectivo pharmaceutico, e rubricada pelo presidente da junta de saude. Este estabelecimento é administrado pelo primeiro pharmaceutico do quadro da provincia, que tem ás suas ordens um ajudante e um servente, praças da bateria.»

Em 1869 o serviço é feito pelo pharmaceutico de 2.ª classe, por um ajudante e dois serventes, sendo estes ultimos praças da bateria.

O fornecimento effectua-se do mesmo modo.

O material da pharmacia mostra pobreza, são pessimas as estantes dos armazens, que são mal ventilados. A divisão da casa é má. Os vidros e os vasos para conter pomadas, medicamentos officinaes e outras substancias medicamentosas são regulares e em numero sufficiente; as estantes da officina não têem vidraças. Ha apenas uma cozinha, que serve de laboratorio pharmaceutico!!

O que deixâmos dito é o bastante para demonstrar o triste estado em que está o estabelecimento pharmaceutico da ilha de S. Thomé, capital de uma riquissima provincia!!

CAPITULO VI

Facultativos e pharmaceuticos [1]

O escasso numero de alumnos nas escolas medico-cirurgicas do continente do reino, em relação ao que fôra em tempos anteriores, e os proventos que já encontravam no exercicio da clinica civil apenas completavam o curso medico, sem se arriscarem, como os facultativos das provincias ultramarinas, á insalubridade dos climas, explicam a inutilidade das disposições dos dois decretos, quanto ao resultado que ambos (o decreto de 14 de setembro de 1844 e o de 11 de dezembro de 1851) se propozeram obter.

(Relatorio e decreto de 2 de dezembro de 1869.)

I

Os facultativos e pharmaceuticos que se resolvem a vir para o ultramar arriscam-se á insalubridade do clima. Funda-se em tão amarga verdade o decreto supra-indicado, que regula o serviço de saude no ultramar, e amplia o quadro dos alumnos aspirantes a facultativos dos paizes de alem mar, e o dos respectivos facultativos das mesmas provincias.

A ilha de S. Thomé deve ter mais um facultativo [2], visto achar-se elevado a quatro o numero dos facultativos de S. Thomé e Principe. Os pharmaceuticos são tres; a companhia dos enfermeiros ainda não existe de facto.

Os facultativos da cidade de S. Thomé têem a seu cargo o serviço sanitario do porto. Os vapores ficam muito fóra da bahia, e esta visita, feita sob um sol ardente ou em dias de chuva, não tomando em conta as ventanias, que ás vezes fazem encapellar o mar, não é recompensada!

Os corpos de delictos, os exames de sanidade são feitos pelos facul-

[1] Entram na população ambulante a que nos referimos no cap. 2.º, e de que nos occupâmos especialmente nos cap. 3.º e 8.º

[2] Sendo a ilha de S. Thomé uma das mais doentias da costa occidental da Africa, e a ilha do Principe, pelo menos a cidade, o paiz-typo da insalubridade e da pobreza parece que os facultativos, que fazem serviço aqui, deviam ter algumas vantagens excepcionaes. O quadro até 1869 nunca esteve preenchido.

tativos do quadro. Ha, termo medio, quatro corpos de delicto por semana, não contando aquelles que têem de ser feitos nas matas, a longas distancias da cidade e dos povoados, nem as exhumações [1]. Todo este arduo, difficil e importante serviço é feito sem retribuição especial.

O serviço interno do hospital pertence aos facultativos do quadro. As febres são graves e precisam de detida observação, pois é sabido que algumas d'ellas matam em poucas horas; as molestias herpeticas são rebeldes, frequentes e algumas de diagnostico difficil; as molestias chronicas são em grande numero. A visita aos doentes e a escripturação do receituario nunca dura menos de tres horas por dia em casos ordinarios. Que mais se póde exigir a um facultativo consciencioso?

Os mendigos e doentes pobres da terra que procuram constantemente o medico, e com especialidade as mulheres, que procuram salvar os seus filhos, tomam mais de uma hora por dia. Não tomâmos em conta a visita á cadeia e outros serviços [2] extraordinarios e frequentes.

Ahi deixâmos uma idéa approximada do insano trabalho diario do medico em um clima, onde ninguem póde subtrahir-se á infecção miasmatica e ás febres intermittentes, e por conseguinte á anemia, ás graves molestias do apparelho digestivo e aos incommodos de um calor abrasador. Perde assim as forças, e arruina a saude. E com que animo póde elle occupar-se dos outros trabalhos que a lei lhe recommenda? Bastam notar-se os seguintes:

«Colligir annualmente exemplares devidamente preparados dos productos da historia natural da provincia; examinar a composição das aguas; fazer o estudo na flora e da meteorologia [3] do paiz, etc., etc.»

Os facultativos da provincia de S. Thomé e Principe têem de lutar tambem com a falta de recursos alimenticios e de todas as commodidades

[1] Foram muitos os corpos de delicto a que assisti em 1869, entrando uma exhumação e algumas autopsias no hospital. Os desinfectantes e anti-septicos não são fornecidos pela fazenda, nem os meios de conducção. Alem de trabalhar de graça nos serviços do municipio e do juizo criminal, o facultativo é obrigado a gastar aquillo que mal lhe chega para a sua subsistencia! *(Nota do relator.)*

[2] O facultativo não póde escolher hora para saír á rua e fazer o serviço que lhe compete. Cumpre-lhe fazer visitas sanitarias a embarcações surtas no porto, ao meio dia, ás dez horas da noite, em dias de chuva, a toda e qualquer hora. Os corpos de delicto, ás vezes a quatro e a seis leguas distantes da cidade, realisam-se em dias em que a agua cáe a cantaros, e os caminhos são quasi intransitaveis. A visita ao hospital deve começar ás oito horas da manhã, e muitas vezes tem de ser repetida. Um trabalho d'esta ordem, por mais hygienico que seja o proceder do facultativo, acarretalhe necessariamente molestias graves, padecimentos chronicos e a ruina do organismo.

[3] Ainda não ha em S. Thomé observatorio meteorologico! Tudo denota abandono no meio da fertilidade; tudo indica pobreza no meio de inexhauriveis thesouros!!!

da vida, que podem ter em qualquer outro paiz; não podem consultar livros, ter jornaes scientificos, adquirir conhecimentos, senão á custa de muitos sacrificios.

Dutroulau escreveu, no prefacio do seu excellente e verdadeiramente util trabalho ácerca das doenças dos europeus nos paizes intertropicaes, algumas palavras que julgâmos vir de molde para aqui.

«Les régions que j'explore dans le domaine médical sont féconds, *mais elles n'apparaissent à la plupart des médecins qu'à travers un mirage lointain que peu d'entre eux ont le courage de pénétrer pour les bien connaître.*

«Il est d'ailleurs une branche de la famille médicale qui a particulièremente intérêt à se familiariser avec les maladies exotiques: elle se compose des médecins qui consacrent la plus longue partie de leur carrière à lutter sur les points du globe les plus éloignés contre les influences pernicieuses que s'y rencontrent à chaque pas.»

Poucos medicos na verdade podem arrojar-se a exercer clinica nos paizes equatoriaes, e, quando se arrisquem a vir para climas tão doentios, expõem-se a soffrer as influencias perniciosas que n'elles se encontram constantemente.

Não tendo o futuro garantido, nem os meios convenientes para se tratar quando adoecer, o facultativo não poderá ser util a si, nem á sua colonia, nem á mãe-patria. É o que se vê acontecer aos facultativos da provincia de S. Thomé e Principe [1].

Não levâmos mais longe estas considerações, que merecem trabâlho separado. Mas não nos foi possivel fallar ácerca dos facultativos da provincia de S. Thomé, sem dizer mas algumas palavras a respeito da sua triste posição.

Em 1869 estiveram na ilha de S. Thomé os seguintes facultativos:

Dr. José Correia Nunes, chefe do serviço de saude publica e director do hospital militar. Está na provincia ha dezeseis annos.

Manuel Ferreira Ribeiro, medico cirurgião da escola do Porto e facultativo de 1.ª classe da provincia. Serve ha dois annos na provincia.

Não houve na ilha medicos civis propriamente ditos, e comquanto o escrivão deputado seja facultativo habilitado pela escola de Goa, e tenha pertencido ao quadro, não póde ser contado como facultativo civil, ainda que haja prestado bons serviços. Alem d'este devemos memorar Leonar-

[1] Um facultativo de 1.ª classe, adoecendo, tem de ir tratar-se, recebendo tão sómente 24$000 réis durante tres mezes!

Arruinando-se em seis annos aspira a 12$000 réis mensaes! Não se querem serviços; conta-se tempo! Triste condição de medico portuguez no ultrámar!

do Africano Ferreira [1], o qual pouco se deu á clinica, preferindo a vida do fôro *á pouco recompensada vida medica.*

Nas conferencias de gravidade por algumas vezes se reuniram estes quatro facultativos, mas todo o serviço ordinario e extraordinario esteve unicamente a cargo dos dois primeiramente nomeados.

A lei determina que nas capitaes das provincias estejam os facultativos absolutamente necessarios para a clinica dos hospitaes e para que reunidos em junta de saude publica exercitem todas as funcções do seu cargo; mas a experiencia mostra que por muitos annos esteve um só facultativo encarregado de todo o serviço, e em 1869 apenas dois!

Pertence-lhes a resolução de todos os problemas de hygiene publica, cuja importancia e necessidade demonstrâmos, instando para que sejam convenientemente resolvidos. Os facultativos do quadro da provincia de S. Thomé e Principe em 1869 procuraram satisfazer aos seus deveres, segundo o tempo e a saude lh'o permittiam, tendo a consciencia de ter coordenado as estatisticas medicas com o maior rigor possivel.

Por falta de observatorio meteorologico não procederam ao estudo da meteorologia; não tiveram tempo para se occuparem da fauna e da flora medica.

O abandono em que estão todos os trabalhos que dizem respeito ao conhecimento da insalubridade da ilha não é de certo devido a deficiencia de conhecimentos e habilitações de todos os facultativos que têem estado na ilha. Em trabalho especial faremos ver a verdade do que avançâmos, e n'este logar só dizemos que o dr. Lucio Augusto da Silva escreveu uma Memoria, que citâmos por algumas vezes, e do dr. José Correia Nunes, alem de excellentes estatisticas medicas, de relatorios importantes, de instrucções praticas para o exercicio da medicina em Ajudá, existem dois relatorios, um ácerca do serviço de saude publica em relação a 1865, e outro a respeito da epidemia das bexigas que assolou a ilha de S. Thomé.

II

Os pharmaceuticos de S. Thomé têem grande tendencia para exercer a clinica, e infelizmente alguns já foram auctorisados a fazer a visita medica ao hospital e ás enfermarias da provincia! São acontecimentos que se devem lamentar.

Aos pharmaceuticos está confiada uma nobre missão. É digno de lou-

[1] Leonardo Africano Ferreira foi alumno da escola medico-cirurgica de Lisboa, mas não obteve diploma medico; falta-lhe a approvação em uma cadeira do 5.º anno, segundo o curso d'este escola em 1851.

vor aquelle que procura desempenhal-a, aspirando á gloria de ter um nome illustre. Saírem do vasto campo que têem a percorrer, para se entregarem ao charlatanismo, é commetterem um grave erro; por este modo não prestam serviços á humanidade, nem á sciencia. Não imitam Dorvault, nem lhe seguem os conselhos!

Ao governo provincial cumpre impedir os abusos e não protegel-os. É justo que premeie aquelles que derem provas de zêlo, intelligencia e actividade, no desempenho dos deveres da sua alta e nobre missão; mas é urgente prohibir-lhes completamente o exercicio da medicina.

N'este relatorio somos obrigados a expor os factos com singeleza, apontar os males que elles podem trazer á saude publica, e indicar os meios de os remover; é esta a sua natureza.

Que poderiamos nós dizer ao lermos as portarias que elevam os pharmaceuticos á difficil missão de medicos?

Lamentar a desgraça dos povos d'estas ilhas!

A medicina é uma arte e uma sciencia, cujos segredos se descobrem com muito trabalho e só no fim do longo tirocinio; tem difficuldades praticas que sô o zêlo, intelligencia, e dedicação do medico, que quer gosar de bom nome, póde a muito custo superar. O clinico esclarecido e prudente reconhece que precisa de estudar noite e dia; e investe-se em tão importante sacerdocio um homem que apenas tem alguns annos de pratica de pharmacia? Que importa que haja feito profundos estudos da sua arte?

Os charlatães apparecem na rasão directa das difficuldades que a medicina apresenta, e em S. Thomé pollulam por tal fórma, que se tornam uma verdadeira praga para a saude publica!

O pharmaceutico illustrado é, na ausencia do medico, a pessoa mais competente para indicar qualquer remedio de instante necessidade. Conhecemos até muitos pharmaceuticos, cujos conselhos são conscienciosos e uteis. O que condemnâmos é a ousadia d'aquelles que se encarregarem do tratamento medico de uma doença, querendo dirigir a evolução d'ella, *diagnosticando, receitando e prognosticando!*

Os pharmaceuticos na provincia de S. Thomé estão em más condições, porque são obrigados a um serviço oneroso, anti-hygienico e de grande responsabilidade. A lei do orçamento determina que estejam dois pharmaceuticos na pharmacia de S. Thomé, mas não lhes concede ajudante nem amanuense, porque não podem elles satisfazer ás necessidades do serviço.

As mudanças de situação que tem havido entre os pharmaceuticos, e a mortalidade n'esta classe desde 1860 até 1869 indicam os perigos a que estão expostos aquelles empregados, e a deficiencia das respectivas leis regulamentares.

A escripturação deve ser lançada nos livros por um amanuense sob a

direcção e responsabilidade do pharmaceutico encarregado da pharmacia. O serviço technico deve ser feito por um dos pharmaceuticos com o respectivo ajudante e dois serventes; a venda ao publico, o cuidado e arrumação dos armazens, os relatorios e as respectivas contas pertencem ao outro pharmaceutico. Convem que o serviço seja dirigido de modo que um dos pharmaceuticos possa ter um dia livre em cada semana para descansar e saír da cidade.

É tambem de grande vantagem que se admittam praticantes de pharmacia, como acontece nas pharmacias de Portugal. Está demonstrado que o systema actual não dá o menor resultado util para a fazenda publica, porque os pharmaceuticos ou adoecem e não prestam bom serviço, ou pedem a demissão, e não são poucos os que têem fallecido! Os praticantes prestariam n'este caso bom serviço, tanto na pharmacia de S. Thomé como na do Principe, onde por muitas vezes têem faltado pharmaceuticos e facultativos!

Em 1869 esteve n'esta ilha, até fevereiro, o pharmaceutico Pedro Fernandes da Cunha. Era activo, zeloso e intelligente; mas foi obrigado a pedir a sua exoneração por motivos que não vem a proposito narrar aqui [1].

Por espaço de tres mezes tomou conta da pharmacia o facultativo de 2.ª classe, Manuel Ferreira Ribeiro, sendo auxiliado pelo ajudante de pharmacia, André Gonçalves Pinto [2]. Ao tomar conta da pharmacia apresentou este facultativo ao chefe do serviço de saude as considerações que julgou necessarias, a fim de se melhorar o miseravel estado em que estava a botica e todo aquelle serviço. O chefe de saude informou e remetteu para o governo da provincia os respectivos officios. O facultativo de 2.ª classe foi chamado á junta da fazenda publica, achando-se esta reunida em sessão ordinaria, e ali expoz miudamente o estado das cousas.

Nem as rasões em que o facultativo fundamentou os seus pedidos officiaes, nem as que deu perante a ex.ma junta foram sufficientes para se melhorar o estado da botica. É a má sorte de todas as cousas d'esta ilha correrem assim.

No fim de tres mezes apresentou-se na ilha o pharmaceutico Augusto Simões de Abreu! A sua constituição era fraca, e começou desde logo a

[1] O outro pharmaceutico, Antonio Duarte da Silva, tambem pediu a sua exoneração. O decreto que demitte este pharmaceutico, assim como o da demissão do pharmaceutico Pedro Fernandes da Cunha, estão publicados no *Boletim official,* col. 1869, n.º 6.

[2] É o unico praticante que se tem habilitado e tem prestado bom serviço na ausencia dos pharmaceuticos e impossibilidade dos medicos. Recebia ultimamente réis 30$000 mensaes, merecendo pelo seu trabalho os elogios do chefe do serviço.

padecer. No mez de outubro foi acommettido por uma febre paludosa grave, e esteve em risco de vida[1].

Em novembro chegou a esta ilha o pharmaceutico A. Sesinando Marques, que dirige actualmente a pharmacia.

O primeiro pharmaceutico da provincia, Antonio Pereira da Silva, está em serviço na ilha do Principe.

O movimento que houve entre os pharmaceuticos da provincia em 1869, as tristissimas recordações que ha d'elles no anno de 1862, os diminutos rendimentos da pharmacia e o nenhum proveito que dão para as sciencias naturaes são factos graves em que devem attentar as respectivas auctoridades, a fim de se melhorar o serviço da pharmacia na provincia de S. Thomé e Principe. O pharmaceutico do estado em S. Thomé não se adianta, atraza-se; não é tão util quanto poderia ser para a colonia, e é inteiramente inutil para a sciencia, e isto acontece n'uma ilha onde a botanica, tão rica e tão variada, está por estudar!

O que deixâmos dito ácerca dos serviços dos pharmaceuticos da provincia e do estado da pharmacia n'esta capital, mostra quanto é urgente tomar providencias para se evitarem as desgraças de 1862, o movimento inutil de 1869, e para se elevar o serviço da pharmacia á altura do das pharmacias do reino.

Os rendimentos da botica d'esta ilha, quasi nullos presentemente, podem chegar a 250$000 réis mensaes, isto é, só a botica póde produzir em cada anno a quantia sufficiente para se pagar a todos os pharmaceuticos do quadro de saude d'esta provincia e a um amanuense. É portanto a pharmacia uma fonte de receita publica, que deve merecer a attenção das auctoridades da provincia e da metropole, e tanto mais quanto maior é a necessidade de se aviarem remedios gratuitos para o hospital militar, para os pobres e para os empregados do estado, aos quaes por uma providencia tão justa quanto importante e util, a junta de fazenda publica determinou se abonassem todos os medicamentos que os medicos lhes receitassem.

A escripturação d'este importante estabelecimento deve ser simples, completa e accommodada á boa fiscalisação dos seus rendimentos. A escripturação por quantidades é aquella que se adopta em 1869; é difficil, muito laboriosa, mas não é completa.

[1] Foram graves as endemo-epidemias em outubro de 1869. O barão de Agua-Izé, e algumas outras pessoas notaveis foram victimas das febres perniciosas ictericas. O pharmaceutico deve a vida ao saber e zêlo com que foi tratado pelo chefe do serviço de saude dr. José Correia Nunes, e como estas febres predispõem para novos accessos graves, a junta de saude publica concedeu-lhe licença para se retirar ainda convalescente d'esta ilha.

Veja-se o *Boletim official da provincia* n.º 45, col. 1869, n.º 44, e o n.º 43 em que se falla da morte do barão de Agua-Izé.

CAPITULO VII

Quarteis, prisões, cemiterios e predios da cidade[1]

> Se ha vantagem em que alguns edificios publicos occupem o centro dos bairros mais populosos, outros pelo contrario devem collocar-se fóra da povoação, a maior ou menor distancia, segundo a natureza d'elles.
> (Macedo Pinto, hygiene publica.)

Já tratámos do hospital e da botica de S. Thomé, dissemos que estes edificios publicos precisam de ser completamente reformados. Não apresentâmos os planos da reforma por não os julgarmos proprios d'este relatorio, onde mais propriamente só temos a descrever o estado actual d'aquelles edificios. Estes importantes estabelecimentos demandam serio estudo no que respeita á sua exposição, e ás condições hygienicas dos edificios propriamente ditos, de modo que possam cabalmente servir para o fim a que são destinados. Iguaes considerações suscitam o quartel e a cadeia; descrevemos o seu estado actual, e mostrámos a conveniencia de se melhorarem.

O cemiterio da cidade e os que se acham proximos ás villas merecem attenção particular das auctoridades sanitarias e administrativas.

Seguimos n'este relatorio a divisão das materias, segundo as instrucções que acompanhavam o regulamento geral do serviço de saude das provincias ultramarinas, approvado por decreto de 28 de outubro de 1862.

A hygiene publica tem necessidade de estender o seu estudo aos hospitaes, ás pharmacias, quarteis, prisões, cemiterios, templos e outros edificios publicos; superintende na construcção dos edificios particulares e em tudo o que possa prejudicar a salubridade.

A cidade de S. Thomé, construida sem methodo, sem attenção aos bons principios da architectura, reclama reforma completa, mas reforma proficua e vantajosa. « Só pelos preceitos da hygiene scientifica, diz Macedo Pinto, é que se deve regular a edificação dos bairros ou povoações novas, e emprehender a reforma das antigas ».

É isto mesmo que se torna urgentissimo fazer na cidade, villas e em outros logares da ilha, muito principalmente se houver necessidade de se edificarem novas villas ou estabelecimentos commerciaes. Sob um ponto

[1] Deviam fazer parte do capitulo que trata da hygiene publica, mas ficam expostos assim com mais minuciosidade estes assumptos parciaes.

de vista geral temos dito o que julgâmos essencial. Emquanto ao quartel descrevemos o seu estado actual.

O quartel da cidade de S. Thomé, onde se recolhem os soldados e addidos, é mau e mal collocado. É um barracão construido sem se attender ás mais ordinarias regras da hygiene militar, ficando-lhe o mar ao poente, e a poucos metros de distancia, muito proximo d'elle, ao sul, um largo e extenso pantano, que começou a ser aterrado em 1868.

Consta este barracão de um só pavimento, ficando o soalho a poucos palmos do chão. Tem dormitorios largos e espaçosos sem tarimbas; o soalho completamente despido, sobre o qual dormem em esteiras os soldados e os addidos.

Similhante quartel è improprio de uma capital, repugna á humanidade e á hygiene militar, que o condemna totalmente.

A cadeia civil tem sido frequentes vezes condemnada officialmente, e ainda se acha no mesmo estado. O pavimento terreo, onde ha algumas prisões, é pessimo; contém espeluncas que mal alojariam 3 individuos e onde frequentemente se encontram 16 ou 20!

Pediram-se providencias, até que a final se conseguiu que no andar superior houvesse casas de detenção e algumas saletas limpas e arejadas. A camara municipal tinha ali as suas sessões, mas o digno juiz Antonio Ferreira Lacerda não o consentiu. Pertence hoje á cadeia o andar onde a camara se reunia.

Emquanto ao cemiterio da cidade e aos das differentes villas, escreveu em 1865 o dr. José Correia Nunes o seguinte (loc. cit.):

« Ha na cidade um bom cemiterio, construido ha pouco tempo no alto do Picão, com exposição ao nordeste, e distante da povoação meia legua: a sua policia está confiada á camara municipal e á administração do concelho. Ha tambem cemiterios regulares nas villas, cuja fiscalisação tem regulamentos especiaes feitos pela camara municipal e approvados pela junta geral do districto.

« Os cemiterios nas villas foram construidos ha poucos annos. Todos os enterramentos se effectuavam no unico cemiterio da cidade, cuja capacidade era insufficiente.

« O antigo cemiterio da cidade era o de Santo Antonio, ao sul da cidade, e muito proximo á povoação, construido em 1852. Em consequencia da sua má exposição, e por consulta da junta de saude em 1863, foram d'ali removidos os enterramentos para um outro cemiterio que provisoriamente foi construido no alto de S. José, ao norte da cidade, a expensas do negociante Manuel José da Costa Pedreira. Era murado de tábuas e em terreno, aindaque convenientemente situado, pedregoso e muito accidentado. Serviu provisoriamente, sendo definitivamente substituido pelo do alto do Picão, acabado de construir em agosto de 1865, bem situado em

terreno quasi plano e argilloso, rodeado de muro de pedra e cal e de conveniente altura e espessura.»

Ácerca da transferencia do cemiterio corre impressa uma Memoria, que por vezes temos citado.

Da exposição que acabámos de fazer, facilmente se conclue que foi em 1844 que se começou a attentar nas causas de insalubridade, sendo já attenuada, senão de todo removida, aquella que pareceu mais grave. Progredindo-se n'este intento, facilmente se conseguiria fazer desapparecer outras que indubitavelmente são a origem das terriveis febres que tantas victimas têem feito entre os negociantes europeus e entre os funccionarios de todas as classes. Nem o pobre nem o rico, nem o que tem a vida regular, nem o que se expõe ao sol e ao sereno, podem escapar ao envenenamento miasmatico, cujos effeitos se revelam com mais ou menos gravidade, segundo diversas circumstancias, que examinaremos em outro logar.

Ás creanças causa immenso damno a infecção palustre e a mudança rapida dos phenomenos meteorologicos. Os pobres e os que não cumprem os preceitos hygienicos dão maior contingente de mortalidade e de ruina physica e moral.

Afastemos os olhos do quadro doloroso que o observador descobre em terras tão doentias!

Assim como se destruiu a causa de insalubridade que existia no cemiterio antigo, assim é de esperar, finalmente, que se destruam muitas outras.

Alguns cemiterios das villas estão em mau estado. São cercados de tábuas, em terrenos humosos e muito humidos e baixos, rodeados por um espesso arvoredo. Está n'este caso, pelo menos, o cemiterio de Santo Amaro.

Ácerca dos quarteis, prisões e cemiterios nada temos a acrescentar ao que acima se lê. Precisam de reforma completa e tão rapida quanto o permittem as circumstancias e prosperidade da ilha. Mas, se attentarmos no conjuncto de edificios publicos e particulares, nas praças e nas ruas, lastimaremos tambem que ali tenham sido desattendidas as regras e principios de hygiene publica e particular.

Permitta-se-nos acrescentar mais algumas considerações.

A falta de casas em um paiz em que abundam optimas madeiras, mostra o pouco caso que se faz da intemperie das estações.

Trovoadas estrondosas, como rarissimas vezes se ouvem em Portugal, são quasi constantes nos oito mezes da má estação; chuvas torrenciaes despenham-se durante muitos mezes do anno com tanta rapidez e violencia, que parecem querer submergir os edificios; fortissimos vendavaes sopram de alguns quadrantes, com especialidade do sudoeste e sul. Nos

mezes da estação chuvosa temos de arrostar com variados e frequentes phenomenos meteorologicos, e nos mezes das ventanias causa verdadeiro incommodo o vento que sopra constantemente, e é origem de mais ou menos molestias das vias respiratorias.

Dormir em quartos acanhados, mal reparados e expostos ao vento e á chuva, é querer contrahir molestias rheumaticas, bronchites, tão fataes aos indigenas, e outras doenças graves, e, mau grado seu, a estes inconvenientes se expõem os empregados publicos para cumprirem os seus deveres. Em 1869 é muito difficil accommodar mais moradores. As casas são, na sua maxima parte, pessimas.

Vê-se pois que o primeiro sacrificio a fazer é emprehender a construcção de um novo bairro, em localidade salubre, havendo então opportunidade para se edificar outro quartel, em condições regulares e em boa posição. Á falta de casas ajuntam-se privações de toda a ordem.

Muitas cousas de somenos importancia, mas que para o europeu constituem necessidades imperiosas, faltam completamente! É preciso viver aqui um anno para se avaliar esta falta.

Nem para o corpo as commodidades, nem para a alma a distracção!

A lembrança constante e diaria das doenças, e a vida isolada e sem esperança de melhoramento, que se é obrigado a passar, são outros tantos elementos pathologicos que trazem o europeu sob um mal estar continuado, que lhe gastam a vida, enfraquecem a memoria, tiram a alegria e o vão reduzindo a um estado inexplicavel até que o acommettem as febres. Muito longe nos levaria este assumpto, se outras considerações fossem aqui permittidas.

Que poderemos dizer, no estado actual da ilha, dos soldados europeus?!... Quando fallámos ácerca do rancho dissemos o que julgámos necessario. Ao fallarmos agora do seu quartel temos a acrescentar que á sua má collocação se devem attribuir algumas baixas ao hospital militar. Convem que elle seja mudado, servindo o barracão actual sómente para uma companhia ou estação militar.

O dessecamento do pantano que lhe fica proximo deve ser de grande beneficio áquella localidade, que no futuro será um bairro importante. Mas d'aqui até esse tempo é preciso melhorar o barracão, e não é inutil a construcção de outro, attendendo-se aos preceitos da hygiene militar.

Tratando do quartel, do cemiterio e da prisão, fallâmos tambem de toda a cidade em geral, repetindo o que em outro logar dissemos, e que não cessaremos de repetir emquanto notarmos a mortalidade que houve em 1869.

A ilha é rica bastante para poder melhorar de condição, perdendo a má fama que adquiriu, e mostrando o que é, o que póde e o que vale.

Não queremos utopias; pedimos o que é exequivel. Terminaremos este capitulo com o seguinte excerpto da hygiene publica, de Macedo Pinto, pag. 526 e 525:

« É necessario um regulamento de policia urbana, no qual se defina bem a intervenção das differentes auctoridades, e se especialisem os direitos e obrigações dos particulares, quanto á edificação e reforma das habitações, á limpeza publica e particular, ao uso de aguas e banhos, aos focos de combustão e illuminação, á ventilação e desinfecção, etc. Não urge menos crear empregados technicos, que fiscalisem o cumprimento dos regulamentos de policia urbana; pois, como todos sabem, não vale menos a saude que a propriedade. Alem dos inspectores de saude deve haver em cada municipio um conselho de salubridade, que resolva logo os negocios mais faceis, e consulte o conselho de saude sobre os mais graves e difficeis.

« A administração municipal envolve questões hygienicas tão importantes como espinhosas, as quaes releva estudar mui seriamente, porque para bem administrar não basta só *querer,* é mister *saber.*»

—« É de absoluta e urgente necessidade que se mande tirar a planta de cada povoação no seu estado actual e o plano das reformas de que porventura careçam sob o respeito da salubridade, aformoseamento e commodidade publica. Aos municipios (em S. Thomé ha um só) deve encarregar-se a execução d'este plano, que não poderão alterar, salvo se as modificações que propozerem forem approvadas por uma commissão, que deverá ser composta de vogaes dos dois conselhos, de saude e obras publicas. Em cada districto deverá residir um constructor habil, estabelecendo-se-lhe um partido, não só para dirigir nas povoações as respectivas obras publicas, senão tambem para fiscalisar as edificações particulares, e d'este modo os cidadãos terão perto pessoa idonea, que lhes planise as suas obras. O governo deve obrigar as camaras desleixadas a executarem as obras reconhecidamente necessarias para a salubridade publica, ajudando-as com fundos emprestados e outros meios. »

Na ilha de S. Thomé são tão necessarias como urgentes as medidas apontadas, devendo ser modificadas segundo as circumstancias. Reclama-o a insalubridade incontestavel da cidade, de muitas villas, de todos os edificios publicos e particulares; exige-o a riqueza e fertilidade da ilha, onde se começam a sentir os beneficos effeitos do progresso e da civilição. O estado de insalubridade em que se acha a cidade não deve continuar; mandar para S. Thomé levas de sentenciados é o mesmo que conduzil-os á morte. De 27 degradados que entraram n'esta ilha em 1863, apenas existem 6!!

CAPITULO VIII

Doenças

1. Les conditions de leur développement endémique (des fièvres des marais) résident essencielllement dans le sol; c'est du sol que se fait la propagation du miasme.

(W. Grièsinger, traduzido por G. Lemattre, *Maladies infectieuses*, 1868.)

2. Les localités seules, envisagées sous le rapport des caractères hydrotelluriques de leur sol, donnent la raison de leur règne endémique.

3. Ce n'est pas la météorologie que règle la repartition des endémies.

(A. F. Dutroulau, loc, cit., pag. 116 e 118.)

I

Não se póde estudar e conhecer a pathologia de um paiz, sem ter conhecimento exacto da sua geologia, geographia e meteorologia, incontestavel verdade enunciada na epigraphe d'este capitulo. A influencia dos phenomenos meteorologicos é antes a condição do desenvolvimento miasmatico, do que a origem das graves molestias que apparecem n'esta ilha. Faltam-nos os estudos geographicos e meteorologicos [1]; não podemos portanto determinar com rigor a causa prima, determinante das endemo-epidemias [2], das molestias endemicas e das epidemicas. Temos factos clinicos bem observados que servem para estatisticas ou para caracterisar uma ou outra epocha; representam o material para a construcção de um edificio [3] que ainda não tem alicerces.

As doenças são effeitos de causas que variam muito; a sua intensidade diminue com a modificação das suas causas. Provam-no os factos observados, demonstrando a importancia dos meios hygienicos. É portanto

[1] Não queremos dar pouca importancia ás observações meteorologicas do dr. Lucio Augusto da Silva. Foram realmente limitadas; comprehendem uma estação completa e parte de outra, começando na estação das ventanias e acabando no principio da estação chuvosa; mostram a boa vontade que aquelle medico tinha de ser util á colonia de S. Thomé.

[2] As endemo-epidemias coincidem com a mudança das estações, e são conhecidas aqui vulgarmente pelo nome de carneiradas, como já dissemos.

[3] Torna-se urgente um livro, onde se descrevam e apontem todas as causas de insalubridade d'esta ilha, e as regras de hygiene mais proprias para os empregados e os colonos resistirem ás molestias endemicas, e especialmente ás endemo-epidemias que apparecem depois dos mezes das chuvas.

claro que o estudo das doenças d'este paiz não será completo, emquanto se não conhecer a natureza e origem d'ellas e os meios de as debellar em qualquer ponto da sua evolução.

Para um summario pathologico de S. Thomé, basta transcrever o que a tal respeito se encontra no relatorio, já muitas vezes citado, do dr. José Correia Nunes:

«Ha n'esta ilha duas estações em cada anno: a estação das chuvas, e que igualmente é a mais quente, começa no mez de outubro e acaba em maio. O thermometro de Farh. sobe a 100°. A estação secca, chamada das ventanias, que corre de junho a setembro, é a mais saudavel, especialmente para os europeus. A temperatura atmospherica é então mais baixa, e o sol, sendo quasi encoberto por nuvens, não é tão prejudicial pela sua acção sobre o organismo. O estado barometrico e hygrometrico varia nas duas estações; a pressão atmospherica e a humidade do ar attingem o seu maximo na estação pluviosa. Carregada a atmosphera de densas nuvens impellidas de leste e do sueste pelos ventos que dominam n'aquelles dois quadrantes, e impregnada de bastantes descargas electricas produzidas por numerosos relampagos e quéda de grande quantidade de raios, exerce sobre os habitantes a mais nociva influencia, que, com as evaporações miasmaticas provenientes dos depositos das aguas da chuva e dos detritos animaes e vegetaes, desenvolvem n'essa quadra as terriveis febres endemicas, as irritações gastro-intestinaes e outras affecções do apparelho digestivo.

«As doenças endemicas no paiz são as febres intermittentes, quotidianas e terçãs, raras vezes as quartãs; as remittentes, biliosas e, não poucas vezes, typhoides e perniciosas, as diarrhéas, as dysenterias, a sarna e as ulceras das pernas.

«As febres intermittentes nos seus differentes typos atacam mais particularmente os europeus, e são mais violentas na estação quente e chuvosa. São muitas vezes consequencia d'ellas as hepatites, splenites e gastro-enterites.

«O tratamento d'estas molestias pouco differe d'aquelle que se emprega na Europa.

«São eventuaes ou devidas á mudança de estação as bronchites, laryngites, pericardites, pneumonias e pleurizes, que apparecem na estação fresca, das ventanias, e atacam de preferencia os indigenas.

«Alem d'essas doenças, que são peculiares ao paiz, observam-se quotidianamente na pratica algumas doenças que são frequentes na Europa, como consta dos mappas nosologicos do hospital militar[1].

[1] Os mappas nosologicos são mensalmente publicados desde 1861, no *Boletim official*, e remettidos para o conselho de saude naval. Consultámos um por um desde

«Na pratica civil poucas occasiões tem o medico de intervir no tratamento das doenças da maior parte dos indigenas, porque estes attribuem geralmente os seus padecimentos a feitiços e bruxarias, e por isso só se entregam nas mãos dos curandeiros ou mesinheiros, de que ha grande numero, fazendo elles d'isso uma especie de sacerdocio hereditario, que passa de paes a filhos.

«Pequena é a differença entre as desordens organicas que se manifestam nos individuos da raça preta e os da raça branca, salvo n'aquellas que affectam a pelle e comparativamente na intensidade dos symptomas morbidos. Sendo n'aquelles as funcções secretorias e excretorias da pelle mais activas, é necessario empregar estimulantes e detersivos mais energicos que nos europeus.

«Entre as doenças privativas da raça preta mencionarei como mais notaveis as seguintes: boubas ou pian de Aliber, sarna, ulceras phagedenicas, lethargo ou somnolencia.»

Eis-ahi uma exposição summaria das doenças que se observam na ilha de S. Thomé. Hoje, como em 1865, não ha que acrescentar ao quadro que se acaba de ler; mas esta exposição tão breve como concisa e importante, não tem merecido a devida attenção.

Attentemos no seguinte facto.

De junho a setembro a estação é relativamente boa, e só dentro d'essa quadra deviam chegar a S. Thomé os europeus; tem-se dito isto mesmo por varias vezes, não obstante vemos chegar levas de degradados desde outubro até maio, os quaes, se não adoecem logo, soffrem as inclemencias de uma estação pessima e pouco depois dão entrada no hospital; muitos d'elles nem um mez vivem na cidade de S. Thomé!!

Ao expor o quadro das doenças que se observam na ilha, nomeando as eventuaes e as endemicas, distinguindo as que são peculiares dos indigenas, e as que apparecem nas differentes estações, julgâmos do nosso dever insistir em demonstrar o risco que correm aquelles que são obrigados a vir para este paiz na estação em que reinam as febres mais graves, mais intensas e mais frequentes; fallaremos depois ácerca dos tratamentos mais usados, chamando a attenção para os meios preventivos e hygienicos, como agentes muito poderosos da therapeutica em S. Thomé e nos paizes quentes [1].

1865 para servirem de base aos mappas que apresentâmos. O mappa n.º 1 enumera as molestias observadas em 1869 no hospital militar de S. Thomé.

[1] «C'est en Afrique et dans les deux Indes que la médecine préservative est peut-être la plus necessaire.» (Jacques Lind.)

Ahi fica a indicação da medicina, que se deve applicar em S. Thomé. Sem ella não poderá prosperar esta colonia, nem a do Principe e a de Ajudá, e talvez a do Ambriz, Benguella, Bissau, Cacheu, e algumas colonias de Moçambique.

II

As condições topographicas do paiz e as condições physicas e moraes dos habitantes têem muita influencia na pathologia da região que se deseja conhecer. O que deixâmos dito mostra claramente que nos faltam ainda os recursos que do detido estudo d'ellas poderiamos obter. É grave a falta, bem o sabemos e confessâmol-a, para que se trate com urgencia de a remediar.

As doenças epidemicas [1] e contagiosas felizmente não têem flagellado esta ilha. Não nos devemos por isso demorar em considerações a este respeito.

Não pretendemos fazer um tratado clinico; expomos apenas a necessidade de se proceder aos estudos proprios, não só para se estabelecer a colonisação regular, sacrificando poucas victimas [2], como tambem para se dirigir convenientemente a aclimação dos colonos.

Que as doenças endemicas de S. Thomé não resultam todas da intoxicação miasmatica, é evidente.

O europeu passa de um clima temperado para um clima quente, e tem de sujeitar-se ás influencias do novo meio em que vae viver. Originam-se d'ahi as molestias de aclimação, a qual não poderá effectuar-se em logares pantanosos [3].

[1] «A ilha de S. Thomé é das nossas colonias de Africa talvez a que tem sido mais favorecida pela providencia nas grande calamidades epidemicas que têem devastado diversas partes do globo, e creio intimamente que, se não fossem as proximas relações em que se acha com a provincia de Angola, não teria soffrido a epidemia de bexigas que ultimamente a assolou.» (Dr. J. C. Nunes, relatorio citado.)

Em 1869 não se notou no hospital caso algum de febres perniciosas ictericas, que são as mais graves d'esta ilha, nem nos consta ter havido casos de peste, de cholera e de febre amarella ou de typho.

[2] Causa impressão bem dolorosa o facto que citâmos, narrado por Jacques Lind, assim como as mortes repentinas de negociantes e empregados.

Em 1869 morreram, pouco tempo depois de desembarcar, alguns degradados. Assistimos a tres d'estes casos, e não duvidâmos por isso do que disse Jacques Lind. Veja-se o mappa necrologico dos governadores de S. Thomé desde a fundação da colonia até 1869.

[3] Les influences auxquelles l'homme se trouve exposé dans les régions voisines de l'équateur sont de nature très diverse et doivent être soigneusement distinguées. Les unes, inhérentes au climat lui-même, telles que la température, l'humidité ou la sécheresse, etc., agissent sur l'organisme d'une manière incessante et lui impriment dans un temps donné une modification déterminée, les autres, appartenant spécialement à telle ou telle localité et d'une nature toute particulière, produisent des effets plus ou moins délétères auxquels l'homme peut résistir, mais auxquels il ne s'habitue pas (Celle); ce sont les miasmes. C'est pour avoir confondu ces deux ordres d'influences que quel-

—As *doenças de aclimação* são mais ou menos graves, segundo o modo de vida, de alimentação e muitas outras circumstancias, que não é preciso enumerar.

Esta classe de molestias comprehende a cachexia tropical, chloro-anemia, anemia tropical, embaraço gastrico, prisão de ventre, diarrhéa biliosa, lichen tropicus, urticaria e outras dermatoses. A estas molestias de pouca gravidade, mas de muito incommodo, temos a acrescentar as que dizem respeito ao figado, que podem ser muito graves. As doenças biliosas observam-se frequentemente em S. Thomé, e formam uma classe importante.

As bronchites não são raras na mudança das estações, especialmente nos indigenas. A tisica é muito rapida e assás frequente. Vejam-se os mappas nosologicos.

—As *doenças palustres* são frequentes e graves; em alguns mezes, porém, ha d'ellas poucos casos, principalmente no tempo das ventanias. N'esta quadra são as febres intermittentes benignas, emquanto que desde outubro a maio ou junho tornam-se mortaes em poucas horas!!

Este grupo de molestias póde diminuir e ser muito modificado pela hygiene.

—Alem d'estes dois grupos devemos considerar um terceiro, comprehendendo todas as molestias que não entram nos antecedentes, as quaes podem atacar o individuo tanto n'um clima temperado como n'um excessivo; a paraplegia, as febres typhoides, a tisica, a pneumonia, os aneurismas, etc., estão n'este caso.

Esta classificação é artificial, e tem unicamente por fim apresentar com alguma clareza o encadeamento das molestias a que se expõe quem deseja viver em S. Thomé; não é scientifica, nem propriamente clinica ou pratica. Desejando descrever o reino pathologico da ilha de S. Thomé, procurâmos o meio que reputâmos mais commodo e natural.

III

Alguns individuos, embarcando em Lisboa no dia 5 de outubro, chegam a S. Thomé no fim d'este mez, pouco mais ou menos. Nos primeiros

ques auteurs ont nié d'une manière absolue la possibilité de l'acclimatement des européens dans les pays chauds. Il faut bien reconnaître qu'en fait et pour l'hygiène publique surtout, il n'est pas toujours possible de faire la distinction. Cependant la question se réduit, dans le second cas, à une question de salubrité très distincte de l'acclimatement. (A. Tardieu, *Dictionnaire d'hygiène publique et salubrité*, Paris, 1862.)

Em S. Thomé no estado actual, 1869, não é possivel dar-se a aclimação da familia; o individuo ha de resistir, mas não aclimar-se. A ilha é essencialmente palustre. Vejam-se os respectivos mappas, e por elles se poderá ajuizar da frequencia das doenças paludosas.

dias passam bem. Não ha limites que determinem este periodo, que está dependente de certos meios hygienicos e de certos recursos, que uns podem obter e outros não.

Se um recemchegado passa sem padecer sessenta dias, não póde isso servir de norma para outro. Em condições regulares ha alguns que têem passado quatro mezes e outros seis sem doenças graves, mas não deixam de soffrer mais ou menos de febres ephemeras, anemia, prisão de ventre ou diarrhéa, lichen tropicus, urticaria, furunculos, eczema e de outras erupções cutaneas. São effeitos do aclimamento individual. O individuo acha-se collocado n'um meio differente d'aquelle em que viveu, e tendo o organismo de se accommodar a esse meio, apparecem reacções, que se manifestam geralmente d'aquelle modo.

Entre as doenças de aclimação apparecem com pertinacia os furunculos; nunca se manifesta um só, e mostram uma singular predilecção pelas articulações [1]. O lichen europeu não é grave, mas é de um incommodo atroz; complica-se ás vezes de eczema, especialmente nas superficies que se acham em contacto.

O embaraço gastrico nem sempre apparece desacompanhado de febre paludosa, porque o envenenamento miasmatico vae-se fazendo a pouco e pouco; e, segundo a resistencia individual, os seus effeitos são differentes, a sua evolução é simples, complicada ou perniciosa.

A febre paludosa ou de quina [2] póde ter intermittencia, remittencia ou continuidade, e ser complicada do elemento bilioso, gastrico, congestivo, etc., etc. São as resistencias individuaes que tratam de dominar um ou outro dos variadissimos elementos de complicação de que se cerca aquella febre paludosa.

As febres miasmaticas não se declaram em todas as pessoas dentro do mesmo periodo; no mesmo caso está a anemia tropical e algumas perturbações digestivas. Com os primeiros accessos intermittentes sobrevem quasi sempre embaraço gastrico, anorexia e um incommodo indefinido, falta de forças e, finalmente, anemia palustre.

[1] Estando em serviço na ilha do Principe, no mez de abril de 1868, tive onze furunculos ao mesmo tempo! Os soffrimentos eram dolorosos e havia febre. Conservei-me em dieta, e tratei os furunculos localmente com emplastro de aquilão gommado. Os furunculos foram abrindo espontaneamente; do centro tirava-se com uma pinça uma materia esbranquiçada, um pouco dura, e tão consistente que saía em fórma de fio. Nunca consegui verificar a existencia do celebre verme de Guiné, devendo notar-se que é facil confundir em muitos casos o carnegão do furunculo com um verme.

(Nota do relator.)

[2] Julgâmos absurda a denominação de *febre intermittente*, como synonyma de febre paludosa miasmatica ou de quina; parece-nos regular a denominação de febre miasmatica, por comprehender todos os casos que se podem apresentar.

O estado anemico dos europeus desembarcados em outubro fica bem manifesto em janeiro e fevereiro, e o organismo predisposto para outras enfermidades.

Accessos intermittentes graves, perniciosos francos[1], dysenterias, hepatites, dores rheumatismaes e insomnias incommodam os europeus até á mudança da estação, que começa de abril a maio. Os colonos, os empregados europeus chegam a esta epocha descorados, abatidos, desgostosos, chloro-anemicos, devendo julgar-se muito felizes se não têem de lutar com diarrhéas graves, gastro-hepatites, febres perniciosas graves, malignas[2], etc., etc.

IV

Os meios hygienicos e preventivos poderão livrar o europeu de tantas e tão graves doenças? Podem.

«Des soins hygiéniques bien entendus peuvent, nous le croyons, en combattant l'action dépressive des pays chauds, conserver dans une certaine mesure à l'européen la vigueur de sa constitution et cette force de résistance dont la privation le livre d'abord aux modifications de l'acclimatement, puis aux maladies du foie et de l'intestin[3]».

No capitulo III indicâmos as regras hygienicas mais proficuas; n'este fallaremos dos preventivos e da therapeutica.

Os funccionarios publicos que desembarcam na ilha desde maio a setembro, resistem com mais vantagem á primeira quadra doentia, que apparece depois das chuvas do mez e outubro. Adiante vão os mappas estatisticos que julgâmos necessarios para clareza d'este assumpto.

[1] As febres perniciosas ictericas não se declaram sem os europeus terem passado um periodo nunca inferior a um anno.

Não temos estatisticas proprias, mas possuimos bons elementos para ellas se comporem com bastante exactidão.

Os casos observados em S. Thomé foram em individuos existentes na colonia ha quatro ou seis annos. Um europeu vindo de Lisboa no principio do anno de 1869 falleceu em outubro do mesmo anno; mas foi de todos os atacados o que resistiu por mais tempo; durou uns quinze dias, sendo medico assistente o chefe de saude, asseverando que a causa determinante da morte não foi a febre perniciosa icterica.

Ha casos de morte em quarenta e oito e em trinta e seis horas!!

[2] Não ha febre perniciosa sem febre paludosa simples preexistente. A simplicidade de uma febre miasmatica não é synonyma de benignidade; a febre póde manifestar-se sem accidentes que perturbem a vida; é simples, mas póde não ser benigna. É portanto evidente que, a perniciosidade não é a malignidade e reciprocamente. Em geral póde dizer-se que não ha doenças paludosas nos primeiros mezes da vida nos paizes tropicaes, seja qual for a posição dos europeus.

[3] M. R. U. Gestin, *N. Annales des colonies*, setembre, n.º 9, pag. 138.

A falta de uma guia medica torna-se sensivel, pois tornaria bem conhecidas as causas de insalubridade, e serviria de incitamento para serem destruidas. Os hospitaes e casas de saude não ficariam sem a protecção publica.

Os habitantes são capazes de proteger os melhoramentos d'esta ordem, comtantoque o governo tome a iniciativa d'elles e demonstre a sua utilidade e vantagens publicas.

O estudo das molestias endemicas envolve immediatamente o das suas causas. Vem a proposito fazer algumas considerações a este respeito.

O anno pathologico divide-se em duas estações bem distinctas. Esta divisão explica-se pela posição geographica da ilha e por muitos phenomenos meteorologicos. Duas são tambem as estações do anno principaes.

Á estação secca, das ventanias de junho a setembro, corresponde a estação pathologica relativamente boa.

Á estação chuvosa, quente, desde outubro até maio, corresponde a estação pathologica má.

A primeira é fresca; as molestias são mais benignas. Não se declaram n'esta estação as endemo-epidemias, que tão fataes são para os europeus!

A segunda estação é pessima. Desenvolvem-se durante ella erupções cutaneas de varias especies, sendo singularissima a circumstancia de predominarem os furunculos; as bronchites chronicas, entre os indigenas, tornam-se fataes; apparecem os casos de febres perniciosas ictericas, apoplecticas, comatosas, etc.; manifestam-se as dysenterias malignas e outras molestias graves; os mosquitos são insupportaveis, e a sua apparição póde servir para distinguir uma estação da outra[1].

No meio de um calor intenso apresentam-se chuvas torrenciaes, tempestades continuas e medonhas, um continuado inverno.

Na estação secca a temperatura é relativamente fresca, e o céu constantemente nublado e a brisa agradavel.

Os factos clinicos frequentes em uma estação faltam na outra ou apparecem muito modificados; mas as mudanças atmosphericas, diz muito bem um sabio observador, introduzidas nas estações não geram novas doenças[2], não trazem em si mesmas as febres malignas, nem a pernicio-

[1] «La multiplication des insectes est un signe non équivoque de la constitution putride de l'air. La plupart des maladies pestilentielles qui règnent dans les étés plus chauds de l'Europe, sont annoncées par là» (M. Thion de la Chaume, traducção de J. Lind, nota do traductor.)

[2] Na Revista mensal, *Novos Annaes da marinha e das colonias*, 10.º anno, 1858, lemos duas memorias ácerca da influencia dos climas quentes sobre o europeu, uma escripta por M. R. Gestin, cirurgião de primeira classe de marinha, e outra por M. D. J. Daullé, cirurgião de marinha, á qual tem por titulo *Cinco annos de observação medica nos estabelecimentos francezes de Madagascar*. Referimo-nos ha pouco a este sabio

sidade das especies paludosas. A perniciosidade differe da malignidade, como já dissemos, embora seja difficil distinguir estes elementos graves quando seguem parallelamente ou quando se complicam.

O tempo das ventanias passa sem apparecerem as endemo-epidemias.

Os elementos da putrefacção—calor, humidade e talvez electricidade são muito activos desde o principio da estação chuvosa até ao fim; são maiores tambem as dóses do veneno; correspondem-lhes por isso reacções organicas mais intensas; o equilibrio falta, a morte sobrevem!

A infecção miasmatica corresponde ao envenenamento pelos gazes deleterios. Disse-o Dutroulau, e tem rasão.

A intoxicação paludosa é um facto observado na clinica de S. Thomé. Ha uniformidade de affecção, e é raro ler uma papeleta de um europeu doente no hospital militar, fosse qual fosse a molestia de entrada, onde se não ache mencionado um ou outro accesso febril, que tenha sido tratado pelo sulphato de quinina.

As febres intermittentes de per si sem complicações e nos primeiros accessos nunca são graves. O que se observa na ilha de S. Thomé é o que se nota tambem nas ilhas Comoros, dos francezes. A respeito da pathologia d'estes climas, disse M. J. Daullé [1]:

«Ce qui frappe tout d'abord, c'est l'unité d'affection.»

As doenças principaes das ilhas que este escriptor observou [2] são causadas pela intoxicação paludosa, debaixo de todas as suas fórmas, com todos os seus typos, desde o accesso mais simples até áquelle que se termina em algumas horas pela morte [3].

Assistimos á evolução das doenças dos europeus que entram em S. Thomé no principio de novembro. Fallâmos em geral, e procurâmos marcar com exactidão o apparecimento das molestias de aclimação e as

medico, cuja incontestavel auctoridade temos visto citada por alguns auctores, sendo um d'elles Dutroulau, no capitulo em que falla da ilha Mayotta, a leste da costa de Africa, afastada do equador 12° e 31′.

[1] M. J. Daullé, loc. cit, Décembre 1857, n.° 12, pag. 323.

[2] Mayotta e Nossi-Bé são as ilhas de que tratou, sob o ponto de vista da pathologia, M. J. Daullé.

«A França, diz Dutroulau, possue tres ilhas nos mares de Madagascar, Santa Maria, Nossi-Bé e Mayotta. Escolhemos Mayotta, como mais importante, para traçar o quadro pathologico do clima d'estas colonias.»

Sendo Mayotta uma ilha insalubre quando começou a ser colonisada, parece que hoje perdeu o seu mau clima, como se lê em Dutroulau; é o que esperâmos ha de succeder tambem na ilha de S. Thomé.

[3] Os primeiros accessos intermittentes são sempre simplices; a tres accessos d'estes póde seguir-se um pernicioso; as manifestações da infecção paludosa variam muito, e sem intermittencia difficilmente se descobrem. É por isso necessario muita pratica e muita prudencia no exercicio da clinica, principalmente nos paizes intropicaes.

do envenenamento miasmatico; correm a par; o seu desenvolvimento faz-se muitas vezes parallelamente. Se o individuo não viver na cidade nem em localidade palustre, não soffre os effeitos das doenças miasmaticas.

Referimo-nos no que deixâmos dito aos individuos que residem na cidade de S. Thomé ou do Principe, e tomâmos por base da nossa apreciação os degradados.

Os agricultores, aquelles que estão em boas condições de vida, soffrem menos. Os empregados em geral padecem muito; não têem os mesmos recursos, vêem apparecer hoje o lichen, ámanhã os furunculos; os vomitos biliosos sobrevem ás vezes com as primeiras reacções do organismo para se adaptar ao meio em que se acha; as forças vão diminuindo; o appetite falta; os suores são abundantes; a infecção miasmatica activa-se; as doenças graves estão imminentes!

Quem vem residir em S. Thomé e no Principe deve saber que vem para um clima quente e incommodo; mas soffrer as doenças que só existem por incuria dos habitantes, é realmente doloroso e triste!!

As estatisticas dos governadores que morriam apenas chegavam a S. Thomé, e a d'aquelles governadores e empregados que escaparam á morte por haverem fugido das ilhas de S. Thomé e Principe, são documentos incontestaveis das desgraças e perdas enormes que o estado tem tido por não se haver cuidado da aclimação segundo as regras da sciencia e da humanidade.

V

O tratamento, tendo por base o sulphato de quinina, varia segundo as circumstancias; muitas vezes póde este medicamento ser administrado sem que o precedam os purgantes, os emeto-catharticos ou os vomitorios.

Os revulsivos são frequentemente usados com vantagem, mas o que muito importa ter em vista é o tratamento prophylactico e o emprego de meios hygienicos, com o fim de attenuar os accessos febris, e de pôr o organismo em condições favoraveis para resistir ás febres e á anemia.

As dóses do sal de quinina são muito altas em relação ás que se empregam na Europa. Um accesso simples precisa de 24 grãos de sulphato de quinina, que se devem repetir por mais alguns dias. Nos accessos graves, em adultos, chega-se a dar 1 oitava em cada dóse.

As pneumonias, as dysenterias, as hepatites e outras molestias graves são tratadas por methodos designados nas pathologias mais conhecidas.

Em S. Thomé não appareceu caso algum de cholera, de febre amarella ou de peste.

VI

Instrucções praticas para o tratamento das doenças mais frequentes na costa occidental de Africa [1]

1.º

Febres intermittentes—Estas febres apresentam geralmente dois typos, quotidiano e terção. No typo quotidiano os accessos febris apparecem todos os dias a uma certa hora, percorrendo todas as suas phases n'esse mesmo dia até á apyrexia (acabamento da febre).

No typo terção o accesso apparece em um dia percorrendo todas as suas phases, e reapparece no terceiro dia á mesma hora que no primeiro, deixando o individuo livre do accesso as vinte e quatro horas que entremedeiam.

Symptomas—Incommodo geral, dores contusivas pelo corpo, difficuldade de andar, fastio, dores de cabeça, ás vezes nauseas ou vontade de vomitar; assim passa o individuo dois ou tres dias antes de ser obrigado a caír na cama. Chegando este periodo (accesso febril) o individuo não se póde pôr de pé, sente-se muito fraco; tem fortes dores de cabeça, dos lombos, ás vezes vertigens, nauseas e vomitos, lançando materias biliosas; sente frio bastante forte, a pelle secca, seccuras de bôca e muita sêde; procura o abafo, cobrindo-se com bastante roupa; só muito depois começa a apparecer o calor, que é seguido de uma transpiração abundante, se a febre é franca e sem complicação.

Note-se que no primeiro periodo (frio) a pelle está fria e secca, o pulso apesar de se achar deprimido é comtudo muito frequente; no segundo periodo (calor) a pelle aquece ás vezes extraordinariamente, ha dor de cabeça, as fontes batem com força, a lingua está secca e coberta de uma camada esbranquiçada e pegajosa com sabor amargo, o pulso cheio e frequente, chegando a contar-se nos adultos mais de cem pulsações por minuto.

No terceiro periodo (suor) o calor da pelle começa a diminuir, vae apparecendo a transpiração, e gradualmente desapparece a dor de cabeça, a seccura da bôca, até que se estabelece uma transpiração abundante, que deixa o individuo debilitado, mas podendo levantar-se da cama; o pulso volta ao seu rithmo normal, e o doente póde tomar algum alimento.

[1] O tratamento que descrevemos serve para os doentes se guiarem quando faltarem de prompto os soccorros medicos, como tantas vezes succede n'estas paragens. A junta de saude divulgando o conhecimento d'aquellas molestias e do seu tratamento regular tem por fim pôr um obstaculo aos abusos dos curandeiros, que tão prejudiciaes são n'esta ilha.

Tratamento—Logoque o individuo comece a sentir-se incommodado pelos symptomas que indicam a invasão da febre, não deve mais expor-se ao sol nem ao sereno; pelo contrario será prudente recolher-se á cama, e fazer fricções de aguardente camphorada com quinina sobre a espinha dorsal, braços e pernas, a fim de promover a transpiração, limitando-se ao mesmo tempo a uma dieta tenue, ou quasi absoluta: para as dores de cabeça applicará sobre a testa pannos molhados em agua sedativa, e nas barrigas das pernas porá cataplasmas de mostarda feitas em agua fria, e beberá chá de flor de sabugo, de folhas de laranjeira ou de cascas de limão, bem quente.

Se, não obstante aquelle tratamento, as dores de cabeça e do corpo continuarem ainda muito fortes, deverá applicar quatro ou seis ventosas sarjadas aos lados da espinha dorsal.

Em seguida tomará um laxante de sal amargo (1 1/2 onça) ou oleo de ricinos (1 a 2 onças).

Logoque tenha acabado o accesso torna-se proveitosa a applicação do sulphato de quinina, que é o remedio especifico para combater a febre; 1/2 oitava de sulphato de quinina em tres dóses é geralmente sufficiente para cortar a febre.

Logo depois de acabado o accesso deverá o doente tomar 12 grãos do mesmo sal dissolvido em 1/2 quartilho de limonada sulphurica, ou de limão, ou envolvido em hostia ou finalmente em pilulas; duas horas depois d'esta primeira dóse tomará segunda, igual á primeira, ficando a terceira dóse reservada para ser tomada uma hora antes da hora em que tem de apparecer o novo accesso.

Quando a febre é precedida ou acompanhada de nauseas e vomitos e de muito mau gosto de bôca, é muito conveniente, em logar do laxante, um emetico, e quando ao mesmo tempo ha embaraço intestinal deve applicar-se um emeto-cathartico.

Emetico—Ipecacuanha em pó........... 18 grãos
Tartaro emetico............. 2 »
Misture e divida em tres partes iguaes.

Não se podendo obter esta formula, basta a seguinte: Tartaro emetico 4 grãos, divida em tres partes iguaes.

Toma-se uma dóse do remedio dissolvido em pequena porção de agua, e a segunda dez minutos depois. Se com esta apparecerem vomitos, bebe-se agua morna, e continua-se emquanto se for vomitando bilis, até que a final o liquido vomitado venha claro ou o liquido ingerido no estomago produza o effeito purgante; então tomará o doente um ou dois caldos simples até cessarem as evacuações, podendo n'este caso tomar algum alimento (canja de gallinha ou sopa).

Deve advertir-se que, se não tiver vomitado com a primeira nem com a segunda dóse, tomará a terceira, e bebendo frequentes copos de agua morna, diligenciará provocar os vomitos.

O vomitorio composto de ipecacuanha e tartaro emetico é o que se deve preferir na generalidade dos casos.

O tartaro emetico só poderá applicar-se aos estomagos fortes, e a ipecacuanha aos estomagos fracos, áquelles em que se receie hemoptyses.

Emeto-cathartico—Compõe-se de sal amargo, 1 onça, tartaro emetico, 2 grãos; dissolva em agua fria, 1 quartilho, e divida em duas partes iguaes, para se tomarem com meia hora de intervallo.

Depois de se ter obtido effeito do vomitorio, toma-se o sulphato de quinina, do mesmo modo que fica dita para a sua applicação depois do laxante.

2.º

Febre perniciosa—Esta febre costuma ser algumas vezes a degeneração de continuadas febres do typo intermittente quotidiano; é sempre precedida de accessos ou de phenomenos symptomaticos da infecção paludosa.

O individuo sente, de subito, grande frio, tremor do corpo, fortissima dor de cabeça, frieza dos pés, das mãos e do nariz, anciedade, respiração difficil, dores no peito; alguns perdem os sentidos; a côr da pelle torna-se repentinamente amarella, esverdeada, o pulso quasi sumido, mas frequente; manifesta-se emfim quasi instantaneamente grande alteração no rosto.

É preciso acudir aos doentes com toda a presteza e diligencia, poisque muitos succumbem no meio d'estes symptomas, no segundo ou terceiro accesso.

Tratamento—Pediluvio quente com mostarda, fricções com aguardente camphorada, quinina e ammoniaco, (alcool camphorado, 1 onça; sulphato de quinina, 1 oitava; ammoniaco 2 oitavas; dissolva e applique em fricções repetidas sobre a espinha dorsal); causticos na barriga das pernas e entre as espaduas; clyster (cozimento de malvas, 1 quartilho; assafetida, 1/2 oitava; sal amargo, 1 onça; sulphato de quinina, dissolvido em algumas gotas de acido sulphurico ou de ether, 1/2 oitava); chá, bem quente, de flor de tilia ou de flor de sabugo, ou de folha de laranjeira com algumas gotas de espirito de nitro doce, para o doente beber de espaço a espaço, a fim de lhe promover a transpiração, e logoque esta se desenvolva dar-se-ha a quinina internamente (1/2 oitava em 1/2 quartilho de limonada sulphurica), que tomará em tres porções de meia em meia hora.

Logoque os causticos façam effeito, cortar-se-hão e serão curados com unguento basilicão e previamente polvilhados com sulphato de quinina.

A applicação interna do sulphato de quinina continuará no dia seguinte e nos outros, emquanto não desapparecerem os accessos perniciosos.

Logoque o doente estiver livre de perigo, começará a dar-se-lhe algum alimento, e a restaurar-se-lhe as forças perdidas por meio de remedios tonicos, por exemplo, vinho quinado, infusão de quina e genciana aromatisada com tintura de canella; pilulas de ferro, etc.

3.º

Febre typhoide—Esta febre, mais frequente na Europa do que nos paizes de Africa, costuma apparecer geralmente nos individuos que tendo tido frequentes febres intermittentes e outras doenças proprias do paiz, ficaram enfraquecidos e em tal estado de abatimento, que não podem resistir aos estragos organicos causados por essas doenças, que lhes produziram uma perturbação notavel no systema nervoso, por influencia dos effluvios miasmaticos ou pantanosos, que originam as febres endemicas.

Symptomas—Dores de cabeça fortissimas, alteração da physionomia com abatimento geral, entorpecimento mais ou menos profundo das faculdades intellectuaes, stupor, difficuldade em responder ás perguntas, delirio mais ou menos completo, agitação extrema, prostração de forças, vertigens, zunido dos ouvidos, epistaxis, bôca pastosa e amarga, lingua esbranquiçada e secca, pegando-se quasi aos dedos quando se lhe toca, muita sêde, nenhum appetite, e em muitos casos nauseas e vomitos de materias biliosas.

O ventre está elevado, e sendo percutido sôa como um tambor; ha grande dor no umbigo, e sente-se uma certa bulha ao lado direito do ventre por baixo do figado quando se lhe toca com a mão; o baço acha-se augmentado de volume, e o doente tem evacuações liquidas mais ou menos abundantes; apparece finalmente sobre o peito e ventre uma erupção mais ou menos consideravel de manchas vermelhas arredondadas, as quaes desapparecem tocando-se-lhes com os dedos.

N'este mesmo periodo o doente tosse, expectóra com difficuldade escarros grossos e acinzentados.

O tratamento é todo symptomatico, e deve dirigir-se conforme o estado em que a doença se apresenta em cada um dos seus periodos; por isso deverão empregar-se as bebidas refrigerantes e acidulas no primeiro periodo da doença; convirá raras vezes uma sangria de braço, ou a applicação de ventosas escarificadas no periodo inflammatorio e delirante; outras vezes estará indicado um vomitorio ou vesicatorios nas barrigas das pernas.

No segundo periodo, quando houver prostração e debilidade, deverão dar-se ao doente bebidas aromaticas e ligeiramente tonicas, como infusão

de quina, de genciana, tintura de canella, tintura de quina composta, alguns grãos de camphora internamente, e tambem sulphato de quinina em dóses pequenas mas repetidas.

A diarrhéa combate-se com cozimento de arroz e gomma arabica; cozimento de raspas de veado com tintura de cato (1 quartilho de cozimento e 1/2 onça de tintura por dia); cozimento de raspas de veado com casca de simaruba ou de calumba (raspas de veado, 1/2 onça; calumba ou simaruba, 1/2 onça; agua, 1 1/2 quartilho; ferva para ficar 1 quartilho e junte gomma arabica, 2 oitavas, deixe dissolver e côe).

Dysenteria e diarrhéa.—N'estas molestias aproveita o cozimento branco ou raspas de veado, 1 quartilho; laudano liquido de Sydenham 24 gotas; misture. Para cada dia o mesmo cozimento com tintura de cato, 1 quartilho para 1/2 onça; o mesmo cozimento com tintura de quina composta, iguaes dóses.

Quando ha puxos com dores e pequenas evacuações de materias sanguinolentas ou mucosas, é conveniente a applicação de um purgante de oleo de ricinos com rhuibarbo em pó, na proporção de 1 onça de oleo e 1/2 oitava de rhuibarbo misturado; em seguida empregam-se as pilulas de Boudin.

Calomelanos, 12 grãos; ipecacuanha em pó, 24 grãos; opio, 4 grãos: faça doze pilulas para se tomarem tres por dia.

Outras pilulas:

Ipecacuanha em pó, 24 grãos; extracto de ratanhia, 12 grãos; opio, 3 grãos; com gomma arabica, faça doze pilulas para se tomarem tres por dia.

Outras pilulas:

Tanino em pó 12 grãos; extracto de ratanhia, 12 grãos; opio, 3 grãos, para doze pilulas, quatro por dia.

Semicupios mornos com cozimento de malvas ou de alfavaca de cobra.

Hepatite.—Applicação de sanguesugas ou de ventosas sarjadas sobre a parte dolorosa; cataplasmas de linhaça ou de farinha de mandioca feitas em cozimento de malvas; purgante de calomelanos e rhuibarbo, 12 grãos de cada um para quatro pilulas, toma-se uma de hora em hora; purgante de oleo de ricinos, 1 1/2 a 2 onças; cozimento de cevada e grama 1 1/2 quartilho, contendo em dissolução 12 grãos de nitro em pó, para cada dia; cozimento de raiz de althéa 1 quartilho, com 1 grão de opio ou 18 pingos de laudano para tomar em um dia; e finalmente um caustico sobre o figado quando com a applicação das ventosas ou sanguesugas a inflammação não tenha cedido.

Splenite.—Ventosas sarjadas sobre a parte inflammada ou endurecida; fomentação com pomada de sulphato de quinina (1 onça de pomada e 1 oitava de sulphato): oleo de amendoas doces, ou oleo de meimendro

negro; e se o incommodo continuar, poderá convir a applicação de um ou dois pequenos vesicatorios, sendo, depois de cortados, curados com unguento de basilicão misturado com sulphato de quinina; internamente tomará o doente pequenas dóses de quinina; 4 a 6 grãos por dia em limonada sulphurica ou de limão, ou em vinho branco generoso; alguns purgantes de oleo de ricinos ou de sal amargo, de vez em quando, são tambem necessarios no tratamento d'esta doença, que é geralmente a consequencia de continuados ataques de febres intermittentes miasmaticas.

Alem da medicina activa devem esperar-se grande vantagens e recursos da medicina preventiva, que julgâmos do nosso dever desenvolver n'este relatorio com toda a minuciosidade.

As molestias que se observam na cidade de S. Thomé e na do Principe differem das que se desenvolvem nas ilhas de Cabo Verde e em Loanda. Temos por muito importante o caracterisar bem a evolução d'ellas, segundo as localidades.

VII

> Chaque station, chaque résidence a son type d'insalubrité et sa specialité pathogenique.
> (Michel Levy.)

Na ilha de S. Thomé ha molestias que não se observam na do Principe, e nas cidades d'estas ilhas ha doenças que não apparecem no seu interior. *Chaque résidence a sa pathogénie.*

Nas ilhas portuguezas do golfo dos Mafras encontram-se individualidades morbidas com caracteres essenciaes, com symptomas particulares e com elementos morbidos differentes d'aquelles que constituem as molestias dos climas temperados. A pathologia colonial é muito complexa, particularissima, *sui generis*, e não se encontra minuciosamente descripta em nenhum dos tratados de pathologia dos climas temperados; a sua therapeutica deve ser accommodada ás condições particulares, em que se manifestam as doenças.

As principaes causas das molestias graves e endemicas que são peculiares á cidade do Principe e á de S. Thomé estão na sua pessima situação. Não é nosso proposito fallar contra a existencia d'estes sorvedouros de vidas, a que com justiça se deve chamar grandes hospitaes, em que só ha convalescentes e doentes. N'esta condemnação não é justo, como já dissemos, envolver-se uma e outra ilha na sua totalidade. As colonias de Africa contêem terrenos salubres em extensão maior que todo o reino de

Portugal; é injusto dizer-se que em Africa só augmentam os cemiterios, como escreveu J. M. Boudin.

Já demonstrámos que é pessima a situação das duas cidades.

Ouçamos, a este respeito, uma auctoridade medica do seculo passado, que visitou Cacheu, S. Thomé e outros logares da costa occidental de Africa, em que ha colonias portuguezas.

Disse Jacques Lind a respeito das povoações portuguezas de Africa e das molestias que as infestam: «On n'est pas moins convaincu de *leur profonde ignorance* sur les vraies causes des maladies dans ces climats, quand on considère la mauvaise situation des lieux qu'ils avaient choisi pour y fonder leurs établissements». Repetimos e repetiremos este trecho, que nos deve servir de lição.

Jacques Lind disse a verdade.

A cidade da ilha do Principe é realmente o typo da extravagancia em objecto de construcções. Custa a conceber, sem horror, a pertinacia dos governos em obrigarem a viver ali os seus empregados!

Ao ridiculo das habitações, que na sua maxima parte são cubatas, junta-se a pessima qualidade do terreno, o qual está sempre inundado, e tem sido classificado por todos os que o têem visto como leziria, charco ou paul pantanoso! Os naturaes chamam-lhe *poison!*—denominação que ouviram de certo aos francezes, que tanto têem frequentado aquella ilha.

Uma superficie de um quarto de legua quadrado, cercada por mar e por dois rios que lhe correm aos lados, na base de tres montes, que se elevam a grande altura, afogada por um arvoredo enorme, luxuriante, infinito, é o logar em que têem de viver os colonos, empregados, agricultores e commerciantes portuguezes!!

As molestias que grassam na leziria da ilha do Principe, a que por aberração do senso commum se chama *cidade,* faltam em muitos logares da ilha, e tornam-se ali gravissimas muitas doenças, que n'outra parte não passam de leves incommodos!

Na cidade de S. Thomé, mal collocada tambem, mais ampla e desafogada, ha molestias muito graves e frequentes, e no interior d'esta ilha existem logares salubres em que se póde viver regularmente.

Abandonar estas duas povoações é applicar o melhor remedio prophylactico que se póde aconselhar; e não se podendo, pelo menos presentemente, fazer a devida applicação de tão bom remedio, tão fecundo e util quanto de momentosa necessidade, recorra-se ao menos a todos os meios que possam melhorar a posição d'aquelles que são obrigados a viver n'estes inhospitos centros de população.

Flora pathologica das ilhas de S. Thomé e Principe

Primeira e principal arvore

Doenças paludosas

Febre perniciosa icterica. — Esta gravissima molestia tem sido sempre fatal, tanto na cidade da ilha do Principe, como na de S. Thomé; e com ella se confundem, muitas vezes, a febre biliosa dos aclimados, a ictericia, a febre biliosa grave, o typho icteroide, a *celebre* febre remittente biliosa dos paizes quentes, a febre endemica tropical e até a febre amarella! Esta confusão produz e tem produzido funestissimos erros therapeuticos.

O caracter fundamental da febre perniciosa icterica é a infecção paludosa. O sulphato de quinina no principio da molestia aproveita muito, mas depois da ictericia se declarar aggrava as mais das vezes o estado do doente; e se ha tendencia para hemorrhagias, aquelle sal irritante activa tão grave predisposição, e concorre para o apparecimento da funestissima complicação, que tem feito dar áquella febre o nome de febre perniciosa hemorrhagica.

É uma doença que tem feito muitas victimas nas cidades d'esta provincia, e nenhuma, que nós saibamos, nos logares povoados no interior da ilha; é portanto propria das duas cidades.

O sulphato de quinina, destruindo o elemento paludoso no organismo, attenua os effeitos de tão devastadora doença, modificando-lhe a intensidade das suas manifestações e complicações.

É preciso perscrutar bem as circumstancias em que se declaram as febres graves das duas cidades das ilhas portuguezas do mar de Guiné, e os symptomas que as acompanham n'um ou n'outro logar, no litoral, e distante d'elle, nos sitios baixos ou nas encostas dos montes e planicies bastante elevadas acima do nivel do mar; d'esse exame resultam importantes e fecundos principios para se estabelecerem regras praticas, a fim de se fugir ás febres paludosas, terrivel flagello d'estas ilhas.

A endemicidade e a gravidade das febres paludosas dependem antes dos logares em que ellas se desenvolvem, do que da meteorologia ou da natureza da doença; a quantidade do miasma absorvido e a sua qualidade especial proveniente do seu foco determinam a intensidade da febre e a sua natureza; a perniciosidade depende algumas vezes dos individuos.

As febres paludosas quasi sempre benignas complicam-se e são aggravadas por phenomenos que só figuram depois das febres se apossarem

do organismo, sem se lhes ter opposto algum obstaculo, quer seja indicado pela medicina, quer pela hygiene, quer pelas idiosyncrasias individuaes.

Os elementos de perniciosidade, que podem aggravar as febres paludosas, são muitos e variados, e tendem quasi sempre a localisarem-se. Sem querermos fazer uma descripção minuciosa dos phenomenos observados nas febres paludosas, parece-nos indispensavel mencionar os seguintes:

Coma, carus, somnolencia, ataxia, delirio, convulsões, algidez, perversão do suor, perversão da bilis, congestões, remittencia ou continuidade, augmento dos elementos liquidos do sangue, nevralgias, etc., etc.

O que se póde chamar symptoma proprio das febres paludosas tanto póde constituir uma grave complicação como ser elemento morbido de perniciosidade. Estão n'este caso a intermittencia e o frio, o calor e o suor; constituem as manifestações principaes da febre, mas a sua perversão dá gravissimos elementos perniciosos; a febre perniciosa algida é a perversão do frio, a comatosa a do calor, a diaphoretica a do suor, e a continuidade ou a remittencia é a perversão da intermittencia.

Na ilha de S. Thomé são frequentes as seguintes especies:

Comatosa, cachetica, intermittente, perniciosa, icterica, remittente, etc.

As febres paludosas sob todas as suas variadas e complexas fórmas têem uma unica causa. Ha n'ellas etiologia determinada, commum, a mesma para todo e qualquer caso; a expressão «symptoma» traduz-se por manifestações constantes, que não seriam graves se não fosse a localidade, a respectiva meteorologia e as disposições organicas dos individuos. As complicações das febres *intermittentes*, localisando-se no baço, no figado, na mucosa intestinal e no sangue, parecem formar molestias distinctas, sem que realmente o sejam.

As febres paludosas, em certos e determinados logares e em certo e determinado tempo, revestem-se da maior parte das complicações de que ha pouco fallâmos. Os casos mais graves reinam nas cidades d'estas colonias desde novembro até ao fim de julho sómente.

Estes factos mostram quanto são judiciosos os conselhos dos medicos que mandam mudar os doentes do logar onde se expozeram á infecção paludosa. Insistiu n'isto Jacques Lind, a ponto de querer que houvesse na costa de Guiné, na foz do Senegal e do Gambia, navios proprios para receberem os doentes que fossem atacados das febres paludosas em terra; e Griesinger recommenda como unico meio preservador a retirada dos doentes para longe dos logares paludosos onde adoecerem.

Depois do auctorisado testemunho d'estes sabios medicos não se deve encarecer a necessidade de uma classificação exacta dos principaes logares das nossas colonias de Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Thomé e Principe. Aquelles onde as febres paludosas geralmente degeneram

ou se complicam de qualquer symptoma grave, que as tornam quasi sempre fataes, não devem ser occupados pela tropa, pelos empregados e por quaesquer outros individuos que servem ás ordens dos governos. Cumpre que estes resultados da observação e experiencia sejam tomados em consideração, para não se votarem a uma morte quasi certa os servidores do estado nas nossas colonias de Africa.

As febres paludosas, que tendem a complicar-se por qualquer circumstancia, reclamam a attenção do medico colonial, segundo a occasião em que elle as examina. O diagnostico não lhe póde ser indifferente, e porque a febre é paludosa não se deve prescrever o sal de quinina sem preparar o organismo para a sua absorpção. É por esta rasão absurdo e muito perigoso o conselho dado por David Livingstone, quando declarou que para se dar o sulphato de quinina era escusado desembaraçar o estomago de quaesquer materias que o conspurcassem. Não só o medico deve assegurar-se com todo o cuidado da facilidade da absorpção do sulphato de quinina, como ter em vista a dóse, o tempo decorrido antes do accesso e o estado do doente. Póde ser um erro prejudicialissimo o ministrar o sulphato de quinina inconsideradamente; o que se diz d'este medicamento diz-se do mesmo modo a respeito dos calomelanos, de que se tem feito *panacea* nas chamadas febres remittentes biliosas!

Vem agora de molde o recordar que foi officialmente recommendada, sem previamente haver sido examinada por alguma commissão de professores, uma formula medica que apresentou um homem aliás notavel e a quem a Africa deve muito. Referimo-nos ao celebre David Livingstone.

A formula indicada por elle é do teor seguinte:

Resina de jalapa.....	aã 8 grãos.
Rhuibarbo.........	
Calomelanos........	aã 4 grãos.
Sulphato de quinina..	

Misture muito bem e faça massa pilular. Cortam-se d'esta massa 10 a 20 grãos, fazem-se, no caso de necessidade, pilulas com espirito de cardamomo, e toma-se aquella dóse em vinte e quatro horas!

O auctor d'estas pilulas attribue-lhes grandes virtudes therapeuticas [1].

Esta formula, que archivâmos, é inexplicavel e insustentavel, e portanto prejudicial.

É inexplicavel, porque n'ella estão reunidas substancias cuja acção tende a fins diversos. O sulphato de quinina não exerce a sua acção antes

[1] **Para nós apenas podem ter as virtudes therapeuticas que se obtêem dos calomelanos e da jalapa. Nada mais.** *(Nota do relator.)*

de ser absorvido, e precisa para isso de estar dentro do tubo intestinal nas circumstancias necessarias para se effectuar a absorpção.

Os trabalhos do dr. Briquet a respeito do sulphato de quinina mostram que o tempo para se fazer a absorpção do sal de quinina depende da quantidade ingerida. O sulphato de quinina é tanto mais depressa absorvido quanto maior for a dóse. Note-se bem esta circumstancia.

Clinicos consummados, como Grisolle, declaram que os effeitos curativos do sal anti-periodico só se notam passadas algumas horas depois da introducção do sal no estomago[1].

A combinação d'estas duas asserções demonstra a inutilidade dos 4 grãos de sulphato de quinina, dóse esta que se não chega a tomar em vinte e quatro horas!

A resina de jalapa é, como se sabe, purgativa, e do mesmo modo se devem considerar os calomelanos. Estas duas substancias reunidas ao sulphato de quinina não perdem a sua acção, e perturbam necessariamente a funcção da absorpção, tornando quasi impossivel a entrada dos 4 grãos do sulphato de quinina na economia humana.

A prova mais clara da absorpção do sal anti-periodico é a sua eliminação pela urina. As experiencias do dr. Briquet contrariam o bom resultado que se podia esperar da formula de David Livingstone, aindaque n'ella entrasse a dóse curativa propria.

A formula de Livingstone, que o nosso governo recommendou para o tratamento das febres endemicas de S. Thomé e Principe, é insustentavel, porque a complexidade das formulas é prejudicial ou inutil, quando não ha uniformidade de acção curativa entre as substancias que as compõem, e as formulas, em que entram substancias incompativeis ou de effeitos oppostos, não devem ter existencia em therapeutica, como effectivamente não existem. Os medicamentos, em geral, têem acção tanto mais energica quanto mais puros forem administrados.

Nas ilhas de S. Thomé e Principe deve fugir-se de aconselhar medicamentos incertos ou fracos, que ainda se conservam na materia medica por um capricho extravagante da sciencia! As molestias aqui definem-se em poucas horas, e algumas vezes, em poucas horas, matam tambem. Será este o logar proprio para se tentar a experiencia de formulas duvidosas?

Os preventivos são altamente reclámados, e felizmente já se póde annunciar um efficaz preventivo contra as febres paludosas. O sulphato de quinina, inutilisando dentro do organismo o effeito do miasma, faz desap-

[1] A. Grisolle, *Pathologia interna*, 1865, vol. I, pag. 161: «Il importe, si l'on veut prévenir l'accès que la dernière dose du médicament soit prise de douze à seize heures au moins avant l'invasion probable de la fièvre».

parecer os elementos de perniciosidade, que, depois de se localisarem, constituem graves molestias, que, ou se desenvolvem a par da febre paludosa, ou a subjugam, e só de per si trazem a morte!!

O sulphato de quinina nas febres paludosas, emquanto ellas não se complicam, é de um effeito heroico e infallivel, dada a sua absorpção e empregada a dóse curativa conveniente. As dóses variam de um clima para outro e até na mesma provincia ou na mesma cidade, como acontece em S. Thomé, onde nunca devem ser inferiores a 18 grãos.

Convem determinar bem os elementos de complicação das febres de accesso, examinando com todo o escrupulo os seus phenomenos principaes.

A perniciosidade nas febres paludosas é menos grave, quando se apresenta franca, pura, caracteristica; mas não acontece assim quando ella é complexa ou complicada. São muitas as suas complicações.

A bilis. — A bilis é segregada em grande abundancia sob a acção tropical, tendo o seu maximo exagero nos logares que ficam mais proximos ao equador, como a ilha de S.Thomé e a do Principe.

A cystis fellea não póde conter o liquido segregado na sua totalidade, e por isso a maxima parte d'elle passa immediatamente para o duodeno, até durante a vacuidade do estomago. Este excesso de bilis é um dos caracteres fundamentaes da acção dos climas quentes sobre o organismo, e marca os primeiros passos para a aclimação. As diarrhéas biliosas ou os vomitos biliosos são as manifestações mais geraes e mais benignas, e uma d'ellas apresenta-se em primeiro logar a maior parte das vezes. Não é precisa a infecção paludosa; existem por effeito climaterico.

A actividade do figado nos paizes intertropicaes é um dos factos geralmente admittidos. F. L. J. Valleix, na *Guia do medico pratico*, vol. I, pag. 260, tratando clara e concisamente d'esta actividade extraordinaria do figado sob a acção dos climas quentes, disse:

«Si un étranger arrive dans un pays chaud, il peut-être soumis rapidement à toutes les influences de chaleur, d'humidité, d'intoxication paludéenne, mais il n'aura pas la fièvre bilieuse[1]. Que si, au contraire, il y a fait un long séjour, la suractivité des fonctions gastro-hépatiques s'est développée[2]; une énergie inaccoutumée se manifeste dans l'appareil biliaire, à tel point que le foie a pu, avec juste raison, être désigné sous *le nom de poumons* des pays chauds.»

A bilis é portanto a complicação mais geral das molestias tropicaes; na febre perniciosa icterica derrama-se por todo o organismo por tal modo, que o corpo se torna completamente amarello caracteristico, che-

[1] É evidentemente a febre perniciosa icterica.

[2] Nos logares em que faltem os miasmas paludosos, a perversão da funcção hepatica póde dar origem á febre biliosa, mais ou menos grave.

gando a manchar de amarello os lençoes que o envolvem. Não fica no corpo uma só região, em que não haja a côr propria da bilis! É esta a prova mais positiva da perversão da secreção da bilis e da grande quantidade d'ella, que em quarenta e oito horas o figado segrega. Os vomitos são quasi constantes e as dejecções amiudadas, e o corpo apresenta-se fortemente carregado de bilis, embora se diga que só apparece sob a epiderme a sua parte córante.

A bilis, tendendo sempre a complicar as molestias endemicas das ilhas de S. Thomé e Principe, mostra a importancia do diagnostico differencial entre a febre paludosa icterica[1], a ictericia, typho icteroide, febre amarella, febre biliosa grave, etc. Importa muito para a therapeutica este diagnostico differencial.

O delirio, o coma, o somno, a somnolencia são symptomas de muitas outras molestias, mas não deixam por isso de ser elementos de complicação nas febres paludosas; o coma é o mais grave; é mais util prevenil-o que dominal-o, para não atormentar o doente cruelissimamente, as mais das vezes sem o menor proveito.

O delirio, de per si só, não é elemento grave; começa e acaba com os accessos, e parece depender mais da susceptibilidade individual do que da perturbação do systema nervoso.

O engorgitamento do baço é um elemento morbido de complicação das febres paludosas, mas desapparece com a molestia principal, e se apparece sem ser acompanhado de febre, cede ao tratamento anti-periodico.

As congestões activas e as inflammações combatem-se pelos meios apropriados, independentemente do tratamento fundamental.

Tanto os elementos perniciosos provocados pela intensidade de febre como os que se dão na ordem phenomenal do accesso febril — frio, calor e suor, precisam de muita attenção da parte do medico. Todos elles apresentam gravidade, e não só por si mesmos como por outras complicações que trazem após si, entre as quaes as congestões são de certo as mais graves, apressam o termo da doença, e, quasi sempre, senão sempre, a morte.

É tambem elemento de perniciosidade a profunda alteração do sangue, que dá origem a uma molestia gravissima — a cachexia paludosa.

É terrivel esta complicação da febre paludosa, que se torna sempre em molestia grave, quando se manifesta e o individuo não deixa o foco

[1] Dutroulau comprehende n'um só grupo denominado «febres biliosas graves» todas as febres biliosas dos tropicos, mas a sua natureza é paludosa ou miasmatica; eu admitto a existencia de febre biliosa grave independente da intoxicação miasmatica, no que me afasto da opinião do sabio medico francez. *(Nota do relator.)*

miasmatico; e, como porta aberta para entrar esta doença, declara-se a anemia paludosa com os primeiros accessos d'aquellas febres.

É esta a arvore principal, mas não a unica da flora pathologica das ilhas de S. Thomé e Principe. Assentam as suas raizes nas duas cidades onde se embebem de activos miasmas; o seu tronco forte e largo, a infecção paludosa, sustenta variados ramos, as differentes especies de doenças miasmaticas. É bem frondosa esta arvore pathologica.

Os miasmas podem destruir-se fóra da economia, não só nos pontos que lhes dão a origem, mas tambem quando se precipitam pelo arrefecimento do ar, e podem aniquilar-se dentro d'ella.

As febres paludosas devem diminuir muito nas estatisticas nosologicas da ilha de S. Thomé, quando accuradamente se seguirem os conselhos da medicina. Não acreditar n'este resultado será descrer da sciencia.

Já desappareceu a colicá vegetal, vae-se retirando o escorbuto, e não se observa, se não ha engano, o *encantado* verme de Guiné, etc., etc.

Tirâmos exemplos das proprias localidades de que estamos tratando, e poderiamos ajuntar optimos e numerosissimos exemplos do que se tem passado na Europa a respeito de graves molestias.

A Europa na idade media era o theatro em que se patenteava a peste com todo o seu terrivel e assolador cortejo; no seculo XVII e XVIII foi-se ella retirando, reduzindo e circumscrevendo a pouco e pouco até se extinguir de todo. A historia medica da Europa apresenta-nos outros factos d'esta ordem.

A chamada febre remittente não existe independente da febre paludosa, isto é, a evolução phenomenal d'esta complica-se e não dá apyrexia completa. Devem portanto *as remittencias* ser estudadas como elementos de complicação, que não existiriam se não existisse a *febre de accesso*, e por isso aconselhâmos sempre o sulphato de quinina como base do tratamento. Os symptomas e a causa da *febre remittente* auctorisam o emprego d'aquelle sal, e a pratica ao menos não dá occasião a admittir-se uma individualidade morbida que a sciencia não póde sustentar.

A therapeutica deve estar em relação com o diagnostico; onde este é incerto o remedio é de tentativas. Mal vae ao doente e á sciencia com esse methodo.

Que diremos das febres *larvées* e das pseudo-continuas?!!

Eis-ahi denominações improprias de uma sciencia racional e positiva como deve ser a pathologia; são falsas e muito prejudiciaes aquellas denominações.

É muito melhor perscrutar, comparar e estudar do que admittir doenças de diagnostico incerto ou obscuro, dando-lhe denominações enganosas, e deixando os doentes á mercê de tentativas.

Ha nas febres paludosas uma evolução morbida caracteristica, typo, e uma expressão symptomatica variavel, traduzida por manifestações que só uma pratica esclarecida e aturada ensina a distinguir, a classificar e a interpretar. Durante essa evolução mais ou menos complexa, notando-se frio, calor, suor e intermittencia, remittencia ou continuidade, podem realisar-se localisações mais ou menos graves, segundo a natureza e importancia dos orgãos. Antes ou depois d'ellas, no meio d'essa evolução caracteristica, geram-se elementos de complicação que dão ás febres paludosas aspectos diversos e fórmas variadas; são muitas as suas especies, modificando-se de localidade para localidade e de individuo para individuo. É mais frequente em uma estação a febre algida, n'outra a perversão do calor, n'uma outra a perversão das secreções, etc.

Cumpre não esquecer a continuidade e a remittencia, que são modificações da intermittencia; a bilis que se derrama pelo organismo; a anemia palustre que muitas vezes se declara antes da febre paludosa; a cachexia, que segue uma e outra; as congestões que se dão no baço, no figado ou no cerebro; mas não reputemos doenças distinctas estas manifestações da febre miasmatica, porque não existiriam se ella não existisse. Uma dor de cabeça, a insomnia, um phenomeno qualquer periodicamente reproduzido são muitas vezes a primeira manifestação da affecção paludosa. N'este caso não ha uma febre, ha uma doença paludosa.

É preciso marcar outro elemento grave, o estado typhoide. A sua existencia é incontestavel.

Ouçamos a este respeito uma auctoridade medica ingleza, que esteve na ilha do Principe, em Fernão do Pó e no delta do Niger:

«African fever may be divided into the continued, the remittent and intermittent, the first being the rarest and the last two the most frequent. Continued and remittent have some times degenerated into typhus icteroides[1].»

O embaraço gastrico em S. Thomé complica a febre paludosa a ponto de tornar o diagnostico obscuro.

A arvore pathologica—doenças paludosas—tem origem determinada e conhecida. A sua evolução, manifestada por phenomenos caracteristicos, faz-se segundo certas leis que se devem estudar; é portanto inutil para a therapeutica e de mau effeito em pathologia crear entidades morbidas, destacar do curso de uma molestia um ou outro phenomeno, uma ou outra complicação para se combater independente da causa determinante da molestia principal.

[1] Thomás Hutchinson, loc. cit., pag. 239.

O sapientissimo medico allemão Griesinger no seu notavel tratado de molestias infectuosas[1] admittiu duas molestias distinctas em pathologia, que denominou febre typhoide biliosa do Egypto, e febre recorrente, *the relapsing fever*, dos inglezes.

Dever-se-hão procurar estas molestias entre as complicações das febres paludosas nas ilhas de S. Thomé e Principe?

Procurem-se embora, mas a therapeutica racional seja coherente com o diagnostico fundamentado.

Aquellas entidades morbidas, que têem assolado epidemicamente alguns paizes da Europa, e que se confundiram algumas vezes com as febres paludosas, não têem existencia independente nas ilhas de S. Thomé e Principe; parecem complicações da evolução morbida paludosa.

Temos dado seria attenção ao estudo da pathologia endemica comparada, porque a clinica em paiz completamente desconhecido torna-se difficil, e em S. Thomé não está estudada a pathologia endemica.

Ignora-se a meteorologia, a composição geologica do terreno, a flora e a fauna, e por consequencia a natureza do clima.

Os alumnos aspirantes a facultativos da armada e do ultramar devem ser iniciados na pathologia tropical durante o seu curso de habilitação.

O medico que exerce clinica em certa localidade deve conhecer muito bem a natureza das doenças que frequentemente ali apparecem; tem de fazer estudo rigoroso e de gastar muito tempo, se n'essa localidade existirem entidades morbidas que nunca viu, em que nunca lhe fallaram, e a cujo respeito nada se escreveu.

As individualidades morbidas podem variar de logar para logar no mesmo paiz, mas essas mudanças não são muito notaveis; de nação para nação fazem ás vezes mudanças importantes e caracteristicas, que se não devem ignorar. Os medicos que têem residido sob os differentes graus de latitude, desde os circulos polares aos tropicos, quer ao norte quer ao sul do equador, têem dado minuciosas descripções das entidades morbidas que observaram; o novo medico ao entrar n'um clima d'essas regiões encontra o caminho explorado; póde examinar, comparar, augmentar e aperfeiçoar. É trabalho difficil, mas não impossivel.

Dentro dos tropicos acontece o contrario.

Sirva-nos de reforço o seguinte facto da historia medica de Africa. Attente-se bem n'elle.

O douto Sydenham exercia clinica em Londres n'um dos melhores bairros, onde eram endemicas certas doenças inflammatorias, que cediam á san-

[1] Griesinger não descreveu a hepatite nem a dysenteria endemica como doenças infectuosas.

gria e á dieta rigorosa. O sabio medico sangrava logo o doente, e depois o seu tratamento era quasi expectante. N'uma ou n'outra circumstancia bem indicada dava um vomitivo, sangrava de novo e ficava depois expectante.

Este methodo deu optimos resultados nas mãos de Sydenham, no paiz em que elle residia; factos clinicos bem auctorisados deram-lhe fama; perfilharam-no e applicaram-no muitos medicos inglezes em alguns paizes de Africa, onde os seus resultados foram desastrosos!

Este facto é eloquente. Não precisâmos de nos auctorisar com outro para justificar a vantagem e necessidade da nossa affirmativa[1].

As febres paludosas formam um grupo, no qual se devem estudar algumas molestias importantes que se acham separadas d'elle com grave prejuizo da saude e com offensa dos principios da sciencia.

[1] Que modificações devem fazer os estudantes nas doutrinas que aprenderam?

Deverá o joven medico colonial portuguez imitar, embora racionalmente, a medicina de Lisboa ou a das colonias francezas ou inglezas?!

A pathologia interna de Huffeland, por onde se aprendia officialmente em 1866, no Porto, e a de Grisolle que servia de expositor, são completamente deficientes em relação á pathologia endemica de S. Thomé e Principe; são incertas e erroneas para a pratica n'estas terras. É isto realmente digno de muita attenção.

Um estudante, ao deixar os bancos das escolas, póde immediatamente modificar ou substituir aquelles principios em que se iniciou?

É possivel, mas não é facil. Não se trata de um ou de outro methodo therapeutico, de uma ou de outra doutrina medica, de uma ou de outra doença; trata-se de uma pathologia original, de uma therapeutica especialissima e de climas differentes d'aquelles em que o medico colonial residiu; tem portanto necessidade de estudar pathologia, materia medica e hygiene tropical, se quizer exercer uma clinica que não seja assassina!

A respeito das colonias portuguezas não sei o que haja escripto a respeito d'aquellas tres sciencias, a não ser o exame de um ou de outro facto isolado; nos livros inglezes nota-se grande divergencia entre os seus auctores, e deparam-se doutrinas, que se não podem adoptar facilmente nas colonias portuguezas; nos francezes encontra-se litteratura medica colonial, mas dizem os seus principaes escriptores:

«Il est peut de questions aussi obscures que la distinction des maladies fébriles des pays intertropicaux.»

As doenças das colonias portuguezas não são conhecidas dos escriptores estrangeiros; a prova d'esta asserção está no que se lê em alguns auctores, e com especialidade no seguinte trecho da *Hygiene publica* de Michel Levy: «A Loango et à Benguella les endémies sont une espèce de tarentulisme, la jaunisse et les cachexies bilieuses».

Que deve fazer em presença d'este estado o medico colonial portuguez, que vem para as colonias exercer clinica?...

Não se exija ao medico, ao saír das escolas, o que elle não póde e não deve fazer. Se sómente com muito estudo, com muita applicação, ouvindo-se professôres sabios

A questão essencial está em que o diagnostico seja bem feito.

A dysenteria nas ilha de S. Thomé e Principe desenvolve-se a par das doenças paludosas. No mesmo ponto, do mesmo foco sáem miasmas differentes, que actuam no organismo por modos diversos, e até se complicam reciprocamente.

Um miasma especifico produz o typho intestinal, e ha muitos casos *hybridos*, typhoide-perniciosa, achando-se estas duas molestias no mesmo individuo, desenvolvendo-se ao mesmo tempo.

A dysenteria tambem por exemplo apparece com febre intermittente no mesmo doente.

A cholera-morbus é o effeito de um miasma que nunca produzirá a febre amarella. A peste é gerada por um veneno miasmatico muito differente d'aquelle que produz o typho. São factos incontestaveis.

Ahi temos, portanto, arvores pathologicas bem definidas, de que não fallâmos detidamente por não existirem n'esta ilha.

A unidade e harmonia das manifestações morbidas das doenças traz a simplicidade da therapeutica, e devem ser riscadas da materia medica as descripções de muitas substancias completamente inuteis. Uma molestia não póde ser bem conhecida sem se aferirem as observações feitas a respeito d'ella, notando-se todas as suas modificações em relação ás differentes latitudes em que ella existir ou podér existir.

Simplicidade e unidade na classificação da flora pathologica, simplicidade da materia medica e perfeição da therapeutica devem ser a norma d'estes estudos a respeito da medicina colonial.

Vamos fallar da medicina preventiva. Não queremos fiar-nos no nosso ideal therapeutico sem ouvir o que a este respeito escreveu Griesinger, medico allemão. É indispensavel transcrever o que elle escreveu a tal respeito, por serem muito graves as palavras do seu traductor Lemattre, affirmando que está ali a ultima palavra da sciencia!

Ouçamos com attenção as palavras de Griesinger:

«Muitas vezes todos os meios protectores (hygienicos) não dão resultado favoravel, como se conclue dos desastres da expedição ao Niger em 1841. As medidas hygienicas mais sabiamente calculadas (note-se bem isto) não salvaram da morte os estrangeiros que ousaram affrontar o delta do Niger.

e distinctos, tendo-se examinado bons livros, se chega a conhecer a medicina dos climas temperados, como se quer obrigar o medico colonial, a pôr em pratica principios que não recebeu, regras que não viu estabelecidas, e doutrinas que nunca leu?

O medico colonial precisa de aprender medicina colonial, antes de a começar a exercer, assim como o medico que se dedica aos paizes temperados aprende a medicina que lhes é propria antes de ser auctorisado a pratical-a. *(Nota do relator.)*

«O uso prophylactico do sulphato de quinina continuado por muito tempo não deu resultado favoravel; em outras expedições pareceu ter alguma utilidade (Brison, Balfour, 1857); na viagem de Livingstone á Zambezia apenas se lhe notou fraca influencia preservadora. Não deve passar despercebido o facto que se dá entre os trabalhadores das fabricas do sulphato de quinina; não só são accommettidos de febres intermittentes, mas são ellas muito rebeldes ao tratamento.

«O verdadeiro meio prophylactico a oppor á febre paludosa é a retirada do paiz miasmatico logoque a febre se declare. As creanças particularmente devem subtrahir-se ás influencias miasmaticas, pelo menos nas epochas mais perigosas do anno.»

Ahi fica transcripto o que Griesinger escreveu.

O livro de Griesinger, ácerca das molestias infectuosas, está magistralmente escripto; revela incontestavelmente perspicacia inexcedivel e vastissima erudição; com estes dotes póde fazer-se um optimo livro, mas não é isso que auctorisa a dizer-se que elle é a ultima palavra da sciencia! E tanto é verdade que Griesinger foi menos exacto, que, apesar da sua vasta erudição, não teve conhecimento dos trabalhos de Thomás Hutchinson ácerca da expedição ao Niger em 1854. O que se passou n'esta expedição é completamente differente do que succedeu na de 1841, e esta notavel differença deve-se ao emprego do sulphato de quinina, como prophylactico.

A affirmativa de David Livingstone a respeito da inutilidade do sulphato de quinina como preservativo é erronea ou escripta ao acaso[1]. Um nome celebre vale muito, mas nada prova em assumpto experimental.

David Livingstone dava aos seus doentes de febres paludosas, o maximo, 3,34 grãos de sulphato de quinina; e o dr. Briquet demonstrou que a absorpção do sulphato sómente se verifica, em todos os casos, quando a dóse é superior a 5 grãos. É portanto claro que Livingstone não empregou a dóse preservadora do sal anti-periodico, e muito menos a dóse therapeutica. Em taes circumstancias a auctoridade do viajante inglez quebra-se de encontro aos factos bem observados, á experiencia sabiamente feita.

«O uso diario do sulphato de quinina, escreveu David Livingstone, não é preventivo; observei muitos casos de febre em individuos que apresentavam symptomas de quinismo.»

As propriedades physiologicas e pathologicas de sulphato de quinina

[1] Communicação á Sociedade Epidemologica de Londres, sessão do dia 3 de junho de 1861, traducção impressa na imprensa nacional de Lisboa, e remettida para esta ilha em 1861. (*Boletim official*, n.os 30 e 31, col. de 1861.)

não auctorisam as palavras de Livingstone. Os symptomas do quinismo faltam muitas vezes no homem são [1].

Bouchardat[2] escreveu ás seguintes palavras:

«Le sulfate de quinine, administré à dose modérée, ne cause que très-rarement des effets physiologiques apréciables et constants.»

O que ahi se lê é exacto e fundamentado com factos incontestaveis. E se no homem se manifesta raras vezes o quinismo, no homem doente nem sempre apparece tambem, embora se empregue a dóse conveniente. Vertigens, perturbações de cabeça, zunido dos ouvidos e perturbações da vista são os symptomas do quinismo no homem doente, que temos observado em alguns no hospital de S. Thomé.

A absorpção do sulphato de quinina póde faltar, e a febre paludosa continuar a desenvolver-se; deve por isso o medico attender com escrupulo a qualquer das circumstancias seguintes: modo de preparação ou sophisticação do sal empregado (passa por melhor o sulphato de quinina de procedencia ingleza); elemento morbido, que impede a absorpção e que é preciso combater para ella se effectuar; idiosyncrasia individual, que exige maior ou menor dóse d'aquelle sal. Deve ter-se em consideração o diagnostico, que, nos climas essencialmente palustres, póde dar occasião a graves erros[3]. Em uma ou outra d'estas causas deve encontrar-se a rasão da continuação de uma febre que se pretende debellar.

As doenças paludosas acham-se em geral bem estudadas, mas as especies que apparecem, segundo as localidades, as localisações que durante a sua evolução se formam, e tambem as endemias que ellas complicam, tornam esta classe de doenças de muito difficil estudo, e póde asseverar-se, sem receio de engano, que a maior parte das nossas colonias não foram ainda a tal respeito convenientemente examinadas.

Nas ilhas de S. Thomé e Principe convem o sulphato de quinina como preventivo das febres paludosas, e para isso estabelecemos as seguintes regras:

1.ª Todo o individuo que se demorar nas ilhas de S. Thomé e Prin-

[1] Eu tomei durante dezoito mezes, sem faltar um dia, 6 a 8 grãos de sulphato de quinina, em café com leite, ou sem leite, e nunca senti um só d'aquelles symptomas, que se diz acompanha a absorpção do sal de Pelletier.

Dos meus doentes recebia algumas vezes a informação de phenomenos, que eu filiava nos effeitos do sal anti-febril, quando receitava a dóse therapeutica nunca inferior a 24 grãos. *(Nota do relator.)*

[2] *Manuel de matière médicale, de thérapeutique et de pharmacie*, 5.ª ed., tom. I, pag. 392.

[3] Combien de cas pretendus de gastro-céphalite, de gastro-enterite, de fièvre typhoide et autres maladies dont la terminaison funeste aurait pu être conjurée par un diagnostic plus exact de leur nature étiologique! (Dutroulau, loc. cit., pag. 234.)

cipe, durante dois a seis mezes, deve tomar todas as manhãs 6 a 8 grãos de sulphato de quinina, dissolvidos em uma chavena de café ou em um calix de vinho.

Oppõem-se a esta pratica as dores do estomago, as saburras e com especialidade o enjôo, que se sente ás vezes, ao levantar da cama, proveniente de alguma bilis que passou ao estomago. N'este caso é preciso não saír de casa se o enjôo augmenta, e que as mais das vezes é passageiro. O sulphato de quinina toma-se então á noite.

2.ª Quando se declarar uma febre de accesso em individuo que usar do sulphato de quinina, como preventivo, deve esta dóse[1] reunir-se á dóse therapeutica, 24 grãos nas ilhas de S. Thomé e Principe.

A febre sendo cortada, deve continuar-se por alguns dias a tomar a mesma dóse, como se os accessos se tivessem repetido. Isto é de absoluta necessidade.

Passados alguns dias (tres a cinco) volta-se de novo ao emprego da dóse preventiva, tomando-se 8 a 10 grãos, em vez de 6 a 8, por que se começou.

Uma das principaes condições para se gosar boa saude na cidade de S. Thomé e Principe é tratar as molestias, de que se for acommettido, sem esperar que se adiantem.

Declarados os prodromos ou primeiros symptomas da infecção palustre, deve fazer-se o seu tratamento radical, e evitar especialmente o sereno, o ar frio da noite, a acção do sol durante o dia e o abuso da mesa.

3.ª Quando não se tolerar o sulphato de quinina no estomago, ou quando estiver contra-indicado, deve recorrer-se ás fricções sobre a columna vertebral com o mesmo remedio dissolvido em alcool, 40 grãos de sal para 1 1/2 onça de alcool.

Estas fricções devem ser applicadas ao deitar e ao levantar da cama.

4.ª Declarada a anemia tropical, devem tomar-se ao jantar pilulas de ferro.

O bom vinho do Porto, os banhos frios, o exercicio moderado, os analepticos devem auxiliar-se mutuamente, para que a doença não progrida, e para se evitar a cachexia, sempre fatal nas ilhas de S. Thomé e Principe.

5.ª Não se deve saír de casa com o estomago vasio; é condição essencial para se gosar saude n'estas duas ilhas.

6.ª O exercicio physico moderado concorre para o exercicio funccional de alguns orgãos do corpo, e desperta-lhes a sua actividade adormecida.

A alegria, a distracção e o socego do espirito são boas condições para

[1] *Tratado de hygiene naval*, por J. B. Fonssagrives, traducção de J. F. Barreiros, pag. 164.

se gosar saude sob a acção de um clima deprimente em um paiz, como este, que fica tão perto do equador.

As regras que estabelecemos a respeito do sulphato de quinina como preventivo são justificadas pela nossa observação pessoal e pelo parecer de pessoas muito auctorisadas.

Opinião de J. B. Fonssagrives. — «É nossa opinião que a quina tem virtude preservadora.

«Quem usar como preventivo, de 5 a 6 grãos de quinina, por dia, deve ajuntar esta insignificante dóse ás dóses curativas.»

Fonssagrives citou em abono d'este principio a opinião de Huet, Raoul, Gestin e Lind.

Opinião de João Francisco Barreiros. — «As equipagens dos navios que demandem o litoral insalubre de Africa, tencionando demorar-se pouco tempo n'essas paragens, podem usar do sulphato de quinina como preventivo. As pessoas que por qualquer motivo houverem de permanecer por longo tempo em Africa, devem ser escrupulosas no uso da mesma substancia, applicando-a apenas *quando sentirem prodromos não equivocos* das febres palustres, e *durante as quadras* em que reinam as endemo-epidemias, frequentes nos paizes tropicaes».

J. F. Barreiros cita em favor da sua opinião J. F. da Silva Leão, o dr. F. F. Hopffer, o conselheiro Arrobas, por terem usado do sal de quinino como preventivo; a commissão encarregada em Portugal de examinar os pantanos dos arrozaes, pela mesma rasão; e a observação de Daullé[1].

Opinião de Thomás Hutchinson. — Thomás Hutchinson, em 1854, levou a tripulação do *Pleyades* através do delta do Niger, penetrando no interior de Africa, cercado de pantanos e essencialmente miasmatico. Demoraram-se cento e quarenta dias sob a acção de similhante fóco, e nem um só homem adoeceu.

«I had it dispensed daily for the Europeans under my charge from the day before we crossed the bar to three weeks after our return to Fernão do Pó, *a period of a hundred and forty days*. In no single case could I recognise its failure. When some of our officers, who from not taking it puntually, got slight *attacks of remittent fever*, the accession always yielded to an *active purge* of colamel, colocynth, and taraxacum with doses of quinine increased to ten grains[2]. The symptoms subdued, *I returned to the original dose of quinine*, observing after each occurrence the precaution to lecture them on their irregularity in taking it, pointing out its be-

[1] J. F. Barreiros, nota (*a*) da pag. 161, traducção referida.

[2] Não confiâmos em formulas assim compostas, porque a *acção purgativa* impede a absorpção do sal anti-miasmatico.

benefits, and impressing them with the fact, that our return through the Delta would be in the most unhealthy season of the year. Dispite of these attacks, and of our prolonged stay up the river, we had same number and the same men, twelve Europeans and fifty-four Africans, on our return to Fernão do Pó, that we had on board when leaving it, the 8.th of July. *The preservation of their health I attribut to the following causes*[1]:

«1.st To our having entered the river at the least unhealthy season of the year, when the water was rising.

«2.nd To my having induced the Europeans to take quinine solution dayly, without making any fuss for its palpable necessity.»

Segunda arvore pathologica

Doenças biliosas

> La fièvre bilieuse des régions tropicales est l'espèce endémique sur le compte de laquelle les pathologistes s'entendent le moins. Il n'est pas un point de son histoire qui ne soit controversé.
> (Dutroulau, loc. cit., pag. 300.)

A evolução da febre paludosa é conhecida. Os factos observados lançam luz no circulo que ella percorre, e ensinam a distinguir a natureza da febre por entre symptomas, mais ou menos graves, segundo as localidades. As differentes especies da febre paludosa não se podem tomar por doenças independentes da doença primitiva ou essencial; é difficil fazer um diagnostico differencial rigoroso, por causa das divergencias que ha entre os differentes escriptores que se têem occupado da pathologia dos variados climas quentes.

As doenças biliosas suscitam muitas duvidas e incertezas: *il n'est pas un point de son histoire que ne soit controversé.*

Qual será a natureza d'estas graves molestias?

Têem por causa principal a acção deprimente do calor[2]; serão ellas produzidas sómente pela acção do miasma paludoso? A infecção paludosa preexistirá, e trará após si os phenomenos biliosos?

O medico observador não se póde contentar com o diagnostico, que em um ou outro caso parece auctorisado. É mais natural confessar a du-

[1] Thomás J. Hutchinson, loc. cit., pag. 230.

[2] «La prédominance hepatique de toute la constitution, la tendance aux phénomènes bilieux, sont un effet nécessaire de l'action des pays chauds. Mais il y a indépendance compléte entre ces phénomènes et les maladies paludéennes.» F. L. J. Valleix, loc. cit., vol. I, pag. 260.

vida do que dar por observado o que está ainda incerto, ou se apresenta sob fórmas enganosas.

A denominação geral de *febre biliosa* que se dá á molestia que n'esta ilha tem por symptomas a ictericia, os vomitos biliosos, as urinas esverdeadas, as dejecções frequentes biliosas, e os soluços nos ultimos dois ou tres dias antes da morte, é muito impropria; aquelles symptomas pertencem a doenças inteiramente oppostas: onde o diagnostico é incerto, não póde haver therapeutica segura.

As doenças biliosas apresentam-se sob variadas fórmas, sendo umas muito mais graves que as outras.

A falta de uniformidade nas descripções feitas por observadores competentes parece indicar a existencia de doenças biliosas peculiares a certas localidades, e que, sendo na sua essencia as mesmas, variam comtudo nos phenomenos morbidos, a ponto de parecerem molestias differentes.

A confusão que ha a respeito d'esta classe de doenças deve-se aos medicos inglezes e americanos e a alguns francezes. A seguinte nota das designações de doenças biliosas mostra a divergencia que tem havido entre os medicos coloniaes.

Differentes fórmas das doenças biliosas

Febre biliosa grave [1].

Febre perniciosa icterica.

Febre biliosa hematurica ou hemorrhagica (póde preexistir ou deixar de preexistir a infecção paludosa).

Febre amarella dos aclimados, dos creoulos. (Veja-se Dutroulau, loc. cit., pag. 419.)

Febre biliosa typhoide.

Febre remittente dos tropicos, febre remittente biliosa da costa occidental de Africa, ou grande febre endemica dos paizes quentes, segundo os medicos inglezes [2].

Febre ictero-hemorrhagica.

Typho icteroide ou typho amarello.

[1] A febre biliosa grave existe independente da febre perniciosa icterica; uma tem por causa a acção do calor ou do clima, e se manifesta em qualquer logar da ilha; a outra é miasmatica, e apparece nas localidades palustres.

[2] O diagnostico dos medicos inglezes tem dado occasião a graves erros de therapeutica: admittir a *febre remittente* como individualidade morbida independente da febre paludosa, é não descriminar os phenomenos e os symptomas d'esta febre; mencionar *uma grande febre endemica dos paizes quentes*, é não conhecer o diagnostico differencial das febres miasmaticas.

Diarrhéa biliosa.
Febre biliosa dos climas quentes.
Febre biliosa ephemera.
Ictericia grave.
Dysenteria biliosa.
Febre gastrica biliosa.
Accesso amarello [1].
Febre amarella.

Em presença d'esta enumeração vê-se que ha doenças em que apparecem os phenomenos biliosos como complicação, e que tomam por isso a qualificação de doenças biliosas. A incerteza do diagnostico differencial n'esta classe de doenças é prova evidente do atrazo em que está o estudo da pathologia colonial.

Dutroulau, fazendo o estudo das doenças biliosas nas colonias francezas [2] e do seu diagnostico differencial, prestou relevantissimo serviço á humanidade e á sciencia.

Não nos consta que os medicos portuguezes tenham descripto as doenças biliosas de Angola, Moçambique, S. Thomé, Principe, Bissau e Cacheu; não podemos por isso referir-nos ao que se passa n'estas colonias.

Pelo que diz respeito á ilha de S. Thomé damos conta do que observámos, apesar de faltarem as autopsias e as analyses do suor e das urinas, as quaes são abundantes e caracteriscas n'estas doenças.

Em S. Thomé observa-se a febre biliosa ephemera, a febre biliosa grave, a ictericia sob differentes fórmas, a febre perniciosa icterica e a diarrhéa biliosa; as complicações da bilis podem apparecer em muitas molestias, tornando difficil o diagnostico e a therapeutica. É preciso muita attenção para se distinguir a doença preexistente quando o individuo é atacado com rapidez; a febre *perniciosa-ictero-hemorrhagica* serve de exemplo das molestias complexas ou mixtas.

A febre perniciosa icterica torna-se muitas vezes hemorrhagica ou hematurica, o que tambem acontece na febre biliosa grave; esta complicação augmenta a gravidade d'aquellas doenças.

A hematuria tem-se aqui observado; parece que o sulphato de quinina, tomado em dóse de 24 grãos, lhe dá origem algumas vezes. Não offerece gravidade, e póde apparecer acompanhada de febre. Os adstringentes, os semicupios e o repouso triumpham d'esta molestia.

Na evolução da febre perniciosa icterica e da febre biliosa grave notam-se phenomenos typhoides.

[1] Dutroulau, loc. cit., pag. 300 e 420.
[2] Ibidem, pag. 300, 329 e 330.

Não descrevemos com minuciosidade todas as doenças endemicas, porque tornariamos muito extensa esta parte do relatorio, e seria difficil examinar alguns outros assumptos tambem importantes.

Febre biliosa ephemera.—Esta doença tem rasão de ser em S. Thomé; é symptomatica, declara-se tanto no interior da ilha como na cidade, existe independente da infecção paludosa.

A exacerbação da funcção hepatica dá em resultado o excesso da bilis. O doente sente-se incommodado; tem dor de cabeça e enjôos e a lingua saburrosa e amarellada; o pulso conserva-se febril; umas vezes ha dores na região gastro-hepatica, outras faltam completamente. Durante algumas horas o doente passa incommodado; está anciado e muito inquieto; apparecem os vomitos no meio de grandes afflicções; a bilis é expulsada quasi pura; depois dos vomitos o doente sente algum allivio. Quando este estado se demora por dois ou tres dias, as conjunctivas injectam-se de amarello.

Esta doença dura de tres a cinco dias, e muitas vezes desapparece no segundo dia.

Os emeto-catharticos são applicados com vantagem. Se ha dores de cabeça, os sinapismos aos pés e nos gemellos triumpham quasi sempre.

É necessaria a dieta e o repouso.

A febre biliosa ephemera póde ser o prenuncio da perturbação profunda do figado; exige por isso muito cuidado.

Os doentes n'estas circumstancias devem procurar no interior da ilha os logares que passam por mais salubres. Os banhos frios são indicados, a alimentação deve constar de vegetaes, e se o individuo for obrigado a vir á cidade, ou a permanecer n'ella, precisa de acautelar-se contra o perigo resultante de uma complicação paludosa grave.

Não se descobriu ainda meio especifico para regular a funcção do figado, que tende a perturbar-se constantemente sob a acção dos climas dos tropicos; a bilis é a causa, não só de muitas doenças biliosas graves, mas de gravissimas complicações na febre typhoide, na febre paludosa, na dysenteria, na diarrhéa, na febre gastrica, etc.

As doenças biliosas em S. Thomé não se transmittem, nem na mesma localidade, nem fóra d'ella [1]. É importante esta circumstancia sob o ponto de vista da saude publica e do commercio.

[1] A natureza das doenças biliosas n'esta cidade faz desapparecer a idéa de contagio. Corroboram tambem esta asserção os seguintes factos, que tenho por importantes, e que apresento com toda a simplicidade, porque de per si são prova evidentissima de que não ha contagio em similhantes doenças, que têem sido mencionadas em algumas cartas de saude como febre amarella!

Quando algum europeu adoece é raro que os seus amigos se assustem se a doença

Não póde negar-se que n'esta ilha, depois do miasma paludoso que produz no organismo graves perturbações, se deve collocar a perversão da funcção hepatica como causa de novas molestias, e como complicação de muitas outras. A bilis derramada no organismo póde causar a morte por intoxicação, como o miasma paludoso.

Assim como se tem levantado guerra de destruição contra o miasma que produz a febre amarella, e contra os que geram o cholera, a dysenteria, a peste, o typho, etc., assim se devem empregar todos os meios para regular a secreção da bilis, impedindo por todos os modos que ella seja levada á torrente circulatoria, onde póde causar tanto damno como os miasmas que se formam em certos e determinados logares, e geram entidades morbidas independentes e fataes.

O ileo-typho, que se observa em S. Thomé, é as mais das vezes complicado pela bilis. Será o typho icteroide dos inglezes?

A typhoide biliosa de Griesinger, ou a febre biliosa inflammatoria, parece não existir entre as molestias endemicas de S. Thomé.

A febre paludosa torna-se perniciosa sob a acção da bilis, não sendo por sua natureza perniciosa.

A febre perniciosa icterica, como já dissemos, é endemica na cidade de S. Thomé e na do Principe. Para se demonstrar que entre esta grave

não vem revestida de certos symptomas, que, segundo elles, nem sempre são prenuncio de terminação funesta, e que differem segundo as molestias.

Em geral confiam plenamente na acção do sulphato de quinina, mas descrêem d'elle se no fim de algum tempo o doente está amarello!

N'esse caso a anciedade publica é geral. Correm todos pressurosos a informar-se do estado do doente.

Já apparece sangue nas urinas, já se declararam os soluços, os causticos pegaram bem? São perguntas que dirigem todos uns aos outros.

Os amigos do doente tornam-se enfermeiros; as bacias para se receberem os vomitos são sustentadas por europeus, a mudança da roupa da cama faz-se na presença de um outro amigo, que se acha no quarto; são muitos os que respiram n'aquella atmosphera.

N'um grande numero de casos, um enfermeiro europeu cura os causticos, põe as ventosas sarjadas e os sinapismos, faz as fricções e dá clysteres, etc.

Quando se declaram os soluços, a tristeza e desanimação é geral; os amigos do doente não se retiram um instante de ao pé d'elle.

Succumbe o doente. O corpo fortemente carregado de um amarello escuro impressiona muito os espectadores, mas não adoece nenhum dos europeus que estiveram junto d'elle. Foi um caso unico, isolado e caracteristico.

As doenças biliosas declaram-se apenas desde o meado de outubro, pouco mais ou menos, até ao meado de junho. São limites constantes em relação á estação chuvosa e secca. Não se observa caso algum d'esta doença na estação secca.

A observação d'estes factos leva-me a não admittir o contagio das doenças biliosas. *(Nota do relator.)*

doença e a febre amarella não ha pontos de contacto, transcrevemos a seguinte notavel tabella symptomatica.

Caracteres differenciaes entre a fêbre perniciosa icterica e a febre amarella [1]

Fièvre pernicieuse ictérique Symptômes	Fièvre jaune Symptômes
Ictère. — Apparaît tout d'abord avec le premier accès; ne manque jamais d'être prononcé.	*Ictère.*—Apparaît seulement vers le troisième jour; manque si la guérison est prompte.
Céphalalgie. —Totale; va croissant jusqu'à la fin de l'accès; manque quelquefois.	*Céphalalgie.* — Sus-orbitaire, intense gravative, cédant promptement aux premiers moyens de traitement.
Douleurs. — Dans les hypochondres se prolongeant en arrière, faisant ceinture, peu intenses.	*Douleurs.* — Des membres, dans les mollets surtout, douleur particulière des reins (coup de barre).
Vomissements.—Bilieux constants, pendant presque toute la durée de chaque accès.	*Vomissement.* — Ils ne surviennent que si la maladie est grave, après le troisième jour, d'abord gris, puis bruns, puis noirs comme de la suie.
Diarrhée. — Bilieuse, très-ordinairement.	*Constipation.* — De règle.
Langue. — Humide; enduit blanchâtre; n'est rouge ni à sa pointe ni sur ses bords.	*Langue.* — Humide et chargée, rouge sur ses bords.
Urines.—Rouges, brunes, couleur malaga, caractéristique, très-abondantes.	*Urines.* — Rouges, rares, c'est-à-dire, émises en très-petites quantités.
Pouls.—Petit et fréquent pendant le premier stade; plein pendant le stade de chaleur.	*Pouls.*—Plein, régulier; pendant la première période, 108, mou, dépressible; sans fréquence, pendant la seconde.

[1] *Nouvelles annales de la marine et des colonies*, revue mensuelle, 9e année, Décembre 1857, n.° 12, pag. 346: «Cinq années d'observation médicale, dans les établissements français de Madagascar (côte O.)», par Mr. Dominique J. Daullé, chirurgien de la marine, chevalier de la Légion d'Honneur.

Marche. — Accès intermittents avec apyrexie bien prononcée ou rémittents, très-rarement continus; l'accès dure au plus dix-huit heures; après l'apyrexie réapparition des symptômes semblables aux premiers.

Traitement. — Curable par les préparations de quinquina, méthode générale de traitement; jamais d'antiphlogestiques, ni au début ni dans le cours.

Acclimatement. — Cause prédisposante la plus patente.

Récidives.—Très communes, d'autant plus imminentes que la maladie s'est montrée plus souvent.

Marche. — Continue, et dure au moins trois jours si la maladie s'arrête. Nouvelle période, si elle suit son cours; abaissement de la température; apparition de l'ictère.

Traitement. — Antiphlogestique au début. Les préparations de quinquina ne sont employées que dans les fièvres jaunes avec complication de fièvre paludéenne.

Acclimatement.—Donne la sécurité.

Récidives.—Exception extraordinairement rare.

A leitura attenta d'este quadro symptomatico mostra evidentemente que a febre amarella não se póde confundir com a febre perniciosa icterica[1].

Os phenomenos typhoides que complicam as doenças biliosas dão-lhes muita gravidade, e deve haver todo o cuidado em fazer o diagnostico differencial entre a febre typhoide da Europa e as doenças biliosas de fórma typhoide.

A febre biliosa grave ou a febre perniciosa icterica são muitas vezes acompanhadas de profundas alterações nervosas e adynamicas; nota-se stupor e perturbação das faculdades intellectuaes; os soluços apparecem e ha exanthema nos pontos correspondentes ás fossas iliacas, sendo mais abundante esta erupção na fossa iliaca direita. Este exanthema estende-se ao ventre e á parte interna das coxas.

Ha medicos que diagnosticam a febre biliosa grave de um modo singular; desdobram a molestia em duas molestias distinctas, fazendo-as correr a par e ter evolução parallela. O que uns chamam *febre biliosa grave* denominam elles *febre remittente e ictericia*[2].

Examinámos as papeletas do hospital de S. Thomé, observámos alguns casos de doenças biliosas na cidade d'esta ilha, e escrevemos depois as considerações que se acabam de ler.

[1] A *febre perniciosa icterica* deve ser collocada no grupo das doenças biliosas, por isso que os phenomenos biliosos predominam quasi sempre sobre os paludosos.

[2] Dr. José Correia Nunes, hospital de S. Thomé; Félix Jacquot, citado por A. Dutroulau, pag. 216.

Lemos tambem attentamente o que escreveram os medicos francezes e inglezes a respeito das doenças biliosas e paludosas que grassam nas suas colonias. Nos relatorios de Gestin e de Daullé, nos livros de Dutroulau, Thomás Hutchinson e Jacques Lind, acham-se descriptas estas doenças com minuciosidade; não deve todavia esquecer-se que Woillez, no seu excellente diccionario de diagnostico medico, disse:

«Il est peut de questions aussi obscures que la distinction des maladies febriles des pays intertropicaux.»

Este erudito e sabio escriptor tem justificada rasão; e se isto se diz em França, onde ha litteratura medica colonial, que se poderá dizer em Portugal, onde ella não existe?

É ainda desconhecido um agente therapeutico que se possa empregar como especifico das doenças biliosas, isto é, das doenças em que a bilis é a causa principal ou uma grave complicação.

Para se regularem as funcções do figado e da pelle, que n'esta provincia predominam sobre todas as outras, estão indicados os banhos frios do mar ou de rio, cujas margens não sejam lodosas nem orladas por mangues. Um ou dois banhos por semana, não havendo contra-indicação, são uteis.

Nas praias de S. Thomé apparecem os tubarões, e é por isso necessaria toda a cautela quando se tomam banhos do mar[1]. Aos governos cumpre mandar preparar logar seguro onde os soldados e addidos ao batalhão de caçadores n.º 2 tomem banho todos os domingos, pelo menos.

A demora na agua deve ser pequena. Os banhos quanto mais rapidos tanto mais uteis se tornam. O individuo deve entrar para elle depois de ter descansado na praia. Procurem-se dias claros, evitando-se entrar na agua em occasião de trovoada.

Se houver alguma ferida, incommodo geral, ou mal estar — prenuncio de febre — se a lingua accusar a existencia de embaraço gastrico, se a digestão não estiver completa, se houver alguma doença do coração, não se tomará banho sem conselho medico.

A melhor hora para o banho é de manhã cedo; tambem alguns medicos o julgam conveniente de tarde.

A alimentação póde concorrer para a exacerbação da funcção hepatica, e por isso é preciso conservar uma alimentação tonica moderada, em que não faltem os vegetaes.

Ha quem proponha os fonticulos, e quem recommende os causticos sobre a região hepatica, como de muita utilidade, quando os prodromos

[1] Em S. Thomé não houve, nos ultimos annos, caso algum de morte a lamentar, causada pelos tubarões; não aconteceu o mesmo na ilha do Principe, onde elles têem feito muitas victimas.

das doenças biliosas graves se declaram. Podem taes meios não ser uteis, mas não serão prejudiciaes; têem contra elles apenas o incommodo.

A respeito dos preventivos das doenças biliosas, e em geral das doenças graves dos tropicos, citaremos o seguinte trecho:

«Bertin rapport que les personnes qui s'entretiennent des cautères et des vésicatoires ne sont que rarement atteintes des fièvres bilieuses à moins que la suppuration ne s'arrête.

«Notre collegue, M. Chassaniol, qui a longtemps séjourné à Madagascar, nous a appris que les caboteurs de Maurice et de Bourbon qui fréquentent les côtes de Madagascar ont l'habitude de s'entretenir, pendant leur séjour dans ces parages, un vesicatoire à chaque bras et qu'ils bravent impunement, pour ce moin populaire et d'une efficacité reconnue par eux, les funestes émanations des marais du littoral[1].»

Terceira arvore pathologica

Cachexias

Cachexia tropical.—Esta molestia não é rara na ilha de S. Thomé e na do Principe, declarando-se mais ou menos rapidamente, segundo o temperamento do individuo, e as circumstancias em que se acha; tem por causa determinante os suores excessivos e a acção deprimente do clima a que o europeu está constantemente exposto. A differença entre a assimilação e desassimilação torna-se sensivel no fim de poucos mezes. A natureza procura contrabalançar este desequilibrio, e o individuo passa por muito tempo mais ou menos incommodado.

É evidente que se devem considerar antes da cachexia duas molestias importantes, a anemia e a chlorose.

A cachexia tropical nunca se declara senão no individuo anemico. Fonssagrives a este respeito escreveu o seguinte:

«Depois de alguns mezes de permanencia nos paizes quentes, todas as constituições estão mais ou menos atacadas pela anemia[2].»

Declarada a cachexia tropical a morte é certa[3]. É vulgar entre os eu-

[1] De l'influence des climats chauds sur l'européens, par M. R. H. Gentin, chirurgien de la marine de premier classe, chevalier de la Légion d'Honneur; Septembre, 1858, n.º 9, pag. 141.

[2] Fonssagrives, loc. cit., pag. 276.

[3] Observei um caso d'esta natureza em um europeu de vinte e dois annos, cuja morte previ, dois mezes antes d'ella se realisar. Não se sentia mal, e por isso não via o perigo. Emmagrecia rapidamente, mas não lhe dava cuidado. Não queria tomar preven-

ropeus pobres e n'aquelles que são obrigados a residir na cidade complicar-se com a cachexia paludosa.

A diarrhéa, a dysenteria, a febre paludosa grave, etc., põe geralmente termo a esta doença, e são ellas que figuram nas estatisticas do hospital de S. Thomé.

A cachexia tropical evita-se pelo uso dos tonicos, analepticos, banhos frios, etc. Reclama muita attenção da parte do medico, e urgentemente a retirada do doente d'estas ilhas.

Quarta arvore pathologica

Dysenteria endemica

Tout le monde est d'accord sur les causes occasionnelles les mieux accusées et les plus habituelles de la dysenterie endémique; mais personne ne me parait s'être suffisamment soucié de l'élément étiologie auquel elle doit son endémicité et ne s'est mis serieusement à sa recherque.

(Dutroulau, loc. cit., pag. 596.)

A dysenteria é uma doença grave, que tem causado e causa muitas victimas entre os habitantes d'esta ilha, sendo mais frequente entre os soldados do batalhão de caçadores n.º 2, e em geral entre os trabalhadores da ilha, pretos e brancos, do que nos habitantes abastados.

Referimo-nos á frequencia e até á gravidade d'esta molestia.

Conhecemos alguns europeus de ha muito atacados de diarrhéa chronica. Um d'elles padece ha mais de seis annos, sendo notavel não ter sido acommettido por outras doenças endemicas graves, que tão frequentes têem sido n'esta ilha.

Na população do hospital apparecem muitas diarrhéas asthenicas, symptomaticas ou consecutivas. Entre a dysenteria e esta classe de doenças não póde haver a menor confusão[1].

A dysenteria considera-se como symptomatica e como elemento de complicação; é endemica, e n'este caso classifica-se entre as doenças infectuosas.

tivos, confiando na sua juventude e na immunidade de trinta mezes de residencia em S. Thomé. Tristissima illusão!

Este infeliz não recorreu á medicina, senão em ultimo caso. Comia com appetite, dormia regularmente. Que importava o resto?

Declarou-se a cachexia e a morte não tardou. *(Nota do relator.)*

[1] Nos mappas nosologicos e necrologicos do hospital de S. Thomé, reunimos sob a mesma numeração a diarrhéa e a dysenteria; as circumstancias em que se procedeu á coordenação d'este relatorio, justificam estes e outros meios de simplificação.

A dysenteria endemica, particular á cidade de S. Thomé, é uma doença continua, que apparece no estado agudo e chronico, acommettendo o mesmo individuo por muitas vezes, com muita gravidade e com phenomenos quasi identicos, e predisposição imminente para a gangrena do intestino grosso.

Os casos de dysenteria tratados n'este hospital dão a relação de mortalidade de 1:9,6 ou de 10 por cento proximamente; mas este resultado não é muito rigoroso, porque lhe faltam alguns elementos estatisticos que o tornem a expressão dos factos clinicos bem observados.

Não podemos demonstrar se o miasma gerador da dysenteria é vegetal ou animal, ou se esta grave doença é devida á acção simultanea d'estes dois agentes morbificos.

Para lançar alguma luz n'este importante ponto etiologico, convem tomar em consideração a procedencia dos doentes que entram no hospital d'esta cidade e o diagnostico differencial.

O tratamento activo que se emprega contra tão grave molestia fica consignado nas papeletas do hospital, e n'ellas se póde fazer o estudo e o exame da therapeutica seguida e dos symptomas da doença; mas não acontece assim a respeito das causas predisponentes, das condições dos logares e das circumstancias em que estava o doente, pois faltam as declarações a tal respeito dos medicos que exercem clinica no hospital[1].

A clinica geral da cidade não fornece os menores dados para este trabalho, porque poucos são os doentes que se tratam com os medicos.

A dysenteria é mais grave na cidade do que nos logares elevados da ilha, e, o que é digno de attenção, fóra da cidade cede mais facilmente ao tratamento, e não tem os symptomas assustadores que são vulgares nos doentes que vivem na cidade, e são obrigados a tratarem-se aqui.

A má influencia da cidade de S. Thomé sobre as doenças, a sua condição palustre, a falta de hygiene publica, são circumstancias geraes que actuam desfavoravelmente na evolução da dysenteria endemica, e aggravam todas as fórmas com que ella se apresenta. Não é raro que na mesma casa esteja um individuo com dysenteria, outro com febre paludosa grave e outro com furunculos e febre ephemera[2].

[1] Os doentes acommettidos de diarrhéa ou de dysenteria, não procuram o medico nem entram no hospital sem que as dores sejam muito intensas e as dejecções muito dolorosas. O seu estado é ás vezes tão grave, que exige promptos e immediatos soccórros.

[2] N'uma casa da cidade adoeceu uma pessoa com febre paludosa delirante, e outra com dysenteria complicada de febre paludosa. A febre paludosa cedeu, mas a dysenteria poz em perigo imminente o doente, e só terminou depois do doente ter ido residir fóra da cidade, em logar elevado e bem arejado.

No mesmo foco commum existirá o miasma paludoso e dysenterico? São pontos etiologicos que observações bem feitas devem esclarecer posteriormente.

As dysenterias tratadas n'este hospital não se complicaram de hepatite. Por muitas vezes a dysenteria irrompe durante a evolução de uma doença paludosa ou biliosa, e n'este caso considera-se como complicação d'aquella doença, e não figura nos mappas estatisticos; quando, pelo contrario, uma doença paludosa ou biliosa é complicação da dysenteria, torna-se esta grave, difficulta-se o seu tratamento, e é a dysenteria que figura nos mappas estatisticos.

As bebidas alcoolicas são muito prejudiciaes; se a dysenteria sobrevem em resultado do abuso d'estas bebidas, apparecem symptomas gravissimos, e a morte realisa-se depois de tormentos atrozes. A gangrena e a perfuração intestinal terminam quasi sempre as dysenterias, cuja causa occasional foi o abuso das bebidas alcoolicas.

Os soldados do batalhão de caçadores n.º 2, aquartelados no barracão junto ao pantano de S. Sebastião, offerecem o maior contingente de doentes dysentericos; o que parece devido á má qualidade da agua que bebem, ao seu modo de alimentação e ás suas más condições de vida. Estas causas occasionaes e predisponentes não determinam a gravidade da doença, cuja especificidade e gravidade são consequencias da infecção e da idiosyncracias individuaes.

Uma affecção moral póde ser n'esta cidade causa occasional da diarrhéa ou da dysenteria; torna o seu tratamento demorado, e em muitos casos tem levado os doentes á sepultura!

A medicina preventiva n'esta doença não tem applicação. A dysenteria endemica, cujos symptomas não dão occasião a duvidas ácerca do diagnostico differencial, tem um tratamento variado, e que só um medico muito pratico póde applicar com vantagem.

Se o doente se acha atormentado por dores intensas e as dejecções são sanguinolentas, está indicada a applicação de ventosas sarjadas sobre o ventre. Em seguida applica-se sobre os logares das ventosas oleo de amendoas doces com laudanum liquido de Sydenham, ou cobre-se o ventre com uma cataplasma de linhaça, e dá-se um laxante de oleo de ricino. O tratamento dirige-se segundo os symptomas que se forem observando, os quaes exigem os tonicos, os adstringentes, os emollientes, os opiados, etc.

Se as dejecções são biliosas, estão indicados os calomelanos, como base do tratamento.

A ipecacuanha é o anti-dysenterico por excellencia; o opio e o subnitrato de bismutho são optimos agentes contra a dysenteria. Pertence este estudo á therapeutica, e por isso não o desenvolvemos aqui, pois apenas desejâmos fallar dos preventivos.

Epilogo

É necessario distinguir as doenças verdadeiramente infectuosas das que provém da aclimação, e d'aquellas que tanto acommettem o europeu n'um clima temperado como n'um paiz tropical.

A. Dutroulau considerou endèmicas a febre palúdosa, a dysenteria, a hepatite, a colica[1], o cholera e a febre amarella. São estas as doenças endemicas que se observam nas colonias francezas, modificando-se segundo as differentes localidades, ou apparecendo n'umas e faltando n'outras. O cholera grassa em colonias onde falta a febre amarella, e esta só se encontra em localidades determinadas, como se póde ver na seguinte enumeração das colonias francezas.

—No Senegal reinam dysenterias, febres paludosas, hepatites e a colica; a febre amarella só ali apparece accidentalmente.

O Senegal fica ao norte do equador a 12° 41′ de latitude. São logares principaes S. Luiz e a Gorée, aquelle a 6 kilometros da foz do Senegal e este a 3 kilometros de Cabo Verde.

A mortalidade das febres é de 31,75 por cento da mortalidade geral; a da dysenteria é de 37,16 por cento; a hepatite, companheira inseparavel da dysenteria endemica, apparece na rasão de 1 : 4; a colica não é grave.

—A Guyana franceza, na America meridional, começa a 2°, e tem por capital Cayena a 4° 51′ ao norte do equador.

Na Cayena, cidade, são endemicas as febres paludosas, a dysenteria, a colica, e apparece ás vezes a febre amarella, mas não se deve reputar endemica.

Quando não existe a febre amarella, as febres elevam a mortalidade a um terço da mortalidade geral; a dysenteria representa 26,78 por cento de toda a mortalidade observada; falta completamente a hepatite.

—As Antilhas são um grupo das pequenas Antilhas (archipelago da America) afastadas do equador 14° 52′ e estendendo-se até 16° 40′. Tomam-se para termo de comparação Martinica e Guadalupe.

As febres endemicas da Martinica são as febres paludosas, a dysenteria, a hepatite e a colica; a febre amarella é epidemica, as mais das vezes.

As febres endemicas de Guadalupe são exactamente as mesmas que as da Martinica.

A dysenteria e a hepatite têem perdido a sua intensidade nos ultimos doze annos. São muito insalubres estas colonias.

—A Cochinchina, assim denominada pelos portuguezes, está afastada do equador 10° 5′, e collocada no parallelo de Pondichery. Tanto uma como outra representam a India franceza.

[1] No hospital de S. Thomé não tem apparecido doença alguma a que se possa dar similhante denominação.

As suas molestias endemicas são a febre paludosa, a dysenteria, a hepatite e a cholera. Tem melhorado o estado sanitario d'esta colonia, e é a menos insalubre das colonias palustres.

—Em Mayotta, na Africa oriental, ao norte do canal de Moçambique, afastada do equador 12° 31′ ao sul, grassam as febres paludosas[1] e a colica; a dysenteria e a hepatite são quasi desconhecidas!

—A Bourbon, Bonaparte ou Reunião fica ao sul do equador, a 20° 51′, a 80 leguas de Madagascar, proxima da costa oriental de Africa.

É ali muito rara a febre paludosa e existe a dysenteria; a hepatite é benigna, assim como a colica.

—O Taiti ou Otahiti, ao sul, afastada 17° 31′ do equador, é uma das maiores ilhas da Polynesia austral, na Oceania.

As doenças endemicas[2] são a colica e a tisica, unica doença verdadeiramente mortifera n'esta colonia!!

—Na Nova Caledonia[3] na parte média da Oceania, ao sul do equador 20° 10′, as doenças endemicas são propriamente a dysenteria, com falta quasi completa da *hepatite de coincidencia.*

Mappa nosologico e necrologico da Nova Caledonia, referido ao anno de 1864

Molestias		Casos	Mortes
Orgãos da respiração	Tisica	52	15
	Bronchite	133	-
	Pneumonia	9	4
	Pleurisia	20	1
Orgãos da digestão	Dysenteria	174	11
	Diarrhéa	134	1
	Embaraço gastrico	134	-
	Hepatite	11	6
Febre typhoide		53	26
Febre intermittente		15	-
Febre ephemera		74	-
	Total	809	64

[1] «Personne n'y échappe et si les pertes ne sont pas plus nombreuses, c'est qu'on a reconnu la nécessité de renouveler la garnison tous les ans.» Dutroulau, loc. cit., pag. 69.

[2] A. Dutroulau, loc. cit., pag. 89.

[3] «Si les maladies du sol sont rares, celles du climat sidéral le sont moins.» Dutroulau, loc. cit., pag. 87.

A relação de mortalidade foi de 1,03 por cento, emquanto aos doentes, e emquanto ao numero effectivo dos europeus foi de 0,97 por cento.

As colonias francezas salubres são Taiti, Reunião e Nova Caledonia.

As colonias insalubres, a contar da mais doentia, são, Senegal, Antilhas, Cayena e a Cochinchina; Mayotta é das colonias palustres a mais favoravel para a saude.

Entre as colonias salubres ha umas que não têem molestias que grassam em outras, assim como nas quatro colonias insalubres ha logares relativamente salubres.

A. Dutroulau fez um exame comparativo de pathologia colonial franceza, e d'este modo prestou relevantes serviços aos seus compatriotas[1].

Na ilha de S. Thomé são endemicas as doenças paludosas, as doenças biliosas, a cachexia tropical e a dysenteria. Alem d'estas consideram-se graves algumas molestias, que fóra d'esta ilha não teriam a mesma gravidade. A tisica é rapida na sua evolução e verdadeiramente destruidora.

As doenças infectuosas ou miasmaticas, em geral, são as paludosas, a febre amarella, a febre typhoide, o cholera, a dysenteria, o typho exanthematico, a typhoide biliosa, a peste, a febre recurrente e a hepatite.

W. Griesinger fez um estudo notavel d'estas molestias. Em S. Thomé não consta ter apparecido a febre amarella, a peste, o cholera nem o typho exanthematico; e só póde haver duvida ácerca da existencia da typhoide biliosa, da febre recurrente, da febre typhoide, que não parece ter sido bem diagnosticada, e da hepatite, admittida por Dutroulau como miasmatica.

Por falta absoluta de informações não enumerâmos as doenças dos indigenas nem tornâmos mais completo este trabalho, que no futuro deve ser corroborado, augmentado, modificado ou corrigido, se as observações medicas se tornarem mais rigorosas, e se proceder a analyses e a autopsias.

VIII

Therapeutica

> La thérapeutique est vraiment la science des indications, pour s'abstenir ou agir et provoquer des reactions salutaires au moyen d'impressions curatives.
>
> (E. Bouchut, *Nouveaux éléments de pathologie générale*, pag. 351.)

Depois das instrucções praticas, que archivámos no capitulo VI, não prolongaremos as considerações que exige tão importante assumpto, nem é facil desenvolver com precisão e clareza, nos estreitos limites de

[1] Nous connaisons le tableau de huit climats partiels seulement, et sur ce nombre il y *a trois où ne naît pas la fièvre paludéenne.* L'analogie permet de penser que

um relatorio, a therapeutica correspondente a uma pathologia complicada, *sui generis* e variadissima, como a que se observa em S. Thomé.

Doenças paludosas. — As doenças paludosas, quando não se definem bem, e sáem fóra do typo ordinario, desde a febre intermittente até ao accesso pernicioso algido, comatoso ou diaphoretico, apresentam tal variedade que torna impossivel marcar o tratamento modelo, e que se possa seguír racionalmente.

Em alguns casos é o elemento bilioso que se deve combater, n'outros manifesta-se a doença paludosa por meio de uma nevralgia continua ou intermittente, e que não tem os menores pontos de contacto com a evolução da febre intermittente, em qualquer das suas manifestações.

Aconselhar o sulphato de quinina, quando a intermittencia indica precisamente a infecção miasmatica, não é difficil, mas conhecer a mesma infecção por entre phenomenos afastados da evolução intermittente, é importante, e não se póde fazer sem haver intelligencia esclarecida e trabalho aturado.

O veneno miasmatico, introduzido na economia, perturba as funcções vitaes, e dá causa a reacções, que duram por mais ou por menos tempo. O frio mostra a natureza depressiva do veneno; é este o seu effeito immediato; o calor, intermediario entre a acção immediata do veneno e a reacção vital do organismo, é, por assim dizer, o signal que indica a victoria do organismo sobre o seu terrivel inimigo.

Quando o frio é intenso e se prolonga por muito tempo, o medico deve intervir para dominar o accesso.

Collocam-se junto aos pés, aos lados das pernas e dos braços, botijas de agua quente, emquanto não chega o calor. São convenientes fricções de alcool camphorado com sulphato de quinina, e internamente dá-se uma ou duas colhéres de vinho bom do Porto, uma chavena de chá da India, ou de folhas de laranjeira. Sustentam-se sinapismos nas plantas dos pés e nos gemellos, havendo dores de cabeça; os sinapismos volantes são uteis n'estes accessos.

O sulphato de quinina applica-se em fricções nos sobacos, aos lados da espinha dorsal, e na parte interna das coxas; applica-se em clysteres, quando se não póde administrar pela bôca.

Na febre perniciosa algida é notavel a exageração do frio, que se mani-

cette propriété peut s'étendre à beaucoup d'autres lieux. Nous avons vu qu'on rencontre dans un même climat, quelque restrein qu'il soit, aux Antilles par exemple, des points rapprochés dont les uns sont des foyers très-intenses de fièvre, tandis que d'autres en sont exempts, du moins comme foyers endémiques. Dutroulau, loc. cit., pag. 223.

festa mais ou menos claramente em todos os accessos intermittentes. Se n'um accesso com evolução morbida regular, é regra geral a não intervenção da sciencia, quando se exagerar qualquer das suas phases o medico deve intervir com promptidão, procurando auxiliar a natureza, a vis medicatriz, a fim de se chegar a um feliz resultado.

O periodo do suor torna-se pernicioso, quando se prolonga por mais tempo do que é usual.

Não se póde fixar o termo medio da duração do frio, do calor e do suor em cada accesso, mas vê-se claramente pela expressão geral symptomatica, se o accesso caminha para boa ou má terminação.

O sal de quinina deve ser dado em dóse conveniente, a fim de se prevenir o segundo accesso, que póde ser fatal. No hospital militar, em 1869, não se observou caso algum de febres perniciosas algidas; mas na clinica civil appareceram alguns casos perniciosos fataes, que se devem capitular de febre perniciosa algida.

A dysenteria e a diarrhéa terão o devido tratamento, segundo as indicações do momento, que podem excluir o emprego do opio e exigir o dos adstringentes.

O sulphato de quinina applica-se por differentes modos, que não mencionâmos, por serem muito conhecidos. A dóse em que deve ser dado não se aprende facilmente.

N'esta ilha dá-se para uma febre, reconhecidamente paludosa, 1 a 2 grammas de sal de quinina, puro ou associado ao opio, ao ferro ou á genciana, segundo as diversas indicações tiradas do estado do doente, ou da sua pouca tolerancia para este sal tão amargo. É boa a fórma pilular, e o melhor adjuvante é a limonada sulphurica, que se torna indispensavel.

As pessoas de certa ordem preferem remedios agradaveis, e é do dever do medico ter sempre em consideração os haveres dos doentes.

A limonada tartarica, por exemplo, póde acompanhar as pilulas que se receitam em casa de uma familia abastada, formulando-se tambem limonada de citrato de magnesia, etc.

Em casa de um pobre, o cozimento de linhaça, de grama ou de genciana e o sal amargo é mais economico e pode-se satisfazer ao mesmo fim.

Quando as urinas são grossas ou sedimentosas, emprega-se no hospital de S. Thomé o tratamento seguinte:

1.ª Formula

Grama .... } aã .... 2 oitavas
Parietaria .... }
Agua .... 2 libras

Ferva para ficar em 1 libra, côe e ajunte:

Nitro purificado.................... 1/2 oitava
Xarope aperiente.................. 1 onça

2.ª Formula

Sulphato de quinina ..	aã.........	1 escropulo
Extracto de genciana..		

F. S. A. seis pilulas.

Tomam-se tres pilulas á noite e tres de manhã cedo, quando o accesso se manifesta no meio do dia.

O embaraço gastrico e as saburras difficultam a absorpção do sal de quinina, e por isso na maioria dos casos receita-se a seguinte formula:

Folhas de senne.................	1 oitava
Manná.........................	1 onça
Sulphato de magnesia............	$1^1/_2$ onça
Agua fervendo..................	1 libra

F. S. A.

Toma-se por duas vezes, com intervallo de dez minutos a um quarto de hora.

Este tratamento é efficaz, quando faltam as complicações, e quando a intermittencia é plena. As modificações que elle deve ter provém das idiosyncrasias dos doentes, poisque alguns não toleram as pilulas e outros vomitam com o purgante. N'esta parte não se dão regras nem conselhos; o medico procede segundo a sua sciencia e consciencia.

A doença paludosa deve considerar-se essencial, e é sempre contra ella que se applica o sulphato de quinina dissolvido em limonada sulphurica, ou em café, ou mesmo envolvido em um pedaço de hostia molhada em agua fria, para se adaptar facilmente á fórma que se lhe quizer dar.

Aos individuos nervosos, ou facilmente impressionaveis, dá-se o valerianato de quinina.

N'um e n'outro caso a limonada sulphurica auxilia a absorpção do medicamento e não é conveniente substituil-a.

A febre paludosa não é perniciosa só porque a sua gravidade é instantanea; o desenvolvimento de um symptoma ou de um grupo de symptomas póde fazer prever a gravidade immediata ou a perniciosidade da febre. O temperamento do individuo faz apparecer muitas vezes um elemento pernicioso; sem intermittencia de symptomas é difficil conhecer a evolução das manifestações paludosas.

A tendencia ao somno e á somnolencia não precede o coma; apresenta-se isolada. O coma é symptoma grave, e põe a vida do doente em imminente perigo.

A causa determinante do coma não é bem conhecida, aindaque se tenham figurado diversas hypotheses.

Entre tres mil e quinhentos casos de febres paludosas puras com intermittencia perfeita (durante um periodo de cinco annos) não se observou no hospital de S. Thomé um unico caso de coma. A infecção miasmatica produzia uma febre essencial, com evolução regular, ficando os doentes em plena apyrexia. Os doentes saíam dos mesmos logares d'onde vinham aquelles em que o coma apparecia, e determinava quasi sempre a morte. A observação d'estes factos leva-nos a reputar o miasma paludoso com identica acção morbida na maxima parte dos casos, variando sómente os seus effeitos segundo as predisposições do individuo, o seu temperamento, modo de vida e occasião em que a infecção miasmatica se verificou; não traz a intensidade da sua origem.

O tratamento do coma é symptomatico e preventivo.

O tratamento symptomatico tem por fim combater o coma, modificando-o ou destruindo-o; o preventivo dirige-se contra a infecção paludosa, a fim de se não verificar novo accesso comatoso.

Os revulsivos nas extremidades, clysteres medicamentosos, refrigerantes na cabeça, fricções geraes, ventosas sarjadas aos lados da espinha dorsal, sangrias locaes por meio de sanguesugas, representam o campo em que o medico tem de escolher os seus agentes contra tão grave molestia. Precisam de trabalho prompto e bem dirigido, que são as condições geraes quando se trata de cortar um accesso comatoso. Se o medico triumphar do primeiro, e não prevenir com exactidão o segundo, os seus cuidados serão inuteis.

A remittencia nas doenças paludosas depende de varias causas, que o medico só póde descobrir á cabeceira do doente, e depois de ter pratica esclarecida.

A evolução da doença paludosa é modificada pela natureza do individuo, e apresenta-se com a fórma remittente ou continua bem pronunciada em muitos casos graves.

Observam-se no hospital febres sinochas ou continuas, cuja duração não excede tres a cinco dias; tambem ha casos de febres ephemeras. Distinguir os phenomenos iniciaes d'estas doenças, e os de uma doença paludosa remittente, ou continua, é muito difficil.

A prudencia exige que se prepare o doente, dando-lhe o purgante que for indicado, segundo as indicações da occasião, mas o medico não deve esquecer a localidade em que exerce a medicina. Uma segunda visita póde dissipar algumas duvidas, e auctorisar a applicação do sulphato de quinina, porque debaixo d'estes symptomas de benignidade, quando menos se espera, está o principio infectuoso, irrompendo em uma febre paludosa grave.

A continuidade da febre paludosa representa o seu alto grau de gravidade, e exige grande presteza na applicação dos remedios; a remitten-

cia é sempre acompanhada de incommodos graves, a que o medico deve prestar attenção.

A base do tratamento n'estas fórmas da febre paludosa é symptomatica, activa e preventiva.

Prescreve-se a dóse do sulphato de quinina necessaria para destruir a acção miasmatica; combatem-se os symptomas pelos meios apropriados; repetem-se as dóses do sal de quinina, a fim de se prevenir a continuação da febre.

Nas doenças paludosas que se revelam por uma nevralgia qualquer, intermittente ou continua, convem o mesmo tratamento fundamental, e são indicados os opiados e calmantes.

Nas febres palustres que foram tratadas no hospital d'esta cidade não houve um unico caso fatal! É importante e significativo este facto.

Entre 580 doentes, appareceram 358 casos com intermittencia plena e accessos quotidianos, 53 com intermittencia plena e accessos terçãos, 169 com remittencia, sendo diarias as exacerbações que a evolução morbida manifestava.

Quando não ha intermittencia perfeita, não se póde saber com exactidão com que phenomenos se apresenta a infecção paludosa, e quaes são os que lhe não pertencem.

Deve finalmente ter um prognostico favoravel a pouca gravidade da evolução morbida palustre, quando n'ella não ha complicações, ou quando acommette os doentes pelas primeiras vezes.

As doenças consecutivas, os desarranjos organicos, e as complicações causadas pela infecção repetida e desmarcada dão ás endemias d'esta ilha a maxima gravidade.

Doenças biliosas. — Se ha difficuldade no diagnostico differencial das especies paludosas, no prognostico e no tratamento que ellas exigem na cidade de S. Thomé, não é muito menor aquella que offerecem as doenças biliosas.

Distinguir bem uma doença biliosa, conhecer a sua evolução, traduzindo dos symptomas a sua gravidade e os orgãos mais lesados, e, especialmente avaliar até onde chega a evolução paludosa, e onde começa a biliosa, ou se desenvolvem parallelamente; descriminar uns symptomas dos outros, só a pratica esclarecida e o estudo constante d'estas doenças endemicas podem ensinar.

Em que occasião se dominam por meio de um caustico sobre o figado os phenomenos biliosos?

Quando é prejudicial o sulphato de quinina e qual a dóse conveniente?

Isto sómente se aprende á cabeceira dos doentes.

Os purgantes são variados, e a sua escolha não póde ser indifferente.

Quando é mais util dar os calomelanos[1] ou um emeto-cathartico?

A limonada de citrato de magnesia com 2 grãos de tartaro emetico, ás vezes dá um excellente resultado na febre biliosa grave, e a ipecacuanha é de um effeito seguro e salutar, quando está bem indicada.

Em que circumstancia se deve preferir um ou outro?

O tratamento das doenças biliosas necessita de muita attenção. Certos symptomas são o signal provavel do termo funesto da doença, e o medico não deve com os seus medicamentos provocar o apparecimento d'elles.

A *febre perniciosa icterica* é uma doença endemica gravissima, em que o medico deve intervir com rapidez.

A ipecacuanha presta bons serviços n'esta fórma da infecção palustre; as limonadas sulphurica, tartarica e nitrica, as bebidas diureticas, os anti-spasmodicos, os revulsivos, os tonicos, etc., offerecem bons agentes, que o medico póde applicar com vantagem, mas não é n'este ponto que está a difficuldade ou a particularidade do tratamento.

Declarada a *febre perniciosa icterica*, e sendo o medico chamado para a debellar, cumpre-lhe examinar immediatamente o doente, avaliar a evolução morbida, por entre os symptomas actuaes, e descobrir a tendencia da doença, porque os phenomenos hemorrhagicos, typhoides, adynamicos, etc., etc. podem apresentar-se de um momento para o outro, e pôr a vida do doente em risco imminente.

As localisações devem ser procuradas com escrupulo.

Por mais attenção que o medico lhe preste não lhe é facil obter uma indicação segura, a fim de o decidir em favor de uma medicação util e efficaz.

Deve dar um purgante, um vomitorio, ou um emeto-cathartico?

Entre estes agentes therapeuticos, qual é o mais inoffensivo e o mais proficuo?

A constante excreção da bilis e as dores da região hepatica levaram alguns medicos a tratar esta molestia, empregando por todo o tempo possivel calomelanos em dóse fraccionada, e successivos purgantes de sal amargo; applicaram causticos sobre a região hepatica, sinapismos volantes e ventosas sarjadas, e em muitos casos recorreram sómente aos purgantes de sal amargo.

[1] A facilidade com que os calomelanos se transformam em veneno, ou por effeito de uma alta temperatura ou na presença de differentes acidos, e a gravidade da salivação, que este medicamento produz, reclamam muita prudencia na applicação d'aquelle medicamento; os perigos a que expõe não equivalem aos seus beneficios.

A particularidade do tratamento revela-se na continuada applicação de evacuantes; os calomelanos destinavam-se a regular a funcção hepatica, o sulphato de magnesia a expulsar a bilis, mas os doentes morreram extenuados!!

N'esta gravissima doença, a primeira condição para o medico obter um resultado favoravel, é conservar todas as forças do doente, animal-as e empenhar-se em dirigir a evolução morbida, sem se esforçar em a cortar violentamente. A escolha dos remedios é portanto da maxima importancia.

A limonada de citrato de magnesia, que se gradua segundo as forças do doente, ou aquella a que se junta um a dois grãos de tartaro-emetico, exerce acção proficua no tubo intestinal facilitando a excreção da bilis, e a sua explosão pela bôca ou pelo anus; a natureza das urinas exigem bebidas diureticas; a infusão de grama e o nitrato de potassa estão bem indicados, e tambem a infusão de linhaça, a de parietaria; a de cevada e grama, etc.; os vomitos constantes exigem bebidas nevadas, o emprego do chloroformio, e com especialidade a infusão de ipecacuanha; a diarrhéa biliosa reclama a applicação dos adstringentes.

A limonada sulphurica com sulphato de quinina forma a base do tratamento, se predominam manifestações morbidas da acção do miasma palustre; debellar a infecção miasmatica, diminuir a intensidade dos symptomas, sustentar as forças do doente, prevenir novas complicações é o dever do medico em presença de uma *febre perniciosa icterica.*

Os sinapismos volantes, os causticos, as fricções com vinho do Porto, sulphato de quinina, as ventosas sarjadas, as sanguesugas, os clysteres medicamentosos e alimentares e outros remedios serão aconselhados segundo as differentes indicações.

As formulas seguintes são muito usadas n'este hospital quando ha tendencia para o estado adynamico.

1.ª

Sulphato de quinina................ 12 grãos
Camphora em pó.................. 6 grãos
Extracto de genciana................ q. b.

F. S. A.

2.ª

Almiscar } aã.................... 1/2 escropulo
Nitro... }
Xarope commum.................. q. b.

F. S. A.

A primeira formula suppõe a existencia da infecção palustre, e a segunda applica-se quando se julgam dominados os seus effeitos.

Quizemos sómente mostrar a importancia e attenção que se tem dado ás molestias endemicas d'esta cidade, mas não desejâmos dar como modelo o tratamento seguido em taes doenças.

Os medicos que exercem a clinica n'esta cidade não têem tempo para descrever os symptomas, os diagnosticos e tratamento das doenças que examinam. Importa que o seu formulario seja variado e seguro, que rejeitem as substancias medicamentosas incertas, e procedam com energia a tempo.

N'esta ordem de doenças o dr. J. C. Nunes reputa a profunda côr icterica, como symptoma de bom agouro, distingue[1] a evolução da ictericia e a da febre paludosa, que póde ser continua, remittente ou intermittente, desenvolvendo-se estas doenças parallelamente; o tratamente é n'este caso mixto.

Anemias e cachexias.—A anemia tropical e a paludosa precisam de um tratamento activo e regular, e não devem ser desprezadas, pois concorrem para a gravidade de todas as outras doenças, e são complicações permanentes; raras vezes se observam desacompanhadas de outras manifestações morbidas. A relação de mortalidade d'este grupo de doenças no hospital de S. Thomé foi de 1 : 5,5.

Nos mappas do hospital não figuram todos os casos, nem se póde fazer idéa approximada da gravidade d'estas complicações nas molestias endemicas, senão observando-as.

O tratamento mais vantajoso compõe-se dos tonicos, estimulantes e analepticos[2]. É notavel que a quina obtenha maiores vantagens que o sulphato de quinina. A composição da quina justifica esta differença.

São indicados os preparados de ferro, o vinho do Porto e algumas vezes os banhos frios.

É muito usada a seguinte formula em certos estados anemicos paludosos:

Sulphato de quinina .... 1 escropulo
Carbonato de ferro .... 12 grãos
Camphora em pó .... 12 grãos
Extracto de genciana .... q. b.
F. S. A. dezeseis pilulas.

[1] As doenças endemicas das colonias merecem ser ensinadas nas escolas medico-cirurgicas, havendo para isso uma cadeira especial, em que deve tomar assento um dos chefes do serviço de saude do ultramar, que tivesse dado provas de saber e intelligencia. Os alumnos antes de defenderem these devem ir exercer clinica nos hospitaes das suas colonias durante um anno, sendo as suas theses sobre assumptos especiaes ás colonias. *(Nota do relator.)*

[2] Os analepticos têem boa applicação nas anemias tropicaes; os ovos quentes, leite, chocolate, oleo de figados de bacalhau, etc., são de grande utilidade.

Tomam-se oito por dia ou quatro, segundo as circumstancias. N'esta formula entra o opio quando está indicado; tira-se umas vezes a camphora, augmentam-se n'outras os preparados de ferro, e diminue-se a dóse do sal de quinina.

O vinho quinado tem indicação nos estados anemicos, assim como os banhos aromaticos, etc.

Emquanto não apparecem edemas, diarrhéas, nevralgias e hydropisias, deve haver esperança de cura na mesma localidade; mas quando apparecem estes symptomas, o unico meio de salvação é a retirada do logar onde se adquiriu a doença.

O ferro soluvel de Leras não nos merece confiança; o lactato, o carbonato e o iodureto de ferro são os preparados a que se deve recorrer.

O ferro reduzido pelo hydrogenio não se avantaja aos preparados que temos indicado.

Todos estes medicamentos produzem algumas vezes dores e constipação de ventre, que reclamam a suppressão d'elles por alguns dias.

O iodureto de ferro em pilulas deve tomar-se ao almoço e ao jantar.

As complicações e symptomas mais ou menos graves, que se apresentam no curso d'estas doenças, exigem cuidados especiaes.

Nas diarrhéas demoradas estão indicados os adstringentes e os tonicos. Obtem-se alguma vantagem das seguintes formulas

1.ª

Cato.......................... 1 escropulo
Alumen .... } 3 grãos
Extracto gommoso de opio .... }
Xarope commum .... q. b.

F. S. A. seis pilulas

2.ª

Casca de simaruba................ 2 oitavas
Agua fervendo .... 1 libra

Infunda e côe.

Este tratamento não deve fazer cessar o das affecções primitivas, e deve combinar-se com o das complicações.

Os edemas e a anasarca que se seguem ás enemias e cachexias, precisam de um tratamento energico. As seguintes formulas são de frequente uso n'este hospital.

1.ª

Quina em pó grosso .... 4 oitavas
Agua .... 16 onças
Ferva para ficar 1 libra, e infunda
Raiz de serpentaria de Virginia .... 2 oitavas
Côe ainda quente, e ajunte depois de frio
Alcool de canella .... 4 oitavas
Para tomar em tres porções por dia.

2.ª

Alcool camphorado .... 1 onça
Sulphato de quinina .... 1 escropulo
F. S. A. para fricções.

Em vez d'esta formula póde empregar-se esta:

Alcool camphorado .... 1 onça
Tintura de quina composta .... 1 onça
F. S. A.

É impossivel fazer a enumeração perfeita das indicações e da correspondente medicação para se debellarem as cachexias que se manifestam n'esta ilha.

Dysenteria endemica[1]. — Para se atacar a dysenteria ha varios medicamentos a que o medico deve recorrer; os principaes são: a ipecacuanha, o opio e os calomelanos. No hospital de S. Thomé empregam-se, segundo os casos, variadas formulas em que entram associados estes tres agentes anti-dysentericos. O cozimento branco como bebida, os semicupios, os clysteres emolientes são tambem aconselhados com vantagem.

Os casos communs de dysenteria cedem ao seguinte tratamento:

1.º Purgante de oleo de ricinos.

2.º Clysteres de laudanum de Sydenham em agua tepida.

3.º Cataplasmas emolientes sobre o ventre, depois de um semicupio.

4.º Cozimento branco para bebida.

Depois de um clyster de agua morna dá-se um com laudanum, e demora-se por todo o tempo possivel.

Repetem-se os clysteres e os banhos, segundo as indicações que se apresentarem.

[1] O tratamento da *dysenteria endemica* é complexo; não o descrevo n'este relatorio, porque não pude tirar os apontamentos necessarios das papeletas do hospital, nas quaes se acham classificadas as dysenterias em communs, sanguineas e malignas ou endemicas. *(Nota do relator.)*

Nos casos ordinarios este tratamento faz mudar a natureza das materias das dejecções, o que determina ou obsta a que se continue.

Na dysenteria e na diarrhéa, quando passa o periodo agudo, é util a seguinte formula, muito usada n'este hospital.

Agua distillada de alface	4 onças
Extracto de ratanhia.................	18 grãos
Xarope de morphina	1 onça

F. S. A.

Toma-se ás colhéres de sopa de hora em hora, as mais das vezes.

A ipecacuanha dá-se por differentes modos na dysenteria, sendo bem applicada em infusão. A dieta deve ser rigorosa no estado agudo, devendo dar-se, por bebida ordinaria, agua de arroz, cozimento de cevada e grama, etc.

As formulas para o tratamento da dysenteria são variadas, e algumas são de medicos afamados, como Boudin, e Delioux; mas todas têem por base a ipecacuanha, os calomelanos e o opio[1].

Bronchites e pneumonias.—As affecções das vias respiratorias, acommettem mais os indigenas que os europeus, sem comtudo se poder dizer que estes sejam isentos de taes affecções.

Os remedios que mais frequentemente se applicam n'este hospital, para debellar as bronchites, são variados e mais ou menos activos segundo a doença se apresenta no estado agudo ou chronico.

A bronchite aguda exige um tratamento activo, mas sem se applicar a sangria geral, como se pratica nos climas temperados. O tartaro emetico presta bons serviços n'esta molestia. O tratamento auxiliar não tem nada de especial, e por isso não nos demorâmos em considerações a seu respeito.

A bronchite chronica n'esta ilha é quasi sempre incuravel. O receituario mais frequente compõe-se das seguintes formulas:

1.ª

Kermes mineral	6 grãos
Opio purificado	2 grãos
Extracto de alcaçuz..................	1 escropulo

F. S. A. seis pilulas

[1] Ácerca do tratamento da dysenteria escreveu Dutroulau o mais perfeito artigo que temos lido. Falla este notavel pathologista do *petit-lait manné,* considerando-o como um remedio especial da diarrhéa endemica. Não tivemos occasião de applicar este preparado na clinica do hospital nem na civil, e não nos consta que se tenha feito uso d'elle n'esta provincia. *(Nota do relator.)*

2.ª

Raiz de althéa .... 4 oitavas
Raiz de alcaçuz .... 3 oitavas
Agua a ferver .... 2 libras
Infunda por duas horas e côe

Tomam-se duas pilulas pela manhã, e um copo d'esta infusão, repete-se ao meio dia e á noite; tambem se dão tres pilulas á noite e tres de manhã.

Dá-se o kermes por differentes modos e os opiados; empregam-se emplastros na região do estomago, e applicam-se revulsivos segundo a gravidade da doença.

A farinha de salepo, o musgo islandico, as pilulas de cynoglossa, o balsamo de Tolú, são medicamentos que o medico emprega constantemente na clinica hospitalar, mais para modificar os symptomas, do que para obter uma cura radical; as pilulas balsamicas de Morton e os cozimentos de althéa têem grande applicação; o julepo gommoso a que se reune algum preparado activo ou calmante, tambem se tem dado aos doentes atacados de bronchites chronicas.

Não fallâmos da dieta nem dos meios que a hygiene aconselha, porque nos restringimos ao que se passa na clinica, e damos conta do seu estado actual, em 1869. Não apresentâmos n'este logar a nossa opinião nem a de nenhum medico em particular; temos diante de nós as papeletas, e enumerâmos os diversos medicamentos de que se tem lançado mão para debellar estas e outras doenças, segundo o formulario adoptado em 1869[1].

Nas pneumonias applicam-se as seguintes formulas:

1.ª

Agua distillada de flor de larangeira ... 8 onças
Tartaro emetico .... 12 grãos
Xarope de morphina .... 1 onça
Dissolva s. artem.

Para tomar ás colhéres de sopa, de meia em meia hora.

[1] Os medicos aqui são obrigados, em geral, a circumscrever o seu receituario aos limites do formulario do hospital. Podem reunir differentes formulas, e até modifical-as em caso de necessidade reconhecida, assim como lhes é licito formular qualquer medicamento da sua confiança; mas estas concessões são sempre objecto de reparo.

Julgâmos necessaria a introducção de algumas formulas no respectivo formulario, e supprimir-lhe aquellas que são inuteis, ou mal combinadas. A sciencia tem progredido muito, as molestias endemicas vão-se conhecendo, assim como o tratamento correspondente; os formularios hospitalares devem, portanto, receber a benefica influencia do progresso scientifico das colonias.

2.ª

Massa caustica.................... 1 onça
Estenda sobre panno adhesivado.

Os causticos são maiores ou menores, segundo a superficie cutanea que se quer cobrir.

Em poucos casos actualmente se applica a sangria geral, cujos frequentes maus resultados não compensam os seus raros beneficios.

O tratamento da pneumonia varia muito de individuo para individuo; tomam-se em consideração as suas complicações, a extensão dos orgãos lesados, o seu caracter adynamico, etc.; mas seja qual for o tratamento indicado, a sangria geral é quasi sempre contra-indicada[1].

Os antimoniaes, os opiados e os revulsivos fornecem ao medico optimos agentes para debellar esta gravissima doença dos indigenas.

Não empregâmos tratamento especial na tisica nem na hepatite, que é pouco frequente[2], e por isso não fazemos considerações a este respeito.

Rheumatismo.—Os indigenas são acommettidos por doenças rheumaticas sob differentes fórmas[3]. Os lumbagos, as pleurodinias, o rheumatismo articular constituem as fórmas principaes d'esta molestia, muito frequente nos indigenas.

As ventosas sarjadas no lumbago e na pleurodynia são de grande utilidade; o balsamo opodeldoch, as fricções calmantes e o iodoreto de potassio constituem o tratamento principal, que é ampliado por outros remedios mais ou menos activos, segundo as respectivas indicações.

Ulceras.—O tratamento das ulceras é hygienico em geral, mas empregam-se, segundo as indicações, causticos, substancias adstringentes, disseccantes ou emollientes, e um tratamento interno conveniente, mas sem o menor resultado[4]; o doente sáe curado, mas no fim de pouco tempo

[1] Têem sido proclamados differentes methodos para se debellar a pneumonia, figurando entre elles o methodo expectante. O methodo de Sydenham, recommendado por Boillaud, e combatido por Chomel e Grisolle, baseia-se nas sangrias geraes; o methodo de Rosari que se deve considerar mixto como o de Laennec, parece ter maior numero de sectarios. Expondo o modo por que n'este hospital se combatem as pneumonias, não podemos alargar-nos em considerações, para justificar o que se prática na ilha de S. Thomé, onde os methodos que se seguem na Europa têem muitos e profundos inconvenientes.

[2] Veja-se o mappa n.º 1.

[3] Veja-se o mappa n.º 1.

[4] Nem pelos meios hygienicos nem pelos agentes activos ou therapeuticos se chega a obter a cicatrização regular das ulceras que acommettem os indigenas de um modo extraordinario! Ha ulceras que obrigam os doentes a permanecer no hospital por mezes consecutivos, sendo infructiferos todos os esforços da medicina.

volta ao hospital com a mesma ulcera aberta e aggravada, e ás vezes com muitas outras[1]!

Molestias de aclimação.—Entre as molestias proprias do clima ha algumas que causam padecimentos atrozes. O lichen europeu não é grave, mas é assás incommodo.

O tratamento d'esta affecção cutanea é simples. As loções de agua fresca com aguardente causam allivio momentaneo; estão no mesmo caso as de agua fresca, contendo amido e claras de ovos muito batidas.

O mais regular é trazer o ventre livre, usar de alimentação vegetal e fresca, tomar banhos frios, ou fazer lavagens de agua fria e polvilhar depois com pó de arroz, com amido, lycopodio, etc.

O eczema, que se apresenta entre as superficies contiguas, incommoda muito. O uso de pós inertes, o emprego de loções emollientes e o de qualquer pomada disseccante vence a doença em quarenta e oito horas as mais das vezes.

O tratamento da anemia tropical, doenças biliosas, diarrhéa biliosa, etc., fica indicado em differentes logares d'este capitulo. As doenças de aclimação, quer internas quer externas, devem ser tratadas radicalmente. Uma das melhores condições para se conservar a saude é attender com cuidado a todos os incommodos, ainda os mais leves, e não abusar de remedios empyricos, que tão facilmente são aconselhados n'esta ilha.

Gengivite.—As gengivas têem grande tendencia a sangrar, tornam-se fungosas, o collo dos dentes cobre-se de elementos destruidores, amarellados ou negros.

É prejudicial a pratica de queimar as gengivas onde a carne se despega dos dentes, tornando-se fungosa e sangrenta.

A hygiene da bôca deve occupar seriamente a attenção dos europeus. De manhã, depois do almoço e do jantar, os dentes devem ser bem limpos com pó de carvão vegetal e lavados com agua morna. Á noite tonificam-se as gengivas com bom vinho do Porto ou com tintura de quina e alcool camphorado.

Empregando-se este methodo não será facil apparecer o incommodo das gengivas, tão frequente n'esta ilha, e se por acaso se declarar uma gengivite é preciso consultar o medico, a fim de elle indicar o tratamento geral e local, porque póde haver algum symptoma de escorbuto ou de cachexia tropical, e até embaraço gastrico.

A falta de attenção com a bôca póde acarretar a perda dos dentes, e até a morte como infelizmente se tem observado n'esta ilha!

[1] Merece muita attenção dos medicos esta notavel predisposição dos indigenas para a ulceração das extremidades inferiores.

Deixâmos de enumerar um grande numero de molestias, assim como não fallâmos dos respectivos tratamentos, porque umas não figuram nos mappas do hospital e outras não têem tratamento conhecido; está n'este caso o macúlo; a elephantiasis dos arabes; a doença do somno; as cachexias dos pretos e as suas hydropisias; as doenças vermiculares; o pian de Alibert; as ulceras, que são tão rebeldes como frequentes; o pemphygus; o ectima; a sarna, que, segundo alguns facultativos, é muito vulgar; o vitiligo, que tanto apparece nos brancos como nos pretos; as frequentissimas doenças de bexiga; a frequente constipação intestinal [1], que dura em alguns pretos quarenta dias.

A arte de curar é difficil e muito complexa, seja qual for a localidade onde o medico a exerça; mas n'esta ilha a difficuldade cresce na rasão directa da rapidez com que as doenças endemicas matam os europeus, e no modo incognito com que fazem a sua evolução muitas doenças entre os indigenas.

É preciso diagnosticar precisamente e formular uma receita que possa actuar com promptidão; passadas doze horas o auxilio da medicina póde ser inutil!!

A esta circumstancia reune-se a da occasião em que se manda chamar um medico, sendo mais opportuna algumas vezes a presença do padre para tratar da alma, porque o corpo já não tem salvação possivel [2].

O tratamento das doenças endemicas no hospital é receitado, como dissemos, segundo um formulario feito em 1856, ao qual se addicionou um complemento em 1865. Este formulario contém quatrocentas e trinta e oito formulas, mas precisa de ser modificado.

No hospital ha direcção scientifica no tratamento das doenças; mas entre os habitantes da cidade e os naturaes de toda a ilha dá-se pouca importancia aos conselhos medicos; ha vicios gravissimos no tratamento, e commettem-se abusos inclassificaveis.

Em cada fazenda ha boticas e enfermarias dirigidas por enfermeiros inhabeis, que não dão conta alguma do que fazem; os pretos têem os seus medicos, os seus sabios, o seu *manipanso*, quando são cabindas, e não procuram os medicos.

As casas de saude para os convalescentes e para todos aquelles que adoecem na cidade seriam um grande e fecundo meio de economia, e a realisação de uma idéa humanitaria, porque serviriam para os desfavorecidos de fortuna, que não podem sair d'esta ilha.

[1] Observámos alguns casos de morte por effeito da constipação pertinaz de ventre, e attribuimol-a á alimentação que predispõe para esta molestia, e ao abuso que n'esta ilha se faz de purgantes.

[2] Veja-se no primeiro capitulo d'este relatorio a pag. 119, nota 1.ª

CAPITULO IX

Drogas medicinaes proprias do paiz[1]

> E como embaraços analogos aos que acabo de mencionar se oppõem aos viajantes scientificos em quasi todas as terras da Africa tropical, não é para admirar que tanto a *Flora* como a *Fauna*, e bem assim a *estructura geologica* d'este mysterioso continente, sejam até agora apenas conhecidas em fragmentos, e mesmo estes restringidos aos paizes situados na costa, emquanto que a maior parte do vastissimo interior, e mórmente as terras elevadas e montanhosas, os altos planos e serranias continuavam a ficar, apesar de muitas e energicas tentativas e de numerosas victimas de assignalados naturalistas, uma *terra incognita*.
>
> (*Apontamentos phyto-geographicos sobre a flora da provincia de Angola*, pelo dr. F. Welwitsch.)

O estudo da flora de Angola está encetado n'aquella provincia. As palavras que adoptámos para epigraphe são de um explorador que apresentou varios escriptos a tal respeito[2].

Não nos consta que se tenha procedido a alguns estudos nas ilhas de S. Thomé e Principe, e, como as divagações não têem vantagem alguma, quando falta o conhecimento exacto da especialidade, contentâmo-nos com dizer que se deve começar a estudar a rica e variada flora d'estas ilhas.

A respeito da flora de S. Thomé, sob o ponto de vista de therapeutica, escreveu o dr. José Correia Nunes:

«Pelo que toca a plantas medicinaes proprias do paiz, estou persuadido que esta ilha não é desfavorecida pela natureza, e julgo que um estudo especial sobre este ramo de historia natural não seria sem bom resultado; porquanto tenho noticia de que os indigenas empregam em seus curativos algumas plantas do paiz com virtudes especiaes, que elles conhecem, mas cujas propriedades elles se recusam divulgar. Não compor-

[1] Pertence este capitulo á historia natural, e ahi o deveriamos incluir senão quizessemos significar que a botanica medica se deve separar do estudo botanico em geral.

[2] *Annaes do conselho ultramarino*, parte não official, serie 1.ª, dezembro de 1858, n.º 55; idem, parte não official, serie 3.ª, setembro, outubro e novembro de 1862.

tando porém o serviço clinico com investigações d'esta ordem, que demandam habilitações especiaes, que só póde exhibir um individuo que se dedica a essa especialidade, entendo que o nosso governo lucraria muito enviando á ilha de S. Thomé uma pessoa habilitada, como enviou para Angola.»

Desde ha muito tempo que se pede para se começar o exame da flora d'esta ilha.

Lopes de Lima, em 1844, apresentou uma lista de algumas producções vegetaes, e acabou confessando que nada mais podia dizer sobre a botanica de S. Thomé, unica possessão portugueza do ultramar que nunca visitou [1].

Pedimos instantemente para que tão importante estudo não seja votado ao esquecimento, como até hoje; perde com isto a sciencia e a agricultura, e nada ganha a salubridade, ponto principal que se deve ter sempre em vista.

As drogas medicinaes mais vulgares n'esta ilha são o alcaçuz, a artemisia, a liamba (diamba ou riamba, canhamo), o balsamo de S. Thomé, empregado sobre as feridas, aloes (aloes cabalino), cannafistula, a palma christi, os tamarindos, as malvas, o mil-homens, o gengibre, a cola, a canna doce, a mostarda, o libó, que os naturaes dão nas febres, o guegue, d'onde se tiram folhas para cobrir contusões, edemas e até feridas; o quime, cujas folhas se empregam em cozimentos, o amido, a alfavaca de cobra, a herva de Santa Maria, que os indigenas empregam no tratamento do maculo, o tapa olho, d'onde se extrahe um liquido branco que, caíndo sobre os olhos, produz ardor e inflammação, muitas folhas adstringentes, assim como a entrecasca de algumas arvores, que se dão em cozimento na diarrhéa, e se applicam em banhos chamados aromaticos.

Não augmentâmos a lista das drogas medicinaes, porque não póde ter grande importancia exposta d'este modo.

O que deixâmos enumerado mostra com clareza a necessidade de se proceder ao exame de drogas tão uteis e tão abundantes, e de que a medecina póde tirar bom proveito.

A pharmacia do estado não se fornece de nenhum dos vegetaes que abundam na flora medica d'esta ilha, e mandam-se buscar á metropole aquelles que se podiam colher aqui!

Nem os medicos nem os pharmaceuticos têem procedido ao estudo e classificação dos vegetaes da ilha de S. Thomé, porque similhante trabalho exige repetidas e demoradas visitas ao interior da ilha, em que se gastaria muito tempo.

[1] Lopes de Lima, loc. cit., 1.ª parte, pag. 12 e 16, e additamento.

Angola, Benguella e Mossamedes têem sido explorados pelo distincto botanico, dr. F. Welwitsch[1] e pelo incansavel zoologo Anchietta[2]. Estes abalisados naturalistas são subsidiados pelo governo, e applicam-se ao exame da flora e da fauna angolense. Devem divulgar-se os resultados dos seus trabalhos e indagações scientificas, a fim de serem conhecidas tanto nas colonias como na metropole.

Procedendo-se assim, os medicos poderiam facilmente escolher, estudar e indicar as substancias que fossem uteis em medicina.

Póde por inducção ou por analogia ser descripta e classificada a flora de S. Thomé, quer sobre o ponto de vista therapeutico, quer sobre qualquer outro?

É certo que alguns pontos da costa occidental de Africa, ao sul e ao norte do equador, têem sido explorados; mas deve notar-se que a ilha de S. Thomé está debaixo da linha equinoccial até trinta minutos ao norte d'esta linha. A sua flora deve forçosamente differençar-se da flora de Angola ou dos Camarões, de Fernão do Pó ou de Benim, do cabo das Palmas, etc., etc. Independentemente d'esta importante consideração ha muitas outras de grande peso.

Os adstringentes, por exemplo, abundam aqui nas folhas de muitos vegetaes e na entrecasca de muitas arvores. A medicina, que tantas vezes recorre a medicamentos d'esta ordem, ignora os recursos do paiz, e pede os vegetaes de um clima temperado sem attenção á economia, á utilidade publica e até ao bom resultado das substancias medicamentosas.

[1] O dr. Frederico Welwitsch fez os seus estudos em Angola, tomou differentes apontamentos, e foi-lhe concedido fazer excursões scientificas aos museus de Londres, a fim de escrever o resultado das suas observações.

É muito sensivel a falta de um livro, onde se descreva com minuciosidade a flora de S. Thomé. Os apontamentos phyto-geographicos sobre a flora de Angola, publicados em jornaes scientificos, só offerecem utilidade a poucas pessoas. A respeito d'estes trabalhos escreveu Welwitsch o seguinte:

«Não é nem podia ser do meu intento n'estas paginas, o entrar em mais especialidades ácerca dos numerosos vegetaes d'esta provincia; porque uma exposição descriptiva de todos os generos e especies de plantas n'ella observados *deve formar o assumpto de uma flora do paiz,* cuja elaboração aqui na Africa e na falta de todos os meios litterarios, que um trabalho d'esta natureza exige, por ora não se torna exequivel.» Estas palavras de um especialista, *unicamente entregue ao estudo da flora de Angola,* são uma cabal justificação dos facultativos que têem exercido clinica na ilha de S. Thomé até 1869.

[2] O naturalista Anchietta foi encarregado da exploração zoologica da provincia de Angola, como se vê do seu contrato publicado no *Boletim official* d'esta provincia. Recebe 100$000 réis mensaes.

Os trabalhos d'estes naturalistas deviam ser impressos, pelo menos, de seis em seis mezes. De outro modo só tira proveito d'estas suas explorações um ou outro individuo que possa estudar as collecções remettidas para Lisboa!

Para que se hão de importar de Lisboa malvas, parietaria, estramonio, mostarda, etc., se é facil obter aqui estas e outras substancias therapeuticas?

Os vegetaes deterioram-se facilmente sob a acção humida e quente d'este paiz, e por isso não se devem mandar importar aquelles que n'elle se podérem colher.

A respeito da flora medica das nossas colonias lê-se no livro de *Materia medica,* que se adopta nas escolas medicas, o seguinte trecho:

«Com os dominios que possue a corôa de Portugal na Africa, na Asia e na Oceania, os escriptos de sciencias naturaes de Portugal deveriam ser de um interesse immenso, se porventura essas possessões estivessem exploradas; mas infelizmente não o estão, e o que ha feito n'este sentido é mais trabalho de estrangeiros do que de nacionaes! Dormimos o somno vergonhoso da indolencia e da ignorancia á sombra dos frondosos louros que coroaram a fronte orgulhosa e nobre de nossos avós!»

Não acrescentâmos considerações algumas ás palavras do notavel professor de materia medica e de therapeutica na escola medico-cirurgica de Lisboa. Referimo-nos ao seu compendio publicado em 1862, introducção, pag. XXI.

CAPITULO X

Historia natural [1]

> Elevons-nous par la pensée hors des limites terrestres où notre frêle humanité se trouve emprisonnée et planant dans l'espace, considérons cette terre, notre demeure, d'assez haut pour que son unité seule nous soit perceptible.
>
> (M. d'Avezac, esquisse générale de l'Afrique, pag. 2. — *Univers pittoresque.)*

Reino animal

Para salubridade da ilha pouco importa o conhecimento da fauna de S. Thomé. Dutroulau, examinando com muita precisão as doenças endemicas de cada uma das colonias francezas, apresentou idéas geraes ácerca do reino animal.

[1] Transcrevemos as perguntas que acompanharam uma circular de José da Silva Mendes Leal, para os governadores das provincias ultramarinas, a fim de se responder o que fosse possivel.

Não conseguimos obter as respostas que se deram a respeito dos animaes e vegetaes que são peculiares a esta ilha, e foi por isso que tocámos n'este assumpto, que se nos afigura muito importante.

Porque não foram publicadas, no *Boletim official* da provincia, as respostas que se deram ás perguntas feitas com tanto empenho?

Temos encontrado muitas circulares recommendando o estudo da historia natural, e até hoje não se nos deparou nenhuma memoria ou escripto a respeito de tal especialidade; obvio é o motivo.

As portarias ou circulares são enviadas ao governador de S. Thomé, mas não se trata do modo seguro e efficaz de pôr em pratica as suas recommendações.

Ha n'esta ilha animaes que lhe são proprios, e nos vegetaes encontram-se individuos notaveis; mas para se colher, descrever e classificar os animaes e vegetaes é preciso mais alguma cousa do que palavras.

Quem se encarrega de preparar productos zoologicos, gasta tempo e faz despezas que lhe devem ser abonadas. Para ir ao interior da ilha deve haver conducção fornecida pela auctoridade. Quando se recommendam officialmente exames d'esta importancia, cumpre que se faça responsavel aquelle que acceitar o trabalho, obrigando-o a escrever um relatorio circumstanciado para ser submettido á approvação de pessoas competentes em Lisboa.

Desde 1836 a 1869 encetaram-se muitas tentativas para se fazer prosperar esta ilha, e recommendou-se que se attentasse na sua flora e na sua fauna; mas póde dizer-se que nada se tem adiantado. Se ella fosse pobre e precisasse da protecção da

Não seriam sem utilidade alguns trabalhos a este respeito. Não os fizemos por falta absoluta de tempo, e por isso transcrevmos o que lemos em Lopes de Lima.

«Do reino animal, ainda menos noticias se encontram que a do vegetal. A unica especie do genero *Mamalia* que se achou n'esta ilha, ao tempo do descobrimento, eram *macacos* de differentes castas, e muitos ratos assás damninhos. Os portuguezes ali introduziram logo gado vaccum, lanigero, cabrum e cavallar, o qual propagou sufficientemente, e mais que tudo *as cabras*. Todo este gado se assimilha ao das ilhas de Cabo Verde, mas não é aqui tão grande a sua quantidade, nem tal a sua barateza, que convide a fazer das carnes salgadas um artigo de exportação, como o póde ser n'aquellas ilhas: ha comtudo bastante para o consumo dos habitantes e refrescos dos navios; tem grande creação de porcos, cuja carne é saborosa, mas já não tão delicada como era no tempo dos engenhos de

metropole ninguem se poderia queixar, mas a sua enorme producção e riqueza natural auctorisa as queixas dos que vêem e conhecem o abandono em que ella está!

As perguntas que se vão ler são importantes; e temos por muito conveniente que se mandem publicar as respostas, se existem, e que, no caso contrario, se lhes responda, dando-se todo o auxilio a quem for encarregado de as estudar, e exigindo-se a responsabilidade que for precisa para assegurar um bom resultado sem prejuizo para quem trabalha e com utilidade para esta colonia e para a metropole.

Perguntas

1.ª Haverá algum quadrupede indigena ou introduzido no paiz onde reside, o qual (attendendo á definição do objecto em vista) mereça attenção com respeito á Gran-Bretanha, ou só alguma de suas dependencias? Havendo, diga, se se póde obter por preço rasoavel, e se é provavel que possa correr o risco de transporte.

2.ª Haverá alguma ave nas supraditas condições?

3.ª Haverá algum peixe nas ditas condições?

4.ª Haverá algum insecto, etc.?

5.ª Haverá alguma arvore de madeira?

6.ª Haverá alguma planta medicinal?

7.ª Haverá alguma planta fibrosa em que haja probabilidade de se tornar util para fins manufactureiros?

8.ª Haverá algum vegetal proprio para alimento do homem, para pasto, ou para outro qualquer fim util?

9.ª Tem conhecimento de algum quadrupede, ave, peixe, insecto, arvore ou planta, existente em outra qualquer parte, cuja introducção no paiz em que reside, daria um resultado proveitoso? Um dos fins da sociedade de aclimação é tornar reciprocos os beneficios que recebe de outros paizes.

10.ª Existe alguma organisação, ou seria facil creal-a, capaz de se encarregar do trabalho de introducção?

Quaesquer observações fundadas em conhecimentos especiaes, ou informação local, que se possam tornar uteis ao progresso, de aclimação, são muito para desejar.

assucar, em que grandes manadas d'esses animaes se sustentavam dos residuos das cannas, depois de machucadas. Os carneiros são poucos e caros. Tem grande abundancia de gallinhas domesticas das da Europa, e tambem das gallinhas de Guiné, ou gallinhas do mato, ha bem grande quantidade. De perús e patos não ha tamanha creação, mas não faltam a apparecer no mercado, em proporção da procura. As outras aves de que tenho lido ali toparem, são as seguintes:

«Abutre, albatrós, andorinha, codorniz, coruja, corvo, estorninho, francelho, gaivota, garça, gavião, gralha, maçarico, melro, milhafre, môcho, morcego, pardal (ha-os de uma especie mui linda, como canarios, e com canto), pardelha, papagaio (são pardos), periquito (são verdes), pica-peixe, pombos, de varias especies, rabo de junco, rôla.

«Nos matos não me consta haver feras, mas habita nos do oeste da ilha de S. Thomé, a terrivel serpente denominada a cobra negra, de que a mordedura produz a morte immediata[1]; chega a ter 12 a 15 palmos de comprimento; é veloz em extremo e brilha como um espelho; a cabeça é similhante á do pato com certas excrescencias vermelhas como cristas, e tem o pescoço amarello.

«Varias viverras se acoutam tambem n'essas matas, entre ellas uma especie de gato de algalia ou viverra civella. Lagartos, lagartixas, sapos, acham-se por toda a parte; e dos amphibios a rã, e o kagado, e nas praias d'esta ilha sáem muitas tartarugas de que a casca se aproveita para o commercio, por ser de melhor qualidade.

«Ha ali as mesmas qualidades de insectos, que se encontram em toda a Africa e na mesma abundancia; igualmente importunos são os mosquitos, melgas, e moscas, etc., e igualmente damninhas as formigas e as baratas, e mais que todos o termes destruidor, que no Brazil chamam cupim. Nos montes ha caranguejos da terra, que se comem por iguaria, e tambem os chamados bixos de pau, de que se nutrem ás vezes os vagabundos nos matos[2].»

A descripção de Lopes de Lima dá uma idéa approximada do reino animal de S. Thomé.

Parece que a classificação zoologica tem certa importancia, e os natu-

[1] Quer a respeito d'estas cobras, quer a respeito dos peixes e de muitas aves, nada podemos adiantar senão por informações, que pouca confiança podem merecer. A existencia de pardaes, como canarios, e com canto, não nos parece verdadeira.

A descripção que Lopes de Lima fez da cobra preta, é extrahida da *Chorographia* de Cunha Matos; de um exemplar que o hospital militar possuiu, não foram tirados os signaes exteriores. Devem existir algumas no museu de Lisboa, para onde se remetteu este anno o exemplar que se achava n'este hospital.

[2] Lopes de Lima, parte 1.ª, pag. 12 e 13.

ralistas que se occupam d'este estudo em Angola, por conta do governo, deviam passar alguns mezes em S. Thomé.

N'esta ilha não ha especies notaveis, mas este trabalho não seria sem vantagem para a sciencia, e para o commercio e saude publica, no que se torna necessario cuidar com toda a seriedade[1].

Reino mineral

O estudo das cordilheiras que atravessam a ilha de S. Thomé, da sua vegetação, a natureza dos terrenos e da composição das aguas são trabalhos importantissimos. Reconhecemos a sua alta importancia sob o ponto de vista da hygiene publica e da climatologia; entendemos até que não é possivel escrever um relatorio util e verdadeiro ácerca da salubridade ou da insalubridade d'esta ilha, sem que se possa avaliar cada um dos elementos acima referidos. É por esta rasão que mencionâmos as noções seguintes, que são as mais approximadas da verdade no estado actual dos estudos feitos a respeito d'esta ilha.

Ao estudo das montanhas deve acrescentar-se o estudo da natureza do solo e dos pantanos (nem todos são miasmaticos).

A respeito de composição do solo da ilha de S. Thomé escreveu Lopes de Lima:

«No solo da ilha de S. Thomé predomina a argilla em parte combinada com silica, areia ou cal; mas por toda a parte extremamente fecunda e adaptada ás producções equatoriaes, até mesmo nas inaccessiveis montanhas que formam a parte do sul d'esta ilha importante[2].»

Para verificarmos a opinião de Lopes de Lima deviamos ter feito a classificação dos principaes mineraes componentes das rochas que podessemos observar, quer pelo que respeita á exploração de minas, quer ao solo aravel.

Sabido é que a crusta da terra se compõe, emquanto ao seu aspecto, de duas partes distinctas: rochas plutonicas ou de fusão ignea, por aggregação e crystallisadas na maior parte, e rochas sedimentosas ou de deposito marinho fluviatico ou lacustre, estratificadas e com fosseis. Repeti-

[1] As differentes circulares do governo em que se tem recommendado o estudo da zoologia, não deram o resultado que se esperava, ou se o deram, é certo que pouco se acha publicado.

A circular de 1863 (*Boletim official*, n.º 28 de 5 de dezembro, coll. de 1863) do sr. Mendes Leal, recommenda que se collijam, preparem e remettam para o museu de Lisboa alguns exemplares dos productos zoologicos que houver d'esta ilha.

Quem os havia de preparar?

[2] Lopes de Lima, loc. cit., parte 1.ª, pag. 8.

mos o que é corrente em geognosia, mas não queremos aqui tratar de pontos geraes de sciencia, que para este caso nada adiantam.

Do solo da ilha de S. Thomé é urgente conhecer a composição, exige-o o estudo das causas da sua reconhecida e incontestavel insalubridade, e muito especialmente o exacto conhecimento das molestias endemicas e das endemo-epidemias, que tão fataes têem sido para os europeus.

Os principios constituintes do solo são, em geral, a argilla, a areia, a cal e o humus. D'estes principios resultam os terrenos argillosos, que, segundo se diz, são os mais favoraveis ao desenvolvimento das febres intermittentes, os arenosos, calcareos e humosos, sendo este ultimo o que mais convem modificar na ilha de S. Thomé, pois n'elle residem infinitos focos de infecção, que podem desapparecer por meio dos diversos melhoramentos da agricultura convenientemente adoptados.

Analysando-se, segundo qualquer dos processos chimicos, um certo numero de logares, estudando a composição do solo em cada um d'elles e a sua respectiva vegetação, ter-se-ía a base para a resolução do problema, e por inducção rigorosa chegar-se-ía a conhecer a incognita, que deixâmos por determinar, assim como fica por descrever a flora de S. Thomé, tão variada como digna de ser estudada, nos montes mais accessiveis, pelo menos.

A exploração da ilha de S. Thomé deve dar bom resultado, tanto para a colonia como para a metropole.

Falla-se no apparecimento de um jazigo, que se julga ser de oleo mineral, e remetteram-se duas garrafas d'elle para Lisboa[1].

Das aguas mineraes não temos conhecimento, nem se fizeram indagações a tal respeito. Diz-se que existe na roça denominada Rodia uma nascente de agua ferrea[2].

Proceda-se á analyse d'estas aguas, porque talvez convenha aconselhal-a na convalescença das febres em que se tornam as aguas ferreas recommendadas. Os preparados de ferro são geralmente bem cabidos depois de algum tempo de residencia n'esta ilha, onde é raro encontrar uma pessoa que não esteja mais ou menos anemica!

[1] Fizeram-se na secretaria do governo e na camara municipal as competentes declarações por parte do interessado, e o governo provincial nomeou uma commissão para dirigir e regular os trabalhos. A commissão não chegou ainda a reunir-se, e é de suppor que pouco possa fazer n'este sentido.

[2] No *Jornal de pharmacia*, etc., de Lisboa, 2.ª serie, tomo III, pag. 104, 1854, vem descripta a composição de uma agua mineral de S. Thomé, analysada em Nova York. Não se declara o logar em que foi colhida.

Contém differentes saes, tem pouco ferro e não apresenta acido carbonico.

A natureza vulcanica da ilha, as suas rochas calcareas, os seus terrenos fertilissimos, e as suas planuras salubres e relativamente frescas e agradaveis devem ser classificadas e tidas em consideração por aquelles que desejam estabelecer uma colonisação regular, sacrificando o menor numero de individuos que for possivel.

Reino vegetal

Parece que alguns estrangeiros pretenderam fazer o estudo da vegetação das montanhas d'esta ilha; é o que se conclue da leitura do seguinte trecho:

«Em agosto de 1861 o sr. Mann desembarcou em S. Thomé, e a 13 d'esse mez começou a sua ascensão das montanhas, attingindo o pico mais elevado a 22, e abandonando-o passados quatro dias. Segundo elle, a parte mais alta da ilha consta de uma estreita cumeada accessivel, mas com grande difficuldade, pelo lado do leste[1].»

O que dissemos a respeito das montanhas de S. Thomé e da sua direcção é sufficiente para se julgar que o sr. Mann não fez a ascensão do pico de S. Thomé, mas sim a dos montes de Guadelupe, da cordilheira do monte Café e outras d'esta ordem.

Para se fazer idéa do pico de S. Thomé copiâmos a seguinte descripção, tirada do relatorio do dr. José Correia Nunes, que a transcreveu da obra de escriptor notavel:

«N'esta ilha ha um monte grandissimo e quasi ao meio d'ella, o qual sobe com a sua extremidade *a muitas milhas de altura;* todo vestido de arvores altissimas, muito viçosas e todas direitas; e são tão espessas e densas e o caminho tão alcantilado, que com mui grande difficuldade se poderá ali subir; á roda do cume d'este monte e dentro d'aquella espessura se vê continuamente como uma nevoa, e, ou esteja o sol na linha ou no tropico, em qualquer hora, sempre ali se conserva sem se dissipar, quer de dia quer de noite; não de outro modo do que nós vemos em os montes

[1] É copiado do opusculo *Cultura das plantas que dão a quina,* publicado em Lisboa, em 1865, pag. 97, lin. 13. Ali se dá o sr. Mann por feliz explorador das ilhas de S. Thomé e do Principe. Não duvidâmos da vinda do sr. Mann a S. Thomé, mas não podemos acreditar que elle subisse a qualquer dos seus picos.

Ácerca da vinda do sr. Mann a S. Thomé, lemos o seguinte em o n.º 94 do *Boletim* e *Annaes do conselho ultramarino:*

«No dia 5 de agosto chegou a S. Thomé, ido pelo vapor de guerra francez *D. Estang,* procedente do Gabão, o naturalista inglez, mr. Gustavo Mann, que, estando no desempenho de uma commissão scientifica em Fernão do Pó, por conta do governo inglez, dirigiu-se a S. Thomé para ali fazer as mesmas investigações de que estava encarregado.»

altissimos estarem continuamente as neves. Esta nevoa se está sempre resolvendo em agua sobre as folhas e ramos das ditas arvores em tanta quantidade, que de cada lado do monte descem rios d'ella, uns maiores outros menores, conforme tomam o seu curso mais por uma banda do que pela outra, e é com esta agua que os negros regam os campos onde estão as cannas de assucar.»

Em presença d'esta descripção, vê-se facilmente que o dr. Mann não podia fazer a ascensão do pico de S. Thomé em cinco a oito dias, que se demorou n'esta ilha. A descripção do monte mais elevado de S. Thomé póde applicar-se a todos os outros montes. O mato é tão cerrado, que torna impossivel o transito sem se proceder a derrubadas.

O mez de agosto é proprio para as explorações scientificas d'esta ordem; devem porém os exploradores levar boas barracas de campanha, a fim de n'ellas descansarem e comerem. As noites não se podem passar ao ar livre, e em poucos dias apenas se conseguirá visitar as roças abertas.

O sr. Mann, o dr. Welwitsch, Anchietta e outros pouco tempo se têem demorado n'esta ilha, a fim de procederem ao estudo da geologia, da botanica e da zoologia. É certo que por analogia se póde attribuir aos montes de S. Thomé e ás suas planicies as especies vegetaes que se encontram pelos montes de Fernão do Pó, dos Camarões e dos montes e regiões proximas á costa occidental de Africa, entre os tropicos; mas similhantes conclusões não merecem inteiro credito.

As localidades fazem variar os productos da natureza, modificam-nos ou acrescentam-lhes novas propriedades; é o que se observa nas aguas, nos vegetaes, no reino animal e até no reino hominal. A necessidade de se proceder ao exame da historia natural na ilha de S. Thomé é portanto incontestavel.

Julgâmos de alguma utilidade apontar a existencia de alguns vegetaes que se tornam mais notaveis, e a cujo respeito se falla em alguns escriptos e relatorios[1].

Glumaceas (IX classe de Welwitsch), *monocotyledoneas*.—N'esta classe conta-se a cultura do milho *(Zea Mays)* que produz duas vezes por anno.

[1] No *Boletim official* da provincia, n.º 33, de 26 de outubro, coll. de 1863, encontra-se a enumeração das principaes madeiras d'esta ilha e de muitos vegetaes com a indicação dos seus differentes usos; são trabalhos deficientes, mais estatisticos que descriptivos. Existe tambem a enumeração de madeiras publicada no livro de Lopes de Lima, e reproduzida n'outros logares, mas tem pouca importancia.

Os apontamentos phyto-geographicos do naturalista Welwitsch são o unico trabalho scientifico que conhecemos a respeito da flora das regiões portuguezas da costa occidental de Africa. Foi por elle que aferimos as informações que tivemos ácerca dos vegetaes que povoam a ilha de S. Thomé. *Annaes do conselho ultramarino,* parte não official, serie 1.ª, dezembro de 1858.

A canna doce dá-se bem nos terrenos de S. Thomé, como temos dito. Ha extensas planicies cobertas de capim. O trigo e o arroz não se cultivam n'esta ilha. As gramineas arborescentes fornecem paus para as tipoyas e para as redes de conducção; são leves e fortes.

Espadanas (xiv classe de Welwitsch), *monocotyledoneas*.—N'esta classe enumerâmos o ananaz de S. Thomé. Poucas roças ha onde não se cultive esta bromeliacea. Na fazenda Rio d'Ouro existem ruas de ananazes.

Discanthas (classe xxxvi de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — A videira *(vitis vinifera)* existe em algumas fazendas. Tivemos occasião de ver alguns cachos em perfeita maturação.

Rhoeades (xxxix classe de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — As couves, os repolhos, os nabos, sendo cultivados, dão-se bem. Os agriões nascem espontaneamente e em grande abundancia. Em algumas roças ha optimos repolhos, e são muito estimados.

Hesperideas (classe xlvii de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — Ha grande abundancia de limões, laranjas e limas. As laranjas de algumas roças são de qualidade superior.

Calicifloras (classe liv de Welwitsch), *dicotyledoneas*. *Rhizopheras*.— Ácerca do mangue lê-se o seguinte no livro de Thomás Hutchinson:

«The mangrove is a tree of very peculiar growth, and is a very noticeable feature at the mouths of all the African rivers. The swamps in the Bight of Biafra nurture it, so far as there is sall water from the ocean, impelled by tidal action to make the currants of the stream brackish. The name which botanists give it *Rizophora* (a word derived from the Greek and signifying root-bearing) is very applicable; for the most remarkable appearance in its growth is the number of spicula or appendicles that spring from the branches, downward to the mud, and, there taking new roots generate new trees, thus forming a series of arborescence *ad infinitum*

«In his natural history of Jamaica dr. Brown says:

«It grows on the borders of the sea, and there only in such places as have a soft and yielding bottom.

«The *soft and yielding bottom* is certainly essencial toits growth in the African rivers; but it is not confined to the borders of the sea, on their banks. The arched branches of the appendicles form a kind of network, that serves to stop the mould which is continually being washed down by current, and thus in time forms rich and fertile soil out of what otherwise might be useless ponds or creeks. Perhaps its growing on the borders of the sea may be a peculiarity of its condition in Jamaica; for I have seen it growing likewise at the mouth of a river in the island of Fernão Pó[1].»

[1] Thomás Hutchinson, loc. cit., pag. 111.

Thomás Hutchinson e Dutroulau dão grande importancia aos mangues que orlam as margens de alguns rios nos paizes tropicaes.

O dr. Frederico Welwitsch, nos seus apontamentos phyto-geographicos a respeito da flora de Angola, escreveu o seguinte:

«O mangue *(Rhizophora mangle, Lin.)* é muito vulgar em toda a costa da provincia, formando em logares pantanosos da praia e á borda dos rios de agua salobra densissimas e sempre verdes espessuras, ou mesmo matas de grande altura[1].»

Dutroulau, tratando do mesmo vegetal, escreveu as seguintes notaveis palavras:

«Cette limitation (a das colonias francezas) basée sur la distribution du règne végétal, a cela de remarquable que les localités équatoriales sont toutes bordées de palétuviers *(Rhizophora mangle)*, arbre qui naît sur les plages maritimes de l'Amérique et de l'Afrique intertropicales et sur les bords de leurs îles et que celles qui sont plus près des tropiques et éloignés des continents en sont souvent dépourvues. Sans prétendre rapporter uniquement à la présence ou à l'absence des palétuviers les différences de salubrité des climats sous les tropiques, on est autorisé à leur attribuer une grande part dans l'intensité d'influence du sol palustre[2].»

Os mangues revestem as margens de alguns rios n'esta ilha, mas não nos parece que sejam signal evidente de localidades doentias; existem e crescem nos logares abandonados pela cultura, nas margens humidas e incultas de alguns rios, em logares lamacentos e humosos. A sua existencia póde coincidir com a insalubridade dos logares, mas da sua falta não se segue que taes logares sejam salubres.

Peponiferas (XLII classe de Welwitsch), *dicotyledoneas.*—As melancias, melões e aboboras não degeneram sob a acção do clima de S. Thomé; os pepinos abundam e tambem a abobora do mato.

Palmeiras (XIX classe de Welwitsch), *monocotyledoneas.*—Na ilha de S. Thomé ha abundancia de coqueiros e de palmeiras de azeite! Os coqueiros são arvores de bonito aspecto e de uma tal utilidade como não se encontra nenhuma arvore na Europa.

Leguminosas (LVII classe de Welwitsch), *dicotyledoneas.*—N'esta ilha cultiva-se o feijão, que produz com abundancia; a ginguba dá-se bem.

[1] «Este mangue, a que dão o nome de *mangue da praia* ou *mangue vermelho,* não se deve confundir com o chamado *mangue do monte ou paço,* o qual forma um novo genero das rubiaceas, fornecendo uma das mais estimadas madeiras que produzem as matas virgens da segunda região, em Angola *(corgnanthe,* Welwitsch).» *Annaes do conselho ultramarino,* parte não official, 1.ª serie, dezembro de 1858, pag. 568.

[2] Dutroulau, loc. cit., pag. 98.

O anil nasce espontaneamente em muitos logares, e deve ser aproveitado.

Entre as caesalpinas conta-se o tamarindeiro.

Tubiflores (XXXIII classe de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — Ha differentes especies de batatas, e abundancia de batata doce; a batata ordinaria tem-se aclimado.

O tomateiro dá-se bem, mas os tomates são redondos e pequenos.

O tabaco vae-se generalisando, fazendo-se bons charutos e fumando-se tambem em folha picada.

Ha pimentões, e empregam-se em conservas.

Tricoccas (LI classe de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — A mandioca, que constitue um ramo notavel de agricultura, vae sendo abundante em toda a ilha; o ricino e a purgueira representam individuos vegetaes tão uteis á sciencia como ao commercio.

Therebinthinas (LII classe de Welwitsch), *dicotyledoneas*.—Contam-se n'esta ilha a mangueira e o cajueiro, cujos fructos os naturaes apreciam muito.

Myrtifloras (LV classe de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — A guiabeira existe aqui em grande abundancia.

Parietales (XLI classe de Welwitsch), *dicotyledoneas*. — O mamoeiro encontra-se em muitas fazendas, e em algumas hortas cercam os passeios ou as ruas principaes.

Enumerâmos, não descrevemos; a nossa enumeração é limitadissima e só contém individuos vegetaes muito conhecidos. Para haver rigor e minuciosidade são precisos trabalhos previos a que não podémos proceder.

Abunda a ilha de S. Thomé em vegetaes tão uteis á sciencia como ao commercio e á agricultura. Estão por estudar as matas virgens proprias ao seu solo.

Ha n'esta ilha o celebre *pau-fede*, cujo cheiro desagradavel incommoda muito, quer os naturaes se sirvam d'elle para obras, quer o queimem; exhala um cheiro forte, intenso e que se propaga a grande distancia.

O *tapa olho* merece attenção. É espontaneo n'esta ilha; pega bem de estaca. Se se quebrar uma folha nas mãos e se chegar qualquer das mãos aos olhos sente-se grande ardor, e dentro em poucas horas os olhos estão inflammados. É preciso haver cuidado quando os pretos se occupam em cortar os paus do tapa olho. Saltando qualquer porção de uma especie de leite branco que abunda n'este vegetal, o preto não póde trabalhar sem lavar immediatamente os olhos e descansar por algum tempo.

Como estes dois vegetaes poderiamos citar muitos outros que se apresentam em condições dignas de menção. Não o fazemos, porque augmen-

tariamos este capitulo sem utilidade alguma. Para se conhecer a importancia do estudo da flora de S. Thomé temos dito o sufficiente. Não pretendemos n'este relatorio alcançar outra cousa.

Antes de terminarmos as nossas considerações a respeito da flora S. Thomense, damos por copia um notavel artigo do annuario scientifico de Luiz Figuier, referido ao anno de 1868.

Parece-nos muito importante, apesar da opinião do dr. Beirão a similhante respeito[1], escripta em 1862.

O artigo a que nos referimos é do teor seguinte:

A cultura do girasol.— «Dans une mémoire présenté á la société de thérapeutique de France, M. Martin a signalé des observations desquelles il résulterait que le tournesol (heliantus annuus) cultivé en grand, absorbe les miasmes paludéens et assainit les contrées où régnent les fièvres. Des experiences ont été faites en France, notamment à Rochefort-sur-Mer, et, au dire de plusieurs médecins de cette localité, la présence du tournesol aurait annulé l'influence fiévreuse. Les miasmes paludéens auraient depuis longtemps cessé d'infecter cette ville, si les cultivateurs, qui ne comprenaient pas l'utilité de cette plante, ne l'avaient arraché avec persistance. Cependant, les essais qui ont été faits à Rochefort pour l'assainissement au moyen du tournesol n'ont pas été steriles, car aujourd'hui la fièvre ne fait que peu de ravages dans cette localité.

«M. Martin ne parle pas des essais faits en France; il se borne à constater que les propriétés du tournesol sont admises sans contestation par les hollandais, et que l'observatoire de Washington est délivré des fièvres intermittentes depuis qu'on y renouvelle tous les ans des plantations de tournesol.

«Comment agirait le tournesol pour produire l'assainissement des lieux infectés par les miasmes paludéens?

«Agirait-il simplement comme toute plante à croissance rapide ou possèderait-il une propriété spécial contre les miasmes?

«D'après les idées que tendent à s'introduire dans la science, les miasmes puludéens seraient dus á ces microphytes et microzoaires, que l'on rencontre partout, mais, qui ne donnent à l'air des propriétés redoutables que lorsque leur proportion s'élève au delà d'une certaine mesure. Or ces êtres périssent sous l'influence de certaines émanations ou dans un air fortement ozoné.

[1] «O nosso girasol, *helianthus annuus*, reputou-se ha tempos como meio prophylatico contra as sesões, destruindo a influencia dos miasmas pantanosos sobre o homem. Com este fim fizeram-se vastas plantações de girasol n'algumas terras sesonaticas, como na Povoa, mas o resultado não correspondeu». C. M. F. da Silva Beirão, *Materia medica*, 1862, tomo 2.º, pag. 382.

«La culture du tournesol produit peut-être alors, de même que celle des arbres conifères, beaucoup d'ozone, et cette circonstance expliquerait ses propriétés salutaires[1].»

A cultura do girasol deve ser ensaiada em differentes logares da cidade de S. Thomé; convem na parte já aterrada do pantano da fortaleza de S. Sebastião, e a sementeira deve ser feita com semente renovada todos os annos. Em alguns quintaes da cidade e no pantano Arraial é tambem conveniente o girasol. As cannas que cercam as margens do rio Agua Grande *(arundo phragmites*, canna commum) devem ser cortadas, e em seu logar deve ficar o girasol.

Esta cultura deve tornar-se geral se a salubridade da cidade de S. Thomé melhorar, o que se verificará facilmente por meios de rigorosas estatisticas. Em questão de factos não vale a pena fazer longos discursos; experimente-se com methodo, eis o meio de achar a verdade.

O estado actual da cidade de S. Thomé é pessimo; as tentativas feitas em beneficio da sua salubridade parecem-nos dignas de louvor. Livrar os habitantes da ilha da nefasta acção dos miasmas é o primeiro dever dos poderes publicos.

Reino hominal

**Homo sapiens, creatorum operum perfectissimum, ultimum et summum.
(Linneuck.)**

I.

A historia natural estuda os animaes, os mineraes, os vegetaes e o homem. É importante este estudo, e, postoque não seja compativel com a extensão de um relatorio, julgâmos necessario mencionar o que a sciencia tem ensinado a seu respeito.

De todos os problemas da sciencia humana, aquelles que têem o homem por objecto, são os que em todos os tempos offerecem grande e importantissimo interesse.

Para uns, o homem é um reino da historia natural, e para outros, uma classe. Ha quem o considere uma ordem dos mammiferos, um genero e até uma especie do mesmo genero, na qual entram outras especies de animaes!!

La Methérie disse:

«O homem é a primeira especie do macaco, e, sendo organisado como elle, tem os mesmos costumes, os dos frugiveros.»

[1] *L'Année scientifique*, par Louis Figuier, 13e année, pag. 400, 1868.

A consciencia propria falla mais alto do que taes discursos e palavras.

A dignidade de cada um repelle immediatamente comparações, que, nem brincando, se podem admittir. Se em tal assumpto, fosse necessario invocar a opinião de homens auctorisados, recorreriamos á de quem considerou o homem sem igual ouviriamos Linneu:

O homem é uma intelligencia, servida por orgãos, movidos por um agente dynamico; não está n'este caso nenhum outro ser da natureza.

As descobertas a respeito da natureza e das suas leis, e o conhecimento dos seres que ella contém, levam e dirigem naturalmente as investigações para o homem, o mais perfeito ser de toda a creação, e marcam-lhe, por assim dizer, o seu logar, o seu principio e o seu fim.

O homem está collocado na grande e extensissima cadeia dos seres organisados. Carus fez d'elle uma só classe; considerou-o a synthese de todo o seu quadro zoologico. Daubenton considerou-o o rei dos tres reinos da natureza, por não achar n'estes logar para elle.

Entre humanidade e animalidade está um abysmo; não ha meio termo que possa fazer a transição.

O orangotango, reputado o ser mais perfeito das familias dos macacos, está tão afastado da especie humana, quão proximo ás outras especies da mesma familia. Assim o escreve com muita rasão Macedo Pinto, hygienista portuguez.

Os homens, pela sua estructura, pela força que os anima e vivifica, são inteiramente differentes de todos os outros seres; constituem um grupo com caracteres distinctos e exclusivos, devendo por isso formar um reino á parte, *reino hominal.*

O reino hominal não tem entre os seres creados, nem especie vizinha, nem consanguinea, verdade luminosa e bem assente inoculada no espirito de cada pessoa. Só a lembrança de consanguinidade entre um homem e um animal, um cão por exemplo, surprehenderia a imaginação mais fecunda em hypotheses,porque o sentimento de que o homem constitue um reino exclusivo, independente, com leis proprias, com ordem, harmonia, e unidade, é natural, profundo, innato no coração de todos; é sentimento universal e absoluto.

Esta simples, mas poderosa consideração, não é a principal.

A especie *propriamente animal* foi, é, e será sempre a mesma; não é susceptivel de perfectibilidade, nem de progresso, e de *per si só* não é capaz de cousa alguma. Não queremos dizer com isto que os animaes sejam *irracionaes.*

O homem é um animal racional, mas um cão, por exemplo, não é um animal irracional; é erro que deve ser banido da sciencia.

Qualquer animal é susceptivel de se aperfeiçoar; a especie, não.

Se um animal póde *individualmente* aprender e receber certa instrucção, não é capaz de a transmittir aos outros.

Se assim não fosse, o que seria do homem?

Poderia acaso resistir a uma alliança de todos os animaes contra si?

Deus disse:

«Façâmos o homem á nossa imagem e similhança, e senhoreie sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado e sobre todo o reptil que se move sobre a terra.»

Da palavra sagrada se conclue que os animaes não podem ligar-se contra o homem; pelo contrario, servem-lhe de pasto.

Dos animaes póde dizer-se: *a geração de hoje será a de ámanhã.*

O homem é capaz de progresso, tem reflexão, essa suprema faculdade, que não é mais do que a acção do espirito sobre o espirito; e notese, possue um completo e perfeito meio de transmissão.

Do estudo do espirito sobre o espirito nasce o methodo ou arte que elle dá a si mesmo para se conduzir, variando-o de infinitas maneiras, segundo as circumstancias e necessidades.

O methodo é incontestavelmente o instrumento do espirito, que o animal não tem e desconhece absolutamente, e por elle é que o homem póde descobrir, inventar, comparar, imitar e progredir!

O espirito de todos os homens é um só espirito universal e unico, que se continua de geração em geração e não acaba; teve principio e não tem fim. E na verdade o espirito é unico em todos os homens e em todos os tempos.

Apresenta-se esplendido em Homero, em Virgilio, em Camões, etc., etc.

Quatrocentos annos antes de Jesus Christo fallou Hippocrates, o creador da medicina. A palavra do sabio de Cós, pronunciada ha dois mil duzentos sessenta e nove annos, passou através dos seculos e chegou até nós, revelando-nos muitos principios da sciencia medica, que se acceitam como se fossem escriptos em nossos dias!!

E não provará isto a nossa asserção?

Uma geração faz uma descoberta; a nova geração continúa, engrandece e aperfeiçoa essa descoberta. Porque?...

Porque o espirito é um e unico em todos os homens e em todos os tempos.

Pela sua natureza propria e exclusiva, pelo conhecimento do espirito pelo espirito, da rasão pela rasão, tendo por base a consciencia, o homem eleva-se ao intellectual, á rasão primitiva de tudo — a Deus.

E que se passa de similhante entre os animaes?

A natureza humana é formada por uma dualidade — materia e espirito, bem e mal, attracção e repulsão, saude e doença, geração e destruição, corrupção e vida! A natureza humana é composta, finalmente, de corpo e alma.

Ora o espirito é unico e indivisivel, e está em toda a parte, assistindo igualmente ao que se passa, e fica-lhe depois o direito de julgar.

Para o espirito não ha limites; a intelligencia do homem não se encerra, como a dos animaes, nos limites d'este globo; deixa o visivel pelo invisivel, e, despindo-se da materia, vae perder-se nas contemplações do infinito. N'um só ponto reune o homem as maravilhas da natureza e as profundidades do abysmo; n'esse ponto, e ao mesmo tempo, vê reunido o que ha de grande, immenso e real; ha ali um pequeno mundo, um microcosmo! Tal é o poder da imaginação.

E será esta faculdade *uma secreção do cerebro*, como querem alguns?

Não, com certeza.

Não ha em nós quem contradiga e condemne os pensamentos e as paixões más?

É ou não real a consciencia?

Como póde ser *propriedade da materia* o sentimento do infinito, que nem o tempo nem o espaço contém?

Como póde ser *propriedade ou secreção do cerebro* o sentimento do bello, que não tem modelo no mundo?

Como se póde comparar ás correntes electricas, o sentimento moral que combate as nossas paixões?

Quem explicará a natureza intima da consciencia, que nos condemna ou absolve?!

O coração e o cerebro são o theatro de grandes maravilhas. Como explicar pelas propriedades da materia cousas tão oppostas e diversas — prazer e dôr, amor e odio, amisade e desprezo?

Como se podem admittir para tão variados productos os mesmos factores?

Se os elementos da substancia cerebral dão, n'um instante, amor, como é que esses mesmos elementos, n'esse mesmo instante, produzem rancor e odio?

Como se poderá explicar pelo numero dos elementos materiaes do cerebro e pelas suas propriedades, a existencia d'essa potencia que me leva, por meio do meu braço, a reproduzir n'este papel o que se passa dentro em mim, coordenando os conhecimentos adquiridos na leitura dos mestres da sciencia?

Bem demonstrado fica que o homem deve ser estudado physica e moralmente.

Para ser moralisado apresentam-se os exemplos do bello, da verdade, da virtude e do bom. O homem inclinado á imitação eleva-se, e segue com passo firme na senda do progresso e da civilisação.

O homem physico, porém, para se purificar e aperfeiçoar, tem de attender á acção combinada do ar, das aguas, dos logares, das subsis-

tencias e de mil outras circumstancias, que deve conhecer para as saber aproveitar ou para saber fugir d'ellas.

Pertence esta parte á hygiene, e aquella á physiologia moral.

II

Tem-se escripto muito ácerca do importante assumpto — unidade ou multiplicidade das especies no genero humano. Não discutimos este ponto para defender os textos biblicos, nem para repetir a ultima palavra da sciencia. Apresentâmos as nossas observações, unindo-nos áquelles que proclamam a *unidade* das especies no reino hominal.

Os usos e os costumes modificam muito as fórmas do corpo humano, de paes a filhos, de filhos a netos, e assim por diante se vão transmittindo essas modificações. Não é preciso fazer uma historia ethnographica minuciosa para se conhecer que entre as familias que povoam a terra não ha differenças profundas, absolutas e exclusivas.

Os pés, as *cadeiras,* os beiços, o nariz e a fórma da cabeça variam muito dos brancos para os pretos e até de pretos para pretos. São caracteres exteriores e accidentaes.

As articulações podem modificar-se á maneira que a creança cresce. É pela educação que o arlequim faz ás pernas e aos braços o que não faria sem risco de os quebrar quem não estivesse educado.

A tracção constante das orelhas e dos beiços torna-os maiores; a falta de cuidado com a cabeça torna-a defeituosa e até desastrada; o mesmo acontece com os pés. Sabe-se que ha povos que tornam os pés das mulheres tão pequenos que ellas mal se podem conservar em posição vertical!

A côr da pelle varía do preto ao branco por differentes gradações de cores, segundo as latitudes. Os phenomenos meteorologicos e geologicos reunidos actuam sobre o homem fazendo dominar mais uns elementos do que outros. Entre os europeus encontram-se casos bem distinctos, não só na côr, mas até no systema nervoso, no sangue, musculos, etc., etc. O que dizemos das partes physicas, verifica-se nas qualidades moraes.

Na ilha de S. Thomé deparam-se pretos bem apessoados e pretas formosas; os nativos de Cabo Verde são mais claros que os da ilha de S. Thomé.

A classificação dos individuos que constituem o reino hominal, assenta portanto em caracteres exteriores, muito variaveis. Não são exclusivos de um povo; são o resultado das modificações dos climas, que actua constantemente e de um modo muito energico sobre as funcções da pelle e sobre alguns dos orgãos essenciaes á vida; e o resultado

da educação, dos usos e dos costumes, modificadores poderosos da fórma de muitos orgãos.

Os negros occupam uma grande parte da Africa. A sua côr não é igualmente negra, os labios não são grossos, e salientes em todos os povos d'esta região; o nariz se é muito chato n'uns, n'outros apresenta uma fórma regular, etc., etc.

Se pelos caracteres exteriores provenientes da acção dos climas e dos usos e costumes das familias, querem alguns naturalistas classificar differentes raças de individuos com origem propria, independentes, hão de forçosamente admittir que a propria raça negra teve origens multiplas, e tantas quantas as differenças exteriores que se notam na cabeça, nos cabellos, na côr, no rosto, nos pés, nas bacias, que são enormemente largas, em algumas pretas.

Transplantem os negros para os climas temperados, e os brancos para os climas da Africa, e observarão no fim de alguns seculos um quadro inverso d'aquelle que se observa no seculo actual.

Os factos que auctorisam estas asserções sobresaírão muito com o progresso e civilisação de Africa, estreitando-se as relações entre os povos de Angola e Moçambique e a nação portugueza.

Com o andar dos tempos veremos os brancos estabelecerem-se em muitos logares dos tropicos e os negros nos climas temperados; o que hoje parecerá utopia, será então realidade. O estudo comparado dos differentes climas inter e extra tropicaes, está pouco adiantado; mas é já incontestavel que as febres paludosas faltam n'um grande numero d'elles, e que a aclimação é realisavel nas localidades não palustres.

A unidade da origem de todo o genero humano, a sua existencia absoluta, independente de todos os seres creados, animaes, mineraes e vegetaes, e a sua creação divina constituem problemas importantes que se estudam em zoologia, anatomia comparada, physiologia e ethnographia Não cabe nos limites de um relatorio a discussão ampla a respeito d'estes assumptos e ainda menos o seu desenvolvimento scientifico. O conhecimento que temos dos homens pretos e brancos, as idéas que se advogaram n'este paiz suppondo o preto como um animal, determinaram-nos a fazer algumas considerações ácerca da natureza do homem, do seu logar na terra e da sua missão. Não resolvemos, indicâmos [1].

O espirito humano tem poder para realisar grandes descobertas uteis á perfeição do homem, tanto individualmente como em commum; é um só em todos os homens, em todos os tempos e em todos os logares. A origem foi a mesma para todos. Conserva-se o espirito em germen quando

[1] Trago entre mãos uma memoria em que combato o materialismo e o organismo. É ali o logar proprio para similhántes discussões. *(Nota do relator.)*

lhe falta a educação, a comparação e a imitação; tres poderosas alavancas que arrancam do esquecimento o filho do pobre humilde ou fazem universalmente conhecido quem nasceu ignorado.

O que se dá entre os brancos vae acontecendo entre os pretos, e póde verificar-se n'um homem de qualquer paiz.

É impossivel admittir origens diversas do homem, dando-se um espirito susceptivel de se educar e de produzir maravilhosas descobertas, podendo ser continuadas, aperfeiçoadas por differentes homens, em differentes tempos e em diversas regiões do mundo.

A origem do reino hominal não póde de modo algum ser multipla. O homem pelo pensamento póde livrar-se por momentos da materia, e elevar-se a outras regiões e observar do alto o que se passa na terra que elle vê, notando em todas as suas diversas partes a harmonia e a unidade que se enlaça e domina. Reconhecem esta faculdade do espirito todos os materialistas. O auctor da *força e materia* ministra os principaes argumentos em favor das nossas asserções. É o que demonstraremos em trabalho especial.

CAPITULO XI

Meteorologia e climatologia

> Tous les éléments de la météorologie se prêtent un mutuel secours pour constituer les climats chauds. La pression, la chaleur, l'humidité, et l'électricité, dont l'action est si puissante dans les affinités chimiques, et qui sont portées ici à un très-haut degré, déterminent très-probablement dans les principes constituants de l'air et dans les émanations étrangères dont se charge l'atmosphère, des modifications, des combinaisons et des décompositions qui doivent exercer une grande influence sur l'homme physiologique comme sur l'homme pathologique.
>
> (Dutroulau., *loc. cit.*, pag. 101.)

I

Chegâmos ao ultimo capitulo, e temos de dizer simplesmente — pouco se ha estudado!

Nas instrucções que temos presentes para determinar a natureza das materias d'este capitulo lê-se o seguinte:

«Incluir os mappas das observações meteorologicas, comprehendendo as do barometro, thermometro, hygrometro, pluvimetro, anemometro, mencionando os ventos dominantes, o estado da atmosphera, electricidade e magnetismo, e os phenomenos extraordinarios ou proprios do paiz.»

É este o objecto da meteorologia, que serve de base ao estudo da climatologia.

A leitura dos instrumentos é uma especie de analyse que serve a determinar os elementos do problema da meteorologia; depois o estudo dos effeitos manifestados no organismo completa as observações medicas que se desejam conhecer. São estes dois trabalhos differentes o complemento um do outro; requerem muita attenção, e em pathologia não se podem dispensar. Faltando a primeira parte, a segunda não se póde resolver.

Distinguir a acção dos agentes meteorologicos sobre o organismo, sem ter conhecimento d'esses agentes, seria escrever generalidades, que de pouco valem em sciencia que está divulgada, e que só carece de ser conhecida na especialidade.

Convem que se faça um observatorio meteorologico, no que muito deve ganhar o progresso da ilha, onde nada ha conhecido, como temos demonstrado.

Quando fizemos a divisão das materias d'este relatorio em doze capitulos, bem sabiamos que alguns d'elles não podiam ser desenvolvidos;

mas o nosso fim foi apresentar com toda a verdade o estado das cousas em 1869, sob o ponto de vista da salubridade d'esta ilha, e com tal intento deixâmos escripto este capitulo, chamando a attenção das respectivas auctoridades para tal assumpto.

—Não ha observatorio meteorologico; convem mandal-o construir com toda a urgencia, a fim de se poder avaliar a acção dos agentes naturaes sobre o homem physiologico e pathologico no clima de S. Thomé.

II

> As nossas observações meteorologicas durante o espaço de nove mezes, de abril de 1858 a janeiro de 1859, comprehendendo uma estação sêcca inteira e parte da das chuvas, e depois a continuação das mesmas observações, aindaque não regulares e registadas, servem de prova ao que avançâmos. Os ventos da lado do sul, na cidade de S. Thomé, são muito mais frequentes do que os do norte.
>
> (Dr. Lucio Augusto da Silva.)

O distincto facultativo dr. Lucio Augusto da Silva escreveu uma memoria ácerca do cemiterio da cidade de S. Thomé, á qual nos temos referido n'este relatorio por muitas vezes.

N'esta memoria apresentou o dr. Lucio as suas observações a respeito dos dezeseis ventos principaes que passam sobre esta cidade.

Eis-ahi o mappa relativo a essas observações desde abril de 1858 a janeiro de 1859. Não comprehendem um anno completo, mas as que existem são muito importantes.

Mappa dos principaes ventos que passam sobre a cidade de S. Thomé

NNE...........	38	S..............	257
N.............	32	SSO............	181
NE............	20	SSE............	168
NNO...........	13	SE.............	98
ENE...........	10	SO.............	97
NO............	5	E..............	35
O.............	5	ESE............	23
ONO...........	2	OSO............	17

Dos ventos que correm de oeste para a cidade de S. Thomé não ha nada a receiar, não só porque chegam do alto mar á ilha, mas porque entre a cidade e a costa do oeste existem grandes montanhas (de 2:000 a

3:200 metros de altura); alem d'isto, estes ventos apparecem poucas vezes, como se vê pelo mappa acima exarado.

Os ventos que immediatamente prejudicam a cidade são os que vem de sueste e les-sueste, porque correm por cima do grande pantano que se estende desde a fortaleza de S. Sebastião na direcção do sul da ilha. Sopram estes ventos com bastante frequencia, e entre a cidade e o pantano nem existem matas nem outeiros.

Os ventos que vem á ilha pelo noroeste e nor-noroeste devem ter passado pelo delta do Niger, assim como os do norte, sueste, les-sueste percorrem as vastas regiões do continente africano. Os ventos que passam sobre as margens do rio Zaire, Gabão, Camarões e sobre as planicies adjacentes sopram do quadrante norte-éste, ou, para sermos bem rigorosos, começam por oes-noroeste, norte, éste e acabam em sueste. São estes os ventos que cáem sobre a ilha depois de varrerem as terras pantanosas do continente de Africa.

Este exame dos ventos não se acha completo, e falta tambem observar se ha ou não ha aggravação das molestias, segundo o predominio dos ventos do sul, do éste, ou do oes-noroeste e norte que vem de sobre o delta do Niger.

As endemo-epidemias apparecem em novembro, e são mais ou menos graves, segundo a abundancia das chuvas. As chuvas continuam em novembro e dezembro. As endemo-epidemias tornam-se mais graves, e esta gravidade ainda se nota em janeiro.

Na impossibilidade de estabelecer regras fundadas no conhecimento da evolução meteorologica, passâmos a dar a seguinte estatistica, que auctorisa a divisão das estações feita n'este relatorio.

Observações meteorologicas do dr. L. A. da Silva

Abril (ultimos 10 dias).	Dias chuvosos		5
	Noites chuvosas		4
	Relampagos e trovoadas	De dia	4
		De noite	5
Maio (31 dias)	Dias chuvosos		5
	Noites chuvosas		4
	Relampagos e trovoadas	De dia	5
		De noite	5
Junho (30 dias)	Nem chuva, nem trovoada, durante os 30 dias.		
Julho (31 dias)	Não houve chuvas, nem trovoada, durante os 31 dias.		

Agosto (31 dias)......	Chuva sómente nos seus dois ultimos dias.	
Setembro (30 dias)....	Dias chuvosos	2
	Noites chuvosas..............	2
Outubro (31 dias).....	Dias chuvosos	4
	Noites chuvosas..............	2
	Relampagos e trovoadas.......	3 dias dos ultimos 10.
Novembro (30 dias)...	Dias chuvosos	5
	Noites chuvosas..............	3
	Relampagos e trovoadas.......	Varios dias.

A evolução meteorologica não fica rigosamente determinada; os oito mezes observados indicam o principio e o fim da estação secca ou das ventanias. A relação entre o desenvolvimento das doenças e dos phenomenos meteorologicos precisa de provas e de contraprovas, repetidas por tres annos consecutivos pelo menos.

O calor domina toda a meteorologia dos climas quentes, a humidade aqui é uma causa poderosa de doença. O ozone passa por energico desinfectante.

São assumptos dignos de muita attenção.

Temperatura na cidade de S. Thomé (graus cent.)

		Sombra	Sol
Abril (10 ultimos dias) media		26°,6	28°,9
Maio	1.ª Decada	26°,2	28°,8
	2.ª Decada	27°,5	30°,5
	3.ª Decada	27°,3	29°,9
	Media em maio	27°	29°,7
Junho	1.ª Decada	26°,3	29°,5
	2.ª Decada	25°,7	29°,4
	3.ª Decada	24°,9	28°,3
	Media em junho	25°,6	26°,8
Agosto	1.ª Decada	24°,7	27°,2
	2.ª Decada	24°,7	27°,3
	3.ª Decada	24°,9	27°,1
	Media em agosto	24°,7	25°,2
Setembro	1.ª Decada	25°,2	27°,2
	2.ª Decada	25°,7	27°,6
	3.ª Decada	26°,3	28°,4
	Media em setembro	25°,7	27°,7

Outubro...	1.ª Decada..................	25°,6	28°,8
	2.ª Decada..................	27°,2	29°
	3.ª Decada..................	27°,3	29°,1
	Media em outubro.....	27°	28°,9

Comparando estes resultados, embora limitados, com os 524 logares que Boudin inscreveu no seu notavel livro de estatistica medica[1], vê-se que a ilha de S. Thomé é um dos climas mais quentes do mundo.

A ilha de S. Thomé, erguendo-se no meio do mar, sáe á flor da agua por uma área de 272 milhas quadradas, collocada parallelamente á sua superficie e elevando-se na sua parte mais alta a uns 3:200 metros; tem localidades em condições meteorologicas muito diversas.

Na cidade o clima é maritimo e muito mais quente do que no interior; todos os climas parciaes da ilha são insulares, mas nem todos tão insalubres como o da cidade, em consequencia da sua composição geologica e pantanosa, nem tão quentes. Estas differenças são muito importantes, sob o ponto de vista da saude publica e da salubridade geral da ilha.

As observações feitas a 100 metros de distancia ao mar, em latitude de 23′ e 20″ norte e 6°, 41′, 50″ éste, Greenwich, devem estender-se aos logares mais altos da ilha, áquelles que se acharem a 300 metros de altura, a 600 e a 1:000.

As medias mensaes e annuaes relativas á temperatura, á humidade e á quantidade do ozone servirão para escolher as localidades em que se devem abrir quaesquer estabelecimentos sob a direcção ou indicação dos governos.

Entre os estudos meteorologicos e geologicos, com respeito á determinação da natureza de qualquer clima, ha grandes differenças a estabelecer e é preciso distinguir com exactidão a influencia que os elementos meteorologicos e geologicos têem na saude publica, e na salubridade absoluta de um paiz.

É incontestavel que as observações meteorologicas tornar-se-hão sempre infecundas, se não se lhes ajuntar o exame das aguas pantanosas (nem todas são febriferas), e o estudo da geologia e o da flora. Attente-se bem nas seguintes considerações de pessoa competente:

«Sous les tropiques, les seules propriétés physiques de l'air ne sont pas des causes d'insalubrité; l'homme semble posséder la faculté naturelle de réagir contre leur influence; l'aclimatement météorologique est un fait qui est prouvé par la salubrité des régions exemptes de maladies

[1] *Traité de géographie et de statistique médicale et des maladies endémiques*, tom. I, pag. 246 a 254.

endémiques et qu'on peut en bénéficier sans aucune préparation et sous la réserve d'une hygiène convenable[1].»

O estudo meteorologico de alguns logares do interior d'esta ilha é essencial para se estabelecerem regras praticas de aclimação e colonisação. Para se formar idéa da necessidade e vantagem d'estes trabalhos, mencionâmos o seguinte resultado obtido pelo dr. Lucio Augusto da Silva, em relação ao Monte Café.

Excursão meteorologica ao Monte Café[2]

Elevação

Altura da casa acima do nivel do mar.......	681 metros ou	2:063 pés
Altura do morro acima da casa............	199 metros ou	603 pés
Altura do morro acima do nivel do mar.....	880 metros ou	2:666 pés

Temperatura média

Cidade..	25°,6
Monte Café...	20°,3
Differença..	5°,3

O Monte Café dista da cidade cêrca de tres leguas. Encontra-se n'elle uma das principaes fazendas da ilha, e um dos logares mais salubres.

O exame do solo e da vegetação, como dissemos, devem completar as observações, e n'estas circumstancias, póde indicar-se com exactidão quaes os logares mais salubres, onde se devem estabelecer as casas de saude, as habitações dos fazendeiros, etc., etc.

N'esta ilha ha grandes e extensas planicies, collocadas a 600 metros acima do nivel do mar. A temperatura media que se observa n'ellas, é muito inferior á da cidade, e approxima-se da que se encontra no estio em Lisboa, e ainda mais baixa.

A differença da temperatura da cidade de S. Thomé para a do Monte Café é de 5°,3, correspondendo a 900 metros de altura; em alguns montes susceptiveis de cultura, e que abundam n'esta ilha, póde encontrar-se a temperatura de 18°,7, quasi igual á do Funchal. Se o pico de S. Thomé, o de Anna de Chaves e as cordilheiras annexas, que se elevam de

[1] Dutroulau, loc. cit., pag. 173.
[2] *Boletim official* da provincia, n.° 28, coll. de 1858.

2:000 a 3:200 metros, não podem ser agricultadas, os montes inferiores a 2:000 metros, as superficies adjacentes a estes montes, as encostas e as cumeadas, offerecem terrenos onde os governos devem collocar as colonias penaes, e todos os estabelecimentos, que dependem da sua iniciativa, construindo-se boas estradas que os ponham em communicação entre si e com a cidado.

Os rios que retalham a ilha devem ter pontes de madeira; os caminhos por entre as matas serão largos e estarão sempre bem conservados; a repartição das obras publicas precisa de estender a sua acção alem da cidade, e de dar bons exemplos de actividade e de interesse pela viação publica.

Para serem habitados os logares interiores da ilha são precisos mais de *vinte mil trabalhadores,* que pelo systema actualmente adoptado, precisam de dois mil navios, e nem em dois seculos teriam entrado aqui!!

Os colonos europeus não podem entregar-se aos trabalhos que a agricultura exige; podem apenas dirigil-os. É portanto muito conveniente examinar as leis que actualmente regulam a introducção de braços n'esta ilha e modifical-as ou revogal-as. A escravidão já não existe nos dominios portuguezes; deve ser livre a passagem de colonos e trabalhadores de umas para outras das nossas possessões ultramarinas.

É esta a primeira necessidade da colonisação regular da ilha de S.Thomé, a qual recompensará largamente quem se interessar pelo seu progresso e civilisação.

CAPITULO XII

Resumo das providencias hygienicas

> Ás juntas de saude cumpre, entre muitos outros deveres, o de propor ás auctoridades competentes as providencias adequadas para extinguir ou attenuar as causas locaes e geraes de insalubridade.
> (Decreto de 2 de dezembro de 1869, artigo 38.º, § 10.º)

A providencias hygienicas que julgâmos de instante necessidade deduzem-se do que fica escripto, e podem resumir-se nas seguintes:

1.ª Estudar a constituição do solo da ilha de S. Thomé e Principe com o intuito de se saber quaes são as culturas que se devem preferir para beneficiar os logares mais doentios. Reputâmos excellente a cultura do café, assim como a do cacau e a do algodão; entendemos que não devem ser substituidas pela das cannas de assucar, que é menos saudavel, e considerâmos prejudicial a cultura do arroz.

2.ª Determinar que os terrenos do estado sejam cultivados, e que se formem algumas granjas-modelos, sendo o seu rendimento destinado aos hospitaes, casas de saude e á santa casa da misericordia.

3.ª Não enviar degradados, empregados e colonos, desde o mez de outubro até ao fim de maio, nem para S. Thomé nem para o Principe.

4.ª Fazer-se a canalisação, até ás proximidades de Agua Bobó, da ribeira, que atravessa a cidade, tornando as suas margens em passeios, e construir fontes, tanques e lavadouros publicos.

5.ª Melhorar o hospital da cidade de S. Thomé, ou, o que é preferivel, construir outro com todas as condições hygienicas, tendo nos terrenos adjacentes, jardim, pomar ou horta. Convem que o hospital permanente esteja fóra da cidade, e que a casa do actual hospital sirva de hospicio. A ilha de S. Thomé precisa de dois hospitaes para a sua população de 16:000 almas; é o menor numero que póde ter, sendo devidamente protegida a agricultura.

6.ª Incitar de algum modo os proprietarios d'esta ilha a construirem um hospital commum, onde sejam tratados sómente os libertos, acabando assim com os hospitaes e boticas das roças, e com os curandeiros, que são tão prejudiciaes á saude publica, como as *carneiradas*.

7.ª Determinar que a limpeza publica da cidade esteja a cargo de uma companhia, composta de cincoenta indigenas validos, que trabalhem assiduamente; publicar regulamentos hygienicos e policiaes, a fim de que seja proficua a limpeza publica.

8.ª Mandar preparar, na praia proxima da fortaleza de S. Sebastião, logares onde não possa entrar o tubarão, a fim de se tomarem ali banhos do mar.

9.ª Fazer conduzir a Agua Bobó para a cidade, distribuindo-a no hospital e em tanques nas duas praças principaes.

10.ª Aconselhar a camara municipal a ter um medico de partido para dar consultas gratuitas aos pobres, examinar a qualidade de carne que se vende ao publico, etc., etc.

11.ª Não consentir que se façam canos de esgoto na cidade, nem geraes nem parciaes; seriam um foco permanente de infecção miasmatica.

12.ª Determinar que se façam montureiras, e seja obrigatoria a desinfecção, formando-se para esse fim regulamentos especiaes, e impondo rigorosas multas aos contraventores.

13.ª Prohibir que nos trabalhos agricolas, propriamente ditos, se empreguem europeus, para evitar que, sem necessidade, arrisquem a vida.

14.ª Construir um bairro novo em logar conveniente, tendo casas saudaveis e economicas, onde os empregados, colonos, e quaesquer outras pessoas que queiram residir na ilha, possam encontrar meios de resistirem ás constantes e fortissimas trovoadas, chuvas e ventanias, que tanto incommodo e prejuizo causam á saude.

15.ª Não permittir que nos quintaes haja bananeiras e hervas ruins, e determinar que as matas proximas da cidade sejam totalmente destruidas.

16.ª Regular o serviço medico-militar de modo que os facultativos tenham tempo para organisar trabalhos estatisticos sobre meteorologia, pathologia e historia natural.

17.ª Melhorar a botica do estado conformemente ao que a civilisação indica, a humanidade exige e a sciencia merece, porque de taes melhoramentos resultarão muitas vantagens, sendo uma d'ellas o desapparecimento de um foco de infecção muito prejudicial á salubridade da ilha.

18.ª Completar o quadro de saude da provincia, porque o serviço sanitario do porto, os frequentissimos corpos de delictos e exames de sanidade, roubam precioso tempo ao medico, e o serviço do hospital occupa diariamente dois facultativos, dando-lhes muito trabalho.

19.ª Organisar, quanto antes, uma companhia de saude, composta de enfermeiros e de outros empregados menores dos hospitaes e enfermarias militares.

20.ª Permittir que os empregados, principalmente os que tenham dado provas de aptidão e zêlo, possam ir ao reino, no fim de cada tres annos de serviço, e ahi se demorem seis mezes, para se tratarem, pois não póde um europeu viver tres annos consecutivos sob um clima tão deprimente, e em uma atmosphera viciada sem adquirir molestias graves, incommodas e perigosas.

N.° 1

MOLESTIAS OBSERVADAS NO HOSPITAL MILITAR DA ILHA DE S. THOMÉ NO ANNO DE 1869

	Numero de casos	Mortes
A		
Anemia e diarrhéa	7	1
Adenite	29	-
Ataques epileptiformes	1	-
Anasarca	14	4
Anemia	2	-
Abcessos	10	-
Amygdalites	2	-
Asthma	2	-
Anasarca e diarrhéa	2	2
Anemia e chlorose	6	1
Arthrite traumatica	2	-
B		
Blennorhagia e bubão	11	-
Bronchite aguda	61	-
Bronchite chronica	49	5
Blennorrhagia	37	-
Bronchite chronica e hemoptyses	12	3
Balanite e cancro syphilitico	1	-
Balanite	2	-
C		
Contusões e feridas contusas	87	-
Cachexia paludosa	4	1
Cachexia paludosa e diarrhéa	2	-
Cancros syphiliticos	2	-
Corysa	4	-
Cancro e dores osteocopas	1	-
Cephalalgia	1	-
Coxalgia	1	-
Cachexia e ulceras phagedenicas	1	1
Cancro e bubão	2	-
Cystite aguda	4	-

	Numero de casos	Mortes
D		
Diarrhéa	30	7
Dysenteria	48	5
Dores osteocopas e syphilide granulosa	1	–
Dores rheumatismaes	122	–
Diarrhéa colliquativa	5	2
E		
Embaraço gastrico	19	–
Entorse do pé esquerdo	1	–
Erysipela dos pés	10	–
Edema das extremidades inferiores	17	–
Enterite	8	–
Enteralgia	10	–
Escorbuto	3	–
Estomatite simples	2	–
Erysipela phlegmonosa	5	–
Estomatite ulcerosa	4	–
Eczema das pernas	3	–
F		
Febres intermittentes quotidianas	358	–
Febres intermittentes terçãs	53	–
Febres remittentes	169	–
Feridas incisas e penetrantes	38	–
Fistulas urinarias	2	–
Furunculos	7	–
Ferimentos por arma de fogo	4	–
G		
Gastralgia	1	–
Gastrite	2	–
Gastro-enterite typhoide	4	3
H		
Hepatite aguda	2	1
Hernia inguinal	3	–
Hemorrhoidas	2	–
Hematuria	5	–
Hematocéle e gangrena do escroto	3	–

	Numero de casos	Mortes
Hypertrophia do coração	1	-
I		
Ictericia	1	-
K		
Keratite	2	-
L		
Lumbago	14	-
Lichen europeu	2	-
Leucophlemasia e diarrhéa	1	1
Leucorrhéa	2	-
M		
Metrite chronica	1	-
Metroperitonite	1	-
N		
Nephrite chronica	1	-
O		
Ophthalmia	29	-
Odontalgia	10	-
Otorrhéa	1	-
Otite	6	-
Otite e dores osteocopas	1	-
Orchite	1	-
Otite e odontalgia	1	-
P		
Pleurodynia	124	-
Pleurisia	35	-
Pian d'Alibert	2	-
Phlegmão diffuso	3	-
Palpitação do coração	8	-
Pleuro-pneumonia	9	1
Panaricio	4	-
Paralysia geral	1	1
Pericardite	2	-
Peritonite (ferimento de arma de fogo)	1	1
Pneumonia	8	1
Q		
Queimaduras de 1.º e 2.º grau	9	-

	Numero de casos	Mortes
R		
Rheumatismo articular chronico	20	–
S		
Sarnas	45	–
Syphilide granulosa	9	–
Splenite	4	–
Splenite chronica	2	–
Syphilide e blennorrhagia	3	–
Syphilide e edema das pernas	1	–
T		
Tuberculos pulmonares	10	6
Tetano traumatico	5	1
Tumores escrofulosos	1	–
U		
Ulcera syphilitica	1	–
Ulceras das pernas	97	–
Urethrite	11	–

Observações

Pelo presente mappa se vê que grassam na cidade de S. Thomé febres continuas e miasmaticas, sendo o numero d'aquellas muito limitado. Não figuram ali doenças por excesso de sangue, parece que não podem existir aqui temperamentos sanguineos; pelo contrario torna-se sensivel a falta dos elementos constituintes do sangue, sendo frequentes as doenças provenientes do vicio na proporção em que elles o deviam compor.

As inflammações são representadas por grande numero de especies; mas é diminuta a sua mortalidade. *A dysenteria endemica* não é uma simples inflammação do intestino.

Das hemorrhagias apenas se contam treze especies, sem haver caso algum fatal.

As secreções morbidas mostram-se nas anasarcas, nos edemas e na diarrhéa, subindo a quatorze os casos fataes.

Não appareceu um unico caso de envenenamento, a não ser o que resulta das materias putridas e do virus syphilitico.

Conta-se um caso unico de lesão de nutrição, emquanto os tuberculos pulmonares são frequentes. A *sarna* existe, segundo o diagnostico de alguns facultativos.

Na classe das nevroses figuram as dores, algumas lesões do movimento e nevroses complexas.

O embaraço gastrico, a constipação do ventre, a ictericia e o rheumatismo são as especies com que A. Grisolle forma a 10.ª classe da sua pathologia, e que são muito frequentes no hospital de S. Thomé.

N.° 2

RESUMO DAS MOLESTIAS OBSERVADAS NO HOSPITAL DE S. THOMÉ EM 1869

	Numero de casos	Mortes
Doenças palustres	580	-
Cachexia	22	4
Anasarca	17	7
Dysenteria	83	14
Febre typhoide	4	3
Hepatite	2	1
Bronchite chronica	61	8
Tuberculos pulmonares	10	6
Pneumonia	17	2
Rheumatismo	340	-
Ulceras das pernas	97	-
Molestias diversas	616	3
Total	1:849	48
	38,52 : 1	

Observações

Sob a denominação *doenças palustres* incluimos os casos de febres intermittentes sob todas as fórmas.

Febres quartãs não têem apparecido. É notavel não se apresentar um unico caso fatal entre as doenças palustres propriamente ditas!!

Sob a designação *dysenteria* reunimos os casos de diarrhéa, para simplicidade da comparação.

Em 1869, no hospital, não houve doente algum de febres perniciosas ictericas nem de perniciosas!!

A mortalidade foi de 2,60 por cento no hospital de S. Thomé, dando o maior contingente os doentes affectados de dysenteria. Seguem-se as bronchites, sendo muito frequentes não só nos addidos e soldados pretos, mas tambem nos indigenas. É notavel a mortalidade nos doentes affectados de tuberculos pulmonares. Dos 10 doentes que se observaram no hospital morreram 6 em poucos dias! Entraram no ultimo periodo da molestia a maior parte. O tratamento foi o que A. Grisolle e Valleix aconselham em taes casos. Minoraram-se os soffrimentos dos doentes; sáem do hospital apenas alliviados, se o mal não está muito adiantado. A anasarca e a cachexia são o resultado da intoxicação miasmatica.

Um tratamento racional póde triumphar das febres palustres, mas a ruina organica cedo se faz annunciar; provam-no os anemicos, os cacheticos e os hydropicos.

O termo medio da mortalidade foi de 3,64 por cento, o que está muito longe do que se observa em Nova Caledonia, onde se notam 1,03 por cento.

N.º 3

MAPPA NECROLOGICO DO HOSPITAL MILITAR DA ILHA DE S. THOMÉ EM 1869

Molestias observadas	Casos	Mortes
1.º		
Anemia	2	–
Anemia e diarrhéa	7	1
Chlorose e anemia	6	1
Cachexia e ulceras phagedenicas	1	1
Cachexia paludosa	4	1
Cachexia paludosa e diarrhéa	2	–
Total (*A*)	22	4
A relação da mortalidade n'este grupo foi de	5,5 : 1	
2.º		
Anasarca	14	4
Lucophlegmasia e diarrhéa	1	1
Anasarca e diarrhéa	2	2
Total (*B*)	17	7
A relação de mortalidade n'este grupo foi de	2,42 : 1	
3.º		
Diarrhéa	30	7
Diarrhéa colliquativa	5	2
Dysenteria	48	5
Total (*C*)	83	14
A relação da mortalidade n'este grupo foi de	5,92 : 1	
4.º		
Bronchite chronica e hemoptyse	12	3
Bronchite chronica	49	5
Tuberculos pulmonares	10	6
Total (*D*)	71	14
A relação da mortalidade n'este grupo foi de	5,06 : 1	

Molestias observadas	Casos	Mortes
5.º		
Gastro-enterite typhoide (*E*)............................	4	3
6.º		
Pneumonia	8	1
Pleuro-pneumonia (*F*)................................	9	1
7.º		
Hepatite aguda (*G*)................................	2	1
8.º		
Peritonite (ferimento por arma de fogo)..................	1	1
Paralysia geral..	1	1
Tetano traumatico....................................	5	1
Somma........................	222	48
	4,62 : 1	

21,60 por cento sobre as doenças mais graves.

Observações

(*A*)—Reunimos n'este grupo as molestias constituidas por vicio na proporção do sangue. J. E. Woillez, no seu excellente livro de diagnostico medico, disse: o estado cachetico, ao principio, offerece os mesmos phenomenos, geraes e locaes, que a anemia.

A differença entre anemia e chlorose para alguns pathologistas (A. Grisolle, por exemplo) não existe, sendo esta uma variedade d'aquella; em ambas o empobrecimento de sangue, resultante da diminuição do seu elemento globular. Ainda assim á chlorose associa-se uma idéa, que se não póde exprimir com a palavra anemia. E n'este sentido é que hoje se emprega geralmente em clinica.

As denominações *anemia, chlorose* e *cachexia* designam doenças que se podem tornar mortaes, senão por ellas mesmas, por muitas complicações que as acompanham. A. Grisolle não falla da *cachexia* como doença independente. Tratando da *anemia* diz que esteve por muitos annos confundida com a *cachexia,* termo generico por que se designavam *certas lesões organicas.* Descreve a *cachexia* mercurial, e não se occupa da *cachexia* paludosa nem da tropical.

(*B*) — A. Grisolle toma como synonymas as duas palavras anasarca e leucophlegmasia, apresentando a sua etymologia grega. Fazemos esta observação para afastar qualquer outra idéa, e declarar que não quizemos mudar as desi-

gnações com que os facultativos fizeram os seus diagnosticos. Não escrevemos uma dissertação clinica, mostrámos o estado do serviço de saude, no hospital de S. Thomé, em 1869. Nada mais.

(*C*) — O epitheto «colliquativa» junto á diarrhéa, não é desnecessario; designa um symptoma. A. Grisolle, na quinta classe das molestias, secreções morbidas (2.º genero), descreve apenas a diarrhéa catarrhal. E. J. Woillez, diz com muita rasão no seu diccionario medico, artigo *diarrhéa*, que esta molestia é as mais das vezes um symptoma. De proposito copiámos as seguintes palavras: «Une forme de diarrhée est caractérisée par tous les symptomes locaux et généraux de l'interite, et je ne puis que renvoyer à cette dernière maladie; car, en pareil cas, il est vraiment impossible de distinguer les deux affections, ce qui explique que Barther et Rilliet les avaient confondues sous le titre de catarrhes, et phlegmasie catarrhales aigües des intestins».

A diarrhéa, molestia muito frequente no hospital militar de S. Thomé, foi considerada symptoma na maxima parte dos casos. Reunimol-a á dysenteria, sua congenere, para mais simplicidade de exposição, aindaque para a therapeutica a differença é essencial.

(*D*) — As bronchites chronicas são quasi sempre fataes aos pretos que frequentam o hospital de S. Thomé. Os tuberculos seguem a mesma evolução que se observa no hospital de Santo Antonio, no Porto, mas os dois ultimos periodos são de curta duração. O clima de S. Thomé favorece muito os tuberculos que se apresentam com frequencia e tenacidade.

(*C*) — A. Grisolle dividiu as *febres* em cinco generos. É artificial de certo a classificação do sabio pathologista francez, mas esta ou qualquer outra é indispensavel. Se uma classificação parece hoje perfeita, não o póde ser ámanhã; é o effeito do progresso da sciencia, é a condição do espirito humano.

Aquelle escriptor admittiu *febres continuas, eruptivas, intermittentes, remittenses ou pseudo-continuas e febre hectica;* descreveu entre as continuas a *febre biliosa dos climas quentes* e collocou nàs secreções morbidas o *cholera asiatico.* Não adoptou taes idéas F. Valleix, e nós não temos a *febre biliosa dos paizes quentes*, como especie pathologica definida, nem reputâmos as febres remittentes como classe distincta, e estudâmos a febre puerperal como uma febre continua e não como uma inflammação.

Os casos de gastro-interite typhoide observados no hospital de S. Thomé não foram verificados pela autopse.

A febre hectica é frequente nos indigenas e apparece nos doentes do hospital; foi considerada symptoma. A respeito d'esta doença escreveu R. J. Woillez:

«Si la fièbre hectique est presque toujours symptomatique, elle peut aussi apparaître sous le nom de *remittente,* comme conséquence d'une *intoxication paludéenne,* soit dans les pays marécageux de nos contrées, soit dans les régions tropicales où elle constitue une forme de la fièvre remittente des pays chauds.»

(*E*) — As pneumonias são raras nos europeus, e seriam menos frequentes nos indigenas se elles seguissem os conselhos que os medicos lhes dão.

(*G*) — A hepatite aqui não está em relação com a dysenteria; não se póde dizer o que A. Dutroulau disse da hepatite no Senegal: «L'hépatite, cette compagne inséparable de la dysenterie endémique grave, suit celle-ci dans ses évolutions annuelles, et forme du quart au huitième, en nombre, de ses cas et de ses décès.»

N.º 4

MAPPA ESTATISTICO POR FREGUEZIAS DA POPULAÇÃO DA ILHA DE S. THOMÉ REFERIDO AO DIA 31 DE DEZEMBRO DE 1868

Freguezias	Fogos	Europeus — Sexos		Indigenas livres — Sexos		Escravos — Sexos		Libertos — Sexos		Todos
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Nossa Senhora da Graça (cidade)	364	225	15	440	209	124	172	202	57	1:444
Nossa Senhora da Conceição (idem) ...	481	74	13	1:273	858	558	564	190	78	3:605
Santissima Trindade (região do norte, a parte central)..................	898	47	6	1:983	266	663	327	835	266	4:393
Nossa Senhora de Guadelupe (região do norte, interior, posição elevada)....	154	10	1	247	305	37	41	222	87	920
Santo Amaro (região do norte, interior)	169	11	1	271	311	220	70	117	58	1:059
Santa Anna (região central da ilha, maritima)	210	13	1	554	732	604	303	150	104	2:458
Nossa Senhora das Neves (região norte, parte extrema, maritima)	40	1	–	79	61	8	6	61	19	235
Santa Cruz dos Angolares (região do sul, maritima)	215	–	–	572	338	–	–	–	–	910
Magdalena (região do norte, interior)..	80	16	2	287	189	377	167	423	25	1:486
		397	39							
	2:611	436		5:676	3:269	2:588	1:647	2:200	694	16:510

Observações

A ilha de S. Thomé está dividida em tres regiões, uma ao norte, outra central e outra ao sul. Ha n'ellas 16:000 almas. Esta população é diminuta para a superficie da ilha, e para a sua fertilidade e abundancia em muitos generos de exportação proprios dos climas tropicaes.

A relação da mortalidade em toda a ilha foi de 1 : 33,48, mas esta relação só póde representar a media, se attentarmos no modo por que se faz a estatistica da população que ha na ilha, merecendo-nos pouca fé as tabellas mortuarias que se publicam no *Boletim official*.

Torna-se urgentissimo estabelecer este serviço de saude de modo que se possam fazer as estatisticas rigorosas para se avaliar a mortalidade absoluta d'esta ilha. Não ha presentemente dados alguns colligidos, nem se trata por emquanto de regular esta ordem de trabalhos.

A mortalidade dos europeus foi de 1 : 14,06.

Na ilha de S. Thomé ha doenças que apparecem desde outubro a junho, e faltam na estação das ventanias.

Convem que se divulgue entre os habitantes d'esta ilha o conhecimento das causas de taes molestias, o modo mais racional de as atacar emquanto não chega o medico. Os factos que Jacques Lind narrou, e os que nós temos observado, justificam a má fama da ilha, emquanto á salubridade. A extensa lista dos governadores que morreram, em outro tempo, apenas chegaram a esta ilha, mostra que a falta dos meios hygienicos e prophylaticos é muito grave.

N.º 5

MAPPA DOS OBITOS QUE SE DERAM DURANTE O ANNO DE 1868 NAS FREGUEZIAS ABAIXO MENCIONADAS PERTENCENTES AO CONCELHO D'ESTA ILHA DE S. THOMÉ

Freguezias	Obitos — Sexos	
	Masculino	Feminino
Nossa Senhora da Graça	46	41
Nossa Senhora da Conceição	40	26
Santissima Trindade	91	72
Nossa Senhora de Guadelupe	7	12
Santo Amaro	42	28
Santa Anna	32	30
Nóssa Senhora das Neves	4	1
Santa Cruz dos Angolares	10	10
Magdalena	1	-
Somma	273	220
	493	

1 morto por 33,48 habitantes em toda a ilha; 1 por 16,14 habitantes europeus.

Observações

Este mappa enumera todos os obitos que houve na ilha, entrando os de 27 europeus. O mappa n.º 2, referido ao anno de 1868, dá em toda a ilha 16:510 almas. A mortalidade geral d'este paiz foi em 1869 de 3 por cento, e a dos europeus foi de 6,6 por cento. A mortalidade na relação de 1 : 33,48 não é grande em presença da mortalidade de muitos reinos da Europa; em França foi de 1 : 40,92 ou 2,40 por cento, pelos annos de 1853, segundo o mappa que temos presente (*Hygiene publica* de Macedo Pinto); na Russia de 3,70 por cento. A differença não é muita; mas para darmos toda a fé aos mappas que apresentâmos, deviamos ter examinado com todo o rigor os papeis obituarios que estão a cargo da administração do concelho, por onde são ministrados os dados estatisticos que foram publicados no *Boletim official*.

Devemos tambem notar que o movimento da população n'esta ilha não é facil de calcular. A mortalidade dos europeus, 1 : 16,14, não representa a verdade, poisque no fim do anno de 1868, a que se refere a estatistica geral, entra-

ram muitos europeus para esta ilha, e saíram muitos. Não se deve esquecer os que morrem por desastre. As estatisticas sem muito escrupulo têem pouca vantagem.

As molestias endemicas mais graves são a febre perniciosa icterica, a dysenteria e a febre perniciosa; as mais frequentes são as febres intermittentes entre os europeus, e o rheumatismo e as bronchites nos indigenas.

Convem por todos os modos possiveis tornar bem conhecidas as causas de insalubridade, demonstrando por meio de rigorosos trabalhos quaes ellas são, e com estatisticas mensaes e annuaes provar o augmento de salubridade que se vae obtendo, á maneira que as causas de insalubridade forem modificadas ou destruidas segundo as indicações da sciencia

N.º 6

RESUMO DAS MOLESTIAS OBSERVADAS NO HOSPITAL DE S. THOMÉ EM 1865

	Numero de casos	Mortos
Doenças palustres	279	2
Febre typhoide	5	3
Anemia	2	-
Cachexia	3	1
Bronchite	91	1
Pneumonia	38	8
Dysenteria	74	30
Rheumatismo	88	-
Molestias diversas	765	37
Total	1:345	82
	16,40 : 1	

Observações

Pozemos debaixo do nome de doenças palustres o grupo das febres provenientes da intoxicação miasmatica sob todas as suas fórmas.

Na dysenteria accumulâmos os casos de diarrhéa. Imitâmos n'esta parte o sabio Dutroulau.

Devemos notar que em 1865 ainda houve alguns casos de bexigas. A mortalidade foi de 6,1 por cento, em 1867 de 5,5, em 1868 de 4,1. Pelo mappa seguinte se reconhece o estado pathologico do hospital de S. Thomé, em relação ao anno de 1869. Figura n'este anno maior mortalidade na dysenteria. A rasão parece-nos provir da má qualidade da agua da ribeira, que se emprega em todos os usos da vida. Emquanto não se destruir similhante causa de insalubridade, veremos figurar sempre as dysenterias como molestias mais graves, pelo menos entre os soldados da bateria que apanham a agua quasi ao pé da foz do rio Agua Grande, e levam-na em barris para o quartel; é assim bebida e serve para preparar o rancho!!

As pneumonias são as que figuram depois da dysenteria, e, em presença do mappa, o que nos causa menos impressão são as febres paludosas, cuja mortalidade parece insignificante! Os casos fataes d'estas molestias não dão idéa da ruina que ellas causam, e das molestias consecutivas que se apresentam.

As febres intermittentes quotidianas e terçãs, sem complicação, durante cinco annos não causaram uma unica morte!

N.º 7

MAPPAS DO MOVIMENTO DO HOSPITAL MILITÁR DE S. THOMÉ POR MEZES

1865

Designações	Casos	Fallecidos
Janeiro (influencia da epidemia das bexigas)............	167	9
Fevereiro (idem)................................	136	13
Março (idem)....................................	126	13
Abril (idem)....................................	115	7
Maio (mez das chuvas)...........................	125	6
Junho (mez doentio).............................	110	10
Julho (idem)....................................	98	5
Agosto..	87	4
Setembro..	95	3
Outubro (mez das chuvas)........................	100	5
Novembro (mez doentio)..........................	86	3
Dezembro (idem).................................	100	4
Somma...	1:345	82
	16,40 : 1	

6,1 por cento ao anno.

Observações

N'este anno houve alguns casos de bexigas. A epidemia durou de 1864 a 1865, comprehendendo esta ilha e a do Principe. Atacou a raça preta sómente.

1866

Designações	Casos	Fallecidos
Janeiro...	99	3
Fevereiro.......................................	72	9
Março...	68	3
Abril...	63	4
Somma...	302	19

Designações	Casos	Fallecidos
Transporte	302	19
Maio (mez das chuvas)	88	3
Junho (1.º mez depois das chuvas. Mez doentio)	109	9
Julho (mez doentio)	75	3
Agosto	72	3
Setembro	71	5
Outubro (mez das chuvas)	90	6
Novembro (1.º mez depois das chuvas. Mez doentio)	123	6
Dezembro (mez insalubre)	100	4
Somma	1:030	58
	17,75 : 1	

5,5 por cento ao anno.

Observações

A população do hospital nos primeiros mezes d'este anno é muito menor que a do anno anterior.

1867

Designações	Casos	Fallecidos
Janeiro	101	6
Fevereiro	97	6
Março	96	5
Abril	75	6
Maio	114	2
Junho	103	10
Julho	101	8
Agosto	108	7
Setembro	115	6
Outubro	87	6
Novembro	107	4
Dezembro	109	2
Somma	1:213	68
	17,83 : 1	

5,60 por cento ao anno.

1868

Designações	Casos	Fallecidos
Janeiro	107	3
Fevereiro	121	2
Março	136	6
Abril	161	1
Maio	176	13
Junho	137	4
Julho	128	6
Agosto	106	6
Setembro	105	3
Outubro	107	10
Novembro	110	5
Dezembro	113	3
Somma	1:507	62
	24,30 : 1	

4,1 por cento ao anno.

Observações

Pelo movimento da população do hospital não se póde concluir com rigor as epochas pathologicas mais doentias da ilha, nem se póde ajuizar da sua insalubridade absoluta; notam-se, porém, os seguintes numeros decrescentes emquanto á mortalidade do hospital, 6,1; 5,6; 5,5; 4,1; 2,6. A salubridade da cidade tem melhorado muito desde 1865 até 1869. Estes resultados mostram com toda a evidencia que a cidade póde mudar quanto ao seu estado actual logoque se realisem os melhoramentos materiaes e moraes que temos indicado.

1869

Designações	Casos	Fallecidos
Janeiro	143	6
Fevereiro	147	3
Março	160	4
Abril (principio das chuvas)	178	2
Maio (mez das chuvas)	153	1
Junho (mez doentio)	173	4
Julho (idem)	145	3
Agosto	131	7
Somma	1:230	30

Designações	Casos	Fallecidos
Transporte	1:230	30
Setembro	119	6
Outubro (mez das chuvas)	162	7
Novembro (mez doentio)	162	3
Dezembro (idem)	176	2
Somma	1:849	48
	38,52 : 1	

5,60 por cento ao anno.

Observações

O movimento do hospital está em relação com o tempo das chuvas e das ventanias. Nos mezes da mudança da estação affluem mais doentes ao hospital, e com especialidade nos que se seguem immediatamente ás chuvas as doenças são muito graves e excessiva a mortalidade.

N.º 8

MAPPAS DO MOVIMENTO DO HOSPITAL MILITAR DE S. THOMÉ, POR TRIMESTRES

1865

Designação	Casos	Fallecidos	Europeus fallecidos em toda a ilha
1.º Trimestre	429	35	
2.º Trimestre	350	23	
3.º Trimestre	280	12	
4.º Trimestre	286	12	
Somma	1:345	82	46

6,1 por cento

1866

Designação	Casos	Fallecidos	Europeus fallecidos em toda a ilha
1.º Trimestre	239	15	
2.º Trimestre	260	16	
3.º Trimestre	218	11	
4.º Trimestre	313	16	
Somma	1:030	58	27

5,6 por cento

1867

Designação	Casos	Fallecidos	Europeus fallecidos em toda a ilha
1.º Trimestre	294	17	
2.º Trimestre	292	18	
3.º Trimestre	324	21	
4.º Trimestre	303	12	
Somma	1:213	68	30

5,5 por cento

1868

Designação	Casos	Fallecidos	Europeus fallecidos em toda a ilha
1.º Trimestre	364	11	
2.º Trimestre	474	18	
3.º Trimestre	339	15	
4.º Trimestre	330	18	
Somma	1:507	62	31

4,1 por cento

1869

Designação	Casos	Fallecidos	Europeus fallecidos em toda a ilha
1.º Trimestre	450	13	
2.º Trimestre	504	7	
3.º Trimestre	395	16	
4.º Trimestre	500	12	
Somma	1:849	48	27

2,6 por cento

Observações

No hospital militar de S. Thomé, no 1.º trimestre do anno houve 13 mortos. Os mezes de janeiro, fevereiro e março não foram os peiores. A mortalidade do hospital não póde servir de termo de comparação para a mortalidade geral. Em 1865 houve 35 mortos; em 1866, 15; em 1867, 17; em 1868, 11, e em 1869 foi a mortalidade um pouco maior. A média d'estes cinco annos é de 18,2. N'estes tres mezes apparecem alguns casos de febre perniciosa icterica, molestia mortifera que ataca os europeus sem distincção de classe.

Os mezes em que aqui se passa melhor são os de julho (fim), agosto e setembro, e talvez principios de outubro. Corresponde este periodo ao 3.º trimestre. Note-se que a população do hospital diminue n'esta quadra. Em 1869 houve 395 doentes; em 1868, 339, mais 9 que na seguinte quadra; se a mudança da estação varía, a constituição medica do ar varía tambem. Em 1866 a população foi menor, assim como em 1865. Se no anno de 1867 se apresentam n'este trimestre mais doentes e maior mortalidade que nas outras quadras, depende isso de causas que não vem a proposito indicar aqui.

Na pag. 269 do livro de Fonssagrives, traducção de João Francisco Barreiros, lê-se o seguinte: «Nos golfos de Benim e de Biafára (dos Mafras) são mais deleterias as febres nos mezes de maio, junho e julho, e depois em novembro e dezembro (Raul, *Guia medica da costa de Africa,* citação do traductor referido)». É verdade. O mez peior é o de novembro. Desde 15 de outubro, pouco mais ou menos, a 15 de janeiro, o tempo é pessimo. Desde 15 de maio, pouco mais ou menos, até meado de julho, ha outra quadra mortifera. As outras duas são soffriveis, parecendo-nos melhor a que abrange o mez de agosto, setembro e principio de outubro. O primeiro mez consecutivo ás chuvas marca o typo da insalubridade. As terras impregnadas de aguas e de immundicies são expostas a um sol ardentissimo; a evolução miasmatica é tão abundante e activa, quanto está apto o organismo para receber a impressão morbifica.

N.º 9

MAPPA ESTATISTICO E NECROLOGICO DA MAIOR PARTE DOS GOVERNADORES DE S. THOMÉ E PRINCIPE DURANTE 283 ANNOS, DE 1586 A 1869

Seculo XVI (ultimos 14 annos)

Governadores	Effectivos	6
	Interinos	1
	Total	7
Falleceram	Em pouco tempo	2
	Em poucos mezes	1
	Depois de um anno	1
Saíram da ilha		1
Ignora-se o destino de		1

Seculo XVII

Governadores	Effectivos	27
	Interinos	14
	Total	41
Falleceram	Em pouco tempo	4
	Em poucos mezes	5
	Depois de um anno	5
Retiraram-se		5
Ignora-se o destino de		8

Seculo XVIII

Governadores	Effectivos	22
	Interinos	17
	Total	39
Falleceram	Durante a viagem	1
	Ao desembarcar	1
	Em pouco tempo	2
	Em poucos mezes	5
	Depois de um anno	1
Retiraram-se da ilha		5
Ignora-se o destino de		7

Seculo XIX

Governadores....	Effectivos	26
	Interinos	12

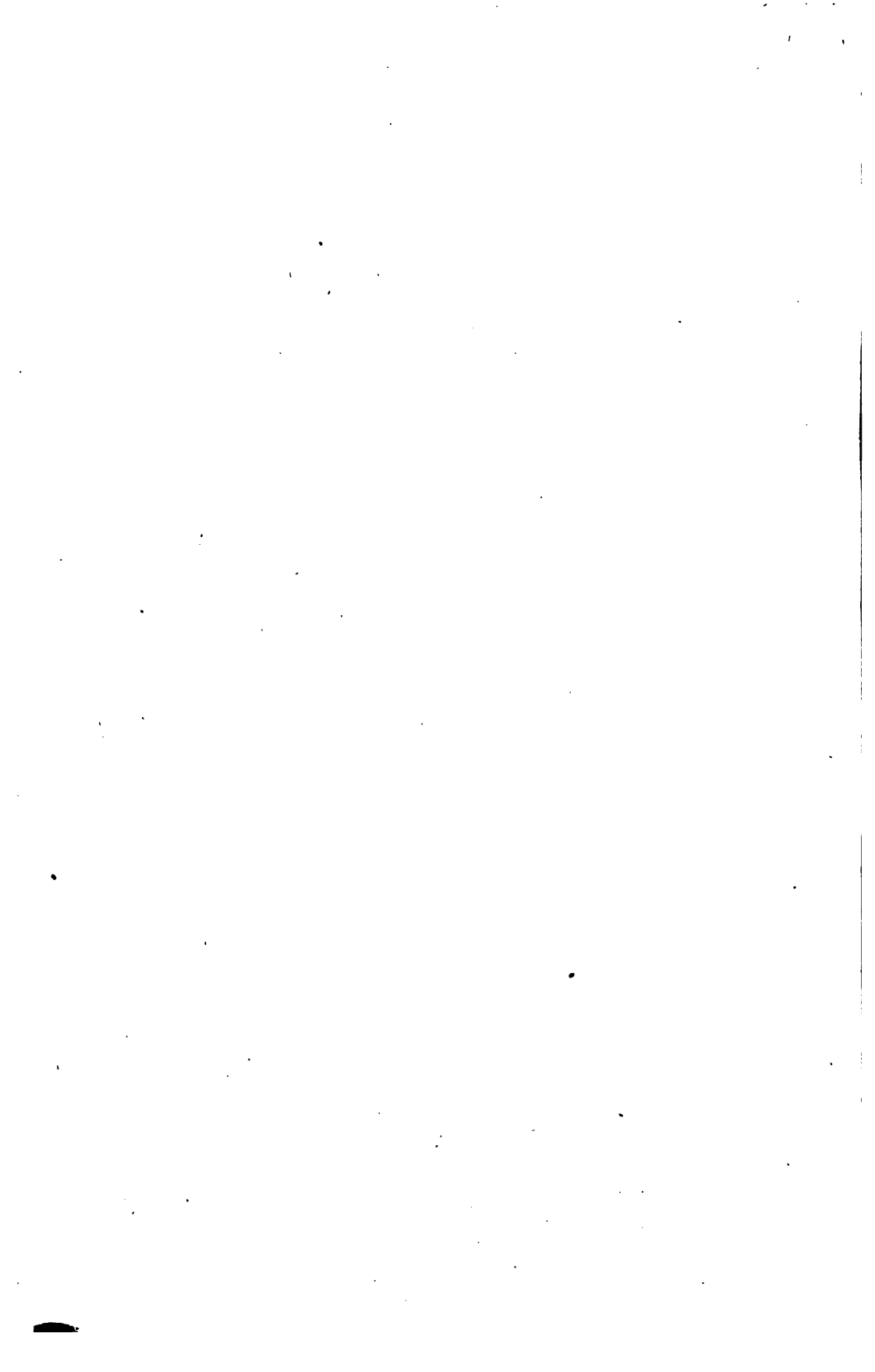
Observações

Os governadores interinos eram umas vezes o bispo, outras a camara ou pessoa por ella nomeada, etc.; por esta rasão não é facil averiguar a mortalidade dos governadores interinos, sem se gastar muito tempo na secretaria do governo d'esta ilha, e nos registos da camara. O nosso fim é mostrar que uma grande parte dos governadores falleceram poucos mezes depois de chegarem á ilha, e nunca se tratou de indagar as causas das graves molestias a que succumbiram, para as destruir ou attenuar.

N'estes seculos os governadores têem-se retirado quasi todos logoque a sua vida periga, e a humanidade chega a ponto de alguns governadores trazerem em seu poder portarias que os auctorisam a retirar-se apenas a sua saude esteja em risco.

Ha muitas mortes a lamentar, apesar de alguns governadores se retirarem no mesmo navio em que chegaram!

Desde 1860 até 1869 não morreu governador algum n'esta provincia. É prova do progresso que se nota na ilha, devido ás communicações regulares e rapidas estabelecidas entre Portugal e a colonia da ilha de S. Thomé, e ao augmento da agricultura que tem muita influencia na salubridade absoluta da ilha.

FIM

ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
1	12	européenes	européens
10	8	citam	citam-se
19	11	vem completar	vêem completar
22	30	Tendo de assistir	Para assistir
23	7	digno de ser	digna de ser
31	2	en réchappa ! !	en réchappa»(! !)
31	7	que deux ! !»	que deux»(! !)
32	23	percorrer de mais	percorrer mais
32	29	Guadalupe	Guadelupe
47	12	Salubridude	Salubridade
51	11	e os factos	os factos
92	1	Foi esta	É esta
104	22	vem á praia	vêem á praia
123	22	e qu'avec	et qu'avec
126	25	Os alimentos	— Os alimentos
134	9	6, 5°	6° 30'
137	15	hassall	has all
154	4	0g,30	30 grammas
154	5	29g,880	29k,880
185	18	sô	só
185	37	porque não	pelo que não
200	34	de aquilão	diachylão
226	10	Raoul	Raul
241	24	no capitulo VI	n'este capitulo (VI)
249	12	tratamente	tratamento
255	14	disseccante	deseccante
273	6	sem igual	sem egual;
278	14	se enlaça	as enlaça
281	3	que vem	que vêem
281	8	que vem	que vêem
288	31	de delictos	de delicto

N. B. Podem encontrar-se mais algumas faltas que a brevidade da impressão não permittiu emendar; ndicam-se as principaes.